

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO-PROPESPI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - PPGCR**

JACQUELANE BEZERRA DOS SANTOS

**INVISIBILIDADE, SILÊNCIOS E ANGÚSTIA: O SUICÍDIO DE JOVENS
LGBTQIA+ E O EMBATE ENTRE FAMÍLIA, RELIGIOSIDADE E O DESEJO
E DIREITO DE SER E PERTENCER**

RECIFE, 2024.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO - PROPESPI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - PPGCR**

JACQUELANE BEZERRA DOS SANTOS

**INVISIBILIDADE, SILÊNCIOS E ANGÚSTIA: O SUICÍDIO DE JOVENS
LGBTQIA+ E O EMBATE ENTRE FAMÍLIA, RELIGIOSIDADE E O DESEJO
E DIREITO DE SER E PERTENCER**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, na linha de pesquisa Tradições e Experiências Religiosas, Cultura e Sociedade, da Universidade Católica de Pernambuco, sob a orientação do Professor Dr. José Tadeu Batista de Souza.

RECIFE, 2024.

S237i

Santos, Jacquellane Bezerra dos.

Invisibilidade, silêncios e angústia: o suicídio de jovens LGBTQIA+ e o embate entre família, religiosidade e o desejo e direito de ser e pertencer / Jacquellane Bezerra dos Santos, 2024.
195 f. : il.

Orientador: José Tadeu Batista de Souza.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Doutorado em Ciências da Religião, 2024.

1. Tolerância religiosa. 2. Fundamentalismo religioso.
 3. Discurso de ódio na Internet - Aspectos religiosos.
 4. Suicídio - Aspectos religiosos. 5. Identidade de gênero.
- I. Título.

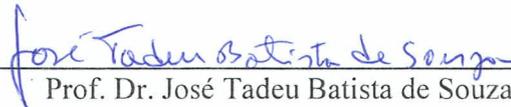
CDU 261.7

Pollyanna Alves - CRB-4/1002

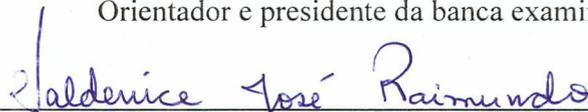
JACQUELANE BEZERRA DOS SANTOS

**INVISIBILIDADE, SILÊNCIOS E ANGÚSTIA: O SUICÍDIO DE JOVENS
LGBTQIA+ E O EMBATE ENTRE FAMÍLIA, RELIGIOSIDADE E O DESEJO
E DIREITO DE SER E PERTENCER**

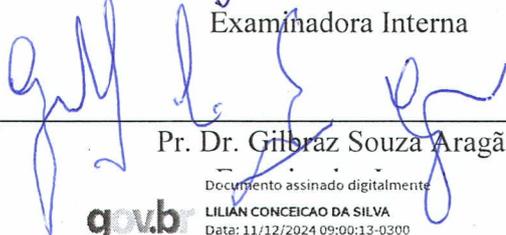
Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, na linha de pesquisa Tradições e Experiências Religiosas, Cultura e Sociedade, da Universidade Católica de Pernambuco. A presente tese foi defendida e aprovada em 30 de abril de 2024, pela banca examinadora e constituída pelos professores:



Prof. Dr. José Tadeu Batista de Souza – UNICAP
Orientador e presidente da banca examinadora



Profª. Dra. Valdenice José Raimundo
Examinadora Interna



Pr. Dr. Gilbraz Souza Aragão

Documento assinado digitalmente
LILIAN CONCEICAO DA SILVA
Data: 11/12/2024 09:00:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra Lilian Conceição da Silva

Documento assinado digitalmente



JOAO BOSCO FILHO
Data: 11/12/2024 07:59:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. João Bosco Filho
Examinador Externo

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese

Ao meu pai Talvanes (*in memoriam*);

À minha vó, a mais linda, Maria José (*in memoriam*);

À minha filha Juliane e aos meus filhos Luciano e Lucas,
meus amores e impulsos de vida;

À minha neta Maria Júlia, meu amor ímpar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Criador, aos meus anjos da guarda (com a certeza de que são muitos), aos espíritos de luz que me acompanham, aos encantados, à minha ancestralidade. Se a espiritualidade que há em mim não estivesse presente para duplicar a minha determinação e resiliência, nada seria possível.

À minha mãe que, com toda sua limitação, sempre me impulsionou com seus olhinhos de orgulho.

A todas as pessoas LGBTQIA+, às que já se foram, e às que aqui estão nesse mundo torto e acinzentado. Que suas vozes possam ecoar por todo sempre, lembrando que onde há amor, alegria, sorrisos e leveza, Deus também estará. Que suas existências sejam como o arco-íris, vistas de forma deslumbrante, magistral e colorida, e absolutamente nada pode impedir seu surgimento e sua diversidade de cores e brilho.

Ao meu estimado, querido e amado orientador José Tadeu Batista de Souza, que dotado de tamanha gentileza, sutileza e sensibilidade, ainda que muito cobrado, me emprestou ouvidos e ombros; compreendeu meus momentos de angústia e dor; e permitiu que eu constituísse o meu momento de criação. Serei eternamente grata por sua vida, humanidade e sorriso.

À Prof^a. Dra. Lilian Conceição, amiga, mentora e legítima providência divina. Na hora certa anjos nos chegam, cada qual com sua função e modo de operar milagres.

À Prof^a. Dra. Valdenice, que com muita leveza foi essencial para que eu pudesse prosseguir meus estudos. Trocas que muito me abrandavam naqueles momentos tensos, no início da pandemia, quando foi necessário aprendermos sobre as novas tecnologias.

Ao Prof. Dr. João Bosco, pelas trocas no curso de extensão e por toda humanidade ao falar do luto.

À minha família dantesca, tios, tias, primas, primos, sobrinhas e sobrinhos que entenderam minha ausência. Citar cada integrante tomaria muitas páginas. Mas amo cada pessoa da minha família.

Ao meu marido Ivanaldo, meu amor, que aguentou minha variação de humor, para evitar entrar na estatística de divórcios de doutorandas. Ele é meu amigo, meu companheiro, meu ponto de calma. Quase um anjo.

À minha irmã Jani e ao meu irmão Jackson, que me perturbam tanto, mas há tanto amor envolvido.

À amiga Darília que nesse período me trouxe trocas de “memes” e comparações dos transtornos, e que aceitou a incumbência de ler cada capítulo da minha escrita, cada artigo, cada alteração. Meu agradecimento e meu respeito.

À minha cunhada Ivânia, pelo carinho e cuidado nesses últimos anos, que foram muito difíceis.

Aos meus seletos amigos e amigas que trocaram piadas tragicômicas ao longo do trajeto, arrancando doses homeopáticas de necessárias risadas.

Ao Professor Dr. Newton, pela inspiração da causa que gerou à obra, minha eterna gratidão.

Aos professores Dr. Afonso e Dr. Drance, por não me deixarem esquecer da minha responsabilidade social e dos prazos acadêmicos.

Ao professor Dr. Gilbraz, pela humanidade, pelo espírito agregador, pela simplicidade que o diferencia, por me lembrar para quem escrevo, não permitindo que eu me perdesse no labirinto das almas normativas e frias da Academia.

Ao meu tio Marcílio, meu maior fã e incentivador desde a formatura de ABC.

À minha tia Marli, que durante sua ausência forçada me lembrou do poder da fé e da oração. Gratidão por estar aqui.

A Juliana Alcântara, Abner Porto e Rafaela Vila Nova, por cuidarem tão bem da minha saúde física e mental. Gratidão!

A todos e todas que, direta ou indiretamente, cruzaram minha vida e me despertaram algo de bom, como o desejo cuidado e respeito: gratidão!

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
CFM	Conselho Federal de Medicina
CID	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
COVID-19	Corona Virus Disease 2019
ENECULT	Encontro de Estudos Multidisciplinares sobre a Cultura
GBD	Global Burden of Disease Study
GESTAPO	Geheime Staatspolizei
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, <i>queer</i> , intersexuais, assexuais e mais
MDHC	Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
SIM	Sistema de informações sobre Mortalidade
STF	Supremo Tribunal Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
SVS	Secretaria de Vigilância em Saúde
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
USA	Estados Unidos da América

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Prisioneiros vestindo triângulos rosa em seus uniformes marcham vigiados por guardas nazistas no campo de concentração de Sachsenhausen, na Alemanha, em 19 de dezembro de 1938	74
FIGURA 2: pregação com o título: LGBT não é um movimento, é uma religião, feita pelo Pr. André Valadão no púlpito da Igreja Batista da Lagoinha, e veiculada nas páginas das redes sociais.	115
FIGURA 3: pregação com o título: LGBT não é um movimento, é uma religião	115
FIGURA 4: postagem instigando o ódio (página pessoal do Pr. André Valadão)	117
FIGURA 5: pregação com o título: Deus odeia o orgulho.	118
FIGURA 6 e 7: Postagem provocativa instigando o engajamento polarizado na rede social.	119
FIGURA 8: Evolução das taxas de mortalidade por suicídio, ajustadas por idade, segundo região. Brasil, 2010 a 2019.	143
FIGURA 9: Evolução das taxas de mortalidade por suicídio segundo faixa etária. Brasil, 2010 a 2019.	144
FIGURA 10: Número de mortes violentas de LGBTQI+ no Brasil, entre 2000 e 2022.	146
FIGURA 11: Número de mortes violentas de LGBTQI+ no Brasil, por segmento.	146
FIGURA 12: Assassinatos de pessoas transexuais no Brasil entre 2017 e 2023 – ANTRA.	150
FIGURA 13: países que hospedam conteúdos sobre intolerância religiosa denunciado no Brasil.	154
FIGURA 14: Ranking dos países que hospedam os conteúdos.	155
FIGURA 15: países que hospedam conteúdos sobre intolerância religiosa denunciado no Brasil.	155
FIGURA 16: Ranking dos países que hospedam os conteúdos.	156
FIGURA 17: países que hospedam conteúdos sobre intolerância religiosa denunciado no Brasil.	156
FIGURA 18: Ranking dos países que hospedam os conteúdos.	157
FIGURA 19: Intolerância religiosa no Brasil (Pandemia de Covid-19).	157
FIGURA 20: países que hospedam conteúdos de LGBTfobia denunciado no Brasil.	159
FIGURA 21: Ranking dos países que hospedam os conteúdos.	160
FIGURA 22: países que hospedam conteúdos de LGBTfobia denunciado no Brasil.	160
FIGURA 23: Ranking dos países que hospedam os conteúdos.	161
FIGURA 24: países que hospedam conteúdos de LGBTfobia denunciado no Brasil.	161
FIGURA 25: Ranking dos países que hospedam os conteúdos.	162
FIGURA 26: Indicadores de LGBTfobia.	162
FIGURA 27: Depoimento 1 - Os LGBTQIA+ são surpreendentes	166
FIGURA 28: Depoimento 2 - Deus é a representação do amor, os homens é que estão semeando ódio por onde passam!	167
FIGURA 29: Depoimento 3 - Fui evangélica, mas a Bíblia mudou.	168
FIGURA 30: Depoimento 4 - Cura gay para parar de me odiar.	168

EPÍGRAFE

Sem Arte Nada Possível

Nós já temos encontro marcado
Eu só não sei quando
Se daqui a dois dias
Se daqui a mil anos.
Com dois canos para mim apontados
Ousaria te olhar, ousaria te ver
Num insuspeitável bar, pra decência não nos ver
Perigoso é te amar, doloroso querer
Somos homens pra saber o que é melhor pra nós
O desejo a nos punir, só porque somos iguais.
A Idade Média é aqui.
Mesmo que me arranquem o sexo
Minha honra, meu prazer
Te amar eu ousaria.
E você, o que fará se esse orgulho nos perder?
No clarão do luar, espero
Cá nos braços do mar me entrego
Quanto tempo levar, quero saber se você
É tão forte que nem lá no fundo irá desejar.
O que eu sinto, meu Deus, é tão forte
Até pode matar
O teu pai já me jurou de morte
Por eu te desviar.
Se os boatos criarem raízes
Ousarias me olhar, ousarias me ver.
Dois meninos num vagão e o mistério do prazer
Perigoso é me amar, obscuro querer.
Somos grandes para entender, mas pequenos
para opinar
Se eles vão nos receber é mais fácil condenar
Ou noivados pra fingir.
Mesmo que chegue o momento
Que eu não esteja mais aqui
E meus ossos virem adubo
Você pode me encontrar no avesso de uma dor.
(AVESSO – Jorge Vercillo).

Life is a mystery
Everyone must stand alone
I hear you call my name
And it feels like home
When you call my name
It's like a little prayer
I'm down on my knees
I wanna take you there
In the midnight hour
I can feel your power
Just like a prayer
You know I'll take you there
I hear your voice
It's like an angel sighing
I have no choice, I hear your voice
Feels like flying
I close my eyes
Oh, God, I think I'm falling
Out of the sky, I close my eyes
Heaven, help me
When you call my name
It's like a little prayer
I'm down on my knees
I wanna take you there
In the midnight hour
I can feel your power
Just like a prayer
You know I'll take you there
Like a child
You whisper softly to me
You're in control, just like a child
Now I'm dancing
It's like a dream
No end and no beginning
You're here with me, it's like a dream
Let the choir sing
(LIKE A PRAYER – Madonna).

RESUMO

A crescente dos casos de intolerância religiosa e LGBTfobia nas redes sociais, protagonizadas por lideranças religiosas e seus discursos de ódio têm contribuído direta ou indiretamente para o avanço dos casos de transtornos mentais, como ansiedade e depressão, resultando de casos de suicídios de adolescentes e jovens LGBTQIA+. Posicionamentos herméticos e cruéis expostos nos discursos LGBTfóbicos, proferidos na internet por lideranças religiosas que endossam situações de grandes sofrimentos a pessoas e a grupos não heteronormativos; instigando pessoas que pertencem a famílias fundamentalistas a oprimirem seus entes dentro de seus lares, embebecidas por uma visão excludente, preconceituosa e distorcida da boa notícia da prática do amor, preconizada por Jesus Cristo, em meio ao confinamento social por consequência das normas sanitárias para controle epidemiológico da Covid-19, e sobrepujadas pelos discursos de ódio nas redes sociais, ganharam exorbitantes seguidores, que partilham da mesma postura. Essa toxicidade acarretou num grande impacto para o aumento dos fundamentalismos religiosos cristãos que demonizam e rechaçam tudo aquilo que for contrário aos seus dogmas, aumentando o sofrimento mental de seus subjugados e mediorizando a postura agregadora que deveriam ter as instituições religiosas, em ambientes de subjugação do ser desviante. O presente estudo nos leva a refletir como o Brasil alcançou o título de país com maiores números de ansiedade no mundo; ao mesmo passo que, pelo último censo do IBGE, temos um país com um maior número de igrejas do que de escolas. Na mesma toada, o Brasil está na contramão do mundo com o aumento do número de casos de suicídios entre adolescentes e jovens, e, pela 14ª vez seguida, lidera o ranking dos países que mais tiram vidas de pessoas LGBTQIA+ em todo o mundo. É necessário afirmar que nada disto é mera coincidência. A internet proporcionou um ambiente propício para ampliar o discurso de ódio a partir de posturas conservadoras e fundamentalistas nas famílias, sob o lema nazista “Deus, Pátria e Família”, unificando três das principais instituições sociais, aparelhando ideologias, rechaçando diversidades e diferenças como parte de um projeto de perpetuação de poder. Mesmo em cenário adverso, há resistências, mobilizações de coletivos pela diversidade. Significativa parte da sociedade civil, especialmente igrejas progressistas se mantêm firmes na luta para garantir a existência e a sobrevivência da pluralidade, do respeito e do amor, fazendo ecoar o dito na composição de Milton Nascimento e Caetano Veloso: “qualquer maneira de amor vale a pena, qualquer maneira de amor vale amar”.

Palavras-Chaves: Fundamentalismos religiosos. Discursos de ódio. Suicídio. Família. Diversidade Sexual.

ABSTRACT

The growing number of cases of religious intolerance and LGBTphobia on social media, led by religious leaders and their hate speech, has contributed directly or indirectly to the increase in cases of mental disorders, such as anxiety and depression, resulting in cases of suicide among teenagers and young people. LGBTQIA+. Hermetic and cruel positions exposed in LGBTphobic speeches given on the internet by religious leaders who endorse situations of great suffering for non-heteronormative people and groups; instigating people who belong to fundamentalist families to oppress their loved ones within their homes, drunk by an exclusionary, prejudiced and distorted vision of the good news of the practice of love, recommended by Jesus Christ, in the midst of social confinement as a result of health standards for control Covid-19 pandemic, and overwhelmed by hate speech on social media, gained exorbitant followers, who share the same stance. This toxicity has had a great impact on the increase in Christian religious fundamentalisms that demonize and reject everything that is contrary to their dogmas, increasing the mental suffering of those they subjugate and mediocriizing the aggregating stance that religious institutions should have, in environments of subjugation of the be deviant. The present study leads us to reflect on how Brazil achieved the title of country with the highest levels of anxiety in the world; at the same time that, according to the latest IBGE census, we have a country with a greater number of churches than schools. In the same vein, Brazil is going against the grain of the world with the increase in the number of suicide cases among adolescents and young people, and, for the 14th time in a row, it leads the ranking of countries that take the most lives of LGBTQIA+ people around the world. It is necessary to state that none of this is a mere coincidence. The internet provided a favorable environment to expand hate speech from conservative and fundamentalist positions in families, under the Nazi motto of “God, country and family”, unifying three of the main social institutions, equipping ideologies, rejecting diversities and differences such as part of a project to perpetuate power. Even in an adverse scenario, there is resistance, mobilizations of collectives for diversity. A significant part of civil society, especially progressive churches, remains firm in the fight to guarantee the existence and survival of plurality, respect and love, echoing the saying in the composition by Milton Nascimento and Caetano Veloso: “any form of love is worth Too bad, any form of love is worth loving. ”

Keywords: Religious fundamentalisms. Hate speeches. Suicide. Family. Sexual Diversity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO NAS REDES SOCIAIS: ENCONTRO DE PARES PARA O DISCURSO DE ÓDIO	21
2.1 Primitiva essência	21
2.1.1 Secularismo e Modernidade	23
2.1.2 O Brasil e o mundo secular	25
2.1.3 O Contrato e a religião: da razão ao respeito.	28
2.2 A religião e a esfera pública	30
2.3 Laicidade à moda brasileira	32
2.4 Fundamentalismo Religioso: quão difícil é entender que podemos coexistir	34
2.5 Deus não passou procuração	38
2.5.1 Modernidade que nos une e nos separa	40
2.6 Discursos de ódio, desumanização e crime	43
2.6.1 Na vida em sociedade a liberdade será sempre fruto do respeito entre as pessoas	49
2.6.2 O ódio e o mal estão aqui, ali e ao lado: o pacato cidadão, cristão e conservador	51
3. PERMISSÃO PARA SERMOS QUEM SOMOS	57
3.1 Cristianismo com aceção de pessoas? Como, se o amor de Cristo nos uniu?	57
3.2 Quem são as minorias?	61
3.3 Corpos inadequados	66
3.3.1 Desejos sob vigilância	70
3.4 Uma história de protagonismo, luta, resistência e fé	73
3.5 Perseguição à Teologia <i>Queer</i> : um olhar sobre a resistência e o ativismo nas redes sociais	81
3.5.1 Amor, religião e diversidade sexual	84
3.6 Mitos e desejos: amores são sempre plurais	87
3.6.1 Igrejas inclusivas e Teologia <i>Queer</i>	90
3.6.2 Homofobia familiar e suicídio	94

3.7 O santo ódio nas redes sociais	95
3.7.1 Rejeições que dilaceram e sucumbem	98
3.8 Os juízes e a toxidade nas redes sociais	101
4. NÃO HÁ PADRÃO HUMANO: NOSSO EXISTIR É DIVERSO	106
4.1 Dicotomia angustiante da liberdade de existir e resistir	107
4.2 Lideranças religiosas e a caça aos desviantes	112
4.3 – A Família: poder e importância na construção dos sujeitos	122
4.3.1 – Família para controle e manutenção de poder	124
4.3.2 – A família não é estática: mudam-se os costumes, a estrutura e os afetos	126
4.4 Nós existimos! Aonde estão as estatísticas da comunidade LGBTQIA+?	131
4.4.1 Melancolia, depressão e culpa	134
4.4.2 Pré e pós-covid: causas genéricas para o aumento dos fatores de risco ao suicídio	137
5. OS NÚMEROS DA VIOLÊNCIA HUMANA E DA ALTA RELIGIOSIDADE APONTAM: DEUS NÃO HABITA NA VIOLÊNCIA, TAMPOUCO HÁ DEUS SEM AMOR	140
5.1 Pesquisas paralelas: variáveis do mundo real	140
5.2 A falta da devida atenção à saúde mental, leva o Brasil na contramão do mundo	142
5.3 Índices subjugados: poucos ou nenhum marcador raça e sexualidade	144
5.4 Os discursos no Ciberespaço: intencionalidade na intolerância religiosa e nas falas LGBTfóbicas	151
5.4.1 Indicadores de intolerância religiosa	153
5.4.2 Indicadores de LGBTfobia	159
5.5 Quando o amor é secundário frente as normas das construções sociais, o Divino nunca estará presente	164
5.5.1 Depoimentos	166
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
7. REFERÊNCIAS	180
ANEXOS	191

1. INTRODUÇÃO

Durante a minha pesquisa de mestrado, situações me chamavam bastante atenção: jovens e adolescentes com quem tive contato, narravam seus meios de esconder de seus familiares e de pessoas mais próximas de suas famílias, qualquer indício que revelasse suas sexualidades não heteronormativas. O que era uníssono em essas falas era a relação religiosa que mantinham com as famílias, ou seja, o pertencimento religioso familiar, que geralmente era conflituosa devido a posturas conservadoras decorrentes de dogmas vivenciados. Não existiam a hipóteses de viverem suas sexualidades e manterem-se em comunhão religiosa. E nesses discursos, quase confessionais, eu percebia traços de angústia, ainda que camuflada pela leveza da juventude, que contam suas dores muitas vezes misturando palavras, sorrisos, olhos marejados. Passei também a perceber que essas narrativas eram semelhantes às de outros jovens que se manifestavam nas redes sociais. Infelizmente alguns desses discursos eram gritos de socorro ou despedidas. E isso traz de volta informações das pesquisas da dissertação que revelavam o relevante aumento nos casos de suicídio de jovens e adolescentes, despertando o meu interesse e a minha aflição na mesma medida. Suicídio é um assunto pouco abordado, e que permanece tabu ao longo de décadas.

Atualmente, com a expansão e intensificação do uso da internet, e com ela as relações de hostilidade nas interações humanas das redes sociais, observamos não só estímulos ao ato suicida em algumas páginas, mas a concretização do ato devido a velocidade e o alcance que a comunicação adquiriu a partir das redes sociais. E com acesso irrestrito de algumas páginas, fica evidente o aumento da vulnerabilidade em determinados grupos e o papel contraditório das instituições religiosas em relação a esses grupos.

O posicionamento homofóbicos de muitos líderes religiosos contribui e se reflete na postura de julgamento e repulsa por parte dos familiares, intensificando a ideação suicida de um membro da família que revele uma identidade sexual homoafetiva.

O aumento alarmante de casos de suicídio, especialmente entre pessoas¹ LGBTQIA+², apontou para a necessidade imprescindível de explorar questões relacionadas à sexualidade e de gênero. Ao discutir teorias de gênero é fundamental compreender que a questão não se resume ao tradicional binômio homossexualidade X heterossexualidade. O conceito de gênero engloba uma ampla diversidade de identidades, que vão além das categorias físicas ou estéticas convencionais. A forma como as pessoas se enxergam, expressam seus desejos sexuais e lidam com diversas variáveis deve ser considerada como parte de uma construção social complexa e não simplesmente atribuída à natureza.

A discussão sobre estudos de gênero e sexualidade a partir de Michel Foucault, que afirmou que a identidade das pessoas estava, cada vez mais ligada à sexualidade, entre os séculos XVII e XIX, no mundo Ocidental. No século XXI, devemos questionar a ideia da "hipótese repressiva"³ e superar os muros do determinismo natural. As teorias de gênero buscam quebrar paradigmas e combater o preconceito, consolidando assim seu espaço na sociedade atual.

O intuito desta pesquisa é trazer luz a situações da invisibilidade, do mutismo, e da violência de toda natureza que sofrem a comunidade em questão, que interfere no próprio direito de existir desses sujeitos e dessas sujeitas. A LGBTfobia torna a população LGBTQIA+ seis vezes mais propensa a morrer por suicídio em comparação às pessoas heterossexuais. Porém, constatou-se também que há uma grande subnotificação nos casos de suicídio e outras formas de violência que incidem sobre a comunidade LGBTQIA+, mascarando dados estatísticos, e dificultando a formulação de políticas públicas para uma

¹ Nesta pesquisa, a adoção da palavra pessoa tem especial intenção de afirmar que cada indivíduo ou indivíduo LGBTQIA+ é sujeito de direitos, considerando que para a teoria jurídica e para o sistema de direitos humanos em particular, o caráter único de cada ser humano, demonstra que a dignidade da pessoa existe singularmente em todo indivíduo. Ver: Almeida, Rogério Tabet de. Evolução histórica do conceito de pessoa – enquanto categoria ontológica. Disponível em: <file:///C:/Users/Isaura%20Maia/Downloads/admin,+Gerente+da+revista,+Evolu%C3%A7%C3%A3o+hist%C3%B3rica+do+conceito+de+pessoa.pdf> . Acesso em 30 abr. 2024. Ver também: Comparato, Fabio Konder. A afirmação histórica dos direitos humanos. São Paulo: Saraiva, 2005, p.10.

² Sigla para Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexuais, assexuais e mais. A evolução das siglas utilizadas para se referir à população LGBT ao longo dos anos demonstra a busca por maior inclusão e representatividade. Desde 1980, surgiram diversas siglas como GLS, LGBT, LGBTI, LGBTQIA+ e outras mais abrangentes como LGBTQIA2SP+ e LGBTQQICAPF2K+. No entanto, apesar do avanço, as siglas mais recentes ainda são pouco empregadas, com destaque para o caso do Brasil, onde os estudos mais atuais adotam LGBTI ou LGBTQIA+, enquanto as políticas e leis continuam a utilizar LGBT. Nesta pesquisa adotamos a sigla LGBTQIA+.

³ Ideia de que a sociedade ocidental teria suprimido a sexualidade desde o século XVII até meados do século XX (Foucault, 2014, p.15).

acentuada diminuição desses índices de violência. Uma manchete em alusão ao setembro amarelo, no “site Metrôpoles” em 2021, trouxe a seguinte informação:

Os efeitos da busca incansável pela inclusão e pelo fim do preconceito podem resultar em traumas profundos e fazem com que o público LGBTQIA+ seja mais suscetível ao suicídio. Dados da revista científica americana *Pediatrics* revelam que 62,5% deles já pensaram em suicídio e têm seis vezes mais chance de tirar a própria vida em relação aos heterossexuais (Metrôpoles, 2021).

As situações caracterizadas pelo preconceito e intolerância em relação às pessoas LGBTQIA+, as tornam ainda mais vulneráveis e suscetíveis a esse comportamento hostil. Os desafios enfrentados são imensos, pois exigem que precisem lutar constantemente pelos seus direitos e contra todos os tipos de violência que as cercam. Ademais, a falta de visibilidade e a negligência relacionados aos seus cuidados, principalmente na saúde mental, corroboram com a sua ocorrência.

Diante de questões sensíveis e desafiadoras, busquei estruturar o projeto de pesquisa a partir da seguinte indagação: como a combinação da postura fundamentalista cristã nas famílias, juntamente com a falta de aceitação religiosa, impacta diretamente no crescimento alarmante de casos de suicídio entre adolescentes e jovens pertencentes à comunidade LGBTQIA+?

O objetivo da pesquisa, portanto, é analisar como a postura fundamentalista cristã familiar, aliada à ruptura da pertença religiosa, contribui para o aumento dos casos de suicídio entre adolescentes e jovens da comunidade LGBTQIA+.

Diante do problema levantado e do objetivo da pesquisa, seguiremos três questões orientadoras da presente pesquisa: 1) De que forma os discursos de ódio e o fundamentalismo religioso disseminados no Instagram, desde o início da era pandêmica, potencializaram a ideação suicida de jovens e adolescentes LGBTQIA+? 2) Quais aspectos da estrutura e pertencimento religioso familiar, relacionados com fenômenos suicidas na atualidade, identificam características dos vínculos de apego, orientação sexual e a relação entre ideação e tentativa de suicídio? 3) Como a religiosidade é fator condutor para a ideação suicida de jovens e adolescentes pertencentes à comunidade LGBTQIA+, tendo como meio o comportamento tóxico que vem sendo legitimado nas redes sociais?

Em meio às restrições provocadas pela pandemia de COVID-19 é comum perceber um aumento significativo na ansiedade e preocupação excessiva das pessoas, devido ao medo de contaminação e à ausência de interações sociais. Essa realidade refletiu em sintomas como ansiedade, inquietação, irritabilidade e problemas de sono,

impactando de maneira negativa a qualidade de vida de boa parte da população. A situação tornou-se ainda mais desafiadora devido às dificuldades nas relações interpessoais, que potencializara o sofrimento psicológico, principalmente a marginalização social e os casos de violência doméstica, sobretudo para a comunidade LGBTQIA+. Segundo a Organização Panamericana de Saúde:

No primeiro ano da pandemia de COVID-19, a prevalência global de ansiedade e depressão aumentou em 25%, de acordo com um resumo científico divulgado nesta quarta-feira (2) pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O resumo também destaca quem foi mais afetado e mostra o efeito da pandemia na disponibilidade de serviços de saúde mental e como isso mudou durante a emergência de saúde pública. (PAO, 2022).⁴

Os escritos desta pesquisa doutoral trazem elementos que passarão desde a ideias preconcebidas da divindade criadora de nosso mundo, passando por conceitos necessários para ampliar a possibilidade de compreensão de como chegamos ao ponto tão horrendo da humanidade no qual qualquer pensamento, sexualidade, inclinação política, manifestação de fé, cor, raça, nacionalidade, territorialidade, ideologias, tudo que for contrário ao que grupos majoritariamente privilegiados pelo sistema pregam, sofrem sanções, repúdio e desrespeitos generalizados. Uma exclusão sistemática de maneira que, a depender da toxicidade do meio em que viva o indivíduo, a angústia seja tamanha que possa levar tal pessoa a sucumbir ao mal que lhe é imposto.

Veremos como foi possível migrar da ideia de um mundo secular, nos âmbitos público e privado, para governos e sociedades fundamentalistas radicais, que estabelecem cenários de guerra, seja no campo de batalha real ou virtual, qualquer pensamento contrário será combatido, hostilizado e até anulado.

O referencial teórico adotado é amplo e dialoga com os pontos abordados sob várias perspectivas conceituais, e em diversas áreas epistemológicas de conhecimento como: a Teologia, as Ciências da Religião, a Sociologia, Antropologia, a Psicologia, a História, a Medicina Social e os Direitos Humanos. Para obter uma visão mais abrangente e integrada sobre o tema, a interação entre esses campos resultou em um estudo que aborda as homossexualidades de maneira mais ampla, considerando as diversas perspectivas e conflitos existentes. Pois tratar de uma temática tão delicada exige transitar

⁴ Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-Covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>

por múltiplos campos dos saberes, não apenas pela complexidade da abordagem, mas pelo respeito aos indivíduos, seus sofrimentos e de suas famílias.

A metodologia assumiu uma abordagem qualitativa, lançando mão de pesquisa bibliográfica e documental, de observação etnográfica na rede social “Instagram”, no período de 2020 e 2022, período esse referente a fase de pandemia de Covid-19 no Brasil. Também foram referendadas situações adversas pré e pós esse íterim temporal. Foi possível perceber lacunas detectadas na revisão bibliográfica, principalmente no que diz respeito às articulações e às interseccionalidades entre religião, sexualidades e suicídio de pessoas LGBTQIA+.

Segundo o Global Burden of Disease⁵ - 2019, o suicídio está ganhando espaço como uma das principais causas de morte entre os jovens no Brasil. É alarmante ver que, para jovens de 15 a 19 anos, ele é a terceira maior causa de mortes, com uma taxa de 5 mortes a cada 100 mil habitantes. E mesmo entre os mais novos de 10 a 14 anos, o ato já figura como a nona maior causa, com 0,9 mortes por 100 mil.

Atualmente, no Brasil, pessoas e lideranças de diversas denominações religiosas cristãs mostram posturas religiosas fundamentalistas radicais, com uma tendência inquisitória, que repelem, excluem e condenam muito mais que acolhem indivíduos já fragilizados. O oposto ao preconizado por Émile Durkheim para quem a religião era um dos fatores de coesão social, a partir da qual os sujeitos poderiam apoiar-se, evitando a ideação suicida. É importante considerarmos que para os contextos social e histórico aos quais a sua obra foi escrita, a religião em questão era a católica.

A rigidez de um sistema hierárquico religioso hoje, ao que tudo indica, é muito mais um impulsionador, do que um ponto de ajuda e coesão social, para pessoas marginalizadas em sua própria existência. Pessoas que esperam aninhar-se com palavras de amor fraternal e esperança, como narra muitas passagens do evangelho. Sendo assim, a ideia de Durkheim, que via a religião como ação profilática para o ato suicida, não se aplica em nosso contexto social. Essa resistência muitas vezes vem de uma visão dualista da sexualidade, que reforça padrões heterossexuais. Dentro das relações familiares, as

⁵ O estudo Carga Global de Doenças (Global Burden of Disease Study – GBD) gera estimativas que quantificam a perda de saúde em decorrência de centenas de doenças, lesões e fatores de risco em 195 países. Possibilita a análise comparada entre populações, por sexo e grupos etários, ao longo do tempo. Disponível em <https://gbdb.com.br/>

negociações podem ser comparadas ao fenômeno da homofobia cordial⁶, onde a preservação do vínculo familiar é priorizada.

É comum observar pessoas que se consideram moralmente superiores usando essa suposta superioridade para oprimir outras em relações desiguais. Essa dinâmica muitas vezes envolve uma ligação emocional entre as partes, o que facilita a perpetuação de formas mais sutis de violência e de opressão. Em alguns casos, certas práticas religiosas se apresentam como acolhedoras para pessoas LGBTQIA+, mas, na verdade, têm a intenção de tentar "curar" sua homossexualidade, forçando uma mudança moral indesejada. Essas abordagens, apesar de "eventualmente" bem-intencionadas, causam danos, reforçando estereótipos e discriminações negativas. É fundamental questionar e confrontar estratégias que se valem da religião para alienar e subjugar aquelas consideradas diferentes.

Em um estudo que analisa entrevistas com mães cristãs de filhos gays, é possível entender as diferentes maneiras como a homossexualidade, a família e a religião são vivenciadas por quem faz parte de comunidades religiosas tradicionais. As mães que relatam suas experiências na página do Instagram “MÃES PELA DIVERSIDADE” apresentam visões contrastantes sobre a orientação sexual, enxergando-a como algo inerente à pessoa ou como um pecado. Seguindo a ideia de Soren Kierkegaard, a Igreja Cristã tem contribuído para tornar Deus irrelevante e quase inexistente.

São tantas questões delicadas envoltas dos crescentes casos de suicídio envolvendo, principalmente, saúde mental, toxicidade familiar e religiosidade fundamentalista, que pensar em não falar sobre essas mortes, e do próprio ato em si, nada pode ajudar vidas que estão vulneráveis. A ideia de “suicídio por imitação” já deveria ter sido extirpada, pois não será escondendo os indicadores, ou invisibilizando ainda mais as vítimas, que vamos ajudar a quem precisa urgentemente de colo, escuta e presença.

No século XVIII, Johann Wolfgang von Goethe surpreendeu o mundo literário com sua obra fascinante "Os Sofrimentos do Jovem Werther". O enredo gira em torno das desventuras amorosas de Werther, um jovem sensível e artístico, que se vê

⁶ A homofobia cordial, muitas vezes, coloca indivíduos em uma posição de suposta superioridade moral, criando uma relação desigual de submissão. Essa dinâmica pode resultar em um envolvimento emocional dos envolvidos, facilitando a prática de formas sutis de opressão e violência. Fernandes, Luis Osvaldo Ribas Lobos. 2007. Homofobia Cordial (palestra). Salvador, UNEB.

perdidamente apaixonado por Charlotte, mesmo sabendo que ela está comprometida com outro. A história atinge seu ápice trágico quando o protagonista decide pôr fim à própria vida, incapaz de superar seu amor impossível. O impacto da obra foi imediato, com jovens leitores europeus adotando o estilo de vestir de Werther, usando calças amarelas e colete azul. Infelizmente, o livro foi associado a uma onda de suicídios, levando à sua proibição em alguns países. Esse efeito de imitação do comportamento suicida ficou conhecido como Efeito Werther, termo cunhado pelo sociólogo David Phillips em 1974. Essa situação, por sua vez, levou à restrição de se discutir abertamente o tema do suicídio, temendo que isso pudesse inspirar outras pessoas a seguir o mesmo caminho.

A obra de Goethe poderia, portanto, servir como uma ferramenta para explorar as pressões sociais que afetam jovens nos dias de hoje, em um mundo onde o suicídio ainda é um assunto delicado e encoberto por tabus. Na atualidade, muitos jovens, independente de orientação sexual, vivem vidas aparentemente conectadas, mas profundamente solitárias, imersos em telas e trajetórias marcadas pela ausência de apoio emocional, questões que continuam a assombrar nossa sociedade.

É notório o perfil de uma sociedade frágil na construção de redes de solidariedade, respeito e empatia, principalmente para com grupos minoritários. O fundamentalismo religioso cristão, a desumanidade legitimada pelas instituições governamentais, que passam a ser modelo pela pequenez humana antes ocultada, agora exibem seu fel. Dentro de um cenário agressivo e de pouca ou nenhuma alteridade, jovens e adolescentes que já passam por crises existenciais – comuns no processo de maturação humana – se veem sós, perseguidos, marginalizados e emudecidos por uma sociedade que teima em impor padrões e condenar o que é diverso, diferente, porque insiste em estabelecer um modelo ideal de ser gente, ignorando a diversidade que compõe a humanidade.

Vivemos envoltas da volatilidade de sentimentos líquidos⁷, e na efervescência das emoções percebemos que toda rede de apoio, tornou-se um espaço de silêncios e/ou tribunal inquisitório. A família, quando não repele ou expulsa, oferta o “nada”, o silêncio.

⁷ O conceito foi cunhado por Zygmunt Bauman, um renomado sociólogo e filósofo de origem polonesa e britânica, é conhecido por ter cunhado o conceito de "modernidade líquida", que descreve nossa época como sendo marcada pela instabilidade e volatilidade. Nascido em 19 de novembro de 1925, em uma família judia na Polônia, Bauman e sua família tiveram que fugir para a União Soviética em 1939, devido à invasão nazista. Ele se juntou ao exército e lutou em duas batalhas durante a Segunda Guerra Mundial, tornando-se oficial na divisão que combatia os nacionalistas ucranianos após o conflito.

O autor Andrew Solomon relatou em sua obra “ O demônio do meio dia”, que: “pessoas que procuram ajuda têm muito mais probabilidade de estar no controle de seus demônios do que aquelas que não procuram” 2018, p.462). Mas o acesso à ajuda se tornou cada vez mais dificultoso no período de isolamento social, além da dificuldade pré-existente para os grupos LGBTQIA+ acessarem os recursos médicos necessários, principalmente ligados à saúde mental, que já possui alta demanda no Sistema Único de Saúde (SUS), e poucos profissionais para prover a necessidade da rede pública.

A fé é questionada; a sexualidade desviante é vista como adoecimento que precisa ser curado; e quando isso não é aceito, mais uma porta é fechada e mais silêncios condenatórios. A dor que corrói e não encontra abrigo grita para pessoas estranhas nas páginas virtuais e é exposta nos sorrisos das fotos de perfil, até ser abafada definitivamente no ato desesperado e impulsivo que culmina no suicídio.

2. FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO NAS REDES SOCIAIS: ENCONTRO DE PARES PARA O DISCURSO DE ÓDIO

Como analisar os discursos de ódio e o fundamentalismo religioso no Instagram, a partir de 2020, com o início da pandemia de Covid-19? E como isso potencializa a ideação suicida? Precisamos percorrer um longo caminho de teorias, conceitos e contextos históricos. As redes sociais e seus discursos de ódio, racistas e homofóbicos retratam um recorte da involução humana. Refletem um panorama do nosso afastamento com o sagrado e o escambo entre as instituições religiosas e políticas.

Nascemos livres e em comunhão com a natureza, e de tempos em tempos ficamos mais distantes da nossa humanidade, da natureza que nos cerca e nos fornece tudo para vivermos harmoniosamente essa vida, e também da divindade criadora. O percurso dos seres humanos nesse mundo é feito de encantos e desencantos, entrelaces e desenlaces com o sagrado, e na fé com o desconhecido, mas, principalmente, das escolhas que fazemos ao longo da História.

2.1 Primitiva essência

Reza correnteza/Roça a beira/A doura areia
Marcha um homem/Sobre o chão/Leva no coração
Uma ferida acesa
Dono do sim e do não/Diante da visão
Da infinita beleza
Finda por ferir com a mão/Essa delicadeza
A coisa mais querida
A glória, da vida.

(Caetano Veloso, Luz do Sol. Álbum Caetanear, 1985).

Ao olhar as pequenas e belas coisas do mundo, mas necessariamente da natureza, percebo um deus de amor, uma divindade criativa, alegre, e um tanto quanto extravagante. E assim percebo Deus, não mais imagino aquele senhor sisudo e vingativo que não tolera erros de seus menores. Prefiro acreditar num ser, que se em formato masculino, que seja como um bom avô, melhor, que seja como meu avô. De um senhor disposto, alegre, sorridente, que amava cuidar das plantas e árvores; que brincava com os animais; que se jogava no mar como criança, com gargalhadas estonteantes. Meu avô amava música, tirava minha vó para dançar (e ela bravia, tentava se esquivar, mas era puro charme de Dona Maria). Assim percebo Deus, simples, alegre, leve e sorridente.

Como pensar num criador que nos preenche de amor e desejos, e depois nos imputa regras para seguir avessas ao que nos criou? Que divindade colocaria tão divinas formas e cores refletidas na fauna e flora, pintaria o arco-íris num céu de imenso azul, para depois nos enclausurar num cotidiano cinza e sombrio?

Deixemos de lado essa ideia engessada de uma divindade em formato humanoide, que tal pensar o vento é também nossa imagem? Que o sopro divino é nossa semelhança. Ruah, o sopro divino que traz vida, alento, esperança, ocupando tudo em nossa volta, vem e vai sempre presente aos que, sensíveis, percebem sua presença.

O livre arbítrio, presenteado pelo sopro do criador, nos endureceu. Passamos a não nos perceber como irmãs e irmãos, e sim como rivais de um mundo hostil. Adoecidos nós estamos e adoecido deixamos o mundo. Ao invés de somarmos e rirmos de nossas múltiplas narrativas, percebendo o quão convergente elas são sobre o início e o fim, duelamos até à morte para ter certeza daquilo que jamais poderemos alcançar.

Cada povo, cada tempo, cada cultura, cada credo, narra, a seu modo, e segundo suas convicções, o modo como acredita na origem de tudo. Se olhar bem de perto cada narrativa, temos mais convergências do que divergências, porém, cada qual que queira sua verdade como única, seu sagrado em letras de neon, ofuscando o entorno, posta como magnânima, soberana. Segundo o historiador Pedro Paulo Funari:

Os mais antigos registros da humanidade, de dezenas de milhares de anos, retratam a religiosidade, esse sentimento íntimo dos primitivos seres humanos. Nas cavernas, encontramos pinturas que retratam cerimônias religiosas: são pessoas que participam de atividades xamânicas, são pajés, são imagens que procuram facilitar a caça, ou favorecer a fertilidade de plantas, animais e humanos. Gravuras às margens de rios retratam a crença na força sobrenatural das águas. O enterramento dos mortos marca, de forma clara e definitiva, a crença nos espíritos dos antepassados. A humanidade, nesse sentido, pode ser definida como aquela parte do reino animal que se caracteriza pela religiosidade (Funari, 2009, p. 3).

Desde os primórdios da civilização, os seres humanos tinham a crença de que os fenômenos naturais eram controlados por divindades e espíritos. Esses espíritos eram vistos como habitantes das rochas, árvores e rios, cada um com uma função específica. Para receber a benevolência dessas divindades, as pessoas acreditavam na necessidade de fazer oferendas, como canções, danças e sacrifícios de morte. Achados arqueológicos comprovam a existência de santuários, e o caráter ritualístico, com o sagrado. No livro *Religiões que o Mundo esquece*, Pedro Paulo Funari (2009, p. 7), deixa exposto que, ao

longo da história, civilizações antigas como Egito, Grécia e Roma seguiram crenças quase sempre politeísta, para as quais o temor a esses deuses e deusas era uma característica muito comum dessas religiões.

Antes do advento das religiões patriarcais, que associaram o sexo ao pecado como forma de controle, as antigas tribos viam Eros como uma forma natural de conexão com o sagrado. O conhecimento ancestral do mistério feminino colocava as mulheres no centro da comunidade, permitindo-lhes conexão com a natureza e a deusa por meio de rituais de fertilidade e sexualidade. Para os que respeitavam os ritmos naturais da Terra, a união sexual era celebrada como um importante momento de conexão sagrada. Infelizmente, a divisão entre o desejo e a espiritualidade nos levou a distanciar de nossa essência criativa, tornando a sexualidade um assunto cercado de tabus e constrangimentos. É urgente resgatar a sacralidade que reside em cada encontro íntimo, para reconectar com a divindade que habita em nós e transcender as barreiras que nos impedem de viver plenamente.

Religiões sempre tiveram seu papel de destaque nos ditames da humanidade, ocupando espaços de grande relevância. Ao passo que a modernidade chegava e com ela mudanças na política, na economia, e a perspectiva de um mundo secular, esperava-se um menor protagonismo religioso, o que de fato não aconteceu, mas aconteceram mudanças profundas, e diariamente ocorrem. Para muitas pessoas é preciso acreditar em algo, alguém ou alguma coisa que nos ligue com o depois. Há uma necessidade em crer no depois.

Antes de focarmos no fundamentalismo nas redes sociais, faz-se necessário olhar para trás e ver o caminho percorrido, compreender as diversas mudanças na sociedade e sua ligação com o sagrado. Como surgiu o secularismo, sua ligação com o Estado moderno, a iluminação da razão e do conhecimento, ou seja, compreender o jogo de poder contido na relação religião, governo e humanidade.

2.1.1 Secularismo e Modernidade

O secularismo, em sentido mais amplo, é a separação entre assuntos religiosos e governamentais. Em tese, promove a ideia de que os indivíduos têm a liberdade para

praticar sua fé, sem a interferência do Estado, ou seja, permanecendo neutro em assuntos religiosos. Segundo Peter Berger, a secularização é definida como o “processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (Berger, 1985, p.118).

Enquanto a modernização tem trazido avanços tecnológicos e sociais, o secularismo emergiu como uma resposta ao poder excessivo da religião, que ocupava todos os setores de poder, e emparelhando seus quereres ao destino de todas as pessoas da sociedade, independente do credo. Peter Berger explica que:

Deveria estar mais claro agora por que eu afirmo que a teoria original da secularização estava errada na sua proposição básica de que a modernidade leva a um declínio da religião. Mas ela não estava tão errada como os seus críticos acreditavam. Sim, o mundo contemporâneo está cheio de religião; mas há também um discurso secular muito importante, que levou a que a religião fosse substituída por maneiras de lidar com o mundo *etsi Deus non daretur*. O indivíduo moderno pode desenvolver, e em muitos casos realmente desenvolveu, a capacidade de administrar tanto as definições religiosas quanto as definições seculares da realidade, dependendo de qual é diretamente relevante para o assunto em questão. (Berger, 2017, p.118).

Não podemos deixar de mencionar a Reforma protestante⁸, e que ela está ligada à secularidade moderna não por causa de valores compartilhados, como a tolerância, mas porque foi um estopim para as Guerras de Religião. Essa mudança erodiu o privilégio do Cristianismo de se auto definir e reconfigurou o sentido da religião, exigindo um novo tipo de sujeito, separado ontologicamente das formas tradicionais de saber e disciplina, com uma divisão entre o interno e o externo. A pacificação da religião através de sua transformação jurídica não era o objetivo dos reformistas protestantes, mas se baseava na sua noção imaterialista de fé.

Os pensamentos de Max Weber influenciaram, de forma profunda e duradoura, mesmo após mais de um século, suas observações sobre a sociedade ainda são

⁸ A Reforma Protestante, ocorrida no Século XVI na Europa, foi um movimento religioso que surgiu em resposta às diversas insatisfações de um grupo específico de pessoas com a Igreja Católica. Liderado pelo então monge católico Martinho Lutero, esse movimento provocou profundas transformações no pensamento religioso da época, rompendo com a hegemonia do catolicismo no continente europeu. Os reformistas se posicionaram contra práticas como a venda de indulgências pelo clero e o poder papal, além de estarem intimamente relacionados a questões políticas daquele período. Para Lutero, “[...] o evangelho não trata de assuntos temporais, nem de saber se a justiça reina neste mundo ou do que fazer para que reine. Sofrer, padecer, suportar a injustiça, carregar sua cruz, isso, ao contrário, ele ensina ao cristão: é esse seu destino maior, que ele deve aceitar de coração dócil; ou não será um cristão” (Febvre, 2012, p. 257).

A Reforma teve grandes impactos sociais, políticos e econômicos em algumas regiões da Europa, com destaque para a Alemanha, Suíça, Inglaterra e áreas do Sacro Império Romano Germânico. Foi por esse motivo que as religiões protestantes, que surgiram a partir do século XVI, se espalharam com maior intensidade nessas regiões.

incrivelmente precisas. É admirável como ele conseguiu capturar fenômenos sociais que eram extremamente recentes na época. Um desses fenômenos é o que hoje chamamos de "secularização".

Weber rematou que a maior parte da vida social foi comprimida à lógica racional devido ao processo de secularização. A modernidade surgiu através dos conflitos ideológicos da razão objetiva e instrumental, tornando-se a principal abordagem utilizada para lidar com problemas e questões da sociedade. Pouco a pouco, as tradições e crenças baseadas em religião foram deixadas. Weber denominou esse acontecimento como "o processo de desencantamento do mundo", onde o indivíduo moderno deixa de lado costumes e crenças enraizadas em tradições religiosas ou na "magia". Explicações e questionamentos com base na razão instrumental desafiam noções preconcebidas e ancoradas na religião tradicional.

Max Weber conferiu à ascensão histórica do sistema capitalista, estimulado pelo aumento da produção permitida pela Revolução Industrial, o principal ponto do processo de secularização. O lucro se tornou a primazia nas relações comerciais, decretando uma racionalização das ações dos indivíduos. Essa racionalização se estendeu às demais organizações e instituições do Estado moderno, que se organizaram de forma burocrática e separaram o mundo público do mundo religioso através da laicidade ou do Estado laico, deixando de lado os métodos tradicionais de controle.

A partir desse momento, as instituições se estruturaram em torno da racionalidade formal do Direito Civil. Portanto, o processo de secularização está intrinsecamente ligado à construção do mundo moderno. O declínio das teocracias na Europa feudal procedeu no nascimento dos alicerces das instituições modernas que ainda regem nosso mundo social atual. Compreender o desenvolvimento desse fenômeno nos ajuda a entender como o pensamento moderno se estruturou e continua a evoluir.

2.1.2 O Brasil e o mundo secular

Em todo mundo já acontecia, desde o século XVIII, movimentos emancipatórios entre o Estado e a Igreja. Porém, eles não ocorreram de forma célere, tampouco igualitária em todos os países. Um bom exemplo no Brasil foi o setor educacional, com as reformas

pombalinas⁹, que confere ao ensino uma proposta separada da igreja, nesse caso, os jesuítas. Muitos foram os processos para o real caráter laico nos espaços públicos educacionais brasileiro. A liberdade de crença e de culto é apenas garantida pela atual Constituição brasileira, promulgada em 1988 e revista em 2017, nos artigos 5º e 19º, respectivamente; que declara:

A liberdade de consciência e de crença é inviolável, assegurando o livre exercício das crenças religiosas e garantindo, como previsto na lei, a proteção dos locais de culto e dos seus ritos; é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa em estabelecimentos civis e militares de internação coletiva”, e; “ninguém será privado de quaisquer direitos devido a crenças religiosas ou convicções filosóficas ou políticas, salvo se as invocar para se eximir de uma obrigação legal imposta a todos por alguém que se recuse a realizar um serviço alternativo estabelecido por lei. (Brasil, 1988).

No Brasil, a destituição do catolicismo como religião oficial em 1890 levou à sua ascensão como modelo normativo genérico. Isso forçou outras tradições religiosas a se adaptarem, por exemplo, enfatizando a "caridade" ou adotando o modelo associativo de igreja. As religiões de matriz africana, como o candomblé, e de matriz afro-brasileira, como a umbanda¹⁰, foram perseguidas através de leis que proibiam a magia e o

⁹ As reformas pombalinas tiveram um impacto significativo na educação, especialmente no Brasil, onde elas romperam com uma hegemonia de mais de 200 anos dos jesuítas. Essas reformas moldaram o período pós-jesuíta até o surgimento do Império do Brasil. Naquela época, o Brasil era um território vinculado à nação portuguesa, e todas as decisões tomadas, independentemente da área, partiam inicialmente de Lisboa, a capital. As reformas pombalinas ocorreram em um momento em que a Europa estava em efervescência devido aos reflexos do iluminismo, destacando-se pensadores como John Locke, Voltaire, Jean-Jacques Rousseau, Kant e Montesquieu. A Universidade de Coimbra se consolidava como uma das mais modernas da época, ao afastar o Santo Ofício e contribuir para a secularização da Inquisição. Todas essas iniciativas foram possíveis graças às influências e experiências trazidas por portugueses que, por ventura, haviam vivido em outras nações europeias que já possuíam estruturas fundamentadas no iluminismo, como Dom Luis da Cunha, Luis Antonio Verney, Alexandre de Gusmão e o próprio Sebastião José de Carvalho e Melo. (Saviani, 2013). Estrutura e Funcionamento do Ensino no Período Pombalino no Brasil Disponível: <https://doi.org/10.14295/idonline.v12i41.1247> Acesso em 18 set. 2023.

¹⁰ Os rituais típicos dos cultos africanos, são característica marcante do Candomblé. O Candomblé é uma religião que foi criada no Brasil por meio da herança cultural, religiosa e filosófica trazida por pessoas africanas escravizadas, sendo aqui reformulada para poder se adequar e se adaptar as novas condições de ambientais. É a religião que tem como função primordial o culto às divindades – inquices, orixás ou voduns –, seres que são a força da natureza, sendo seus criadores e também administradores. Religião possuidora de muitos simbolismos e representações que ajudam a compreender o passado e também a discernir melhor as verdades e as mentiras, permitindo assim definir conceitos. No Candomblé nada se inventa ou se cria, só aprende e se aprimora. Este saber e este conhecimento são conquistados com a prática no dia a dia, com o tempo, com a humildade, o merecimento, a inteligência e, principalmente, com a vontade de aprender! (Maurício, 2014, p. 29). Diferente do Candomblé, a Umbanda incorpora elementos da cultura africana, indígena e europeia, ou seja, uma religião formada pelas três matrizes que formam o povo brasileiro. Segundo, Ribeiro: Herdamos das culturas indígena e africana a forte ligação com a natureza, o uso das ervas, cachimbos (maracás para as pessoas indígenas), os rituais de cura, as danças, os cânticos sagrados, as vestimentas, o transe, a crença na vida após a morte e a comunicação com os mortos, as crenças nos ancestrais, a diversidade de deuses (indígenas) ou orixás (africanos), os preceitos ofertados aos ancestrais (oferendas), a magia. Da cultura branca europeia, herdamos alguns elementos da concepção cristã católica, como a ligação com os santos que no sincretismo são relacionados com os orixás, as rezas, as imagens,

curandeirismo, práticas consideradas contrárias à ordem pública e, portanto, não violavam o princípio constitucional da liberdade religiosa. Esse processo é complicado pela adição de uma vertente "diferencial" de legitimação, que busca integrar esses grupos à sociedade civil através das políticas culturais.

O secularismo, movimento filosófico e político, do qual já falamos, que defendeu a separação da religião e do Estado, assim como a liberdade de pensamento e de religião. Em muitos países, o secularismo ganhou força como uma resposta à influência política e social excessiva da religião. Secularismo é a doutrina política que defende que o clero, as instituições e os valores religiosos não devem exercer papel algum no Estado-nação e na esfera pública (Keddie, 2003).

A modernização e o avanço da ciência também resultaram em um declínio gradual da influência religiosa na sociedade. Keddie propõe que o fenômeno resulta na redução do impacto social, político e público de organizações, crenças e práticas religiosas. Tem o secularismo como um conceito abrangente, englobando tanto um projeto político quanto o avanço da secularização em diversas esferas, incluindo o campo político, o Estado, o conhecimento e a vida. Esses ideais iluminaram não só as terras europeias, mas também as da América, incluindo o Brasil, inspirando verdadeiras revoluções.

Tendo em vista que o Brasil iniciou a sua história conhecida e documentada praticamente a partir da colonização portuguesa, é necessário destacar que a laicidade brasileira deve ser analisada, então, a partir deste momento. Os atos públicos de Portugal estavam vinculados à Igreja Católica Apostólica Romana, tendo o Brasil surgido como colônia de um Estado confessional. Dessa forma, havia correlação entre a Coroa portuguesa e Igreja Católica na exploração do Brasil, momento em que inexistia laicidade no país. Assim, a colonização do Brasil se iniciou sob o símbolo da cruz católica, evidenciando-se uma ligação com uma confissão específica. Logo, o Brasil Colônia, o Reinado e, posteriormente, o Brasil Imperial foram expressões de Estado Confessional, sendo que apenas com o Brasil República é que surgiu a opção pela laicidade, em decorrência de uma série de mudanças ocorridas na cultura ocidental. (Calsing *et al*, 2017, p. 357).

Edgar Morin dirá que há um antagonismo profundo no humanismo europeu que se radicaliza no século das Luzes¹¹. As contradições são despontadas entre a crença na

maniqueísmo (bem e mal), dentre outros. E ainda uma influência do Kardecismo: ligação com os mortos, crença na reencarnação, rituais de cura (Ribeiro, 2013, p. 98).

¹¹ “A própria noção de Iluminismo, Ilustração, ou ainda Esclarecimento, como o termo é por vezes traduzido, indica, através da metáfora da luz e da claridade, uma oposição às trevas, ao obscurantismo, à ignorância, à superstição, ou seja, à existência de algo oculto, enfatizando, ao contrário, a necessidade de o real, em todos os seus aspectos, tornar-se transparente à razão. O grande instrumento do Iluminismo é a consciência individual, autônoma em sua capacidade de conhecer o real...” (Marcondes, 2007, p. 207).

universalidade desse mesmo humanismo, a qual, por si mesma, “dissimula um europocentrismo dominador, e a sua potencialidade verdadeiramente universalizante, aberta a todos os indivíduos e a todas as culturas, que desmascara e critica o europocentrismo” (Morin, 1988, p. 101).

2.1.3 O Contrato e a religião: da razão ao respeito.

O Século das Luzes ou Iluminismo surgiu na Europa no século XVIII como uma constelação de ideias que defendiam o poder da razão como meio para impulsionar o progresso, o desenvolvimento da humanidade. De maneira perspicaz, questionou os pilares de sua época, como a fé cega e o absolutismo opressor. Além disso, enfrentou de frente o monopólio dos mercados, defendendo fervorosamente modelos econômicos inovadores. Entre os grandes astros desse movimento, destacam-se Locke, Rousseau e Voltaire, cujas obras brilhantes lançaram luz sobre a restrição do poder monárquico, a busca pela igualdade e a libertação dos grilhões que apresavam a humanidade.

O Contratualismo surge a partir das leis implacáveis e em constante conflito da natureza. Para finalmente alcançar a paz humana, é necessário transcender esse estado de natureza. A solução para a eterna guerra de todos contra todos está em um instrumento inteligente: o contrato. Os contratualistas aspiravam estabelecer uma comunidade de poder compartilhado, que não perpetuasse as injustiças decorrentes da desigualdade. Segundo Norberto Bobbio:

Em sentido muito amplo, o contratualismo compreende todas aquelas teorias políticas que veem a origem da sociedade e o fundamento do poder político (chamado, quando em quando, potestas, imperium, Governo, soberania, Estado) num contrato, isto é, num pacto social, num acordo tácito ou expresso entre a maioria dos indivíduos; acordo esse que assinalaria o fim do “estado natural” e o início do Estado Social e Político. Com efeito, num sentido mais restrito, por tal termo se entende uma escola (filosófica) que floresceu na Europa entre os começos do século XVII e os fins do XVIII, aproximadamente, e teve seus máximos expoentes em J. Althusius (1557- 1638), T. Hobbes (1588-1679), B. Spinoza (1632-1677), S. Pufendorf (1632- 1694), J. Locke (1632- 1704), J. J. Rousseau (1712-1778), I. Kant (1724- 1804), dentre outros renomados teóricos. Vale salientar que por escola (filosófica) concebe-se não uma comum orientação política, mas o comum uso de uma mesma sintaxe ou de uma mesma estrutura conceitual para racionalizar a força e alicerçar o poder no consenso. (Bobbio, 1998, p. 272).

Edgar Morin, numa perspectiva de tessitura conjunta, parte do pressuposto de que todos os seres humanos compartilham uma essência comum. Para ele, a humanidade é

uma comunidade singular, constituída por indivíduos com características únicas, mas também por elementos universais que nos conectam a todos. Essa visão vai além das fronteiras geográficas e culturais, colocando a ênfase naquilo que nos une como seres humanos. Morin defende a importância de reconhecer a diversidade de crenças e práticas religiosas, mas também ressalta a necessidade de encontrar pontos de conexão e diálogo entre elas. A religião, para Morin, vem de uma perspectiva freudiana, que “alivia o indivíduo de sua angústia fazendo-lhe suportar um peso enorme de rituais, de práticas, de obrigações, de adorações e de sacrifícios” (Morin, 2002, p. 143). A religião pode e deve ser uma força unificadora, capaz de causar a compreensão e a solidariedade entre as pessoas. E não de se apegar a dogmas exclusivistas, é necessário buscar uma fé mais aberta, que reconheça o valor e a dignidade de todos os seres humanos.

Uma religião sem revelação (como o budismo), uma religião de amor (como o Cristianismo), de comiseração (como o budismo), mas na qual não haveria, nem salvação por imortalidade/ressurreição do eu, nem libertação por absorção do eu. Seria uma religião sem providência, sem futuro radioso, mas que nos ligaria solidariamente uns com os outros na Avenida desconhecida. Seria uma religião terrena, não supraterebre, e não de salvação terrestre. Contudo, seria uma religião de salvaguarda, de salvamento, de libertação, de fraternidade. Seria uma religião, como qualquer religião, com fé, mas, ao contrário das outras religiões que substituem a dúvida pelo fanatismo, ela reconheceria no seu seio a dúvida e dialogaria com ela. Seria uma religião que assumiria a incerteza. Seria uma religião aberta ao abismo (Morin, 2002, p. 150).

Investindo na evolução do intelecto humano e do conhecimento, no avanço das sociedades e na jornada constante da humanidade rumo a um caminho inalterável de aprimoramento - que era chamado de perfectibilidade - o Iluminismo também foi um movimento baseado na fé: fé na razão, no futuro, no progresso da sociedade, na troca de ideias entre as pessoas e, por fim, fé na educação.

Morin reconhece que foi essa fé na racionalidade crítica, transformada quase em uma mística religiosa, que estabeleceu no Ocidente, para o bem e para o mal, o conceito universalista de Humanidade. De qualquer forma, "a mente racional era e continua sendo universal" (Morin, 1988, p. 85). Uma das características do Iluminismo português foi sua natureza religiosa, coexistindo com a ideia de um Estado responsável pelos assuntos temporais. Pode-se dizer que são conceitos com significados distintos. A religião deixou de ser o principal pilar da cultura, seu elemento primordial, e se tornou apenas um recurso auxiliar.

Na Idade Média, *saeculum* se referia ao período temporal antes do fim do mundo, quando a história bíblica dominava, assim como o espaço fora dos mosteiros, sujeito às leis da igreja e da natureza. Já a "secularização" era o processo de deixar a vida monástica para viver de acordo com as leis da igreja, e após a Reforma Protestante, passou a significar também a transferência de propriedades da igreja para proprietários leigos. Antes parte da teologia, o secular se tornou o oposto da religião, uma posição epistemológica que a "sociologia do erro" do século XIX tentou explicar.

O secularismo trouxe consigo a necessidade de uma abordagem mais neutra em relação à religião nos setores públicos, assegurar seus limites, “definir o lugar da religião na vida pública e mantê-la firmemente no lugar” (Taylor, 2014, p.59). Atualmente, governos e instituições educacionais trabalham para garantir o direito de todos os cidadãos e cidadãs praticarem sua própria religião ou terem a opção de não seguir nenhuma religião. Dessa forma, o secularismo busca criar um espaço onde todas as crenças e perspectivas religiosas sejam respeitadas e tratadas com igualdade.

2.2 A religião e a esfera pública

Incluir não significa confinamento dentro do próprio [coletivo] e fechamento diante do alheio. Antes, “a inclusão do outro” significa que as fronteiras da comunidade estão abertas a todos. (Habermas, 1996, p.8)

Em meados de 1990 a religião e as relações com o sagrado no secularismo mundial passou a ser um dos temas de maior interesse nos estudos de Habermas. Visto que antes ele percebia a religião como tema restrito da vida privada, notou que mudanças estavam ocorrendo de forma bastante célere na influência e participação da religião na esfera pública, e conseqüentemente alterando convenções nesse meio, o que ele não imaginava é que no mundo moderno e secular, a religião adentrasse com tanta força na esfera política. Idealizava que “no ateísmo das massas, os conteúdos utópicos da tradição encontram-se ameaçados” (Habermas, 1980, p.105).

Segundo Habermas (1989), a esfera pública é o palco onde ocorre o debate público, permitindo a discussão de assuntos de interesse comum e a formação de opiniões, essenciais para uma participação democrática efetiva. A secularização é um movimento intrínseco à modernidade, resultado da racionalização das estruturas sociais e da crescente autonomia das esferas política, científica e cultural. Na concepção de Habermas,

Somente o exercício de um poder secular estruturado num Estado de direito, neutro do ponto de vista das imagens de mundo, está preparado para garantir a convivência tolerante, e com igualdade de direitos, de comunidades de fé diferentes que, na substância de suas doutrinas e visões de mundo continuam irreconciliáveis. A secularização do poder do Estado e as liberdades positivas e negativas do exercício da religião constituem como que dois lados de uma mesma medalha (Habermas, 2007, p. 9).

Habermas deixa claro que todo esse avanço não aconteceu de forma igualitária. Diferentes sociedades, culturas e grupos sociais tiveram suas experiências particulares. Ao passo que as sociedades se tornaram mais complexas, várias instituições foram se separando e se desassociando da religião. O campo inicial desse processo de secularização foi a esfera econômica.

Apesar dessas diferenciações, as esferas públicas parciais, constituídas através da linguagem comum ordinária, são porosas, permitindo uma ligação entre elas. Limites sociais internos decompõem o texto “da” esfera pública, que se estende radicalmente em todas as direções, sendo transcrita de modo contínuo, em inúmeros pequenos textos, para os quais tudo o mais serve de contexto; porém sempre existe a possibilidade de lançar uma ponte hermenêutica entre um texto e outro (Habermas, 2003b, p. 107).

Essa ideia desenvolvida por Habermas está intrinsecamente ligada ao conceito de esfera pública, que é um espaço de discussão e debate onde os cidadãos, independentemente de suas crenças religiosas, podem se envolver em questões públicas, utilizando argumentos racionais para chegar a acordos e decisões coletivas.

Só à luz da esfera pública é que aquilo que é consegue aparecer, tudo se torna visível a todos. Na conversação dos cidadãos entre si é que as coisas verbalizam e se configuram; na disputa dos pares entre si, os melhores se destacam e conquistam a sua essência: a imortalidade da fama (Habermas, 2004, p.6).

Percebemos que o pensamento de Habermas sobre a secularização contribui para fundamentar a importância do diálogo pluralista na esfera pública, permitindo que diferentes visões e discursos religiosos sejam ouvidos e considerados em um contexto secular. Essa abordagem favorece a inclusão e a coexistência pacífica de diferentes sistemas de crenças na sociedade contemporânea. Sobre a secularização destaca a relevância do diálogo racional e pluralista na esfera pública, onde a religião é considerada um dos muitos discursos vigentes.

Religiões estão entranhadas na política, e um Estado laico não é um Estado ateu, e da maior à menor das denominações, das religiosidades que coabitam, é necessário que

tenham o mesmo respeito, espaço e direitos, dentro de uma sociedade verdadeiramente laica, para que os sujeitos se sintam plenos, não apenas em espaços particulares, mas em todos os seus espaços de convivência.

2.3 Laicidade à moda brasileira

Se toda forma de laicidade é uma secularização, nem toda secularização é (ou foi) uma forma de laicidade. (Catroga, 2006, p. 273).

A laicidade pressupõe neutralidade, dispensando toda e qualquer confissão de fé. É aí que ocorre a divisão entre a educação pública portuguesa e o modelo pedagógico concebido pelos planos da França revolucionária. A escola pombalina não era guiada pela utopia da emancipação. O fenômeno da secularização é - de fato como observado anteriormente - uma das bases do Iluminismo e da modernidade.

A noção de laicidade, de modo sucinto, recobre especificamente a regulação política, jurídica e institucional das relações entre religião e política, igreja e Estado em contextos pluralistas. Refere-se, histórica e normativamente, à emancipação do Estado e do ensino público dos poderes eclesiásticos e de toda referência e legitimação religiosa, à neutralidade confessional das instituições políticas e estatais, à autonomia dos poderes político e religioso, à neutralidade do Estado em matéria religiosa (ou a concessão de tratamento estatal isonômico às diferentes agremiações religiosas), à tolerância religiosa e às liberdades de consciência, de religião (incluindo a de escolher não ter religião) e de culto. (Mariano, 2011, p.244).

O laicismo é um princípio constitucional que determina a divisão entre Estado e organizações religiosas, assegurando a igualdade de todos diante da lei, independentemente de suas crenças ou convicções. Essa abordagem visa proteger a liberdade de escolha de acreditar ou não em uma religião, permitindo o exercício livre de todos os cultos. Além disso, ressalta que ninguém pode ser obrigado a respeitar dogmas ou normas religiosas.

No âmbito máximo, isso implica na separação entre a Igreja e o Estado, concebendo a ideia do fim do poder divino dos governantes e sua substituição pela concepção de que o poder tem origem terrena. O poder passa a pertencer ao povo, sendo mais clara, essa origem é colocada na soberania popular baseada no indivíduo, que se torna a fonte do poder. A separação entre igrejas e Estado é, na verdade, um princípio político essencial para a organização do Estado e da República. Segundo Norberto Bobbio:

É com o nascimento do Estado de Direito que ocorre a passagem final do ponto de vista do príncipe para o ponto de vista dos cidadãos. No Estado despótico, os indivíduos singulares só têm deveres e não direitos. No Estado absoluto, os indivíduos possuem, em relação ao soberano, direitos privados. No Estado de direito, o indivíduo tem, em face do Estado, não só direitos privados, mas também direitos públicos. O Estado de direito é o Estado dos cidadãos (Bobbio, 1992, p. 61).

A Modernidade vai se distanciando cada vez mais do princípio, tornando a liberdade de expressão religiosa cada vez mais viável. A laicidade representa a emergência de vários aspectos dos direitos civis, como o *habeas corpus*, a liberdade de consciência, de expressão, de ir e vir, e de culto. A laicidade também implica na não convivência do Estado com uma religião oficial e na não interferência entre as esferas de cada um.

Ao longo do tempo, ocorre a transição do governo dos homens para o governo das leis, levando à formação gradual do Estado de Direito. Acontece a reversão do poder emanado do príncipe para o poder emanado do povo, resultando na secularização do direito, do Estado e no fortalecimento dos direitos civis. A sociedade moderna, mesmo com obstáculos, utilizará progressivamente esse poder emanado do povo por meio de seus representantes, que se tornarão a principal fonte de elaboração e constituição das leis.

A jornada humana é caracterizada por um embate constante entre a busca por um propósito e significado, representados pela religião, e a ausência intrínseca de sentido no vasto universo, encarnada pela razão. Nessa ótica, a religião se revela como um amparo e refúgio diante do absurdo, oferecendo uma sensação de ordem e explicação à existência. No entanto, Camus pondera a respeito da religião tradicional, voltando-se para sua tendência dogmática e intolerante. Ele advoga em prol do pluralismo como uma contraposição à rigidez religiosa, fomentando respeito às diferentes visões de mundo e uma coexistência pacífica entre crenças diversas. Para o filósofo, o contrato social deve contemplar a tolerância religiosa como um princípio fundamental, assegurando a liberdade de culto e a igualdade de direitos para todos, independentemente de suas convicções religiosas. Na perspectiva de Camus:

Fica claro que, com o Contrato social, assistimos ao nascimento de uma mística, já que a vontade geral é postulada como o próprio Deus. “Cada um de nós”, diz Rousseau, “coloca a sua pessoa e todo o seu poder sob a suprema direção da vontade geral, e recebemos no nosso corpo cada indivíduo, como parte indivisível do todo. Essa pessoa política, que se tornou soberana, é também definida como pessoa divina. Tem aliás todos os atributos da pessoa divina. Ela é efetivamente infalível, já que o soberano não pode querer o abuso. [...] Ela é também inalienável, indivisível e, finalmente, visa até mesmo

resolver o grande problema teológico, a contradição entre a onipotência e a inocência divinas. A vontade geral é realmente coercitiva; seu poder não tem limites. “Mas o castigo que imporá a quem recusar-lhe obediência não é mais que uma forma de forçá-lo a ser livre”. A deificação se completa quando Rousseau, separando o soberano de suas próprias origens, chega a distinguir a vontade geral da vontade de todos. [...] A vontade geral é em primeiro lugar a expressão da razão universal, que é categórica. Nasceu o novo Deus (Camus, 2008, p. 142).

Embora não mergulhemos profundamente no conceito de secularização, Habermas traz uma crítica perspicaz à concepção dogmática da secularização, que se tornou predominante, muitas vezes aderindo de forma cega aos ideais iluministas de compreensão da sociedade, incluindo o pensamento de Weber, ao qual Habermas se opõe de maneira crítica. Isso demonstra o tipo de pensamento limitador ao qual me referi anteriormente em relação às religiões. A nova sociedade, baseada em valores de liberdade religiosa e tolerância, é chamada a participar de forma equitativa na esfera pública, independente se possuem religiosidade ou não.

Toda religião é, originariamente, “imagem do mundo” (uma “doutrina abrangente”), também no sentido de que reivindica a autoridade de estruturar uma forma de vida no seu todo. Essa reivindicação de monopólio interpretativo e de configuração da vida em todos os seus aspectos, a religião teve de abandonar sob as circunstâncias da secularização do saber, da neutralização do poder estatal e da liberdade religiosa generalizada. (Habermas, 2006, p. 117)

A religião, ao fornecer um senso de propósito e solidariedade, pode desempenhar um papel de destaque na construção de uma ordem social mais justa. No entanto, essa influência religiosa precisa ter suas bases não ancoradas em dogmas inflexíveis, mas sim em valores humanísticos que exaltem a dignidade e a liberdade de cada indivíduo. A razão, por sua vez, contribui para uma análise crítica das estruturas sociais e políticas, questionando as desigualdades e injustiças presentes na sociedade.

2.4 Fundamentalismo Religioso: quão difícil é entender que podemos coexistir

A realidade da vida de cada dia é, portanto, continuamente envolvida por uma penumbra de realidades imensamente diferentes. (Berger, 1985, p. 55).

O movimento de secularização é, de certa forma, um projeto político e social incompleto. Esperava-se um posicionamento mais democrático e espaços plurais de debate, o que na prática não aconteceu. É importante ressaltar a relação entre o fundamentalismo religioso e o pluralismo. O pluralismo é uma característica inerente às

sociedades contemporâneas, nas quais diferentes crenças e valores coexistem. No entanto, para os fundamentalistas, essa diversidade é vista como uma ameaça à sua própria identidade e verdade absoluta. Assim, o fundamentalismo reage de forma hostil, rejeitando e combatendo qualquer forma de pluralismo.

Peter Berger, em seu livro “O Dossel Sagrado”, define que o fundamentalismo religioso é caracterizado por uma interpretação literal e inflexível dos textos sagrados, geralmente acompanhada de uma visão de mundo conservadora e tradicional. Esse tipo de mentalidade muitas vezes rejeita qualquer forma de mudança ou progresso social, incluindo a aceitação de diferentes identidades de gênero e orientações sexuais, bem como pelo desejo de impor essa interpretação particular às demais esferas da sociedade. De acordo com Berger, “durante a maior parte da história humana, os estabelecimentos religiosos existiram como monopólios na sociedade” (Berger, 1985, p. 147). Dificilmente poderemos perceber uma ruptura completa da influência religiosa nos ditames do poder governamental, seja no Brasil ou em qualquer outro país, mesmo aqueles que impõem um secularismo radical, como a França por exemplo.

O fundamentalismo é um esforço para restaurar a certeza ameaçada. O termo é geralmente aplicado a movimentos religiosos, mas é importante compreender que há muitos fundamentalismos seculares [...] há fundamentalismos reacionários e progressistas (Berger, 2017, p. 34).

A religião é uma parte intrínseca do mundo construído pelos seres humanos e está enraizada na cultura de uma comunidade ou sociedade. Não há uma essência comum entre os indivíduos que compõem essa sociedade, mas sim um acordo tácito. A religião confere um caráter sagrado e cósmico às instituições e serve como uma forma de legitimar a realidade humana dentro de uma coletividade. Quando a religiosidade é acompanhada pela aspereza fundamentalista¹², e uma mentalidade conservadora, pode levar ao silenciamento, preconceito e intolerância em relação a questões que são ainda vistas como tabu. Como exemplo temos: gênero e sexualidade.

¹² Em 1920 a palavra “fundamentalista” foi usada pela primeira vez para descrever esta coalizão de protestantes conservadores militantes que estavam tentando preservar o estatuto protestante reavivado do século XIX. O termo foi cunhado por um editor batista conservador, Curtis Lee Laws, para designar seu partido na batalha na Convenção Batista do Norte (a maior denominação batista do Norte). Defender os “fundamentos” significava estar disposto a lutar por certas doutrinas fundamentais que os liberais negavam. As listas a seu respeito variavam, mas usualmente incluíam a crença na inerrância da Bíblia, o nascimento virginal de Jesus, a autenticidade de seus milagres, expiação do pecado pela morte de Cristo, ressurreição de Jesus e sua segunda vinda. Marsden, George M. *Religion and American Culture*. USA: Harcourt Brace College Publishers, 1990. p. 182-183.

A religião transcende todas as barreiras temporais e permanece inabalável diante de símbolos e estruturas que se desfazem. Em toda sociedade, a necessidade de preservar e reforçar crenças e ideias coletivas é imperativa, pois são elas que moldam nossas mentes e nossas ações. A conexão e união geradas por esses momentos de comunhão só fortalecem os laços entre aqueles que compartilham sentimentos semelhantes, como também é notório que nos últimos anos ela transpassa as barreiras da vida privada, ocupando ferozmente os espaços públicos, principalmente através da política. Brum ressaltou sobre essa tendência, da seguinte forma:

A complexa interação entre religião e política estabeleceu-se definitivamente nos últimos vinte anos no debate político e acadêmico. Nesse ínterim, questões que vão desde o surgimento do terrorismo internacional e de partidos conservadores em grandes democracias ocidentais, ambos de inspiração religiosa, os direitos de minorias (religiosas ou não), aborto, casamento civil homoafetivo e outras, têm trazido à tona a questão da presença, permanência e limites da religião na esfera pública para o centro do debate político, gerando como consequência um intenso debate acadêmico (Brum, 2015, p.80).

A influência da religião na política é ampla e tem impactos variados. Um exemplo disso está na presença significativa da Bancada Evangélica, que representa cerca de 20% do Congresso no Brasil. Esses deputados muitas vezes votam com base em seus valores religiosos, o que pode influenciar a criação de leis de importância nacional. Além disso, a religião também tem presença na mídia, com representantes da igreja em diversos meios de comunicação.

Embora a Constituição Federal de 1988 assegure a liberdade de crença, na prática, a laicidade do Estado nem sempre é respeitada integralmente. Religiões que não se enquadram nos moldes do Cristianismo enfrentam frequentemente preconceitos e até mesmo violência, como é o caso do Candomblé, e outras religiões de matriz africana.

A política religiosa no Brasil muitas vezes é utilizada como uma espécie de "monopólio" para manter o poder da igreja sobre a sociedade. Escândalos envolvendo lavagem de dinheiro, charlatanismo e evasão fiscal são frequentemente associados a essa influência religiosa. Enquanto a religião pode servir como uma inspiração para promover mudanças sociais e políticas, também pode se tornar uma força conservadora que se opõe a transformações necessárias.

Essa característica hipócrita que permeia nos espaços públicos políticos, que isola, exclui e rechaça o outro, apenas porque estes não se afinam com uma agenda política pré-

determinada, rejeitando a diversidade de crença, reforçando o preconceito, aflorando o desrespeito, numa perspectiva de superioridade religiosa.

Quando Leonardo Boff aborda o fundamentalismo religioso, em seu livro "Fundamentalismo Religioso: de volta à Idade Média?", ele destaca a intolerância e a exclusão como traços marcantes desse fenômeno, que tende a rejeitar qualquer forma de pluralismo em nome de uma suposta pureza doutrinária. Boff também chama a atenção para o fato de que o fundamentalismo pode ser influenciado por interesses políticos, manipulando as crenças religiosas em prol de uma determinada agenda política. Boff explica que o fundamentalismo:

Não é uma doutrina. Mas uma forma de interpretar e viver a doutrina. É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história, que obriga a contínuas interpretações e atualizações, exatamente para manter sua verdade essencial. (Boff, 2002, p. 25).

O autor ressalta que o fundamentalismo religioso não é agregador, podendo possuir um caráter ideológico. Essa manipulação das crenças religiosas pode resultar em ações extremistas, que frequentemente excluem ou oprimem grupos que não se enquadram em seus ideais. Segundo, Boff (2002, p.10) “o termo fundamentalismo tornou-se palavra de acusação. Fundamentalista é sempre o outro”. Existem em praticamente toda religião, mas ele encontra seu maior espaço com cristãos protestantes no século XIX, impondo um rigor moral que “é especialmente inflexível, particularmente no que concerne à sexualidade e à família. É contra homossexuais, o movimento feminista e os processos libertários em geral”. (Boff, 2002, p. 15).

Fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista. [...] quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade, seu destino é a intolerância. E a intolerância gera o desprezo a agressividade, e a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado. Irrompem conflitos religiosos com incontáveis vítimas (Boff, 2002, p 25).

O conceito que melhor define o fundamentalismo religioso propõe enfatizar a aspereza e a intolerância como marcas distintivas desse fenômeno. O fundamentalismo religioso cristão se posiciona por meio de uma visão textualista das escrituras sagradas, rejeitando o pluralismo e buscando impor suas convicções religiosas na esfera política. É essencial compreender essas características a fim de desenvolver estratégias para promover o diálogo inter-religioso, a tolerância e o respeito mútuo em um mundo cada

vez mais diversificado. Pois pensar num Deus criador, de amor, é também pensar numa divindade conciliadora e bondosa, jamais de contendas e rupturas.

Leonardo Boff explora a conexão entre a bondade e Deus. Para Boff, o conceito cristão de Deus está sempre vinculado à Trindade: a comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Ele enfatiza a importância do Reino de Deus na mensagem e na trajetória de vida de Jesus, descrevendo esse projeto como uma nova abordagem nas relações interpessoais, potencialmente transformando estruturas e circunstâncias históricas. No contexto do Natal, Boff destaca a singularidade de Deus em se fazer presente na forma de um ser humano, afirmando que "Só Deus escolheu se tornar criança". Ele ressalta a intervenção divina no curso da história humana, revelando a encarnação de Deus em Cristo como um ato de salvação em contraste com a busca humana pela divindade como meio de redenção.

Nesta perspectiva Deus se apresenta humanamente conciliador, bom e aberto aos seus filhos e filhas que não se corrompem por interesses políticos de A ou B. Essa ideia distorcida de divindade amplia os abismos sociais, o acesso ao direito, ao respeito e à dignidade humana. O formato que expõe Deus nos meios políticos, atende somente à convivência e conveniência de grupos dominantes, que incitam a aceitação de pessoas destoantes com o projeto padrão, que esses mesmos grupos projetam, aumentando ainda mais o mal-estar da humanidade. Porém, ainda que existam figuras que endurecem e evitam o diálogo da diversidade religiosa, também há os que derrubam muros, abrem trilhas, criam alianças, fazem valer nossa existência.

2.5 Deus não passou procuração

A luta pela promoção da tolerância e do respeito às diferenças é o foco da obra de Desmond, "Deus não é cristão e outras provocações", que trata com muita propriedade sobre a influência da religião na formação de valores que combatem injustiças e opressões, criticando o dogmatismo e exclusivismo. Da valorização do conceito de ubuntu, presente nas comunidades africanas, que preza pelo estabelecimento e restauração de relações humanas saudáveis em todos os aspectos da vida. Reforçando, que não há espaço para discriminação de gênero, classe, cor, religião, orientação sexual

ou opinião. Por fim, inspirado pelo ubuntu, a busca pela reconciliação entre as vítimas da opressão na África do Sul.

Desmond Tutu defende que o perdão não implica em esquecimento, e sim em uma justiça restauradora, curativa e verdadeira. Ao criar a Comissão Verdade e Reconciliação, Nelson Mandela convidou Tutu para presidi-la, demonstrando que demonizar os algozes é uma abordagem ineficaz. Segundo, Tutu:

Perdoar significa reconhecer que alguma maldade aconteceu. Perdoar não significa tentar esconder a ferida. Perdoar significa que tanto a vítima quanto o culpado reconhecem que algo aconteceu. Existe, necessariamente, uma medida de confrontação. É comum as pessoas tentarem não encarar as outras. Porém, às vezes você precisa fazer com que a outra parte reconheça que fez algo de errado (Tutu Desmond, 2012, p. 58).

Desmond Tutu, era um visionário que desafiava o status quo sem confrontações, buscava a paz e a justiça com fé e tolerância. É espantoso como o século XXI guarda semelhanças com o século XIX, tanto no encanto pelas maravilhas tecnológicas quanto na presença marcante da religião na sociedade. A busca por novidades convive com o medo do desconhecido, das injustiças e da desigualdade geradas pela modernização capitalista. Tutu alertava para a busca desenfreada por uma "segurança ventral de uma igualdade segura", destacando a importância de pensar nos mais vulneráveis.

Sua voz ecoava os princípios da teologia negra, lutando pelos direitos e pela dignidade dos pobres africanos. Ele acreditava que era possível superar a opressão colonial, econômica e política através da libertação do oprimido. Seu papel como líder religioso e político se destacou durante a turbulenta década de 1980, quando a África do Sul enfrentava crises sociais e econômicas. E foi exemplo seguindo por muitos, em todo mundo, não se limitando apenas ao continente Africano.

As tensões políticas levaram a manifestações contra o apartheid, resultando na conquista do Nobel da Paz por Tutu. Com a chegada de Nelson Mandela ao poder, a África do Sul enfrentou novos desafios, incluindo a necessidade de promover uma cultura de tolerância e reconstrução nacional pacífica. Tutu enfatizava a importância de conter a violência, desarmar a população e buscar a reconciliação para alcançar a verdadeira liberdade. Desmond Tutu, um ícone da luta pelos direitos humanos, sempre acreditou no poder da transformação e na construção de um mundo mais justo e igualitário. Ele ressaltava que Deus transcende as fronteiras religiosas, não se limitando ao Cristianismo,

islamismo ou judaísmo, mas, sim, sendo uma divindade ecumênica. Sua presença é manifestada onde existe bondade, justiça e solidariedade. Tutu enfatiza que nenhuma religião possui a propriedade de Deus ou fala em seu nome.

2.5.1 Modernidade que nos une e nos separa

Entre o final do século XX e as primeiras décadas do século XXI, temos testemunhado uma série de batalhas fundamentais que dividem a opinião pública. Questões que envolvem a legalização e descriminalização do aborto e das drogas, a luta pelos direitos civis dos grupos LGBTQIA+, a criminalização da homofobia, a inclusão dos direitos sexuais e reprodutivos como direitos humanos, o debate sobre ensino religioso não confessional em escolas públicas, o avanço tecnológico na área reprodutiva, a pesquisa científica utilizando células-tronco, a atuação cada vez mais presente de lideranças religiosas no poder executivo e legislativo. São demandas que nos ofertam um recorte de regresso quanto aos direitos humanos. Pautas legítimas, de interesses coletivos são descredibilizadas, para ceder a vez a discussões estapafúrdias como o uso da “linguagem neutra”¹³ nas escolas, quando isso sequer é discutido entre as diretrizes escolares.

Teoricamente, o modernismo surge como uma resposta ao pensamento dogmático e restritivo. Propondo uma explanação flexível e contemporânea das escrituras religiosas, ponderando as mudanças sociais, culturais e científicas. Dessa forma, busca-se uma conexão entre a fé e a realidade presente, respeitando a diversidade e a evolução do conhecimento humano. Lembremos, isso é teoricamente.

¹³ Eleito para presidir a Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, Nikolas Ferreira (PL) usou suas redes sociais para defender projetos que foram aprovados em Belo Horizonte, entre eles o texto de sua autoria que proíbe o uso de linguagem neutra nas escolas da capital mineira.

“Em BH, esses 3 projetos se tornaram leis na área da Educação: Lei Nº11451/2023 - Garante o direito de prioridade de matrícula de irmãos na mesma unidade escolar da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte; Lei Nº11328/2021 – Lei que Instituiu o Empreendedorismo e Noções de Direito e Cidadania como temas a serem abordados no contraturno das escolas municipais de educação integral; Lei Nº11581/2023 – Garante aos estudantes do município de Belo Horizonte o direito ao aprendizado da língua portuguesa de acordo com as normas e orientações legais de ensino, na forma que menciona. Ah, o autor das leis sou eu”, escreveu o deputado mineiro. Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/politica/2024/03/08/nikolas-ferreira-cita-projetos-aprovados-em-bh-entre-eles-o-que-veta-linguagem-neutra-nas-escolas>

Faustino Teixeira, em seu estudo sobre o Islã e o Cristianismo fundamentalista, enfatiza a busca por uma ordem social estável e a crença em uma verdade absoluta como características do fundamentalismo religioso. Para Teixeira, o fanatismo e o radicalismo são expressões do fundamentalismo, que tem como objetivo afirmar e manter a sua visão de mundo diante de uma realidade pluralista e diversa. E traz a reflexão que:

A acolhida da diversidade religiosa e o imperativo dialogal são desafios fundamentais que se apresentam ao século XXI. Não há como desconhecer o enigma que preside a diferença religiosa e os misteriosos caminhos que levam os seres humanos a buscar um novo entendimento e compreensão em sua trajetória de vida. O outro está aí, cada vez mais disponibilizado para uma nova interlocução criadora, provocando os seus parceiros a uma ampliação de olhar e ao enriquecimento de si com novas possibilidades. Uma nova conversação entre as religiões, apesar de complexa e difícil, revela-se hoje providencial. Não no sentido de apagar as diferenças, ou simplesmente buscar um denominador comum, mas na perspectiva de encontrar “semelhanças na diferença”, almejando pistas comuns em favor de um novo modo de atuação na história na luta contra o sofrimento e na afirmação da dignidade da criação. (Teixeira, 2012, p. 181-182).

O posicionamento de ojeriza, desrespeito, indiferença de muitos indivíduos para com outros, seja por motivos que ferem diretamente o outro, em sua humanidade, em sua dignidade, merece e tem que ser combatida. A modernidade trouxe como proposta o secularismo, mas que na prática trouxe também movimentos de muita truculência, apatia e desumanidade. Não percebemos palavras mais apropriadas, ainda que em contexto adverso, para reagir a quem não aceita a convivência pacífica com as diferenças, como as palavras ditas por Karl Marx “eu só posso praticamente comportar-me para com a coisa humanamente, quando a coisa se comporta para com o homem humanamente” (Marx, 2015, p. 350).

Pensar humanamente, como relatou Marx, é enveredar pela perspectiva do amor. O que foi tecido por Erich Fromm, amor do humano para e além das perspectivas românticas. Fromm denomina de amor produtivo a essência da paixão e do amor, ele destaca a importância do amor como a força que une os indivíduos consigo mesmos e com a sociedade, diante da angústia gerada pela separação da conexão original com a Natureza. De acordo com Fromm:

Há apenas uma paixão que satisfaz à necessidade humana de unir-se com o mundo, adquirindo, ao mesmo tempo, sensação de integridade e individualidade, e esta paixão é o amor. Amor é união com alguém, ou algo, fora da criatura, sob a condição de manter a separação e integridade própria. (Fromm, 1965, p. 44)

A análise antropológica filosófica ressalta a relevância da esfera amorosa na reprodução da vida em sociedade. Destaca-se a relação entre a reprodução material e a forma de amar, evidenciando a importância dessa abordagem teórico-metodológica para compreender a base do ser social no contexto da sociedade capitalista moderna. A alienação e a propriedade privada exercem uma profunda influência sobre a manifestação do amor na atualidade, afastando-o de sua verdadeira essência e desumanizando os indivíduos. Não existe sentimento mais divino e que se aproxime mais de Deus que o amor, independentemente de sua forma.

A ascensão da produção em massa marcou uma revolução na vida moderna, alterando profundamente o nosso cotidiano, homogeneizando gostos, hábitos, encurtando distâncias. No entanto, esse avanço também trouxe consigo uma quebra de valores e tradições, por um processo muito parecido com a aculturação, porém de forma tão massiva que célere, que mal percebemos, até que já estávamos invadidos por essas influências, resultando em uma sociedade obcecada pelo mundo das aparências. Segundo Elias:

Vários estudos têm demonstrado que a Religião, enquanto fenômeno, constituiu uma resposta a diferentes condições socioeconômicas e históricas. Os sistemas de crenças, não são, de modo algum acidentais; surgem em resposta a necessidades sociais. Em qualquer forma dada ou em qualquer momento, uma religião particular atuará como baluarte de certo tipo de relação de produção ou como instrumento para transformá-lo. Isso ocorre pelo fato de ela estar integrada ao sistema social e de indivíduos que a vivenciam refletirem tão-somente necessidades advindas da condição de interdependência, reflexo, portanto, de um modo de vida social. (Elias, 2023, p. 31).

A Religião, tal qual a sociedade, é dinâmica e adaptável aos espaços que está inserida. Como toda instituição social, ela muda seu *modus operandi* de forma repentina, mas atende a fortes demandas sociais, culturais, e, principalmente, econômicas, ainda que essa última tente se manter sutil em seus apelos, ela tem poder não só de alterar, respaldar suas vontades usando livros sagrados, mas também de influenciar os seus ditames da sociedade, adentrando em espaços públicos de poder.

Ao estudar o conceito de fundamentalismo, é também essencial compreender sua relação com o secularismo. Como já dito anteriormente, o secularismo trata-se da separação entre Estado e a religião, defendendo a neutralidade do Estado perante as diversas correntes religiosas. Em contraposição ao fundamentalismo, que tenta impor

uma visão religiosa singular e irrestrita na sociedade, o secularismo procura assegurar a liberdade religiosa e a pluralidade de crenças.

A presença da religião é notável em vários setores da sociedade, como na política, na mídia e no espaço público. No entanto, é importante observar que grupos religiosos também participam de diferentes lutas sociais, destacando a conexão entre ação social e religião. A formação de movimentos ecumênicos e a participação de líderes religiosos, como atores políticos, indicam a diversidade de formas de atuação desses grupos na sociedade, mas serve também aos interesses particulares, e isso precisa ser combatido.

Entre 2015 e 2022 tivemos um agravamento nos discursos de ódio nas redes sociais, e essas falas tinham seus maestros e eram legitimadas por agentes do poder público, principalmente por ocupantes de cargos no poder executivo e legislativo, e que em sua maioria também eram representantes religiosos, validando um cenário de crueldade e exclusão, deturpando as escrituras bíblicas, manual do Cristianismo, que profere amor, fraternidade, caridade, acolhimento.

Para além da crença, para além do ódio nos discursos, novamente, e mais uma vez perde-se nossa humanidade. E, novamente perguntamos, aonde está o amor cristão face a esse cenário?

2.6 Discursos de ódio, desumanização e crime

Fomos socializadas para respeitar mais ao medo que às nossas próprias necessidades de linguagem e definição, e, enquanto a gente espera em silêncio por aquele luxo final do destemor, o peso do silêncio vai terminar nos engasgando. (Audre Lorde).

Um dos principais desafios na análise do fundamentalismo religioso e do discurso de ódio é a distinção entre a liberdade de expressão e a incitação ao ódio. Enquanto a liberdade de expressão é um direito fundamental que deve ser garantido a todas as pessoas pelo Estado Democrático de Direito, a incitação ao ódio é uma forma de discurso que ultrapassa os limites da humanidade, tolerância e do respeito mútuo, ferindo outros princípios e direitos constitucionais¹⁴, que merecem ser clarificados e sobrepujados de

¹⁴ Constituição Federal de 1988, artigo 5º, parágrafo IV: “É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”. Mas nem tudo deve ser justificado unicamente pelo direito da “liberdade de expressão”. A fronteira que separa o exercício do direito de liberdade de expressão do abuso dele é atingida quando, sob o pretexto da liberdade, se prejudica a honra, a dignidade ou até mesmo a democracia. É

forma que reestabeleça limites e ordem, através de mecanismos legais e sociais que possam combater efetivamente o discurso de ódio que fira diretamente a dignidade humana, ou que de alguma forma exponha o outro à angústia, à vergonha e ao ridículo. “A consciência da separação humana, sem a reunião pelo amor, é a fonte da vergonha. É, ao mesmo tempo, a fonte da culpa e da ansiedade” (Fromm, 1965, p. 16).

A mídia de massa desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento das democracias modernas, impulsionando a cultura democrática por meio de jornais, panfletos e outras publicações. Foram nos salões e cafés dos séculos XVII e XVIII em Londres, e outras cidades europeias, que a esfera pública recebeu vida, onde indivíduos se reuniam para debater os assuntos do dia. Embora essa cultura democrática fosse restrita a uma minoria privilegiada, sua contribuição para o início da democracia foi vital, pois esses salões introduziram o conceito de resolver problemas políticos por meio do debate público. Em teoria, todos os indivíduos participam de forma igualitária nos espaços para o debate público construtivo. Entretanto, a promessa inicial da esfera pública não foi completamente cumprida. O desenvolvimento da indústria da cultura sufocou o debate democrático nas sociedades modernas. A disseminação dos meios de comunicação de massa e do entretenimento em massa, resultou no enfraquecimento da esfera pública.

Com o mundo cada vez mais dinâmico, e acelerado, podemos testemunhar nos últimos anos, um alarmante aumento na disseminação do fundamentalismo religioso em todo o mundo. Certamente é uma situação resultante de fatores diversos que contam, inegavelmente, com o acesso mais facilitado no uso das redes sociais, que desempenham um papel bastante expressivo no alastramento dessas ideologias.

E desse mundo globalizado, as redes sociais nasceram como uma importante ferramenta de compartilhamento de informações e ideias, conectando indivíduos de diferentes partes do mundo. No entanto, essa cadeia global tem sua face nociva, que impõe riscos de todas as ordens, e expõem o que há de melhor, mas também o que há de pior nos seres humanos, como grupos fundamentalistas religiosos que veem na grande

importante ressaltar que existem normas penais que estabelecem restrições à chamada liberdade de expressão, como os crimes de injúria (Crime previsto no artigo 140 do Código Penal: “Injuriar alguém, ofendendo a dignidade ou o decoro”); difamação (Previsto no artigo 139 do Código Penal: “Difamar alguém, imputando-lhe fato ofensivo à sua reputação”) e calúnia (Crime previsto no artigo 138 do Código Penal: “Caluniar alguém, imputando-lhe falsamente fato definido como crime”). Além disso, é crucial ressaltar que essa limitação também se aplica à disseminação de notícias falsas e à propagação de ofensas.

rede social um ambiente fértil, fácil e eficiente de divulgar suas ideologias, recrutando seguidores e conquistando pares.

Uma das principais maneiras pelas quais as redes sociais promovem o fundamentalismo religioso é através da criação de câmaras de eco¹⁵. Essas câmaras são espaços virtuais em que indivíduos com opiniões semelhantes se reúnem, trocam informações e reforçam suas crenças preestabelecidas. Isso cria um ambiente propenso à radicalização, pois os membros dessas câmaras são expostos a um discurso unilateral, definindo algoritmos que formam uma bolha, sem a oportunidade de considerar outros pontos de vista ou questioná-los. E, nos confins deste universo tão meticulosamente organizado, dificilmente somos desafiados a realmente pensar.

A câmara de eco é um acontecimento social que surge da tendência dos usuários de redes sociais, em interagirem em grupos homogêneos, nos quais prevalecem ideias e opiniões semelhantes. Isso acaba prejudicando o debate contraditório e favorecendo o viés de confirmação, resultando em ambientes propícios para o discurso de ódio e a propagação de notícias falsas, as famosas *fake news*. Antes, a seleção de informações era feita por jornalistas ou editores, porém, atualmente, qualquer usuário, com ou sem formação adequada, pode compartilhar notícias nas redes sociais. Essa falta de mediação profissional contribui para a perda da imparcialidade e legitimidade das informações.

Impedindo o acesso a fontes externas de informação, a câmara de eco aliena os membros de uma comunidade. Isso cria padrões ideológicos que limitam a busca por conhecimento além do grupo, desacreditando qualquer informação que venha de fora. Esse desequilíbrio acaba favorecendo a polarização política e ideológica, evidente nas eleições dos últimos anos.

¹⁵ A câmara de eco é um fenômeno interessante e inquietante que se manifesta quando os usuários das redes sociais tendem a se conectar e interagir apenas com pessoas que têm ideias e opiniões semelhantes. Esse comportamento limitado pode levar à supressão de vozes discordantes e à promoção do viés de confirmação. Infelizmente, essa dinâmica também cria um ambiente propício para o discurso de ódio e a disseminação de informações falsas. É essencial compreender e combater esse fenômeno para garantir um debate saudável e uma sociedade mais informada. Câmaras de eco são definidas como uma rede ativa de usuários, na qual ideias semelhantes são amplificadas ou reforçadas por meio de um processo de compartilhamento repetitivo de uma mesma ideia, blindando-a de refutação (Morini et al., 2021). Embutido no cerne desse fenômeno está o conceito de *unfriending* que consiste na exclusão intencional de usuários com opiniões contrárias às adotadas na câmara de eco (Cota et al., 2019, de Oliveira et al., 2021a, Zollo et al., 2017).

O poder transformador do pensamento demonstra insignificância diante da estrutura dominante que nos aprisiona. É tudo muito rápido, tantas informações, diversas formas de distração. Infelizmente, é justamente essa falta de habilidade cognitiva que tem nos levado aos desastres políticos que mancham o cenário atual, e é tudo muito bem-posto. Tantas atrocidades cometidas, mas poucas pessoas responsabilizadas. Os indivíduos que escolhem paralisar suas mentes, tornando-se coniventes com os crimes.

O discurso de ódio caracteriza-se pela disseminação de ideias e opiniões que promovem a hostilidade, a discriminação e a violência contra determinados grupos sociais, geralmente grupos minoritários. Ele perpetua a segregação, baseando-se na distinção entre aquele que emite (o superior) e aquele que é alvo (o inferior). Além disso, o discurso de ódio só se torna real quando é comunicado por alguém que não seja o autor original. Segundo Winfried Brugger, tratam-se de “palavras que tendam a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar a violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas” (Brugger, 2007, p. 118).

O Estado tem papel regulador nessa esfera, mas demonstra uma incapacidade ou lentidão para acompanhar a velocidade de crimes e atrocidades cibernéticas. O que é dito na rede, até que uma medida seja tomada o estrago já tomou proporções desprovidas de fronteiras, pois até que algo seja reparado ou desmentido nos ciberespaços, não é possível garantir o alcance total, e sempre haverá quem prefira acreditar na informação falsa, caluniosa, desrespeitosa ou fora de contexto.

No que diz respeito à ciência jurídica, infelizmente ainda enfrentamos desafios na aplicação das leis no ambiente virtual. É fundamental buscarmos alternativas inovadoras para combater as novas formas de agressão à dignidade humana, já que as normas internacionais não estão totalmente adaptadas para proteger os direitos violados no contexto do ciberespaço.

Para Butler (2021) não é confiável deixar para o Estado a responsabilidade de delimitar o que pode ser dito ou não. No contexto do fundamentalismo religioso, o discurso de ódio é frequentemente direcionado a minorias religiosas, étnicas, sexuais ou de gênero, consideradas como ameaças à ordem e à pureza religiosa. Esse discurso pode

ser disseminado através de pregações religiosas, mídias sociais, panfletos ou qualquer outra forma de comunicação, ampliando o alcance e o impacto de suas mensagens.

Segundo Derrida (2005), ler/interpretar um texto é realizar um estudo da estrutura textual, revelando a singularidade e originalidade de um jogo. Derrida questiona a maneira como os textos interagem - como jogam uns com os outros - ou seja, como se interligam: um texto é sempre depositário de outros, como o mito e o sonho. Ele explora a natureza fluida e dinâmica do texto, revelando como ele se renova e se reconfigura a cada leitura. Nesse processo de regeneração orgânica, a estrutura do texto tende a esconder cada vez mais seus próprios elementos.

A interpretação, portanto, envolve desvendar essa trama e tecer um novo tecido com os fios extraídos de outros contextos. Segundo Judith Butler:

A situação de fala não é, portanto, um simples tipo de contexto, algo que pode ser facilmente definido por limites espaciais e temporais. Ser ferido pelo discurso é sofrer uma perda de contexto, ou seja, é não saber onde se está. De fato, é possível que a injúria de um ato de fala injurioso seja constituída pelo caráter *imprevisível* desse tipo de ato, fato de deixar seu destinatário fora de controle. A capacidade de circunscrever a situação de ato de fala fica comprometida no momento do chamamento injurioso. Ser chamado de forma injuriosa não é apenas abrir-se a um futuro desconhecido mas desconhecer o tempo e o lugar da injúria, desorientar-se em relação à própria situação como efeito desse discurso. O que se revela no momento de tamanha ruptura é exatamente a instabilidade do nosso “lugar” na comunidade de falantes podemos ser “colocadas em nosso lugar” por esse discurso, mas esse lugar pode ser lugar nenhum. A “sobrevivência linguística” supõe que certo tipo de sobrevivência ocorre na linguagem. De fato, os estudos sobre o discurso de ódio constantemente se referem a isso. (Butler, 2021, p. 15-16 grifos da autora).

Butler aponta para a ligação intrínseca entre a linguagem e a perpetuação de formas opressivas de poder. Ela argumenta que o discurso de ódio é uma forma de fundamentalismo, no qual determinados grupos buscam impor suas visões de mundo e silenciar as vozes dissidentes, utilizando a linguagem como arma, esse discurso não apenas fere indivíduos especificamente, mas também ameaça a tessitura social e a coexistência pacífica.

Pessoas com os pensamentos mais cruéis passam a ocupar espaços públicos, legitimando o ódio gratuito, manifestado em discursos nas redes sociais. O conservadorismo unido ao fundamentalismo religioso cristão, trouxe à evidência o quão nocivo esse alinhamento entre lideranças religiosas e representantes políticos pode se tornar.

Nos escritos Lacanianos sobre a “teoria dos espelhos”¹⁶, ele relata que nossa identidade individual é erguida através do reflexo que encontramos em outras pessoas. Nossas relações refletem aspectos de nossa personalidade, que sustentamos tanto os que amamos quanto os que temos repulsa. Lacan diz que "nesse estágio, a identificação, específica das condutas sociais, baseia-se num sentimento do outro, que só pode ser desconhecido sem uma concepção correta de seu valor inteiramente *imaginário*" (Lacan, 2003, p.44). E confronta a maneira como observamos nosso corpo, e a imagem refletida dele no espelho, onde essa seria a forma que nos enxergamos tanto o corpo, quanto a personalidade nem sempre nos oferta imagem agradável, ou mesmo aceitável. “Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, é a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (Lacan, 1998).

Seria um dimorfismo exterior e interior, e o reflexo dessas imagens em nós, podem ser vistas nos outros e são tão desagradáveis quanto. Neste estágio da mente humana, a busca por uma unidade mental encontra sua validação de forma intuitiva na imagem refletida, vista como o ideal do duplo. O duplo, formado pela imagem refletida, revela a tendência inerente à formação do eu. Lacan descreve essa interferência da imagem como uma invasão narcisista, pois antes de afirmar uma identidade, é preciso que o eu se identifique com essa imagem que o molda neste momento original. Lacan ressalta que:

O eu guardará dessa origem a estrutura ambígua do espetáculo, que, evidenciada nas situações anteriormente descritas de despotismo, sedução e exibição, dá forma às pulsões sadomasoquista e escopofílica (desejo de ver e de ser visto), que são essencialmente destruidoras do outro (Lacan, 2003, p. 49).

É mais que comum projetarmos uma parte de nós nos outros. A proposta da teoria do espelho é uma mudança de perspectiva, que induz que em vez de nos protegermos do

¹⁶ Estádio do espelho é o instante mental onde a criança capta a percepção sobre sua unidade corpórea. Por meio de uma identificação com a imagem refletida no espelho e de outra pessoa, entende que ela também é unidade. Assim, cria mecanismos para compreender e avaliar que também possui imagem e identidade. Basicamente, se mostra como o momento onde a criança finalmente encontra e entende sua imagem no espelho. Inicialmente, aquilo se trata de um desconhecido, algo que é compreendido como o contrário posteriormente. Mesmo sendo tão pequena, ela percebe que o contato humano é quente e maleável, não frio e liso. Toda essa descoberta se dá por meio do imaginário da criança, onde intuitivamente ela compreende a situação onde está inserida. O protótipo desse trabalho começou em 1931 com Henri Wallon, psicólogo, batizando de “Prova do espelho”. Contudo, foi Lacan que aperfeiçoou o trabalho e deixou pilares importantes na teoria. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/estadio-do-espelho/> Acesso em 03 dez. 2023.

outro para impedir o mal, precisamos nos examinar por que estamos vivendo aquela circunstância com aquela pessoa e o que isso revela sobre nós mesmos. Como na maioria das vezes não conseguimos enxergar nossas próprias sombras, tal qual nossas virtudes. O outro age como um espelho, conjecturando quem somos e nos oportunizando nos encontrarmos. Lacan argumenta que a religião pode ser entendida como uma forma de compensação simbólica para o sentimento de falta, experimentado pelos indivíduos, onde os seres humanos estão fadados a se deparar com o vazio existencial e a incompletude de suas vidas.

2.6.1 Na vida em sociedade a liberdade será sempre fruto do respeito entre as pessoas

É importante ressaltar que a liberdade de expressão é um direito fundamental, mas deve ser exercida de forma responsável e respeitosa. Seguindo o pensamento lacaniano, podemos dizer que o discurso de ódio pode ser entendido como uma tentativa de evitar o confronto com a própria falta, projetando-a no outro. Ao invés de procurar compreender e aceitar as diferenças, o discurso de ódio busca aniquilar qualquer coisa que ameace o próprio sentido de completude. Se palavras passam para o plano concreto, ou seja, tornam-se palavras ditas, textos, discursos proferidos independente do canal de comunicação, seu comunicador passa a ser responsável, no caso de danos por ele causado, e se essas palavras ferem a dignidade humana¹⁷, são discursos nocivos, que vão de encontro a direitos fundamentais, e portanto, instituições de controle precisam ser acionadas. Porém, quando esses discursos são proferidos em redes sociais online, seu poder de alcance e seu efeito danoso, além de todo mal supracitado, o prejuízo social extremamente potencializado.

Seguindo o pensamento de Hanna Arendt¹⁸, a alienação a certos temas, ou seja, a falta de criticidade, ignora um posicionamento assertivo e ético. Banalizamos a violência,

¹⁷ A dignidade da pessoa humana é a qualidade intrínseca e distintiva reconhecida em cada ser humano que o faz merecedor do mesmo respeito e consideração por parte do Estado e da comunidade, implicando, neste sentido, um complexo de direitos e deveres fundamentais que assegurem a pessoa tanto contra todo e qualquer ato de cunho degradante e desumano, como venham a lhe garantir as condições existenciais mínimas para uma vida saudável, além de propiciar e promover sua participação ativa e corresponsável nos destinos da própria existência e da vida em comunhão com os demais seres humanos, mediante o devido respeito aos demais seres que integram a rede da vida (Sarlet, 2011, p. 73).

¹⁸ Hannah Arendt nasceu em 14 de outubro de 1906 em Hannover, na Alemanha. Filha de pais judeus não praticantes, Hannah começou a ter mais contato com a cultura judaica durante a adolescência, quando os

a morte, o mal, o desrespeito, tudo aquilo que é antiético, isso sem qualquer senso crítico, apenas seguindo a manada como se fôssemos gados. Traduzindo, essa falta de empatia e pensamento é a verdadeira banalidade do mal. A superficialização comportamental da sociedade moderna, é percebida erroneamente como uma busca incessante pela eficiência e pragmatismo, mas que por trás disso estão vazios em pensamentos.

Vivemos em uma época marcada por movimentos que propagam ódio e intolerância contra grupos religiosos e étnicos. Esses grupos atuam em nome de uma suposta ideia de nação, colocando em risco as instituições democráticas. É nesse tempo de propagação de notícias falsas (*fake news*) e corrupção que percebemos uma terrível normalização de atitudes antiéticas, justificadas em nome de uma hipotética harmonia e segurança institucional. Porém, essa aceitação passiva de comportamentos prejudiciais à democracia, aos princípios democráticos e aos valores de cada indivíduo, torna-se campo fértil para o surgimento de movimentos antidemocráticos e totalitários.

A família conservadora e os fundamentalistas religiosos cristãos têm sido frequentemente associados ao discurso de ódio nas redes sociais. Esses grupos mantêm valores tradicionais quanto à família, gênero e sexualidade, o que muitas vezes resulta em atitudes discriminatórias. O discurso de ódio direcionado contra pessoas com orientação sexual não heteronormativa, por exemplo, é um exemplo comum desse fenômeno, que repele a pluralidade. Há um sentimento de classe social que toma determinados grupos, rechaçando qualquer interferência em sua dinâmica.

movimentos antisemitas começaram a se fortalecer no país. Ao longo de sua educação, a jovem sempre foi inteligente e ligada a questões e discussões políticas, o que apenas se solidificou nos trabalhos futuros. Arendt estudou nas Universidades de Freiburg e Marburg. Na última, conheceu o professor Martin Heidegger, que lhe deu aulas e orientou suas pesquisas. Eles tiveram alguns desencontros de pensamento, em especial pois o professor era apoiador do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, o partido nazista, mas, apesar disso, a filósofa reconhecia e admirava intelectualmente o orientador. Quando estava trabalhando em sua tese de doutorado em filosofia, Hannah ingressou na Universidade de Heidelberg, onde foi orientada por Karl Jaspers, que veio a tornar-se um importante amigo e mentor. Em 1933, Hannah Arendt se viu obrigada a fugir do país, por decorrência da Segunda Guerra Mundial, e foi morar em Paris. Em 1939, ela chegou a ser enviada a um campo de concentração pelos franceses, já que era alemã e, portanto, inimiga, mas conseguiu fugir a tempo. Eventualmente, em 1941, Hannah conseguiu fugir para os Estados Unidos, onde fez carreira na New School for Social Research de Nova York e viveu até sua morte, em 1975, aos 69 anos. Em um dado momento, por decorrência do antissemitismo vigente na Alemanha naquele período, a filósofa perdeu sua cidadania alemã, sendo considerada apátrida por anos até conquistar a cidadania estadunidense em 1951. Esta condição de “apátrida” influenciou fortemente sua forma de ver o mundo e, conseqüentemente, se reflete em seus trabalhos. Dentre as suas principais concepções, uma das mais importantes é a ideia da banalidade do mal. Seguindo os passos de Immanuel Kant, Hannah Arendt se ocupou de conceituar o mal e analisar as suas diversas facetas. A definição do mal radical, dada por Kant, seria aquele que está enraizado em quem o pratica, estando, então, intrínseco ao indivíduo mal. Disponível em: <https://filosofia.arco.org.br/arendt/> Acesso em: 30 jun. 2023.

Na concepção de Bourdieu, ter valores, linguagem, comportamentos semelhantes em tomadas de decisão configuram uma classe social¹⁹, sendo assim, lideranças religiosas e políticas podem ocupar papéis de maestros ou maestrinas conduzindo discursos de ódio nas redes sociais, fato que atualmente tornou-se muito comum. Para Bourdieu:

[...] todas as estratégias simbólicas por meio das quais os agente procuram impor a sua visão das divisões do mundo social e da sua posição nesse mundo podem situar entre dois extremos: o insulto, *idios logos* pela qual um simples particular tenta impor o seu ponto de vista correndo o risco da reciprocidade; a nomeação oficial, ato de imposição simbólica que tem ao seu favor toda a força do coletivo, do consenso, do senso comum, porque ela é operada por um mandatário do Estado, detentor do monopólio da violência simbólica legítima. (Bourdieu, 1989, p.145)

Não é via de regra que todas as famílias conservadoras ou fundamentalistas religiosas adotam o discurso de ódio. Existem muitos indivíduos que, mesmo mantendo crenças tradicionais, conseguem conciliar seus valores com o respeito ao próximo. É fundamental separar os indivíduos que propagam o discurso de ódio, daqueles que exercem sua liberdade de expressão de forma saudável e responsável.

[...] se a religião cumpre funções sociais, tornando-se passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhe são socialmente inerentes (Bourdieu, 1974, p. 48- 49).

O que ocorre hoje em dia, como guerras, homofobia, xenofobia, despotismos, racismo, polarizações e corrupção, pode ser uma forma de banalização do mal, como denominava Hanna Arendt. Quando omitimos o sofrimento de diferentes grupos humanos estamos contribuindo para a banalização do mal e isso não fica restrito apenas às redes sociais, ou seja, ao ciberespaço.

2.6.2 O ódio e o mal estão aqui, ali e ao lado: o pecado cidadão, cristão e conservador

Nos últimos anos vimos um aumento absurdo dos casos de violência nas redes sociais, e que são refletidos nas ruas, famílias, nos mais variados e impensados espaços,

¹⁹ Com base no conhecimento do espaço das posições, podemos recortar classes no sentido lógico do termo, quer dizer, conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes. (Bourdieu, 1989, p.136)

e muitos desses casos são incitados por questões de dogmas religiosos, e insuflados por padres, pastores, políticos, líderes carismáticos que se valem do seu poder de influência para convocar um exército ideológico que combatam formas de vivência, conduta, comportamento que estejam em desacordo com suas concepções de normalidade. As mídias catalisam o alto nível de violência e intolerância que estamos vivendo, esse ódio é direcionado principalmente contra religiões de matriz africana, pessoas em situação de vulnerabilidade econômica, pessoas LGBTQIA+, mulheres, pessoas negras, estrangeiras, idosas, miseráveis, nordestinas e ciganas.

Com a pandemia da COVID-19 e o derramamento de notícias falsas, quando muitos indivíduos se deixaram levar por mesquinhas, exclusivismos, conformidades, ignorância ou crenças que consideram corretas, tudo isso contribui para a banalização. Não é apenas o mal que está sendo banalizado, mas tudo em geral. Essa banalização é aceita e promovida pelo consumismo, pelo desejo de facilidade e pelo apego a falsas verdades. É necessário analisar e questionar, mesmo que isso signifique desafiar crenças e enfrentar o medo de quebrar paradigmas. A banalização está se espalhando, resultando em tiranos que buscam hegemonia e tentam impor seus valores às outras castas. Ou pior, há multidões de indivíduos tirânicos que passivamente seguem líderes como se fossem rebanhos.

Hannah Arendt, que testemunhou grandes atrocidades da maldade humana, durante a segunda guerra mundial, ressaltou a importância do discernimento crítico por parte de indivíduos comuns. Para combater a maldade humana camuflada na religião, é essencial que os indivíduos cultivem um pensamento reflexivo, não aceitando cegamente as interpretações extremistas ou manipuladoras oferecidas por líderes religiosos. O cidadão comum deve estar disposto a discutir, avaliar e buscar um entendimento mais denso dos princípios e valores de sua própria fé, evitando cair nas armadilhas do radicalismo.

Arendt, ao examinar o comportamento de Eichmann²⁰, lança uma crítica abrangente não apenas a ele, mas também à humanidade em geral. Ela enxerga Eichmann

²⁰ Adolf Otto Eichmann (1906-1962): oficial do alto escalão na Alemanha Nazista e membro da SS (Schutzstaffel). Foi largamente responsável pela logística do extermínio de milhões de pessoas durante o Holocausto, em particular pelos judeus, na chamada Solução Final. Organizou a identificação e o transporte de pessoas para os diferentes campos de concentração, sendo por isso conhecido frequentemente como o executor chefe do Terceiro Reich.

como um "ninguém", uma pessoa medíocre que age de forma mecânica, sem questionar, sem refletir sobre suas ações e suas consequências. Ele se esconde por trás da desculpa da obediência ao dever, ignorando completamente seu próprio senso de ética, crítica e responsabilidade social. Segundo Arendt: “Os atos eram monstruosos, mas o agente - ao menos aquele que estava em julgamento - era bastante comum, banal e não demoníaco ou monstruoso” (Arendt, 2017, p.18).

Há uma necessidade de engajamento ativo na vida política. A religião, quando deixada exclusivamente nas mãos de líderes fundamentalistas radicais, pode se tornar um instrumento de controle e opressão. Portanto, é imprescindível promover um diálogo saudável e atuante como fiscalizador dos excessos, que utilizam a religião como justificativa.

A sociedade se encontra cada vez mais massificada, parece ter perdido sua capacidade de fazer julgamentos morais. Isso se deve ao fato de que muitos indivíduos simplesmente aceitam e cumprem ordens sem questionar. Essa falta de pensamento crítico pode ser interpretada como a banalidade do mal, como bem explora a filósofa Hannah Arendt. No entanto, é importante ressaltar que esse conceito não implica, necessariamente, em um desejo intencional ou premeditado de praticar o mal. Ele está mais relacionado ao estado de mediocridade resultante da ausência de reflexão.

Essa ausência de reflexão e pensamento crítico, exposta em todos os meios de comunicação, sobretudo nas redes sociais, nos ciberespaços, reforça a ideia de transformação do “idiota da aldeia” a “portador da verdade”, aqueles e aquelas que se acham no direito de falar o que querem nas páginas da Internet. É uma fala sobre o “ruído”, mas que também não deixa de ter um sentido literal, quanto ao adjetivo lançado. Umberto Eco declara que:

O problema da Internet é que produz muito ruído, pois há muita gente a falar ao mesmo tempo. Faz-me lembrar quando na ópera italiana é necessário imitar o ruído da multidão e o que todos pronunciam é a palavra rabarbaro. Porque imita esse som quando todos repetem rabarbaro rabarbaro rabarbaro, e o ruído crescente da informação faz correr o risco de se fazer rabarbaro sobre os acontecimentos no mundo. Haver muito ruído é o outro grande problema da informação contemporânea e esse é um dos temas do meu romance: cada uma das personagens não era problema, mas todos juntos faziam demasiado barulho. Portanto, deve-se evitar muito ruído informativo. (Eco, 2015).²¹

²¹ Na cerimônia em que foi agraciado com o título de doutor honoris causa em Comunicação e Cultura na Universidade de Turim (Itália) em junho de 2015, o renomado escritor e filósofo italiano Umberto Eco fez uma afirmação que, à época, parecia um exagero. Ele destacou que as redes sociais deram voz a uma "legião

Assim como a doença apresenta efeitos diferentes em diversos grupos sociais, como por exemplo, taxas de mortalidade variadas, os efeitos psicológicos também variam conforme diferentes variáveis individuais e de grupo. Fatores como acesso a serviços de saúde, condições para isolamento social adequado, influência da mídia e entretenimento, entre outros, colocaram certos grupos e indivíduos em situações mais precárias para lidar com a pandemia. É essencial considerar a noção de vulnerabilidade nesse contexto, uma vez que as desigualdades e violações de direitos já existiam antes da pandemia foram amplificadas pelas condições de caos na saúde pública e isolamento social precário. Minorias sexuais LGBTQIA+, e outros grupos em situação de vulnerabilidade, enfrentaram desafios ainda maiores nesse cenário.

Os argumentos que devemos considerar ao discutir sobre a vulnerabilidade do grupo LGBTQIA+ durante a pandemia e o isolamento social vão além da questão da saúde. O preconceito no acesso aos serviços de saúde, a falta de apoio social e familiar e a alta incidência de transtornos mentais são fatores que devem ser levados em conta. Além disso, a discriminação e a violência sofridos por esse grupo aumentaram o afastamento deles dos serviços de saúde e proteção.

A Internet facilitou imensamente a comunicação no mundo, e isso é inegável. Durante o período de *lockdown* ela foi crucial para diminuir o distanciamento físico entre as pessoas, o que também serviu para amenizar as dores de muitas, que naquele momento encontravam-se sozinhas, confinadas em seus lares. As evidências foram claras: a pandemia da COVID-19 também agravou a situação já delicada de jovens LGBTQIA+ ao redor do mundo. O uso de drogas, os conflitos familiares, as discriminações e as violências vivenciadas aumentaram exponencialmente. Foi também pela Internet que percebemos a urgência para que haja um aumento significativo nos investimentos para combater o preconceito contra as minorias sexuais e de gênero, bem como, melhorias nos sistemas de saúde e serviços sociais.

de imbecis" que, antes, eram silenciados após um bate-papo em um bar, após algumas taças de vinho, sem causar danos à coletividade. No entanto, Eco estava correto em sua observação. Atualmente, a polarização dominou o debate público, resultando em extremos ideológicos cada vez mais distantes e uma "terra de ninguém" onde os moderados são atacados por ambos os lados. Eco anteviu, com precisão, o potencial negativo da Internet ao dar voz a indivíduos que propagam discursos extremistas e desinformação, sem que haja um contraponto racional e sensato. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/macaco-eletrico/desculpe-umberto-eco/> Acesso em: 04 jan. 2024.

Líderes religiosos viram na Internet uma ferramenta mais que eficiente para alcançar seus membros e emitirem palavras de fé, amor, esperança e conforto no momento tão delicado que passou todo planeta. Mas, houve também aqueles líderes religiosos que firmaram seus discursos homofóbicos, racistas e discriminatórios, e, vergonhosamente, conseguiram inúmeros seguidores e seguidoras.

Ficou evidente que o período de isolamento trouxe vários problemas de saúde pública que não se limitou aos efeitos do vírus, mas também a um adoecimento mental e moral. E na realidade do nosso país percebemos que esse foi um período que o discurso de ódio, arraigado de todos os tipos de preconceitos, gerou todo tipo de discriminações negativas, tais como: racismo, sexismo e homofobia, que ocuparam os mais variados espaços. Sendo legitimados não só por grupos religiosos ditos conservadores, mas pelo então líder do poder executivo e pela bancada da Bíblia.

Combater o discurso de ódio nas redes sociais é um desafio complexo. Além disso, é preciso que as plataformas digitais implementem medidas eficazes para restringir e denunciar conteúdos que incitem o ódio e a violência. Essas perseguições às minorias, por parte de religiosos fundamentalistas cristãos, acentuaram a polarização já existente. Lideranças religiosas progressistas tomaram para si o chamamento de uma postura realmente cristã e se colocaram e se colocam na luta para combater as mais diversas atrocidades, contra o discurso de “proteção à família e aos bons costumes”.

Essas posturas discriminatórias, racistas, sexistas, misóginas, xenofóbicas, resultam em perseguições físicas e psicológicas. O discurso do padrão perfeito, da sexualidade perfeita, do gênero superior, da cor valorada, da mulher submissa, do vitimismo referido às pessoas que se sentem (e são) perseguidas, diminuídas e mutiladas, só aumentou o número de violências sofridas pelas ditas minorias, que de menor só percebemos o acesso aos direitos. Essa violência ficou bastante evidenciada nos números do Relatório de Recomendações para o Enfrentamento ao Discurso de ódio e ao Extremismo no Brasil, lançado no ano de 2023, no qual se evidencia o aumento da violência dentro dos lares, principalmente no período do isolamento social. O que desencadeou não só a violência física, mas também um crescimento da violência psicológica, e, conseqüentemente, o aumento do adoecimento mental, como nos casos de ansiedade e depressão. Segundo o Relatório:

A recorrência e a progressão desses usos coletivos de linguagem e práticas têm como efeito a crueldade, humilhação ou desrespeito de quem são as vítimas desses discursos. [...] O discurso de ódio opera pelas tecnologias de ódio, que além de simbólicas e amplificadas em ambientes tóxicos virtuais, configuram fisicamente atos e práticas, causando efeitos de violência e violação por meio de determinadas instrumentalizações. [...] o discurso de ódio ganha sua dimensão de estratégia de poder, servindo para pôr em marcha projetos de controle e hegemonia políticos, com efeitos de abjeção, julgamento discriminação, apartação ou, brutalmente, de extermínio. As tecnologias do ódio operam com força pelas mídias digitais, ligando o ódio à desinformação, a intencionalidade da criação de notícias fraudulentas e enganosas (popularmente denominadas de *fake news*) para obtenção de vantagens econômicas e políticas, podendo ser constatada uma instrumentalização específica do ódio como modelo de negócio e monetização. Operadas a nível transnacional, essas tecnologias do ódio configuram, nos dias atuais, a existência de uma mídiassfera extremista que atua sob a forma de guerra ativa. A criação de mensagens de ódio segmentadas para a população, de forma sistemática e constante, intenciona mobilizar certos medos e ressentimentos, assentando-se na própria ação orgânica dos seguidores para fomentar as comunidades de ódio. (Brasil, 2023, p. 24-25)

No próximo capítulo vamos trazer a dinâmica, o enfrentamento e o apoio aos grupos LGBTQIA+, por parte não só dos coletivos, mas também pelas igrejas que tomaram uma postura a partir das teologias da libertação e das Teologias *Queer*. Um apoio que visa amenizar o massacre proporcionado pelo “cidadão de bem” que distorce o sentido real do Cristianismo, que tem como premissa básica amar como mandamento.

3. PERMISSÃO PARA SERMOS QUEM SOMOS

Ninguém, absolutamente ninguém, deveria ser submetido à ridicularização ou censura por ser quem se é, principalmente, a questões que fogem da nossa própria vontade, como orientação sexual, credo religioso, etnia, gênero ou qualquer particularidade ou especificidade em nós, que não fira o outro direta ou indiretamente. Nada disso deveria ser afronta a ninguém. O problema é sim de intolerância, que pode estar ligado à incompletude da pessoa intolerante. Concordamos com o pensamento de Eric Fromm (1965), quando ele diz que aprendeu “que não podemos compreender as pessoas pelas suas ideias e ideologias, que só podemos compreender ideias e ideologias compreendendo as pessoas que as criaram e nelas acreditam” (Fromm, 1965, p. 7). Ou seja, compreender o contexto social em que cada pessoa está inserida, e, embora isso não deva ser de forma alguma ignorado, o cenário atual pede urgência de postura.

Se habitamos este mundo diverso, e diversos deuses ou deusas nos fizeram, somos perfeitos em nossas singularidades. O melhor que poderíamos fazer a nós mesmos, ao próximo e ao mundo, é viver respeitosamente. Se nós criamos as regras de convivência, cremos que nós mesmos podemos recriá-las, desta vez não mais pautadas em convicções dogmáticas, mas sim, no amor “ao próximo e a nós mesmos” e no respeito.

3.1 Cristianismo com aceção de pessoas? Como, se o amor de Cristo nos uniu?

Com aquela imaginação ampla e prodigiosa que quase nos enche de espanto, ele tomou o mundo inteiro daqueles que não sabiam expressar-se – o mundo sem voz da dor – como seu reino e tornou-se o seu porta-voz eterno. Escolheu como irmãos aqueles de quem já falei: os que permanecem mudos sob a opressão, aqueles cujo “silêncio é ouvido apenas por Deus”. Procurou tornar-se os olhos dos cegos, os ouvidos dos surdos, o grito na boca daqueles cujas línguas haviam sido tolhidas.
(Wilde, Oscar. *De Profundis*, 1905, p. 58).

É partindo da doutrina cristã que baseamos nossos escritos, e é por parte de Cristo que falamos de amor, já que esse foi seu maior legado, e também nele deveriam ser inspiradas as cristãs. O termo "cristã" é comumente empregado para fazer referência às pessoas que seguem as doutrinas e os ensinamentos deixados por Jesus Cristo, segundo registros bíblicos, especialmente nos evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e João, e no

livro dos Atos dos Apóstolos. Foi na cidade de Antioquia²² que pela primeira vez seguidores de Jesus foram chamados de "cristãos". Embora inicialmente usado de forma pejorativa, esse nome se popularizou e se tornou a designação "oficial" para quem segue a Jesus. Ser cristão significa ser discípulo ou imitador de Jesus Cristo.

A crença central dos cristãos e das cristãs é a existência de um único Deus, ao qual eles se referem como Pai, conforme ensinado por Jesus Cristo. Os seguidores e as seguidoras da doutrina cristã reconhecem Jesus como o filho de Deus e acreditam que Deus, Jesus e o Espírito Santo formam a Santíssima Trindade²³. E em nome dessa divindade levantou-se um pelotão de “cristãos e cristãs” com a pretensa função de proteger a imagem e os “ensinamentos” de Cristo.

É de causar espécie que Deus precise de defesa; e mais estranheza ainda que a forma como muitas pessoas assumam essa defesa, com demasiada agressividade e bastante efusão em sua demonstração religiosa; como se isso alegrasse a Jesus Cristo, cujo testemunho escrito demonstrou atos de inclusão, acolhimento, parcimônia e amor. Mas, para quem assume o discurso de ódio, o ato de dominar antecede a afeição, a empatia e a alteridade. Segundo Oscar Cesarotto:

A pulsão de domínio costuma ser resultante totalitária da pouca paciência dos muitos em relação aos poucos. Por isso, a discórdia precede à harmonia. A violência, parteira da história, deveria dar lugar à convivência, babá dos direitos humanos. Fazendo coincidir a ontogênese com a sociogênese, indivíduos, grupos & etnias, enfrentados pelas diferenças & brigando por idênticos bens, seria de se esperar a possibilidade de viverem como irmãos. No entanto, desde os tempos bíblicos, sabe-se que o complexo fraterno comporta rivalidades mortais. A sublimação só é viável desde que existam ideais

²² A cidade Antakya da atualidade é a antiga e mística Antioquia, ergue-se majestosamente no sul da Turquia, abraçando sua fronteira com a Síria. Como uma joia bíblica, essa cidade venerável é reverenciada pelos fiéis por ter sido o berço sagrado dos primeiros seguidores do Cristianismo, carregando consigo mais de 2.300 anos de história.

²³ A Santíssima Trindade é um mistério de um só Deus em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Pai que é Deus, que é Amor: somente o Pai que ama respeita a liberdade de seu filho. Filho que é Jesus Cristo: é o Deus visível que se fez homem, nascendo da Virgem Maria para cumprir a vontade de Deus de libertar os homens do pecado. Jesus é Deus e as principais provas são: a) O próprio Jesus diz-se Deus (Jo. 10, 30 / 14, 7 e Lc. 22, 67-70); b) Os milagres eram feitos pelo próprio Jesus, e não por meio de Jesus. Espírito Santo que é o Amor do Pai e do Filho que nos é comunicado e transmitido. Segundo o CREDO, Jesus foi concebido pelo Poder do Espírito Santo, nascido da Virgem Maria. Maria foi então convidada a conceber Jesus e a concepção de Jesus foi obra do poder do Divino Espírito Santo: "O Espírito virá sobre Ti..." A missão do Espírito Santo está sempre conjugada e ordenada à do Filho, ou seja, toda a vida de Jesus manifesta a vontade do Pai que por sua vez é manifestada pelo Espírito Santo. Um fato dos Evangelhos é que os Apóstolos estavam com muito medo após a morte de Jesus. Foi à descida do Espírito Santo sobre eles que os transformou radicalmente e deu coragem para que saíssem anunciando o Evangelho. O mesmo Espírito Santo que deu forças aos apóstolos e mártires é recebido no sacramento da Crisma, e aí está a importância deste sacramento no fortalecimento da Fé e na profissão do Cristianismo de cada um. <https://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/santissima-trindade>. Acesso em: 12 ago 2023.

comuns, ainda que, na luta pelo reconhecimento, o prestígio de cada um dependa inversamente do outro. Por mais estranho que possa parecer, a alteridade é essencial para definir a própria identidade, dada a oposição complementar. [...]. Entretanto & até lá, quem não é como a gente, tampouco é gente (Cesarotto, 2014, p. 14-15).

Um mundo em dicotomia, é dessa forma que o mundo atual se apresenta, sim, dicotomia = divisão de duas partes. É a oposição entre duas coisas, tal como amor e ódio. A palavra tem origem grega. Origem de *dikhotomia* e seu sentido resulta da ligação de *dikha*, que significa “dividido em dois”, e *tomia*, que significa “parte cortada”. Falamos a propósito de como nos últimos anos posicionamentos radicais conservadores e fundamentalistas orquestraram um movimento de caça em prol da normatividade, que nada há de normal. Perseguições principalmente a grupos ditos minoritários, mas que na realidade são grupos marginalizados²⁴. Esses que estão às margens são submetidos à intolerância daqueles que, por se acharem em posição de poder, subjagam os demais.

A cordialidade não mais vista sem um certo interesse pragmático, deveria ser uma virtude que busca a harmonia nas relações humanas, pautada no respeito mútuo e na compaixão. No âmbito cristão a proposta de cordialidade ganha especial estima, pois é através da revelação do amor de Cristo que pessoas seguidoras dessa fé são chamadas a se relacionarem umas com as outras e com o mundo. Christian Dunker nos alerta para o caso de que, embora o discurso da cordialidade seja estimado no Cristianismo, há uma tensão entre os apelos à fraternidade e o surgimento de comunidades religiosas que levam o fundamentalismo ao extremo. Nesse sentido, a cordialidade cristã vem sendo substituída por uma atitude de intolerância, em que a pessoa diferente é condenada e excluída, tudo isso em prol de uma suposta pureza doutrinária. Vejamos o que Dunker entende por intolerância:

A intolerância, por sua vez, corresponde ao caminho contrário deste processo. Ele acusa que o escravo goza mais além do que é sentido como “permitido”, ou seja, mais além dos limites nos quais a mestria do mestre se exerce. Daí que seja impossível compreender a intolerância sem apelar para a ideia de limite, fronteira, litoral ou território. O intolerante é sempre um mestre invadido, perturbado pelo gozo do outro, que é sentido como não partilhável, não

²⁴ Marginalizado - mar.gi.na.li.za.do: merzinel'i'zadu. Adjetivo: 1. Que está ou que foi afastado da sociedade, de um grupo, de uma atividade, etc.; marginal. 2. Que foi ou é objeto de segregação; discriminado. 3. que está em desvantagem. Porto Editora – *marginalizado* no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora.

Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/marginalizado>. Acesso em 08 ago. 2023.

negociável, não incluível em sua própria disposição de gozo. (Dunker, 2014, p. 39)

É importante destacar que a intolerância não é uma característica exclusiva do fundamentalismo cristão, mas é um fenômeno presente em diferentes contextos religiosos e ideológicos. O que pesa é a hipocrisia, já que no caso do fundamentalismo cristão, tem-se ressaltado o contrassenso entre o princípio central do Cristianismo - o amor ao próximo - e a manifestação de um comportamento discriminatório e preconceituoso.

Muito já se disse sobre a famosa inversão projetiva ocorrente na dinâmica do intolerante, ou seja, o que não se tolera é sempre e necessariamente um fragmento de gozo inadmitido na própria fantasia do sujeito. O homofóbico é alguém em dificuldades com sua própria virilidade ou feminilidade. O racista é alguém que presume um a mais de gozo, que lhe teria sido furtado pelo elemento de outra raça. O xenófobo é alguém que não consegue lidar com sua própria irrelevância e impotência de origem. O machista é aquele que tem a escalada do poder feminino, diante do qual sente-se desprotegido. (Dunker, 2014, p. 39-40)

Neste sentido é necessário refletir sobre como recuperar o verdadeiro espírito da cordialidade cristã, reconhecendo a riqueza da diversidade humana e o respeito pelas escolhas individuais, reconhecendo a pluralidade de interpretações e experiências religiosas. Compreender que o Cristianismo é construído a partir de diferentes tradições e perspectivas, e que não é possível afirmar uma única verdade. “O verdadeiro problema representado pela intolerância é que ela exige tanto um esforço em termos de personalização do outro, de humanização, como diriam alguns; como um esforço de não humanização si mesmo[...]” (Dunker, 2014, p. 42). A cordialidade cristã se revela no reconhecimento da outra pessoa como igualmente amada por Deus, independentemente de suas crenças ou escolhas.

Uma possibilidade de recuperação da cordialidade cristã pode se fortalecer no diálogo com as sabedorias ancestrais dos povos originários de África, como, por exemplo, os povos *Bantu*, para os quais é fundamental a compreensão do princípio filosófico e teológico *Ubuntu*:

Uma pessoa se torna pessoa através dos outros. Ninguém vem ao mundo já completamente formado. Não saberíamos pensar ou andar ou falar ou comportar como seres humanos se não o tivéssemos aprendido dos outros seres humanos. Precisamos de outros seres humanos para nos tornarmos humanos. (TUTU, 2004, p.25).

Em 2013, durante um evento da ONU (Organização das Nações Unidas), na África do Sul, em defesa da diversidade sexual, Desmond Tutu, vencedor do Prêmio

Nobel da Paz em 1984, por sua atuação contra o apartheid, afirmou: “Eu não veneraria um Deus que fosse homofóbico e é assim que me sinto para falar sobre isso. Eu me recusaria a entrar em um paraíso homofóbico”.²⁵

3.2 Quem são as minorias?

Venham todos os meninos nascidos nas palhas
duma mãe camponesa de braços vergados aos molhos de espigas
e dum pai carpinteiro.
[...]
Venham todos os moços de braços inúteis
e todas as raparigas de olhos desiludidos
e todos os velhos que não tiveram mocidade.
Venham.
Vamos gritar que não!
[...]
(Dionísio, 1941, p.47)

Tomando como exemplo o Brasil, não podemos chamar pessoas pretas de minorias, pois numericamente não são, mas sofrem com o racismo; tampouco podemos chamar mulheres de grupos minoritários, mas elas sofrem com o machismo e sua violência, seja ela simbólica ou explícita. Os grupos LGBTQIA+ também não podem ser chamados de minorias, basta ter um olhar atento para observar o interior dos tantos armários. O que esses e outros grupos dados como minoritários tem em comum é a marginalização dos direitos básicos, promovidos por grupos que detém o poder e ditam as regras do jogo; grupos que são formados por homens brancos cisgêneros – não devemos chamá-los de heterossexuais (há armários que jamais serão transpostos). Guacira Louro diz que:

É verdade que o termo funcionou como uma espécie de expressão guarda-chuva que servia para acomodar todos desviantes da sexualidade “normal”: lésbicas, gays, travestis, bissexuais, transgêneros, drag-queens e kings etc. etc. Uma expressão que reunia o conjunto dos excluídos da posição sexual dominante, a heterossexualidade. É preciso reconhecer, contudo, que, no interior mesmo dos grupos chamados minoritários, se construam divisões, experimentavam-se fraturas. A política de identidade empreendida por esses grupos também acabava por fixar, de algum modo, uma identidade gay ou uma identidade lésbica. Construía-se uma representação do sujeito homossexual que era mais “legítima” do que outras. Faziam-se notar “diferenças” entre os já “diferentes”. (Louro, 2006).

²⁵ Desmond Tutu: “Prefiro o inferno ao paraíso homofóbicos”. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/mundo/desmond-tutu-prefiro-o-inferno-ao-paraíso-homofóbico-471/>. Acesso em 28 abr. 2024.

Além das características físicas, os detentores do poder, ou melhor, dos poderes, em sua maioria, fazem parte das classes econômicas mais elevadas, possuem famílias em modelo padronizado e respeitado socialmente, e principalmente estão ligados a religiões de grande influência social, que no caso do Brasil são as religiões cristãs que insistem em normatizar a vida e os corpos alheios, a partir de uma “verdade absoluta” criada por posicionamentos quase sempre ideológicos.

O problema é que esse tipo de postura, exclui a outra pessoa, como se não houvesse espaço para divergentes, como se o mundo fosse um maciço e homogêneo habitat que pudesse ser ameaçado pela diversidade de ideias, culturas, posturas, religiões e orientações sexuais. Esse pensamento hermético, conservador e excludente impede qualquer tipo de comunicação e relação harmoniosa com outrem. Impede qualquer evolução humana.

Perceber o mundo plural em toda sua complexidade e completude é um exercício diário a ser praticado. Compreender o enorme quebra-cabeças que é a humanidade, faz parte do processo civilizatório, com menos angústias e dores. “Andem de um modo digno da vocação com que foram chamados, com toda humildade e mansidão, com paciência, demonstrando tolerância uns com os outros em amor”. (Efésios 4.1,2)²⁶. Ao citar o texto bíblico deveríamos buscar passagens que nos oportunizem evoluir humanamente, principalmente no amor agregador intrínseco a uma postura cristã, já que é na divindade de Cristo que os religiosos dos quais tratamos, erguem suas pautas recheadas de dogmas e lotam seus templos. Segundo Elias:

[...] a Religião não é reflexo passivo, porque manifesta suas próprias condições de produção histórica: pode ser conservadora assim como pode impulsionar transformações.

A Religião influi no sentido atribuído à noção de mudança social e contribui para sua definição. Afinal, para que uma ordem nacional deixe de ser tradicionalista, é preciso que seus membros sejam produtores ativos de novas ideias. A prática religiosa intui essa perspectiva. A Religião enquanto dimensão constitutiva da sociedade, não deve ser como algo voltado somente

²⁶ Nesta carta, Paulo se dirigiu aos gentios que talvez fossem recém-convertidos e membros da Igreja. Seu objetivo era promover a espiritualidade e o testemunho daqueles que já eram parte da comunidade cristã. Embora em muitas traduções da Bíblia se leia que essa carta foi escrita aos "santos que estão em Éfeso", os manuscritos mais antigos de Efésios não continham essas palavras, sugerindo a possibilidade de que Paulo tenha escrito essa carta para diversas congregações de santos, incluindo os efésios. Éfeso foi um local importante para o trabalho missionário de Paulo durante sua terceira viagem, e ele nutria um grande carinho por aquele povo. No texto, Paulo incentiva os santos a aplicarem as verdadeiras doutrinas em sua vida cotidiana. Ele os exorta a abandonarem o velho eu e a se revestirem do novo homem, que é transformado por meio de Cristo. Além disso, ele dá conselhos específicos para mulheres casadas, maridos, filhos, pais, servos, senhores e para as congregações como um todo. Paulo encoraja os santos a se revestirem de toda a armadura de Deus.

para o indivíduo, porquanto envolve todo o grupo de referência. Realidade atuante, ela dissemina por toda sociedade seus temas e práticas sociais que marcam um jeito de negociar a difícil relação entre o eu/nós e o outro/eles em contextos que exigem posicionamento. (Elias, 2023, p.32).

Quando o ser humano deixa de se identificar com o mundo ao seu redor, surge uma primeira indicação de enfraquecimento²⁷. Esse fenômeno começou a ocorrer no final da era moderna, devido a várias transformações sociais que tornaram improvável a ideia de que exista uma única verdade universal para todas as pessoas. “O Ser é o horizonte dentro do qual os entes aparecem, mas que pode ser diferente deles” (Vattimo, 2008, p. 95). Compreender essa multiplicidade de verdades e tudo que as envolve, é tão importante quanto nos perceber parte desse mundo e o sentido espiritual e materializado de tudo isso.

Uma das principais preocupações de Vattimo é analisar a natureza do discurso e sua relação com a realidade. Para ele o discurso não é apenas um instrumento de descrição da realidade, mas também é essencial na criação da realidade. Por meio do discurso, moldamos e interpretamos a realidade de acordo com nossas perspectivas individuais e sociais. E é essencial para a compreensão e legitimidade da nossa pesquisa, perceber o que há por trás dos pontos estimulantes para determinadas atitudes, que contribuem para o tortuoso adoecimento da alma. Tomaremos como pontos norteadores seus estudos sobre o discurso, o signo do corpo, o jogo textual, o idealismo linguístico e o sexualismo.

Necessitamos assimilar que a linguagem é um elemento crucial para a nossa compreensão do mundo, mas devemos também reconhecer que ela é influenciada por fatores externos, como nossa cultura, história e experiências individuais. Portanto, é essencial adotar uma abordagem crítica ao analisar o uso da linguagem.

²⁷ Vattimo nos mostra que partindo de uma ontologia frágil é possível uma hermenêutica também fraca. Em outras palavras, ele destaca que, após a dissolução da metafísica, para evitar uma apropriação indevida, há a possibilidade de reinterpretar livremente a fraqueza do ser partindo dos paradoxos de Nietzsche e Heidegger. O acontecimento do ser revela a debilidade do próprio pensamento, que carece de estrutura lógica. O pensamento é, assim, uma herança da dialética conjugada com a diferença, o que dá origem à nova hermenêutica. De acordo com o filósofo italiano, tanto Nietzsche quanto Heidegger, este último em especial, apresentam aberturas para uma ontologia fraca na pós-modernidade. O *pensiero debole* surge em 1979 e passa a ser o título de um livro coletivo organizado por ele e Pier Aldo Rovatti, em 1983, que trata principalmente sobre "discursos Italianos sobre a crise da razão ainda do nostálgico demais da metafísica" (Vattimo, 2018, p. 102). O pensamento fraco é aquele que, situado no contexto histórico, reflete sobre todas as questões sem se fechar em uma única interpretação determinista. Ele é aberto às possibilidades, sujeito a questionamentos. A fraqueza do pensamento (*pensiero debole*) busca demonstrar a fragilidade do pensamento metafísico e abrir espaço para outras formas de pensamento não-metafísicos, como a arte e a retórica. Por essa razão, Vattimo argumenta que, para se distinguir da modernidade, a pós-modernidade deve adotar o pensamento fraco como sua característica distintiva. Ele não busca superar, mas sim sustentar todas as questões.

Nossa capacidade de nos comunicarmos e expressarmos nossas ideias depende do domínio da linguagem, mas também da nossa habilidade em reconhecer as nuances e limitações que ela possui. Ao reconhecer que a linguagem é uma construção social, podemos promover um diálogo construtivo que valoriza diferentes perspectivas e pontos de vista. Para Vattimo, o mundo pós-moderno é marcado pelo alastrar-se da interpretação, provocada pela difusão desses meios de comunicação de massa, que em seu entender são agências interpretativas não neutras (Vattimo, 2001, p. 26).

Vattimo critica o idealismo linguístico, que afirma que a linguagem determina o pensamento e a realidade. A linguagem não é um reflexo objetivo do mundo, mas sim um produto social e histórico. Ela influencia nosso pensamento, mas também é influenciada por ele, é um processo de negociação constante entre diferentes visões de mundo e pontos de vista. “Todo o meu pensamento e toda a minha vida são contra qualquer absoluto, contra qualquer pretensão de absoluto, que se traduzem em opressão política e opressão de consciência” (Vattimo, 2018, p. 166). Nessa mesma linha de raciocínio, Nogueira diz o seguinte:

Temos a ambição de demonstrar que a religião se constitui em uma espécie de linguagem segunda, linguagem da cultura, linguagem das narrativas sobre Deus e sobre o mundo do sagrado e do profano, através de estruturas próprias, da construção de símbolos que geram sentido de modo ilimitado. Pensar a religião como linguagem, como sistema de comunicação e de geração de sentido, é, em nossa opinião, uma forma complementar, ainda que fundamental, de conceber o fenômeno religioso (Nogueira, 2012, p.9).

O conceito de "signo do corpo" também é fundamental no pensamento de Vattimo. Ele argumenta que nosso corpo é um elemento crucial na construção do discurso e na produção de sentido. O corpo não é apenas um objeto físico, mas também um sinal que carrega significados sociais e culturais. É através do corpo que nos comunicamos e expressamos nossas identidades, desejos e experiências. E é nesse conceito, que percebemos uma necessidade dos grupos socialmente dominantes uma avidez por exercer poderes sobre os corpos e conseqüentemente os desejos. Isso ocorre principalmente através dos discursos, da linguagem e do idealismo político. A linguagem tem o poder de amoldar nosso pensamento, ao mesmo tempo em que é adaptado por ele.

O corpo adquire uma dimensão linguística e discursiva, revelando-se como uma forma de expressão, comunicação e também repressão. A relação com o poder, os desejos e a religião é destacada por Vattimo, quando destaca que a linguagem é característica da

experiência humana, e as palavras são protagonistas na construção da realidade social e individual. O corpo, como suporte físico da linguagem, é capaz de comunicar significados e sentidos, produzindo discursos através de gestos, posturas e movimentos, transcendendo sua condição material.

Vattimo enfatiza a *kenosis*²⁸ ao abordar o pensamento enfraquecido, destacando que as atitudes dentro do processo de emancipação devem se basear no contexto atual e na realidade concreta do ser histórico, e não em essências eternas. Ele busca desfazer o caráter transcendental que envolve o conceito de emancipação no contexto cristão. O pensamento enfraquecido é caracterizado pela falta de fundamentos, típica da metafísica em geral. No entanto, isso não significa que ele careça de fundamentos lógicos. O impacto desse tipo de mentalidade, baseado na historicidade da verdade ou no pensamento enfraquecido, é diverso, com destaque especial para suas relações com o poder. No modelo metafísico, a verdade serve apenas aos dominantes.

Ao eliminar a ideia de uma única verdade, o pensamento enfraquecido põe fim ao domínio, à violência e ao discurso totalizador e unificador, dando uma nova chance aos marginalizados e oprimidos. Dessa forma, o pensamento enfraquecido se torna o pensamento dos fracos e dos pobres, “enxergamos as coisas com os olhos de uma determinada classe social, para a qual uma ideologia não pode ser vista como sendo efetivamente a única possível, como verdade objetiva” (Vattimo, 2008, p. 99).

A interpretação que Jesus Cristo dá às profecias do Velho Testamento, aliás, a interpretação destas profecias que ele mesmo é, já revela o verdadeiro sentido que, ao final, é um só: o amor de Deus pelas suas criaturas. E este sentido ‘último’, porém, justamente pelo fato de ser a caritas, nunca é realmente o último, não tem a peremptoriedade do princípio metafísico para além do qual não se pode ir e diante do qual cessa qualquer pergunta. A infinitude inesgotável do curso do nihilismo talvez seja apenas motivada pelo fato de que o amor como sentido ‘último’ da revelação não tem qualquer ultimidade verdadeira; e, por outro lado, a razão pela qual a filosofia, ao fim da época da metafísica, descobre que não pode mais acreditar no fundamento, na causa primeira objetivamente dada diante dos olhos da mente, é que se deu conta (sendo educada para isso também, ou propriamente, pela tradição cristã) da violência implícita em toda ultimidade, em todo o princípio primeiro que silenciaria qualquer pergunta ulterior (Vattimo, 2017, p. 133-156).

²⁸ *Kénosis* é o tema de um dos mais antigos hinos cristológicos, inseridos por Paulo na Carta aos filipenses (Fl. 2, 5-11). Termo de origem grega que significa esvaziamento, aniquilamento, a *kénosis* é o modo escolhido por Deus para revelar-se ao mundo, para agir na história e realizar a salvação.

A concepção de emancipação como uma fragilização do ser metafísico, entendido como eterno, necessário, fundamento do conhecimento e uma norma ética universal. O pensamento enfraquecido de Vattimo teve início com o niilismo de Nietzsche, esclarecido pela diferença ontológica de Heidegger e culminou na luta de classes do marxismo. Todos esses elementos foram compilados pela doutrina da *kénosis*. Talvez seja essa diversidade que explique porque, apesar do esforço empreendido para estruturar as ideias, seu pensamento possui um caráter único e inovador. “O ser nada mais é que a transmissão das aberturas histórico-destinais que constituem, para cada humanidade histórica, a sua específica possibilidade de acesso ao mundo” (Vattimo, 1985, p. 184).

As normas e valores sociais encontram expressão no nosso corpo, guiando o que é considerado aceitável e aquilo que é alvo de questionamentos ou rejeição. A maneira como nos apresentamos e interagimos com os outros é influenciada pelas expectativas e requerimentos culturais que deixam suas impressões no corpo. Além disso, o corpo é atravessado pelos desejos, tanto individuais quanto coletivos. Os desejos são manifestações de necessidades e anseios que se expressam através do corpo, que também são influenciados por fatores culturais, sociais e históricos, revelando-se como produtos de uma construção social.

3.3 Corpos inadequados

O corpo é, em primeiro lugar, “o contrário de uma utopia”, lugar “absoluto”, “desapiedado”, com o qual a utopia da alma se confronta. Mas, finalmente, o corpo, “visível e invisível”, “penetrável e opaco”, é “o ator principal de toda utopia” e cala apenas diante do espelho, do cadáver ou do amor.²⁹
(Michel Foucault)

Para a religião o corpo é considerado um lugar sagrado, conectado a dimensões transcendentais e espirituais e que, através do discurso eclesial organiza e controla o corpo, instituindo normas e rituais que adaptam sua experiência e significado. Essa relação complexa pode nos ajudar a refletir sobre as construções sociais e culturais que atravessam nossa experiência corporal. Há uma necessidade dantesca das religiões de se

²⁹ A conferência “O corpo utópico”, de 1966, integra o livro *El cuerpo utópico. Las heterotopías*, cuja versão espanhola acaba de ser publicada (Ed. Nueva Vision). Esta versão está publicada no jornal argentino *Página/12*, 29-10-2010. A tradução é do Cepat. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/174-noticias-2010/587012-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault> Acesso em: 09 set. 2023.

definir a identidade corpórea, onde gênero, sexo e sexualidade andem alinhadas sem qualquer dúvida velada ou aparente.

O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse “dado” sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. A afirmação “é um menino” ou “é uma menina” inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete. (Louro, 2018, p.15)

Nesse mundo tão religioso e afável, precisamos falar sobre os “inadequados”, aos que não se encaixam nessa perfeição de mundo dicotômico, de encaixes perfeitos, onde nada que transgrida essa tão harmoniosa simbiose humana possa ser normalizada, ou conferida à divindade. Pensamos que definir, delimitar o sexo está atrelado às construções sociais e culturais, contextualizadas ao tempo histórico. Um caso bastante emblemático, sobre inadequação, foi citado por Foucault. É o caso de Herculine Barbin, uma pessoa hermafrodita, que viveu de 1838 a 1868, e que deixou como contributo histórico o seu diário. No preâmbulo, Foucault fez o seguinte relato:

Precisamos verdadeiramente de um verdadeiro sexo? Com uma constância que chega às raias da teimosia, as sociedades do ocidente moderno responderam afirmativamente a essa pergunta. Situavam obstinadamente essa questão do “verdadeiro sexo” numa ordem de coisas onde se podia imaginar que só contam a realidade dos corpos e a intensidade dos prazeres.

Contudo, por muito tempo, tais exigências não existiram. Prova disso é a história do estatuto que a medicina e a justiça concederam aos hermafroditas. Muitos séculos se passaram até que se postulasse que um hermafrodita deveria ter um único e verdadeiro sexo. Durante séculos, admitiu-se simplesmente que ele tivesse os dois. Monstruosidade que suscitava espanto e acarretava suplícios? Na realidade, as coisas foram bem mais complicadas. Temos, é verdade, vários testemunhos de condenações à morte, tanto na antiguidade quanto na Idade Média. Mas temos também jurisprudência de tipo totalmente diverso. Na Idade Média, as regras do direito – canônico e civil – eram bastante claras a esse respeito: eram chamados de hermafroditas aqueles em quem se justapunham, segundo proporções que podiam ser variáveis, os dois sexos. Nesse caso era papel do pai ou do padrinho (os que “nomeavam” a criança) fixar, no momento do batismo, o sexo que deveria ser mantido. Se fosse o caso, aconselhava-se escolher dentre os dois sexos o que parecesse dominar, o que tivesse “ maior vigor” ou “maior calor”. Mais tarde, entretanto, no início da idade adulta, quando chegasse o momento de se casar, o hermafrodita era livre para decidir se desejava ser sempre do sexo que se lhe havia atribuído, ou se preferia o outro. O único imperativo era que, uma vez escolhido seu sexo, ele não mais poderia trocar, e o que havia então declarado deveria ser mantido até o fim de sua vida, sob pena de ser considerado sodomita. (Foucault, 1982, p 1-2).

Em uma época em que as pessoas se dedicavam a descrever e relatar suas vidas de forma única, buscando objetificar, individualizar e subjugar-se, o principal motivo de trazer à tona essas vidas ingloriosas, em suas características singulares, jamais se cruzam com nenhuma outra história. É justamente por essa razão que seus rastros se tornam tão expostos, “é o diário, ou melhor, as memórias deixadas por um desses indivíduos a quem a medicina e a justiça do século XIX perguntavam obstinadamente qual era a verdadeira identidade sexual” (Foucault, 1982, p. 4-5). A confissão é um ato poderoso que ocorre em uma relação hierárquica, pois não se confessa sem a presença de outrem, que não é apenas uma pessoa interlocutora, mas a autoridade que exige a confissão, a julga, pune, perdoa, consola e reconcilia.

Nesse contexto, os médicos e os homens de lei desempenham o papel de parceiros virtuais, interrogando a hermafrodita para determinar sua verdadeira identidade sexual e seu estado civil legalmente. Além disso, a confissão é um ritual que autentica a verdade através dos obstáculos e resistências que foram superados para sua manifestação. Herculine escreve suas memórias quando sua nova "verdadeira" e "definitiva" identidade sexual já havia sido revelada, "é um ritual no qual a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação" (Foucault, 2014, p. 61). No entanto, em um mundo onde apenas um único sexo é aceito como verdadeiro, Herculine sempre enfrentou a incerteza em relação à sua própria identidade sexual. É diante desse obstáculo, e da decisão de tirar sua própria vida, que a validade de sua confissão é comprovada. Herculine inicia o relato de sua triste experiência de vida, escrevendo:

Tenho vinte e cinco anos, e, embora seja ainda jovem, começo a não duvidar do termo fatal de minha existência. Sofri muito, e sofri só! Só. **Abandonado** por todos! Não havia lugar para mim nesse mundo que me evitava e considerava maldito. Não havia um só ser humano que compartilhasse dessa imensa dor que se apoderou de mim no final da infância, idade em que tudo é belo porque toda perspectiva é nova e brilhante.

Esta idade não existiu para mim. Eu tinha, desde então, um distanciamento instintivo do mundo, como se houvesse já compreendido que viveria nele como um estrangeiro.

Alheio e sonhador, meu rosto parecia curvar-se sob o peso de obscuras melancolias. **Eu era fria, tímida**, e, de certa forma, insensível a todas aquelas alegrias barulhentas e ingênuas que fazem desabrochar um rosto de criança. Amava a solidão, companheira da infelicidade, e, quando sorriam amavelmente para mim, ficava feliz, como se estivesse recebendo uma graça inesperada. Como minha infância, grande parte de minha juventude, passei na deliciosa calma das casas religiosas. Casas verdadeiramente respeitadas, onde corações corretos e puros presidiram a minha educação. Vi de perto estes santuários abençoados por onde passaram tantas vidas brilhantes e invejáveis.

As modestas virtudes que vi brilhar não contribuíram em nada para me fazer compreender e amar a religião verdadeira, aquela da devoção e da abnegação. (Barbin, 1982, p. 13. **Grifo próprio**).

Percebamos a alternância entre os pronomes autointitulados, ora no masculino, ora no feminino, ora indefinido. O caso de Herculine Barbin, uma pessoa intersexo do século XIX, cuja vida foi marcada por um constante conflito entre sua identidade de gênero e as expectativas impostas por uma sociedade que busca enquadrar todos em categorias binárias. É um relato de dor, cruel e complexo de uma pessoa que viveu em uma sociedade marcada pelo preconceito e pela falta de compreensão. Ao chegar à puberdade, seus órgãos sexuais dúbios causaram conflitos para a sociedade e para si mesma, gerando para Herculine um estado de angústia constante. Mesmo passando por várias tentativas de intervenções médicas, nenhuma delas conseguiu aliviar sua dor física e emocional.

O peso da religião na vida de Barbin fez a sua experiência ainda mais dolorosa, desencadeando sentimento de culpa e vergonha. Em um contexto profundamente católico, a hermafrodita era vista como uma abominação e uma ameaça aos valores morais e religiosos da época. A religião, que deveria ter um caráter acolhedor, mas, muitas vezes, é usada como justificativa para a exclusão de indivíduos não conformes às normas sociais estabelecidas, o que só aprofunda o sofrimento dessas pessoas. E Barbin relata:

Então ele me disse: "Aqui você não deve ver em mim apenas o médico, mas também o confessor. E tenho necessidade de ver, tenho também de saber. O momento é grave, muito mais do que você imagina, talvez. Terei que prestar declarações precisas a seu respeito, primeiramente ao monsenhor, e em seguida à lei que sem dúvida me chamará como testemunha". Não vou entrar aqui nos detalhes minuciosos daquele exame. Direi apenas que depois dele a ciência inclinou-se convencida. Restava-lhe agora reparar um erro que escapava a todas as regras comuns. Para isso seria preciso levar a julgamento a retificação de meu estado civil. "Francamente", me disse o bom doutor, "sua madrinha foi muito feliz na escolha do nome Camille. Me dê a mão *senhorita*; em breve a chamaremos de outra forma, eu espero. Ao lhe deixar, vou me encontrar com o bispo. Não sei o que o monsenhor vai decidir, mas duvido que ele permita que você retorne a L Esse lado da sua vida está perdido pois que sua situação não seria tolerável. O que realmente me causa espanto, é que o meu confrade de L ..., sabendo o que você é, tenha se comprometido ao ponto de deixá-la ficar lá por tanto tempo. Quanto à senhora P ..., sua ingenuidade não se explica". Em seguida dirigiu algumas palavras de encorajamento à minha pobre mãe, cuja perplexidade chegara ao auge. "A senhora perdeu sua filha, é verdade", disse ele, "mas ganhou um filho que não esperava". (Barbin, 1982, p. 76).

A homofobia também exerceu um papel significativo na história de Barbin. Por desconhecer a noção de intersexualidade, a sociedade da época rotulava Barbin como lésbica, condenando assim sua orientação sexual. Esse estigma contribuiu para a solidão

e para a perda de perspectiva em relação ao futuro, levando-a a um estado de desespero crescente. Além disso, o Estado também desempenhou um papel negativo na vida de Herculine Barbin. A ausência de proteção legal e de políticas sociais efetivas deixou-a vulnerável à marginalização e ao abuso. A falta de direitos e de suporte governamental fez com que sua situação fosse ainda mais difícil, intensificando suas dores e contribuindo para a sensação de isolamento. E de volta ao seu diário, Herculine escreveu:

De vez em quando eu me perguntava se não estava sendo o joguete de um sonho impossível. Esse resultado inevitável que eu já tinha previsto, e até desejado, me amedrontava agora como um crime revoltante. Definitivamente eu o tinha provocado, e tive que fazê-lo, sem dúvida; mas quem sabe? Talvez eu estivesse agindo contrariamente ao meu dever. Será que essa brusca mudança que ia me colocar em evidência de um modo tão inesperado não ofenderia o pudor? Será que o mundo tão duro e tão cego em seus julgamentos consideraria esse movimento como um movimento de lealdade, ou será que o deturparia transformando-o num crime? Ah, mas infelizmente eu não pensei nessa possibilidade antes. Agora era tarde. Fui levada pelo impulso de um dever a ser cumprido. Eu não podia imaginar! No dia seguinte voltei ao bispado. O monsenhor me esperava. "Estive com o doutor", disse ele, "e já soube de tudo. Após uma longa reflexão, eis o que decidi: você voltará a L ... por alguns dias ainda, a fim de minimizar os rumores que possam surgir com a sua partida. Com isso dou a você um voto de confiança. Não abuse dele. Faça-se substituir o mais rápido possível e volte aqui para falar comigo. Depois encontraremos um meio de lhe dar um novo lugar na sociedade". (Barbin, 1982, p. 77).

Infelizmente, a vivência de Herculine Barbin chegou a um trágico desfecho com seu suicídio em 1868. Sua história é um triste reflexo das consequências do preconceito, da falta de informação e da negação dos direitos humanos para indivíduos intersexuais e LGBTQIA+. A história de Herculine Barbin nos lembra da importância de lutar contra a discriminação e de garantir o respeito e a dignidade de todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual. É fundamental que o Estado atue de forma a proteger e apoiar esses indivíduos, a partir da implementação de políticas inclusivas e fomentando o respeito pela diversidade. Eliminar a LGTBfobia e promover a igualdade de direitos são passos vitais para evitar que outras histórias de dor, como a de Herculine Barbin, se repitam.

3.3.1 Desejos sob vigilância

Desde o surgimento das sociedades há uma necessidade de controlar os corpos, os desejos, adentrar nos labirintos da alma e vasculhá-los para encontrar o que está escondido e expurgá-los. Não basta apenas obedecer às leis cristãs, os representantes

divinos, religiosos, santos na terra são chamados a observar, investigar, a fim de controlar os desejos. O indivíduo é convidado a dedicar-se a um intenso trabalho de vigilância e autovigilância, a fim de depurar o pecado de todas as formas possíveis. É trancafiar-se dentro de si, buscando fazer um exame interior:

Uma dupla evolução tende a fazer, da carne, a origem de todos os pecados e a deslocar o momento do ato em si para a inquietação do desejo, tão difícil de perceber e formular, pois que é um mal que atinge todo homem e sob as mais secretas formas: ‘Examinai, portanto, diligentemente, todas as faculdades de vossa alma, a memória, o entendimento, a vontade. Examinai, também, com exatidão todos os vossos sentidos.... Examinai, ainda, todos os vossos pensamentos, todas as vossas palavras e todas as vossas ações. Examinai, mesmo, até os vossos sonhos para saber se, acordados, não lhes teríeis dado o vosso consentimento... Enfim, não creiais que nessa matéria tão melindrosa e tão perigosa, exista qualquer coisa de pequeno e de leve’ (Foucault, 2014, p. 23).

Por volta do início do século XVII, quase não havia necessidade de tornar algo secreto, principalmente ao que se tinha como normal, a franqueza era uma característica marcante da sociedade. Os segredos não eram valorizados, as palavras eram ditas sem rodeios e as atitudes não eram disfarçadas. As regras de etiqueta eram mais flexíveis em relação à grosseria, obscenidade e decência, se comparadas com as do século XIX. Gestos diretos, palavras sem censura, contravenções evidentes e corpos expostos de forma natural, eram comuns. As crianças podiam circular livremente, sem provocar escândalos, entre a diversão dos adultos. No entanto, essa atmosfera de liberdade deu lugar à repressão da sexualidade na conservadora burguesia vitoriana. A luz foi substituída pela escuridão, e a expressão da sensualidade passou a ser atenciosamente controlada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. (Foucault, 2014, p. 9).

Para Foucault, o conceito de moral pode ser interpretado de duas maneiras distintas. De um lado, pode ser visto como um conjunto de regras e valores impostos aos indivíduos através de diferentes estruturas prescritivas. Por outro lado, também pode ser compreendido como o comportamento real dos indivíduos em relação a essas regras e valores. Apesar da tensão entre essas duas perspectivas, há uma semelhança na maneira como os indivíduos devem se comportar. Portanto, as práticas desempenham um papel crucial, pois destacam a importância de sujeito moral agir de forma autônoma, independentemente das instituições às quais está vinculado.

Foi no seio da família burguesa que surgiu a preocupação com a questão sexual, influenciada pela religião. Os pais ficaram apavorados com a possibilidade da masturbação e, por essa razão, decidiram vigiar a sexualidade de seus filhos. No entanto, essa vigilância acabou fortalecendo a sexualidade, pois trouxe à tona algo que estava escondido. Em público, os burgueses eram recatados e pudicos para preservar sua reputação, enquanto os desejos eram vividos intensamente na esfera privada. Dessa forma, a sexualidade permanecia confinada ao ambiente doméstico.

Essa temática sexual circulava em diversos discursos. São palavras que subjagam o outro. Discursos que controlam, que invisibilizam o outro. Era predominante nos diários íntimos, nas autobiografias, nas pregações religiosas, nas confissões dos fiéis, nos hospitais psiquiátricos, nas conferências médicas, nos processos penais, nas consultas clínicas, nas aulas dos professores e nos tratados científicos. Medicina, pedagogia, psicologia e justiça penal desenvolveram discursos sobre o sexo, discorrendo sobre suas perversões, desvios e diferentes formas de tratamento. Os métodos de coleta de informações tornaram-se mais sofisticados e a ciência aprimorou-se para analisar todas as facetas da sexualidade, inclusive as relações homoafetivas.

O Cristianismo sempre se incomodou com a sexualidade, intensificando gradativamente seu controle através da Igreja. Líderes eclesiásticos promoveram a disciplina do corpo, a regulamentação do prazer, a normatização do desejo e estimularam a exposição da intimidade sexual por meio dos procedimentos confessionais. Desde o início da sociedade burguesa, já havia uma relação complexa com a sexualidade, que era, ao mesmo tempo, intensa nos círculos privados e reprimida no espaço público. Diversas instituições, desde a religião até a ciência, buscavam controlar e disciplinar essa esfera tão íntima da vida humana. E sempre se combateu essa repressão sobre os corpos, gerando muitas relações de tensão, evidenciadas em larga escala na sociedade. A autora Marcela Althaus-Reid reforça:

Referimo-nos aqui ao corpo, mas não a qualquer corpo, porque queremos nos referir aos corpos apaixonados, notoriamente ausente da teologia. A teologia cristã tem sido e ainda é uma teologia do controle do amor por outros corpos, estamos cientes agora (particularmente sob os processos atuais de globalização) da medida em que a integridade sexual dos mais pobres está sendo minada política e teologicamente nos dias de hoje (Althaus-Reid, 2019, p. 158).

Em torno desse corpo desejável, há todo um processo de salvação e criação em curso. Uma trajetória de expansão das práticas cristãs para além do âmbito religioso, um complexo agenciamento das forças que influenciam o corpo. No entanto, parece que nosso entendimento das forças atuando sobre nós está cada vez mais limitado. Estamos à mercê dessas forças, incapazes de transformar nossos corpos de maneira eficaz. O corpo parece pertencer sempre ao outro, à vida cristã altamente regrada. Por isso, ao reconhecermos nossa limitação em identificar todas as forças que nos influenciam, a religião também deve ser vista como um espaço de divisão, fragmentação e multiplicação de sua rede e jogos de poder.

3.4 Uma história de protagonismo, luta, resistência e fé

Quando você me rotula, você me nega. (Søren Kierkegaard).

O século XX foi palco de grandes transformações da humanidade. Se, por um lado tivemos avanços impensáveis no campo da tecnologia, por outro lado retroagimos em alteridade, empatia e humanidade. Agora, diferente de outros tempos, tudo é registrado, tudo pode ser documentado e revisitado para evitar cair nos mesmos erros. Mas será mesmo que passamos a ter esse bom senso? Infelizmente não é que vemos. O século passado iniciou com a I grande guerra, logo em sua segunda década, e com poucos anos após, já começava outra guerra, que marcaria definitivamente a história pela capacidade de crueldade humana, não que muitas barbáries não tenham acontecido igual ou pior anteriormente, mas nenhuma outra garantiu tantos registros e testemunhos, eternizados nos anais da História. Todo mal ocorrido na II guerra mundial também serviu como marco para o início de pactos mundiais de convivência pacífica entre os povos, o que culminou com a promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos³⁰.

³⁰ Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948. Preâmbulo: Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo: considerando que o desprezo e o desrespeito pelos direitos humanos resultaram em atos bárbaros que ultrajaram a consciência da humanidade e que o advento de um mundo em que mulheres e homens gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor e da necessidade foi proclamado como a mais alta aspiração do ser humano comum; considerando ser essencial que os direitos humanos sejam protegidos pelo império da lei, para que o ser humano não seja compelido, como último recurso, à rebelião contra a tirania e a opressão; considerando ser essencial promover o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações; considerando que os povos das Nações Unidas reafirmaram na Carta, sua fé nos direitos fundamentais do ser humano, na dignidade e no valor da pessoa humana e na igualdade de direitos do homem e da mulher e que decidiram promover o progresso social e melhores condições de vida em uma liberdade mais ampla; considerando que os Países-Membros se comprometeram a promover,

A II Guerra Mundial teve um impacto significativo no movimento pelos direitos das pessoas homossexuais e na expressão de sua cultura. Esse movimento, que teve origem na Alemanha no século XIX, foi progressivamente reprimido devido à criminalização da homossexualidade em 1871, por meio do parágrafo 175 do código penal alemão. Com a ascensão do regime nazista nos anos 1930, houve uma intensificação da perseguição contra os homossexuais. Durante esse período, os homens homossexuais eram obrigados a usar o símbolo do triângulo rosa, enquanto as mulheres homossexuais eram identificadas com o triângulo negro, assim como os judeus e outras minorias que eram segregadas e obrigadas a usar símbolos em suas roupas.

FIGURA 1: Prisioneiros vestindo triângulos rosa em seus uniformes marcham vigiados por guardas nazistas no campo de concentração de Sachsenhausen, na Alemanha, em 19 de dezembro de 1938.



Fonte: holocaustlearning.

A política nazista teve efeitos devastadores para os homossexuais na Alemanha e nos países ocupados. Um silêncio forçado e temporizado ocultou os abusos e crimes feitos pelos nazistas, deixando os homossexuais encarcerados, prisioneiros em armários

em cooperação com as Nações Unidas, o respeito universal aos direitos e liberdades fundamentais do ser humano e a observância desses direitos e liberdades; considerando que uma compreensão comum desses direitos e liberdades é da mais alta importância para o pleno cumprimento desse compromisso. Agora portanto a Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade tendo sempre em mente esta Declaração, esforce-se, por meio do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Países-Membros quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> Acesso em 26 de outubro de 2023.

metafóricos. A homofobia regularizada pelo Estado evitou que eles testemunhassem e protestassem reparação por décadas.

Os nazistas, desde que chegaram ao poder em 1933, se esforçaram para eliminar qualquer forma de homossexualidade e dissidências de gênero da vida pública alemã. Espaços frequentados por homossexuais foram destruídos, fechados e banidos, assim como seus negócios e organizações. A homofobia era usada como pretexto para escândalos políticos e ridicularização social em toda a Europa do século XX. A Alemanha, no entanto, levou a repressão a um novo patamar. Homossexuais foram incluídos nos programas de eugenia e submetidos a tratamentos violentos nos campos de concentração. Himmler³¹, ideólogo da homofobia nazista, demonizava os homossexuais, caracterizando-os como degenerados e corruptos.

A Gestapo³² criou uma seção específica para lidar com a homossexualidade em 1934. A caçada às lésbicas também foi rigorosa, embora de uma maneira bastante peculiar. Os nazistas criam que podiam controlar ou reverter a lesbianidade, forçando as mulheres a aderirem às normas sociais arianas. O pânico resultante levou muitas lésbicas a adotarem comportamentos mais tradicionais, incluindo o casamento heterossexual.

O Stonewall, um bar localizado em Greenwich Village, Nova York, frequentado principalmente por pessoas gays, desempenhou um papel importante na história da luta

³¹ Heinrich Himmler, ideólogo da homofobia do Terceiro Reich, influiu os membros da SS e, posteriormente, toda a sociedade através de uma retórica violenta contrária aos homossexuais. Caracterizava-os como covardes, mentirosos, pervertidos e degenerados, corruptos morais e raciais do povo ariano. Em outubro de 1936, sob seu comando, o Escritório Central do Reich para o Combate à Homossexualidade e ao Aborto foi criado com o intuito de rastrear e controlar os suspeitos e condenados por homossexualidade a partir de dados obtidos dos seus respectivos parceiros sexuais. A máquina estatal voltou-se contra os homossexuais a partir de vários órgãos de repressão e vigilância, como a Kripo (polícia criminal) e a própria Gestapo (polícia secreta do estado), que logo se tornaria o símbolo da perseguição aos homossexuais. (Siqueira, 2022). A perseguição nazista aos homossexuais na Europa. In: Café História. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/a-perseguiçao-nazista-aos-homossexuais-na-europa/>. Acesso em 28 nov. 2023.

³² A Gestapo foi a polícia política do Estado Nazista. O nome Gestapo é uma abreviação de seu nome oficial em alemão, "Geheime Staatspolizei". A tradução direta em português seria "polícia secreta estatal". A Gestapo não foi a primeira polícia política da história alemã. A Alemanha, como muitos outros países da Europa, tem um longo histórico de policiamento político. Policiar a política é um tipo específico de trabalho policial pois sua meta é manter o status quo político. As forças da polícia política protegem um Estado ou governo contra subversão, sabotagem ou golpes. Para tal, elas utilizam a vigilância e a coleta de informações. Tais métodos ajudam na identificação de ameaças domésticas contra um governo. As forças policiais políticas são por vezes chamadas de "polícia secreta". Estados autoritários, como o era o regime nazista, frequentemente contam com elas para se manter e proteger seu poder. Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. "Gestapo: visão geral". Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/introduction-to-the-holocaust>. Acesso em 29 nov. 2023.

pelos direitos LGBTQIA+. Após a Segunda Guerra Mundial, o bar era alvo frequente de batidas policiais, que muitas vezes resultavam em prisões arbitrárias e na exposição pública e humilhação da orientação sexual das pessoas detidas. Foi em 28 de junho de 1969 que a clientela do bar finalmente se revoltou contra essa ação policial, desencadeando um conflito que durou três dias.

No ano seguinte, em comemoração à coragem e resistência demonstradas durante esse episódio, foi organizada em Nova York a primeira parada gay. Essa data ficou conhecida como o Dia do Orgulho Gay, simbolizando a valorização de si mesmo e o fim da vergonha em relação à identidade LGBTQIA+. Desde então, a Parada do Orgulho da Diversidade tem sido realizada anualmente em vários países ao redor do mundo, reunindo um número cada vez maior de participantes.

Cada país teve suas próprias nuances e peculiaridades em relação à história do movimento LGBTQIA+, mas o impacto global da Segunda Guerra Mundial e os eventos de Stonewall tiveram um papel fundamental para impulsionar o ativismo e a luta por igualdade de direitos para a comunidade LGBTQIA+ em todo o mundo.

A política de "Não pergunte, não conte"³³ era conhecida como a restrição da antiga política das forças armadas dos Estados Unidos em relação à identidade sexual de seus membros. Essa política proibia a descoberta ou revelação de homossexuais e bissexuais, ao mesmo tempo em que restringia a participação de pessoas abertamente homossexuais ou bissexuais no serviço militar. Tais restrições eram estabelecidas pela lei federal Pub.L. 103-160 (10 U.S.C. § 654). A menos que se aplicassem exceções contidas no 10 U.S.C. § 654 (b), esta política proibia qualquer pessoa que demonstrasse propensão ou intenção de praticar atos homossexuais de servir nas Forças Armadas dos Estados Unidos,

³³ Que originalmente significa "Don't ask, don't tell", trata-se de uma política banida dos EUA. O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, assinou nesta quarta-feira (22) lei que permite aos militares homossexuais assumirem sua orientação sexual dentro das Forças Armadas, banindo a chamada "Dont Ask, Dont Tell" ("não pergunte, não conte"), criada em 1993 pelo então presidente Bill Clinton. "Estou muito feliz. Este é um dia muito feliz. Eu quero agradecer a todos vocês, especialmente às pessoas neste palco. Cada um de vocês trabalhou tão duro nisto", disse Obama, ao derrubar a legislação que vigorava há 17 anos no país. "Não somos um país que diz não pergunte, não conte. Somos uma nação que diz dentre tantos, somos um", acrescentou o mandatário, durante cerimônia realizada na sede do Departamento do Interior, em Washington. Cátedra UNICAP de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara: Política "Don't ask, don't tell" banida dos EUA.

<https://www1.unicap.br/catedradomhelder/?p=494> Acesso em: 29 nov. 2023.

baseando-se no argumento de que tal situação poderia criar um risco inaceitável para os altos padrões de moral, ordem, disciplina e coesão das unidades militares.

"Não pergunte, não conte". Essa era uma das políticas que o Exército dos Estados Unidos inventou. Vamos proibir os membros gays e bissexuais de serem eles mesmos e ainda restringir qualquer menção sobre suas vidas pessoais... só para garantir que nossas unidades militares continuem no auge da moralidade e da disciplina. A lei proibia qualquer indivíduo homossexual ou bissexual de revelar sua orientação sexual ou falar sobre relacionamentos do mesmo sexo, incluindo casamentos ou aspectos familiares, enquanto estivesse no serviço militar. E não pense que a parte de "não pergunte" significa que eles não podiam investigar a orientação sexual de alguém. Se alguém suspeitasse que um soldado estava tendo comportamentos homossexuais, podiam iniciar uma investigação. Só não poderiam começar sem motivo.

As altas patentes não deveriam iniciar investigações sobre a orientação sexual de um membro, a não ser que houvesse evidências críveis e articuláveis de conduta homossexual inadequada. A transgressão desse aspecto, por meio de perseguições e assédio a militares suspeitos, levou à formulação da atual política de "Não pergunte, não diga, não insista, não importune". Na época de sua aprovação, a política era considerada um avanço, mas ao longo dos anos 2000, ela passou a ser vista como um obstáculo para a ampliação dos direitos dos homossexuais nos Estados Unidos, estimulando a discriminação e o preconceito.

Essa lei foi revogada. Em dezembro de 2010, o presidente Barack Obama fez diversos esforços para revogar essa política discriminatória.

No Brasil, não foi diferente. Sentiu-se todo movimento de ruptura com posturas conservadoras e homofóbicas e na luta pelos direitos civis e políticos. O movimento LGBTQIA+ no Brasil cresceu e se organizou de forma impressionante na década de 1980. Um exemplo claro dessa mobilização foi a realização de quatro encontros nacionais de grupos homossexuais entre 1984 e 1991. Esses encontros foram marcados por objetivos ousados e corajosos, como a luta pela legalização do casamento gay, a busca por um tratamento positivo da homossexualidade, a denúncia da violência contra essa comunidade e a preocupação com a discriminação religiosa.

Despontando com grande liderança e determinação, o movimento não apenas se uniu para encarar os desafios enfrentados pela comunidade da diversidade sexual e de gênero, mas também se esforçou para conquistar direitos e garantias fundamentais. O casamento gay, é um bom exemplo de resistência, já que por muito tempo era visto como uma questão central, já que a legalização significaria o reconhecimento igualitário de todos os relacionamentos amorosos, independentemente da orientação sexual.

Além disso, o movimento LGBTQIA+ se tornou uma voz ativa na luta pela aceitação e respeito à diversidade. A homossexualidade deixou de ser tratada como uma doença ou desvio, graças à persistência e à determinação desses ativistas. Os encontros nacionais foram uma forma de trazer à tona essas questões urgentes, que são frequentemente negligenciadas ou ignoradas.

O movimento LGBTQIA+ no Brasil tem sido uma inspiração para muitas pessoas, pois mostra que a união e a luta por igualdade são poderosas ferramentas de transformação social. Mesmo diante de desafios e oposição, ativistas têm provado que a coragem e a determinação podem mudar o mundo. É essencial reconhecer e apoiar as conquistas do movimento no Brasil, pois cada passo dado em direção à igualdade é um passo na direção certa e um lembrete de que a diversidade é algo a ser celebrado e valorizado.

João Antônio Mascarenhas³⁴, com sua coragem e dedicação, mostrou que é possível enfrentar os obstáculos e fazer avançar a pauta da igualdade e do respeito aos direitos humanos, e sua luta inclui a proibição expressa da discriminação por orientação sexual no artigo 5º da Constituição Federal de 1988. A voz das pessoas LGBTQIA+

³⁴ João Antônio de Sousa Mascarenhas. Gaúcho de Pelotas, João nasceu em 24 de outubro de 1927 e foi um dos mais importantes ativistas do movimento, até então, homossexual entre as décadas de 1970 e 80. Formado em Direito, ele radicou-se na cidade do Rio de Janeiro, onde viveu a maior parte de sua vida. Falecendo em 1998. Além de ser um dos fundadores do jornal O Lampião da Esquina (1978), João Antônio Mascarenhas colaborou como antropólogo na despatologização da homossexualidade na decisão do Conselho Federal de Medicina (CFM) em 1985. Como advogado e ativista, participou do debate da elaboração da Constituição Federal de 1988, sendo o primeiro homossexual brasileiro a ser convidado para falar à Assembleia Nacional Constituinte. O convite foi motivado pela possível inclusão do termo “orientação sexual” no artigo 3º, Inciso IV, que estabelecia “o bem de todos, sem preconceitos contra quaisquer formas de discriminação”. No dia 28 de janeiro de 1988, no entanto, o termo acabou rejeitado pela maioria dos representantes da Constituinte. Dos 559 políticos que exerciam mandato no Congresso Nacional do Brasil, 429 (ou seja, mais de três quartos) se opuseram à proposta de inclusão. Mas, a trajetória de João Mascarenhas foi decisória para aquilo que se constituiu o Movimento LGBTI brasileiro. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/memoriaslgbti/> Acesso em 07 nov. 2023.

precisa ser ouvida, e, como sociedade, é nosso dever garantir que todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades e sejam tratadas com dignidade.

A votação no Congresso Nacional revela não apenas a resistência de uma parcela conservadora da sociedade, mas também a urgência de combater a discriminação e de promover a inclusão em todas as esferas da vida. A igualdade LGBTQIA+ deve ser uma realidade não apenas no papel, mas também em nossas práticas e atitudes diárias. A causa é um grito de justiça que ecoa por toda a sociedade. Devemos reafirmar nosso compromisso em promover a igualdade e a diversidade, para que todas as pessoas possam viver plenamente sua identidade e possam amar quem desejarem, sem medo de discriminação ou preconceito.

Movimentos sociais erguem-se em prol da igualdade e do respeito à comunidade LGBTQIA+ e esse contexto efervescente marcou profundamente o princípio de conquistas legais desses sujeitos que, até o presente momento, não podem baixar a guarda um só instante, para não perderem suas conquistas no âmbito do direito. De acordo com o teólogo *queer* André Musskopf, referindo-se à primeira década do século XXI:

A última década representou grandes desafios para a população LGBTQIA+ no mundo inteiro. Na América Latina, após a superação de regimes militares e ditatoriais, os processos de redemocratização e a emergência de governos considerados de esquerda com suas particularidades em cada país, houve ganhos significativos no campo dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos. No Brasil, a presença forte dos movimentos sociais se fez sentir na construção e na aprovação da nova Constituição Federal (1988) e na criação e implementação de políticas públicas, especialmente nos anos 2000. A fragilidade dessas conquistas em face de remanescentes setores conservadores ainda influentes na vida política, revelou-se fortemente na década de 2010 com a retomada de poder por parte desses setores. Em todo o continente, questões relacionadas a gênero e a sexualidade desempenharam um papel fundamental na derrubada de governos, na eleição de lideranças de ultradireita e na inviabilização e extinção de políticas públicas nessa área. A campanha em torno do que ficou conhecido como ideologia de gênero e seu impacto nos Planos de Educação no Brasil e na vitória do não no plebiscito do acordo de paz na Colômbia são exemplos emblemáticos dessa situação. Esses processos, sem dúvida, afetaram a população LGBTQIA+ e os movimentos por direitos sexuais e reprodutivos que, em muitos casos, foram tomados de assalto por esse novo contexto. Muitos tiveram que se reinventar e o que se vê são novas formas de organização social, especialmente em coletivos formados por jovens com uma perspectiva interseccional e novas estratégias de ação promissoras. O caminho trilhado pelos movimentos na segunda metade do século XX foram capazes de evitar retrocessos e perdas ainda maiores e os grupos emergentes agora permitirão retomar e almejar novos rumos. Para isso, no entanto, será necessário, de uma vez por todas, entender que gênero e sexualidade são eixos fundamentais para qualquer projeto de transformação social, política e econômica. Não haverá justiça social sem justiça sexual e de gênero. (Musskopf, 2021, p. 2).

No que diz respeito à sexualidade e à religião, a visão de Musskopf está alinhada com a ideia de que a sexualidade é uma parte intrínseca do ser humano. Assim como a raça ou a nacionalidade, a diversidade sexual e de gênero deve ser valorizada e respeitada dentro do contexto religioso. Musskopf e outros teólogos da Teologia *Queer* enfatizam a importância de desconstruir estereótipos e preconceitos, promovendo o diálogo e a compreensão mútua. Seu objetivo é criar um ambiente seguro e acolhedor para todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

A visão preconceituosa em relação à diversidade de gênero e sexualidade, não é compartilhada por todos e todas que seguem a doutrina cristã. Muitos estão lutando contra a homofobia e trabalhando para promover uma teologia inclusiva e respeitosa. O movimento de "igrejas abertas e afirmadoras" é um exemplo disso, buscando criar espaços religiosos onde as pessoas LGBTQIA+ se sintam bem-vindas e aceitas.

Se os deveres são os mesmos, porque o direito se apresenta diferente? Embora tenhamos legalmente um Estado laico, o pensamento e os costumes de boa parte das e dos agentes públicos mostram-se mais comprometidos com seus dogmas do que com a justiça e a equidade de todas as pessoas.

A proteção dos direitos universais em contextos culturais amplos e complexos, especialmente quando eles têm raízes na herança judaico-cristã, que moldou as relações humanas em padrões religiosos, se torna um desafio notável após a modernidade. Muitos dos direitos fundamentais que hoje conhecemos têm suas bases em textos bíblicos, e com a Reforma Protestante, eles adquiriram contornos constitucionais, alcançando, por fim, uma internacionalização que lhes conferiu o nome de "direitos humanos".

As religiões, como instituições, também são espaços em disputa e é preciso construir teologias e práticas eclesiológicas que estejam pautadas na laicidade do Estado, no respeito aos direitos humanos e, no que diz respeito, especificamente, à sexualidade, com capacidade de perceber as formas diversas de compreensão e vivência e de que forma ela estrutura as relações. (Musskopf, 2012, p. 148-149).

Além disso, a influência cristã é palpável na cultura ocidental, especialmente no que diz respeito à heterossexualidade. Essa proposta religiosa, trazida pelo judaísmo e desenvolvida pelo Cristianismo, continua a permear as relações sociais e políticas no ocidente.

Com o passar do tempo e com a modernização dos meios de comunicação, essa postura dogmática das e dos agentes públicos ficou ainda mais evidente, como evidente também ficou a nociva religiosidade conservadora e fundamentalista de boa parte da população, não ligada a uma só pertença religiosa, que agora não mais escondiam seus preconceitos, mas, se embrenhavam nas redes sociais para encontrar seus pares, e disseminar seus discursos discriminatórios carregados de ódio e ofensas gratuitas.

3.5 Perseguição à Teologia *Queer*: um olhar sobre a resistência e o ativismo nas redes sociais

Foi Deus que fez o amor
Fez nascer a eternidade num momento de carinho
Fez até o anonimato dos afetos escondidos
E a saudade dos amores que já foram destruídos
Foi Deus
[...]Foi Deus que fez a gente
Somente para amar, só para amar. (Luis Ramalho, 1980).

Em meio a esse movimento fundamentalista e homofóbico, eis que surge como um braço da teologia progressista, a Teologia *Queer*:

[...] o clã de um dos mais tradicionais templos evangélicos do país, fundado em Belo Horizonte, foi exposto por discursos públicos de intolerância a LGBTs. Primeiro, o pastor André Valadão, da Igreja Batista da Lagoinha, afirmou em uma postagem que igreja não é lugar para gays, porque “a prática homossexual é considerada pecado”. Depois, sua irmã mais velha, Ana Paula Valadão, teve um vídeo resgatado nas redes sociais, de 2016, em que aparece pregando que a Aids “mostra que a união sexual entre dois homens causa uma enfermidade que leva à morte”. Diante de reiteradas manifestações homofóbicas proferidas por líderes religiosos, correntes de evangélicos progressistas se mobilizam para defender a igualdade de gênero e se contrapor à mercantilização da fé nas grandes igrejas (El País, 2020).

A religião sempre esteve envolvida com a política, e atualmente, isso se mostra cada vez mais evidente na mídia e nos espaços públicos. Evidenciando que grupos religiosos têm participado ativamente em diversas lutas sociais, estabelecendo vínculos entre ação social e religião. A formação de movimentos com múltiplas religiões e a participação de lideranças como atores políticos sugere uma variedade de abordagens. Sem dúvida, a religião é um elemento de extrema importância na vida social em qualquer parte do mundo. Mas não devemos esquecer que preconceito, violência e exclusão não fazem parte da cartilha dos “imitadores de Cristo”, e hoje, grandes lideranças religiosas que influenciam milhões de pessoas no Brasil, e também fora dele, criam seus discursos e julgamentos a partir de recortes bíblicos descontextualizados, mal interpretados, porém,

com um alto poder de persuasão e convencimento, de modo que leve uma grande massa sem senso crítico, a odiar, a desrespeitar seus semelhantes, convencidos que se assim não o fizerem serão “também” condenados a perder a salvação.

Essas lideranças conseguem piorar o fel dos discursos de ódio, impulsionando a perseguição aos grupos socialmente vulneráveis, com preferência à comunidade LGBTQIA+. Para diminuir o impacto deste comportamento deplorável e desumano, a sociedade civil se mobiliza junto aos coletivos e movimentos sociais pressionando a esfera governamental de que não se trata apenas de posicionamento de vida, mas de cumprimento às leis, pois a incitação ao ódio, à homofobia, ao racismo, são crimes contra a dignidade humana, seja isso dentro do ciberespaço ou do mundo físico. A consequência dessas atitudes desumanas chegam a acarretar um fim trágico aos indivíduos submetidos à vergonha, à angústia e à total falta de respeito à vida humana. Vejamos o fragmento abaixo de uma matéria da Revista El País, de 20 de setembro de 2020:

[...] a Aliança Nacional LGBTI+³⁵, movimento que reúne entidades políticas e religiosas, informou que acionou Ana Paula Valadão na Justiça por homofobia, comparando a fala da pastora aos discursos de Adolf Hitler. “Ana Paula atinge toda a coletividade da comunidade LGBTI+ e, principalmente, a dignidade das pessoas que vivem com HIV/AIDS, colocando-as como responsáveis pela proliferação de um vírus e equiparando de maneira vergonhosa, antiquada e criminosa uma expressão legítima de amor e afeto a um ato criminoso como ceifar a vida de um ser humano”, diz a organização. Coordenador da Aliança em Minas Gerais, o pastor Gregory Rodrigues, 29 anos, observa que a discriminação de gênero é conduta predominante entre a comunidade protestante no Brasil. Por outro lado, ele diz acreditar que há uma crescente resistência por parte de setores progressistas de diferentes correntes da igreja. “Em meio à onda de conservadorismo, esse tipo de pensamento [como o dos irmãos Valadão] tem sido revelado sem constrangimentos. Por fora, vemos um discurso de amor e aceitação. Mas, na primeira oportunidade, os pastores não hesitam em tachar integrantes da comunidade LGBT como seres impuros e pecadores” (El País, 2020).

Segundo Zizek, o fundamentalismo religioso é caracterizado pela adoção rigorosa e dogmática de doutrinas e crenças religiosas. Tomado por um posicionamento de subjetiva segurança, e uma necessidade de certezas absolutas frente ao caos da realidade e incertezas vividas.

³⁵ A Aliança Nacional LGBTI+ é uma organização da sociedade civil, pluripartidária e sem fins lucrativos. Teve seu registro formal em 2003, passando a atuar como uma rede em 30 de maio de 2009, inicialmente na forma de uma lista de discussão na Internet. Em 2016, deu início à organização do seu trabalho de promoção e defesa dos direitos humanos e cidadania, em especial da comunidade LGBTI+, nos estados brasileiros através de parcerias com pessoas físicas e jurídicas. Disponível em: <https://aliancagbti.org.br/sobre/> Acesso em: 22 jan. 2024.

O amor cristão é muitas vezes reduzido a uma forma de exclusão, no qual somente aqueles que compartilham das mesmas crenças são merecedores do amor e da inclusão. E é nessa instrumentalização do amor cristão no fundamentalismo religioso, conforme argumentado por Žižek, é responsável pelo desacoplamento da mensagem original do Cristianismo. Ao colocar barreiras e limites ao amor e à inclusão, o fundamentalismo cria uma separação entre os indivíduos. Dividi-los em "nós" e "eles". Isso leva ao afastamento da mensagem de amor universal que está no cerne do Cristianismo. “O legado cristão autêntico é precioso demais para ser deixado aos fanáticos fundamentalistas” (Žižek, 2015 p. 27).

Em termos lacanianos, a diferença entre idealização e sublimação é a mesma: a falsa idolatria idealiza, fecha os olhos para as fraquezas do outro- ou melhor, fecha os olhos para o outro como tal, usando o ser amado como uma tela branca sobre a qual ela projeta suas próprias construções fantasmagóricas; já o verdadeiro amor aceita o ser amado como ele é, simplesmente colocando-o no lugar da Coisa, do Objeto incondicional. Como sabe todo verdadeiro cristão, o amor é o trabalho do amor- o trabalho árduo e difícil do repetido “desacoplamento”, em que, o tempo inteiro, temos de nos desprender da inércia que nos obriga a nos identificarmos com a ordem particular em que nascemos. Pelo trabalho cristão do amor compassivo é que percebemos naquilo que era até então um corpo estranho e importuno, tolerado e até moderadamente suportado, de modo que não nos importunava muito, um sujeito com sonhos e desejos destroçados- é essa a herança cristã do desacoplamento que é ameaçada pelos fundamentalistas atuais, sobretudo quando se proclamam cristãos. (Žižek, 2015, p. 126).

A crença na superioridade de sua fé e a rejeição de outros sistemas de crenças inoculam um ódio e uma desumanização do "outro". Essa mentalidade intolerante pode legitimar e justificar comportamentos discriminatórios e até mesmo atos de violência em nome da religião. O Pr. Gregory descobriu muito cedo que o amor “cristão” não era tão amável, nem mesmo incondicional, pelo menos não no meio institucionalizado ao qual cresceu e congregou. Em sua entrevista ao à Revista El País, Gregory relatou:

Formado em teologia e história, Gregory descobriu-se gay por volta dos 16 anos. Enfrentou rejeição da família e da igreja que frequentava na época. Depois de levar uma surra do pai, chegou a tentar suicídio, mas acabou acolhido em uma igreja inclusiva de Belo Horizonte. “Fui atacado ao defender a tese de que Deus não faz distinção de pessoas, independentemente de orientação sexual”, conta o pastor, salientando que grupos de fiéis progressistas não são exclusividade dos templos inclusivos. “O medo do inferno é uma forma de manipular pessoas. Dentro das igrejas tradicionais de cunho conservador, também temos gente com pensamento mais aberto. Mas há repressão por parte da alta cúpula a essas ideias (El País, 2020).

O amor cristão é um dos principais princípios éticos da religião cristã. Baseado no mandamento de “amar o próximo como a si mesmo”, este amor cristão busca a inclusão,

o cuidado e o compromisso com o bem-estar do outro. No entanto, Zizek argumenta que essa forma de amor muitas vezes é deturpada e instrumentalizada pelo fundamentalismo religioso. É essencial refletir sobre essas questões e buscar formas de promover o amor ecumênico, a inclusão e o respeito recíprocos, independentemente das crenças individuais. Nesse sentido, a crença é um fator influente nesse processo de desacoplamento.

Quando a crença é entendida como um conjunto de dogmas inflexíveis, sem espaço para questionamentos ou dúvidas, ela se torna uma barreira para a verdadeira compreensão do outro e para a abertura ao diálogo. “E, mais uma vez, a “verdade” não é o estado “real” das coisas, isto é, a visão “direta” do objeto sem perspectiva deformadora, mas o próprio Real do antagonismo que causa a perspectiva deformadora”. (Zizek, 2006, p. 97). A crença na divindade (não importa qual) deveria ser ponte, e não parede intransponível. É para ser acesso de almas, jamais bloqueios de corpos.

3.5.1 Amor, religião e diversidade sexual

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.
A alma é que estraga o amor.
Só em Deus ela pode encontrar satisfação.
Não noutra alma.
Só em Deus — ou fora do mundo.
As almas são incomunicáveis.
deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.
Porque os corpos se entendem, mas as almas não. (Manuel Bandeira).

A querela existente entre amor, religião e diversidade sexual tem sido uma questão intrincada e enraizada de maneira profunda em nossas sociedades. A relação entre a homoafetividade e as crenças religiosas vem gerando discussões intensas, muitas vezes expondo preconceitos e discriminações clarificadas nos discursos, e no trato com outro. Explorar maneiras de reconciliar essas crenças com a diversidade sexual, promover a compreensão e a inclusão é um ponto a ser considerado. De acordo com Musskopf:

A homossexualidade tem sido um dos temas mais controversos da atualidade nas sociedades ocidentais. Depois dos Movimentos de Libertação Negro e Feminista, a presença articulada e visível de grupos homossexuais tem sacudido as estruturas destas sociedades, não apenas eurocêtricas e androcêtricas, mas também heterocêtricas. Trata-se de questionamentos e grupos ora assimilados, ora silenciados, mas raramente exitosos em suas reivindicações de mudança estrutural. A reivindicação de direitos civis e humanos questiona não apenas os fundamentos sociais e culturais, mas

também os fundamentos da organização e prática eclesial, bem como o discurso teológico que a fundamenta (Musskopf, 2005, p. 2).

A diversidade sexual, despontada através do amor e das relações românticas e sexuais entre pessoas do mesmo gênero, tem sido decodificado de modos distintos pelas diferentes religiões do mundo. Se por um lado algumas tradições religiosas defendem uma atitude de aceitação e inclusão, outras enrijecem e adotam uma postura mais restritiva, ou melhor, preconceituosa, que associa a homoafetividade a uma prática pecaminosa, avessa à vontade divina. Para Musskopf:

Em geral, tem havido um descompasso entre a discussão no âmbito público (estatal) e a discussão na esfera das igrejas sobre o tema da homossexualidade. Em diversos países, determinados direitos (registro de uniões homoafetivas – com a consequente garantia de direitos previdenciários, adoção de filhos, ou, até mesmo, a proibição de discriminação) já são assegurados constitucionalmente. No entanto, o reconhecimento destes direitos pelas igrejas tem ocorrido apenas num período posterior. No âmbito das igrejas protestantes históricas, a atitude tem sido mais de respeito e tolerância pastoral do que de reconhecimento e valorização da sua experiência. Muitas vezes, encarando a homossexualidade como um desvio ou transtorno sexual e pecado, a sua presença não representa o questionamento da estrutura heterocêntrica da Igreja (e da sociedade) (Musskopf, 2005, p. 2).

Mas é no argumento que o amor e a compaixão são os pilares fundamentais de qualquer tradição religiosa que sustentamos que o amor, independentemente do gênero dos parceiros, é a mais bela expressão, legítima e estimada das experiências humanas. E diante de tão sublime sentimento, como atrelar sua expressão íntima, como o ato sexual, a um pecado hediondo, ou a algo abominável? Nesta conjuntura, a homoafetividade pode ser vista como uma forma legítima de amor, digna de respeito e aceitação. É isso o amor. É seu próprio eu que se ama no amor, o seu próprio eu realizado ao nível imaginário. (Lacan, 1986, p. 167). E no amor real da nossa própria essência, incompleta e inacabada, que podemos amar o outro, na semelhança dessa mesma incompletude, ignorando e renegando a tão complexa ideia de perfeição humana.

A partir da decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) em 2011, o reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil como entidade familiar, por analogia à união estável, tornou-se uma realidade. Com base em princípios constitucionais, as uniões estáveis homoafetivas passaram a ter os mesmos direitos e deveres conferidos aos casais heterossexuais. Além disso, a coabitação brasileira, embora não registrada oficialmente, é reconhecida juridicamente, garantindo benefícios como adoção, pensões, herança fiscal e muito mais. Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou uma resolução determinando que todos os cartórios do país realizem

casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Esta medida estabeleceu uma base jurídica sólida para a legislação futura sobre os direitos matrimoniais das uniões homoafetivas.

É importante destacar que orientação sexual não é uma escolha. Quem, em sã consciência, vai escolher viver situações de embaraço, de indiferença, e de violência numa sociedade entranhada de preconceitos? Orientação sexual é parte essencial da identidade das pessoas, é pulsação de vida, desejo de alma. Tampouco devemos ver a homoafetividade como algo que pode ser "curado", pois não se trata de doença. Vamos relembra que há pouco tempo, mais precisamente em janeiro de 2020, o Supremo Tribunal Federal decidiu manter a Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 01/99, que proíbe os profissionais de oferecerem terapias de reversão sexual, popularmente conhecidas como "cura gay". O STF também indeferiu uma ação popular movida por psicólogos ligados a grupos religiosos que pediam a anulação de uma decisão da ministra Cármen Lúcia, que cassou a autorização da "cura gay" concedida anteriormente pelo juiz federal Waldemar Cláudio de Carvalho, em 2017. O Conselho Federal de Psicologia celebrou essa decisão do STF como uma vitória não apenas para a psicologia, mas também para a diversidade, reafirmando o posicionamento de não aceitar a homossexualidade como uma doença.

Em 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que a população LGBTQIA+ poderia ser considerada uma raça dentro de uma leitura sociocultural, o que resultou na homofobia sendo considerada um crime imprescritível e inafiançável. Isso significa que qualquer prática discriminatória contra esse grupo, desde a injúria até a segregação em espaços públicos, configura racismo.

Ratificando, a homossexualidade ainda é rechaçada e combatida nas mais diversas esferas públicas e privadas, daí a necessidade aguerrida dos movimentos sociais. Não tem motivo para querer transformar a homossexualidade, pois não se trata de algo anômalo, mas sim uma expressão natural da diversidade humana. Neste sentido, as crenças religiosas podem ser reformuladas para incluir e abranger a diversidade sexual, ao invés de perpetuar o preconceito e a discriminação.

3.6 Mitos e desejos: amores são sempre plurais.

Amar!
Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente
Amar! Amar! E não amar ninguém!
Recordar? Esquecer? Indiferente!...
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!
Há uma Primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!
E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... pra me encontrar...
(Florbela Espanca, 1985, p. 101)

Temos inúmeras narrativas históricas que remetem o amor, em suas múltiplas faces, e como esse sentimento foi interpretado de modos diversos, por pensadores que, de maneira profunda, nos levaram a considerar a propositura da diversidade sexual divina. “Surgirá imediatamente um impulso psíquico que procurará catexizar³⁶ a imagem mnemônica³⁷ da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação de satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo”. (Freud, 1987, p. 585)

O Banquete de Platão retrata uma ocasião especial, a comemoração da vitória de Agatão em um concurso de tragédias. Durante o banquete, surge a ideia de que todos os presentes devem prestar uma homenagem a Eros, o deus do amor, que até então não havia recebido a devida reverência. É neste contexto que o discurso de Aristófanes ganha destaque, pois ele apresenta o primeiro mito sobre gênero: o mito do andrógino. Segundo o filósofo grego Platão, os andróginos eram seres mitológicos que possuíam características tanto masculinas quanto femininas. Eles representavam a união do homem e da mulher em um único indivíduo. No entanto, por serem considerados perfeitos, o todo-

³⁶ Catexizar vem de catexia é como um ímã que atrai todas as nossas energias psíquicas para um objeto específico, apenas através da nossa representação mental. É como se concentrássemos toda a nossa energia mental em uma determinada imagem, ser ou objeto. E isso pode ser tanto em relação a coisas reais e tangíveis, como também em relação a fantasias ou mesmo símbolos. Se alguém já lhe disse para "colocar todas as suas energias em algo", essa é exatamente a ideia por trás dessa frase. Uma potência inabalável se origina da libido, direcionada com maestria para um propósito determinado. É sabido que essa energia se torna um impulso precioso para a concretização de movimentos visíveis que se revelam ao mundo à nossa volta.

³⁷ A palavra mnemônica vem do grego “mnemonikós”, que quer dizer “o uso correto da memória”. A técnica mnemônica é um recurso de memorização de dados e informações usado desde a Grécia Antiga, cujo objetivo principal é fixar conceitos complexos por meio do uso de palavras mais simples.

poderoso e ciumento Zeus, conforme o mito conta, os dividiu ao meio como forma de punição.

Atualmente, essas metades se manifestam como homens e mulheres que sofrem com a sensação de incompletude e buscam encontrar sua "outra metade" perdida. Aristófanes consegue, assim, transmitir um significado amplo sobre o amor. Mas o mito revela a angústia da solidão e a busca utópica pela "alma gêmea". Ao refletir sobre esse mito, Lacan nos revela que é impossível dois indivíduos se fundirem novamente em uma única entidade. Homem e mulher são construções linguísticas na sociedade, e essas identidades nunca se concluem como algo fixo e binário.

A realização de um tal simpósio não é, portanto, um simples pretexto para o diálogo de Platão, mas refere-se a hábitos, costumes reais diversamente praticados conforme as localidades da Grécia e, digamos, o nível cultural. O regulamento que ali se impõe nada tem de excepcional – que cada um dê sua quota, sob forma de uma pequena contribuição, que consiste num discurso pautado sobre um tema. (Lacan, 1992, p. 29).

O vínculo indissolúvel entre amor e falta é algo que já estava presente na obra de Platão, que apresentou o amor como algo indissociável do desejo. É impossível pensar no desejo sem considerar a falta, pois não desejamos o que já possuímos, mas sim algo que está fora do nosso alcance. A inacessibilidade faz parte da natureza humana, separando o desejo da satisfação, o significado do signo. Essa dissimetria essencial entre o que pedimos e o que realmente realizamos caracteriza o movimento constante, a busca eterna por uma saída expressiva que dá ares de nunca se concretizar.

O amor surge como uma possível solução para esse conflito, oferecendo, por um breve momento, a ilusão de uma relação mútua e recíproca, ocultando o desencontro inerente ao amor. É esse desencontro que mantém o desejo vivo, o compromisso de um contentamento eternamente adiado e nunca alcançada.

Soboné Fusome, em sua obra "O Espírito da Intimidade", traz uma abordagem única e valiosa sobre o amor, com raízes na cultura do povo da Gara, do Oeste da África. Essa perspectiva nos convida a expandir nossa compreensão sobre o amor e a intimidade, destacando a importância da harmonia e interação com os outros para o bem-estar coletivo. O exemplo do casamento de Luiz IX e Margarida da Provença, que conseguiram conciliar deveres sociais e desejos pessoais ao terem uma família numerosa, evidencia a resiliência e adaptabilidade nas relações humanas. É fundamental compreender a si

mesmo e ao outro, assim como as nuances da intimidade, para cultivar relacionamentos saudáveis e significativos. Ao desafiar a idealização da paixão romântica, somos convidados a valorizar a amizade, confiança e compromisso mútuo como pilares de relacionamentos duradouros.

O Antigo Testamento é bastante otimista sobre a sexualidade, basta que leiamos as entrelinhas. Deus criou tudo com muito entusiasmo e leveza. Agora, lá em Qumran³⁸, descobriram inúmeras seitas um tanto quanto excêntricas, que viviam no deserto na época de Jesus. Eles eram um tanto quanto alucinados e também acreditavam em coisas gnósticas³⁹, além de acharem que sexo era a personificação do próprio demônio. Os judeus e os cristãos se apropriaram dessa ideia, tomando a tradição nativa dessas seitas peculiares, uniram com o pensamento grego de Aristóteles, e criaram essa ideia, ou melhor, essa história de sexo normal e sexo pervertido. Melhor dizendo, defende-se a ideia de uma sexualidade normal, em conformidade com a natureza, cujo desvio e

³⁸ Qumran é o nome do lugar onde foram encontrados os primeiros manuscritos numa gruta. Situa-se perto do Mar Morto, em Israel. Em seguida foram encontradas outras grutas com outros manuscritos e objetos, não só em Qumran, mas em toda a região do Mar Morto, e por isso hoje se fala dos Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto (ou do Deserto de Judá). Foram localizados também os restos das construções onde se reunia a comunidade. Nos últimos dois milênios de história, a região passou por diversas dominações políticas. No ano 70 d.C., os romanos destruíram o Templo e a cidade de Jerusalém, e Israel deixou de existir enquanto Estado judaico. Em seguida, os romanos conquistaram e destruíram a comunidade de Qumran e depois tomaram a fortaleza de Massada, localizada próximo a Qumran. E em 135 d.C. foi vencida a última resistência judaica. Após a dominação romana, sucessivas potências ocuparam esse território. Na época em que se descobriram os primeiros manuscritos a região estava sob dominação inglesa, em seguida o território passou a fazer parte da Jordânia. Em 1948 Israel tornou-se um Estado independente, porém, somente em 1967, com a guerra dos seis dias, é que a região de Qumran e do Mar Morto passou a fazer parte do território de Israel. (Perondi, 2011, p. 207).

³⁹ O termo “gnóstico” foi aplicado pelos Padres da Igreja a certos hereges que tiveram notável relevo entre os séculos II e IV. O nome de “gnóstico” vem da palavra grega “gnosis” que significa conhecimento; gnóstico é, portanto, quem adquire um especial conhecimento e vive segundo esse conhecimento. O termo “gnose” não tem, portanto, um sentido pejorativo. Alguns Santos Padres como Clemente de Alexandria e São Irineu falam da “gnose” no sentido do conhecimento de Jesus Cristo obtido pela fé: “a verdadeira gnose – escreve Santo Irineu – é a doutrina dos Apóstolos” (*Adversus Haereses*, IV, 33).

O termo “gnóstico” adquiriu sentido pejorativo quando foi aplicado pelos mesmos Padres a certos hereges que tiveram notável relevo entre os séculos II e IV. O primeiro em designá-los assim foi São Irineu, que vê a sua origem na heresia de Simão o samaritano (Atos 9, 9-24), e diz que os seguidores desse herege se propagaram pela Alexandria, Ásia Menor e Roma dando lugar a “uma multidão de gnósticos que emergem do solo como se fossem fungos” (*Adversus Haereses*, I, 29.1). Deles, continua dizendo São Irineu, procedem os valencianos, que são os que ele combate diretamente. Explica tal abundância e diversidade de seitas dizendo que “a maioria de seus seguidores – na realidade, todos querem ser mestres - se vão da seita que abraçaram, e elaboram um ensinamento a partir de uma outra doutrina, e depois a partir desta surge ainda outra, mas todos insistem em ser originais e em haver achado por si mesmos as doutrinas que de fato se limitaram a compagnar” (*Adversus Haereses*, I, 28.1). Maior aprofundamento na página da OPUS DEI: <https://opusdei.org/pt-br/article/quem-sao-os-gnosticos/> Acesso em 13 de nov.2023.

devassidão são definidos como contrários à natureza, assim como defendia São Tomás de Aquino.

O pecado está sempre ligado ao prazer sexual. Será isso culpa dessa moralidade cristã liberal e moderna? Ou apenas mais um discurso vazio da santa hipocrisia dos religiosos detentores da moral e dos bons costumes?

A questão é que essa mentalidade hermética e conservadora, não só é excludente, mas também condenatória. Que a partir de lideranças religiosas mal preparadas, ou mesmo de caráter ambíguo, propõe literalmente a “cura” de sexualidades desviantes, ou até mesmo seu banimento em caso de recusa. Essa postura dogmática provoca dor, angústia e violência para muitas famílias, já que o ente não enquadrado nessa heteronormatividade, representa a personificação do mal e do pecado.

3.6.1 Igrejas inclusivas e Teologia *Queer*

Com o passar dos tempos, a igreja (principalmente as neopentecostais) tem sido um reflexo da violência religiosa que persiste acerca da diversidade sexual, incapaz de entender e aceitar as pessoas com base em sua teologia do pecado, “a teologia é matriz poderosa de discurso sobre masculinidade, não apenas no uso que faz da Bíblia, mas, sobretudo, na legitimação do *status quo* sexista promovido pelas igrejas” (Schultz, 2004, p. 171).

A heterossexualidade se tornou a única forma legítima de expressão sexual dentro desse Cristianismo raso, fora dela a condenação ao fogo eterno é certa, e usada como uma desculpa para excluir todos os que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo. Esquecem que esse padrão aceito, ou seja, a heterossexualidade, é apenas uma construção cultural e ideológica, a paleta dos desejos sexuais é muito mais diversa, colorida e resistente.

E não é surpresa que a temática da diversidade sexual tem conquistado cada vez mais relevância nas discussões contemporâneas, inclusive no âmbito religioso. Nesse mesmo cenário de mudanças surgem as igrejas inclusivas e, em seguida, a Teologia *Queer*, representando abordagens desafiadoras e polêmicas que visam promover a inclusão e a aceitação das pessoas LGBTQIA+.

Nesse sentido, a diversidade sexual e a abertura para a inclusão e aceitação de todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual, estão cada vez mais presentes no diálogo inter-religioso contemporâneo.

As igrejas inclusivas são espaços cristãos que têm como principal objetivo acolher e dar suporte às pessoas LGBTQIA+, que, na maioria das vezes, são discriminadas e vítimas de preconceito nas igrejas tradicionais, devido à explanação literal e restrita da Bíblia Sagrada. Ivone Gebara diz o seguinte:

Afirma-se que o povo precisa da religião para ter identidade enquanto a sociedade política nacional e internacional lhes rouba a identidade e a cidadania. A religião é necessária para tornar a vida suportável e para impedir que a revolta transforme o caos atual em inferno de incontroláveis chamas. Com convicção afirma-se a importância de Deus na vida dos pobres como se esse Deus fosse uma evidência ou a bondade absoluta para além de todas as formas de manipulação social (...) As imagens de Deus veiculadas por essa teologia através dos meios de comunicação mantêm o dualismo do mundo, mantêm a ilusão de que se pode passar do mal para o bem e de que esse bem é acessível se assumirmos comportamentos propostos pelas estruturas de poder. O uso da Bíblia é quase fundamentalista em muitos casos. Toma-se o texto bíblico e faz-se dele uma saída ou antídoto para diferentes tipos de males. O texto sempre contém a solução para nossos problemas, mantém a vida do povo cativa de suas próprias vontades (Gebara, 2000, p. 160-161).

A Teoria *Queer*⁴⁰ rompe com as leis que limitam as identidades sexuais e confronta essas normas, se recusando a aceitar identidades homogêneas e gêneros pré-determinados, busca analisar os mecanismos históricos que moldaram a sexualidade e o gênero, com o objetivo de enquadrar todos os indivíduos como cis-heterossexuais e impor um modelo identitário avaliado normal e natural. Tamsin Spargo, em seu livro “Foucault e a teoria queer”, relata que:

Em inglês, o termo “queer” pode ter função de substantivo, adjetivo ou verbo, mas em todo os casos se define em oposição ao “normal” ou à normalização. A teoria queer não é um arcabouço conceitual ou metodológico único ou sistemático, e sim um acervo de engajamentos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual. Se a teoria queer é uma escola de pensamento, ela tem uma visão profundamente não ortodoxa de disciplina. O termo descreve uma gama diversificada de práticas e prioridades críticas: interpretações da representação do desejo entre pessoas do mesmo sexo [...] sobre desejos transgressivos. (Spargo, 2017, p. 13).

⁴⁰ Dentro da sigla LGBTQIA+, o termo *queer* é bastante complexo e ainda gera dúvidas. Ele se relaciona com três aspectos distintos: a origem da palavra, seu uso nos estudos acadêmicos sobre relações de gênero (Teoria *Queer*) e, mais recentemente, para nomear uma identidade (ser *queer*). O termo *queer*, traduzido para o português como "estranho", "esquisito" e "bizarro", costumava ser um insulto frequente contra homossexuais e travestis nos Estados Unidos.

Podemos dizer que a Teoria *Queer* não aceita limitações, enquadramento quanto a denominações de gênero e sexualidade, uma vez que entende toda identidade sexual como construção sexual, assim sendo, tais identidades não são imutáveis. A ascensão de uma nova identidade religiosa, que abraça a diversidade de gênero e sexualidade se tornou crucial para expandir nossa compreensão desses assuntos. Essa abordagem desafia a Teologia ao confrontar a sexualidade como um paradigma essencial, indo além de questões meramente sexuais. Ela envolve a desconstrução da heterossexualidade e a análise das questões políticas e sociais sustentadas por crenças religiosas, que frequentemente são confrontadas pela Teoria *Queer*, e que “os historicamente insignificantes - os que não são dignos de significar social, política ou teologicamente -, constituem o horizonte revelatório da igreja e a Revelação é uma questão epistemológica”. (Althaus-Reid, 2008, p.110).

Percebemos que as teologias cristãs, como outras grandes teologias, não são abertas a mudanças significativas em suas normas, tampouco ficam à vontade nas instabilidades que denotam os sujeitos desprovidos de enquadramento normativo e ideológicos sobre seus corpos, desejos e quererem. Nesse sentido a Teologia *Queer*, sem pedir licença, propõe romper com a lógica circular do preconceito e da discriminação, que demoniza qualquer sexualidade considerada "anormal". Ela busca restabelecer o equilíbrio espiritual por meio do amor de Cristo, respeitando o livre-arbítrio, a liberdade de escolha religiosa, ao mesmo tempo em que busca uma nova concepção da sexualidade sob uma ótica religiosa, de forma a eliminar qualquer conotação maligna associada a ela. Além disso, ela também busca realocar o gênero em um espaço de indefinição, o que apenas será possível se reavaliarmos a imagem da masculinidade atribuída a Deus. Segundo Miskolci:

[...] enquanto a linha vermelha da rejeição social é pressionada contra outr@s, aquelas e aqueles considerados anormais ou estranhos por deslocarem o gênero ou não enquadrarem suas vidas amorosas e sexuais no modelo heterorreprodutivo. O queer, portanto não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais e violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo. (Miskolci, 2015, p. 18).

Essas perspectivas oferecem uma visão profunda e transformadora, desafiando os paradigmas existentes e oferecendo uma abordagem capaz de aprofundar nossa compreensão dos temas de gênero, sexualidade e religião. Marcella diz que a “percepção hegemônica da identidade sexual contribuiu, ao longo da história, para consolidar

estruturas opressoras de relações de poder na igreja e nas teologias cristãs” (Althaus-Reid, 2008, p.117). A religião não deve ser utilizada como um meio de legitimar o ódio ou a exclusão, mas sim como uma via de apoio, amor e compreensão. Reconhecer que a sexualidade é um aspecto efetivo da identidade humana, e cada indivíduo tem o direito de amar e ser amado, independentemente de sua orientação sexual.

A vida cristã sempre foi caracterizada por um alto grau de rigidez e normatividade, o que nos leva a refletir sobre a incapacidade dos corpos em reconhecer todas as forças que atuam sobre eles. A religião, portanto, deve ser analisada como um espaço de divisão, fragmentação e multiplicação de suas redes e jogos de poder.

O Cristianismo tem sido historicamente associado à produção de sexualidades padronizadas e corpos assepsiados, exercendo uma influência inquisitória sobre o comportamento moral. A homofobia institucionalizada muitas vezes encontra respaldo em discursos religiosos ou sistemas de crenças cristãos, herança do processo de colonização. A catequização dos povos indígenas e a evangelização forçada contribuíram para a disseminação de interpretações fundamentalistas de textos bíblicos que condenam a homoafetividade, submetendo os corpos submissos a obedecerem tais imposições. Miskolci assevera que:

O queer busca tornar visíveis as injustiças e violências implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento das normas e das convenções culturais, violências e injustiças envolvidas tanto na criação dos “normais” quanto dos “anormais”. Quer alguém seja completamente ajustado e reconhecido socialmente, quer seja alguém marcado, humilhado, as normas e convenções operaram sobre os dois e ambos são capazes de reconhecê-las. Claro que os humilhados e ofendidos, os relegados à vergonha e a abjeção, sofrem mais e são os que denominamos esquisitos, mas não é tão raro, em nossos dias, encontrar pessoas que mesmo dentro dos modelos socialmente impostos reconheçam seu caráter compulsório, violento e injusto. (Miskolci, 2015, p. 26-27).

Portanto, pensar de forma ampla o cenário que estamos vivendo, e combater efetivamente situações de injustiças lançadas em concordância com uma postura não apenas preconceituosa, mas cruel, que resulta muitas vezes em “morte”, nada tem a ver com uma postura cristã, sequer remete à ideia de uma postura humana. E não há exageros quando falamos de morte como resultante das perseguições do fundamentalismo religioso, sofrido por todas as pessoas que não aceitam essa heteronormatividade imposta por uma sociedade hipócrita, que usa a religião para tentar justificar a opressão que exercem sobre aqueles que desejam expressar seus desejos.

Desde tenra idade uma pessoa pode se ver rotulada de diversas formas negativas, como desajustada, errada, doente, pecadora, suja e imoral, o que pode levá-la a criar uma máscara falsa para tentar se encaixar e ser aceita pela família. Infelizmente, a homofobia familiar pode agir como uma barreira para a liberdade, afetando o desenvolvimento da personalidade, especialmente para indivíduos LGBTQIA+. A rejeição desde cedo pode resultar em uma autoimagem distorcida e uma sensação de negação da própria identidade.

3.6.2 Homofobia familiar e suicídio

Viver em um ambiente onde a homofobia é presente, pode não só limitar a liberdade, mas também impedir o desenvolvimento autêntico de uma pessoa. A sexualidade é uma parte essencial da liberdade humana, e é devastador quando alguém é ensinado a sentir-se inadequado por não se encaixar na heteronormatividade.

Desde cedo, já se internaliza a ideia de que ser diferente é errado e que o preço a pagar por isso é a perda do amor da família, o preconceito, a violência e a discriminação.

As ramificações da homofobia familiar são diversas. Podem variar desde simples desrespeitos até exclusões extremas, chegando a ataques cruéis que destroem a vida de uma pessoa que não se enquadra na heteronormatividade, ou até crueldades diretas e indiretas que podem levar à aniquilação da existência da vítima. O impacto disso depende de outros sistemas de apoio disponíveis para a vítima, do nível de comprometimento da família com a homofobia e das intervenções realizadas por terceiros. Com o apoio de terceiros e uma rede de apoio forte, a homofobia familiar pode ser superada. No entanto, sem intervenção, pode se tornar um fardo opressivo por toda vida. De acordo com Luiz Carlos Osório:

Os laços familiares, de uma forma ou de outra, continuam ocupando lugar de destaque na construção da maneira com que a maioria das pessoas veem e vive o mundo; portanto, analisar o contexto da família como espaço no qual a violência pode estar sendo legitimada pela ótica do preconceito e da homofobia é entender a família como instituição por meio da qual um conjunto de valores é transmitido, permitindo aos indivíduos a construção de sua identidade e atribuindo à vida de seus membros um sentido (Osório, 2014, p.69).

É essencial que haja indivíduos dispostos a interceder entre os agressores e as vítimas, criando novos padrões sociais e, em alguns casos, mudanças na legislação. A velha acusação de que a homossexualidade é errada ou inferior à heterossexualidade é

infundada e desumana. A evitação é uma forma de crueldade mental que visa apagar a existência da vítima, sendo praticada em diferentes esferas sociais.

Como pessoas da comunidade LGBTQIA+ são frequentemente evitadas em diversos aspectos da vida social, a desumanização através da evitação se torna normativa, até mesmo entre indivíduos dessa própria comunidade. A evitação é uma forma comum e fácil de homofobia, mas seus efeitos são devastadores. É basilar reconhecer o impacto que a homofobia familiar tem na vida das pessoas LGBTQIA+ e lutar contra essa forma de opressão, para que todas as pessoas tenham liberdade para ser quem são e amar quem desejam, sem sofrer discriminação. Infelizmente famílias que seguem doutrinas que pregam o fundamentalismo religioso, tendem a excluir, a trazer sofrimento para o familiar que não se enquadra na sexualidade normalizada, ditada pelos dogmas religiosos. Essas perseguições são facilmente vistas através das redes sociais. De acordo com Leone:

Muitos jovens homossexuais que crescem em ambientes homofóbicos e padecem o efeito traumático de escutar cotidianamente frases depreciativas a respeito de sua própria sexualidade, costumam ver o suicídio ou o abuso de drogas como uma saída possível dessa dor, e se encontram muito mais predispostos a transtornos mentais do que aquele que cresce em um ambiente que oferece suporte e acolhimento (Leone, 2011, p. 38).

O comportamento suicida pode ser visto como um mecanismo de adaptação disfuncional retroflexivo, e é importante compreender o que está por trás desse ato extremo. O suicídio é um ato de autodestruição, de autoaniquilação, indicando que a pessoa está tentando eliminar algo em si mesma. Em meio a essa confusão e desorganização, a pessoa tem dificuldade em encontrar sentido em sua própria vida.

Podemos interpretar o suicídio como um grito por ajuda, por alguém que escute e respeite sua dor existencial insuportável. Viver em um ambiente familiar e social que impõe padrões cis-heteronormativos e que pratica a homofobia pode tornar essa dor ainda mais aguda e intolerável para algumas pessoas.

3.7 O santo ódio nas redes sociais

Quando os delitos se amontoam, tornam-se invisíveis.
(Bertolt Brecht).

As redes sociais tornaram-se plataformas poderosas para a disseminação em larga escala, influência e manipulação de discursos, ideias e opiniões. No entanto, junto com

os benefícios dessa conectividade instantânea e sem fronteiras, também surgiu um problema alarmante - o discurso de ódio. O Instagram, uma das maiores redes sociais do mundo, reflete muitíssimo bem esse fenômeno preocupante. O discurso de ódio é qualquer forma de comunicação que promova violência, discriminação ou preconceito contra um indivíduo ou grupo com base em sua identidade, origem étnica, religião, sexualidade, gênero ou qualquer outra característica pessoal. Infelizmente, muitas páginas o Instagram, como também de outras redes sociais, tornaram-se um campo de batalha para discursos intolerantes e odiosos, como refere Gérard Lebrun:

[...] o ódio está lá, em nossa vida cotidiana, em nossas cóleras, em nossa violência, em nossa agressividade, claro, mas também em nossos enganos, em nossos erros, assim como em nossos acertos, na forma como às vezes olhamos, no tom de nossa voz, em nosso desejo de dominar, em nossa voracidade, na maneira pela qual nos dirigimos ao outro ou pela qual evitamos responder-lhe, no *como se* não o tivéssemos visto, no suspense em que o mantemos ou na resposta imediata, no ridículo para onde o jogamos, na lama em que chegamos a arrastá-lo, em nossas pretensas gentilezas ou em nossas falsas amabilidades... ou, mesmo, em nossos silêncios; enfim; examinando-o um pouco mais de perto, é preciso aceitar uma constatação: o ódio me habita na minha vida, desde o início, sem dúvida, e antes mesmo do que eu possa me lembrar (Lebrun, 2008 p.13).

Na perspectiva de Musskopf (2005, p. 14), do silêncio social brota o silêncio acerca dos próprios desejos e a vivência dos mesmos, uma forma de proteção numa sociedade que não só discrimina, mas também violenta e agride. Um dos temas mais recorrentes, quando se trata de discurso de ódio no Instagram, é a homofobia. A homofobia é a aversão, discriminação ou preconceito contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros ou *queer* (LGBTQIA+). É lamentável notar que a religião muitas vezes é utilizada como justificativa para tal postura discriminatória.

O fundamentalismo religioso é uma das principais razões pelas quais o discurso de ódio encontra espaço nas redes sociais. Marcelo Natividade chama isso de homofobia religiosa e está ligada a um "conjunto muito heterogêneo de práticas e discursos baseados em valores religiosos que operam por meio de táticas plurais de desqualificação e controle da homossexualidade" (Natividade, 2009, p. 208). Para alguns indivíduos, suas crenças religiosas são consideradas inquestionáveis, e qualquer pessoa ou grupo que fuja dos padrões estabelecidos é vista como uma ameaça à ordem estabelecida.

O fundamentalismo cristão distorce conceitos e leva à discriminação ao ver e condenar o sexo como algo negativo. O sexo era visto apenas para reprodução ou para a satisfação masculina, na interpretação dos escritos bíblicos. No entanto, desconhece-se que o prazer sexual, independentemente do gênero, encontra sua maior expressão no auge

da espiritualidade. Quando a sexualidade é vivida plenamente, é também nesse momento que se experimenta o êxtase espiritual entre o limitado terreno e o ilimitado divino. Sigmund Freud (1981) afirmará que os desejos eróticos constituem a base das experiências religiosas. A pulsão espiritual é inerentemente sexual, pois a realização plena do indivíduo em sua espiritualidade só é possível quando também há satisfação sexual.

Com muita sagacidade, Freud questionou os limites impostos às reflexões sobre a vida sexual, na Conferência de Viena, realizada no início do século XX, em seu discurso intitulado "A fascinante energia sexual", reconhecendo a polêmica envolvida na sua abordagem, já que a sociedade carregava consigo um firme tabu em relação a qualquer discussão aberta e franca sobre sexo, considerando-o impróprio e indecoroso.

Freud ousou romper com as convenções sociais e trouxe à tona questões essenciais sobre a natureza e os mecanismos da nossa energia sexual, além de romper com as amarras do silêncio imposto pela sociedade. O que fez abrir as portas para uma análise profunda e esclarecedora sobre um dos aspectos mais intrínsecos da experiência humana. Com sua perspicácia singular, nos convidou a deixar de lado as antigas restrições e a nos debruçarmos sobre a energia sexual com a mente aberta e curiosa. Pois compreender e aceitar essa força tão vital em nós mesmos é um passo essencial para o nosso desenvolvimento humano e emocional. “Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo”. (Freud, 2006, p. 309).

Grupos fundamentalistas religiosos frequentemente se sentem ameaçados pelos homossexuais e suas práticas. Essa ameaça, embora simbólica, pode ser alimentada por rumores que sugerem que eles desejam influenciar, desafiar ou corromper os ditos valores heterossexuais, religiosos e conservadores. Segundo Sérgio Carrara:

Sempre se conheceu muito mais a sexualidade pelo seu potencial de perigo do que por seu potencial de prazer; muito mais por ameaçar a sociedade e suas instituições do que por ser por elas transformada não raramente em fonte de dor, de isolamento moral, de estigma e de exercício de poder. Talvez seja por isso mesmo que saibamos hoje muito mais sobre a sexualidade de homossexuais do que a de heterossexuais, mais sobre as mulheres do que sobre os homens, mais sobre os jovens do que sobre os adultos. Ou seja, conhecemos muito mais sobre a sexualidade que de algum modo nossas sociedades definem como problemática e perigosa (Carrara, 2005, p.19).

Controverso discurso, distante dos princípios de amor e caridade do Cristianismo. Leva-nos a questionar: se Deus é amor, por que disseminar o ódio à diversidade? Se Deus é justiça, por que então cometem tantas injustiças em nome dele?

Kierkegaard (2010) pronunciou que, ainda que em contexto e tempo-histórico diferente, o Cristianismo se afastou da mensagem central de Jesus Cristo, focando em estruturas institucionais e doutrinas, em vez de cultivar uma relação pessoal e comprometida com Deus.

A questão é observarmos que esse mal disseminado traz consequências reais e preocupantes. Há um aumento gritante das violências física e psicológica contra toda sexualidade e gênero desviante, e conseqüentemente o número de mortes violentas. Perseguidos pela “santa militância cristã”, o grupo LGBTQIA+ configura uma significativa curva ascendente nos índices de suicídios – fruto do adoecimento da alma – que tem indubitavelmente uma relação físico-química corporal ligada à depressão; porém, reflexo dum estado de tristeza, solidão e angústia, certamente ligados à sua própria existência e lugar no mundo.

3.7.1 Rejeições que dilaceram e sucumbem

Não poder existir tal qual como se é, negar sua própria essência, desejos e querer por medo de pecar, de desagradar à família, aos amigos, à divindade; são concepções acarretadas por discursos e atos de profunda crueldade, proferidos por lideranças religiosas carismáticas. O amor e todas as suas formas de expressão ecoam na liberdade e no desejo, e é a maior expressão da existência divina. Seu oposto gera angústia, que de acordo com Kierkegaard:

Angústia não é uma determinação da necessidade, mas tampouco o é da liberdade; ela consiste em uma liberdade enredada, na qual a liberdade não é livre em si mesma, mas tolhida, não pela necessidade, mas em si mesma. Tivesse o pecado entrado no mundo necessariamente (o que constitui uma contradição) não haveria angústia alguma. Se tivesse entrado por um ato de um abstrato *liberum arbitrium* (que, tal como não existiu mais tarde no mundo também não existia no início, visto que é um absurdo lógico), igualmente não haveria nenhuma angústia. Querer explicar pela lógica, a entrada do pecado no mundo é uma estupidez que apenas pode ocorrer às pessoas ridiculamente aflitas por achar uma explicação (Kierkegaard, 2010, p. 53).

As discussões em torno da identidade de gênero, orientação sexual e religião são assuntos que geram grandes polêmicas e despertam um intenso debate público nas redes sociais. Em meio a discursos de ódio e mensagens de tolerância e paz, essa comunicação vai além do ambiente digital e se manifesta também nos espaços físicos das cidades. À medida que as fronteiras da comunicação se expandem, as relações interpessoais se tornam cada vez mais superficiais, o que pode ser observado também nas instituições religiosas, em especial na religião cristã.

Para Kierkegaard (2010, p.54) “no momento em que a realidade efetiva é posta, a possibilidade é descartada como um nada, que tenta todos os homens que não se dão ao trabalho de pensar”. O que falar? Como falar? O mundo é diverso: questão posta e visível. E como se não bastassem tantas situações desesperadoras, vemos crescer grupos radicais religiosos, conduzidos por lideranças carismáticas que induzem à proliferação do mal gratuito, à expansão do ódio, tendo a cruz como adorno, abrindo os caminhos da intolerância religiosa, sexual e de gênero. Apenas em 2020, no auge da pandemia de Covid-19, os casos de LGBTfobia incidiram no aumento de denúncias de 92%⁴¹, nas redes sociais.

É preciso continuar, eu não posso continuar, é preciso continuar, é preciso pronunciar palavras enquanto as há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem, até que me digam – estranho castigo, estranha falta, é preciso continuar, talvez já tenha acontecido, talvez já me tenham dito, talvez me tenham levado ao limiar de minha história, eu me surpreenderia se ela se abrisse (Foucault, 1970).⁴²

Discriminação é um ato que consiste em criar separações. Há discriminação positiva e discriminações negativas. O racismo, por exemplo, é uma discriminação negativa que se manifesta por meio da separação baseada em preconceitos a partir de características raciais, resultando em ações de agressão, intimidação, difamação e exposição injusta de pessoas ou grupos. Tal comportamento pode se apresentar nas formas mais sutis, como comentários inapropriados ou representações estereotipadas que espalham difamações. A homotransfobia é considerada uma forma de racismo.

A filósofa Judith Butler propõe a seguinte reflexão:

Gostaria de tomar como ponto de partida uma questão relacionada com o poder, com o poder de regular, um poder que determina, mais ou menos, o que somos e o que podemos ser. Não me refiro apenas ao poder num sentido

⁴¹ Dados da SAFERNET Brasil. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/>. Acesso em 13 nov. 2023.

⁴² Pronunciamento de Foucault (1970) na aula inaugural no Collège de France (Paris).

positivo ou jurídico, mas ao funcionamento de um determinado regime regulatório, um regime que informa a lei e que também a excede. Quando se pergunta quais são as condições de inteligibilidade através da qual o humano surge e é reconhecido como tal, através da qual algum assunto se torna o sujeito de um amor humano, pergunta sobre as condições de inteligibilidade que compõem as normas, práticas, condições que se tornaram pressupostos e sem os quais não podemos nem pensar no que é humano. Então proponho debater a relação entre ordens variáveis de inteligibilidade e gênese, e a possibilidade de saber o que é humano. E não só porque existem leis que regem a nossa inteligibilidade, mas porque temos modos de conhecimento, modos de verdade que definem inteligibilidade pela força. Isto é o que Foucault chama de política da verdade. Uma política que pertence àquelas relações de poder que circunscrevem antecipadamente o que contará e o que não contará. Como verdade, eles ordenam o mundo de formas regulares e ajustáveis, e que passam a ser aceitos como um campo específico de conhecimento. Você pode entender o quão notável é neste ponto, quando você começa a fazer a pergunta: o que é considerado uma pessoa? O que é considerado um gênero coerente? O que se qualifica como cidadão/cidadã? Que mundo é legitimado como real? Ou formulado subjetivamente: quem posso me tornar no mundo? Onde se definem os significados e os limites do sujeito para mim com antecedência? Que regras me restringem, quando começo a me perguntar o que posso me tornar? E o que acontece quando eu começo a me tornar alguém para ele que não há espaço dentro de um determinado regime de verdade? (Butler, 2006, p. 89-90).

A disseminação do discurso de ódio surge a partir de três meios fundamentais: a veiculação de conteúdo que exacerba e encoraja a violência direcionada a um determinado grupo, a desumanização de todas as pessoas que pertencem a essa comunidade e a perpetuação de preconceitos históricos e estigmatizantes relacionados a características como cor da pele, orientação sexual e identidade de gênero. E nesse conjunto de preconceitos, temos a homofobia que é um flagrante desrespeito às liberdades individuais.

A sexualidade e a religião não precisam ser antagonistas, mas sim espaços de encontro, compreensão e amor. Afinal, seguir Jesus Cristo é caminhar na direção do amor incondicional e da aceitação, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero. É necessário superar a barreira do binarismo, pois, como afirma Butler: “a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica” (Butler, 2003, p. 41).

O aumento alarmante de suicídio entre jovens e adolescentes LGBTQIA+ é uma realidade que precisa ser enfrentada de forma séria. É preocupante notar que as taxas de suicídio entre lésbicas, gays, bissexuais e pessoas adultas variam de acordo com a intersecção de diversos fatores, como identidade sexual, gênero, idade e raça, demonstrando a complexidade da situação. O Brasil é conhecido como o país que mais

mata pessoas LGBTQIA+ no mundo, segundo um dossiê⁴³ apresentado ao Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania.

Esta postura homofóbica impacta não apenas jovens LGBTQIA+, que muitas vezes perdem o apoio emocional e afetivo que deveriam encontrar em casa, mas também suas famílias, que se não são coniventes, sofrem junto. As crenças impostas com rigidez também levam à rejeição familiar, deixando esses jovens vulneráveis e buscando apoio em suas comunidades de apoio, ainda que apenas de forma virtual. É uma situação triste e desoladora que merece toda a nossa atenção e seriedade em ações de intervenção.

As instituições religiosas têm um papel crucial nesse cenário, pois, quando não adotam posturas de acolhimento, respeito e inclusão, de forma bem articulada; fomentam mais preconceito e discriminação desses grupos já tão marginalizados. É necessário que as instituições religiosas sejam locais de amor e compreensão, acolhendo a diversidade de identidades e orientações. Além disso, é fundamental que políticas públicas sejam implementadas para combater a discriminação e o preconceito, garantindo a proteção e o respeito aos direitos de jovens LGBTQIA+.

3.8 Os juízes e a toxidade nas redes sociais

Não é necessário existir Deus para criar a culpabilidade, nem para castigar.
Para isso, bastam os nossos semelhantes, ajudados por nós mesmos.
(Albert Camus).

⁴³ Seguindo a programação do Dia Internacional de Enfrentamento à Violência contra as Pessoas LGBTQIA+, o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) recebeu os dados do Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil 2022. O levantamento é resultado da parceria entre a Acontece Arte e Política LGBTI+, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) e a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), e tem o intuito de denunciar as violências sofridas pela população LGBTQIA+, além de problematizar as condições de vida e de vulnerabilidade dessa população.

Com um amplo diagnóstico das vítimas da LGBTIfobia no Brasil, o dossiê indica que, de janeiro a dezembro de 2022, 273 pessoas LGBTQIA+ morreram de forma violenta, mantendo o Brasil como o país que mais mata LGBTQIA+ no mundo. A representante da Diretoria de Promoção e Defesa das Pessoas LGBTQIA+ do MDHC, Danielle Brígida, afirmou que ter conhecimento desses dados reforça a importância de criar políticas públicas para proteger essa população. Os números indicam que a população de travestis e mulheres trans representou 58,24% do total de mortes (159); os gays representaram 35,16% dos casos (96); homens trans e pessoas transmasculinas, 2,93% dos casos (oito mortes); mulheres lésbicas corresponderam a 2,93% das mortes (oito casos); pessoas bissexuais representam 0,37% (uma morte); e as pessoas identificadas como outros segmentos correspondem a 0,37%, também com uma morte. Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/dossie-apresentado-ao-mdhc-indica-273-mortes-de-lgbtia-no-brasil-em-2022> Acesso em 03 jan. 2023.

Ações educativas, campanhas de conscientização e a criação de espaços seguros para que jovens possam se expressar são extremamente necessárias para reverter ou amenizar essa cruel realidade. O suicídio entre jovens e adolescentes LGBTQIA+, geralmente potencializado pela fragilidade da saúde mental, decorrente desse “desenquadramento social”, é um problema urgente e complexo. Toda a sociedade brasileira precisa se mobilizar para enfrenta-lo.

Focaremos na análise cuidadosa e empática dos dados coletados, tecendo a relação FAMÍLIA/IGREJA e o aumento nos índices de suicídios de jovens e adultos no Brasil, no período entre 2020 e 2023.

Os diagnósticos desta pesquisa foram gerados através de estudos bibliográficos e das análises dos discursos em contas do Instagram, a partir da netnografia⁴⁴.

A interação social virtual é um híbrido público-privado sem igual que oferece aos participantes a sedução de ser o centro das atenções perante uma “audiência” sem deixar os limites seguros de seu próprio lar. As oportunidades são abundantes não apenas para divulgar suas próprias informações privadas, mas também para participar publicamente nas informações privadas dos outros. Esse novo nível de voyeurismo e exibicionismo é significativamente diferente de qualquer coisa que um etnógrafo face a face encontraria. (Kozinets, 2014, p. 71-72).

O processo netnográfico é um mergulho profundo nas vidas e histórias dos participantes, com uma perspectiva objetiva que une descrições, reflexões e narrativas. Ao explorar as intersecções das categorias analíticas é possível criar um conhecimento rico e reflexivo. A cultura cotidiana, refletida nas telas digitais, revela as complexidades dos valores sociais e institucionais brasileiros, que muitas vezes são influenciados pela manipulação e violência presentes nas mídias. A Antropologia e a Sociologia passaram a estudar a cultura, explorando suas nuances e contextos. Não se pode mais ignorar a influência da conexão online na vida cotidiana e nas relações sociais, o que nos leva a explorar novas vertentes da etnografia das mídias digitais. O avanço da tecnologia trouxe

⁴⁴A netnografia adapta os procedimentos etnográficos comuns de observação participante às contingências peculiares da interação social mediada por computador: alteração, acessibilidade, anonimato e arquivamento. Os procedimentos incluem planejamento, entrada, coleta de dados, interpretação e adesão a padrões éticos (Kozinets, 2014, p.60).

As conexões e alinhamentos online estão cada vez mais afetando nosso comportamento social como cidadãos, como consumidores, como amigos e família, e como seres sociais. Nesta seção, veremos alguns fatos importantes sobre as comunidades e culturas online, a fim de demonstrar seu impacto no mundo social e, consequentemente, na conduta de pesquisa social contemporânea relevante. Como mencionado acima, ao menos 100 milhões de pessoas ao redor do planeta participam regularmente de comunidades online (Kozinets, 2014, p.19).

novas plataformas e dispositivos que ampliaram nossa compreensão da cultura dos algoritmos e das relações tecnológicas na sociedade atual.

Diante das interações no ciberespaço, fica evidente que não é mais possível estudar a relação mídia e religião, tanto na perspectiva das mídias religiosas quanto na das mídias seculares, sem considerar a midiatização da religião e da política. Esse é um fenômeno que marca o momento atual da política brasileira, em que os evangélicos se colocam na arena como uma massa organicamente articulada. Engana-se quem acha que evangélicos são os grupos fechados que antes conhecíamos, hoje são grupos que desenvolvem a cultura combinada com a religião com presença nas mídias, moda própria, artistas e celebridades, inserção no mundo do mercado e do entretenimento.

Esse segmento religioso se vê fortalecido como parcela social que tem suas próprias reivindicações e pode eleger seus próprios representantes para os espaços de poder público, ou seja, movimentos da dinâmica sociopolítica e religiosa midiatizada que marcam novas tendências no quadro sociopolítico e cultural e devem ser atentamente investigados e analisados hoje e nos tempos por vir.

A discussão sobre a homofobia cristã nas redes sociais também é um tema que tem despertado cada vez mais reflexões sobre a interpretação da religiosidade. Através da netnografia, podemos observar como a homofobia se manifesta em grupos autointitulados conservadores e cristãos. Essa discriminação, baseada na crença de que a homossexualidade é pecado, comumente se mostra de maneira agressiva e desrespeitosa. Grupos que se dizem defensores da família cristã perpetuam discursos de ódio e exclusão contra a comunidade LGBTQIA+.

A religião não deveria ser usada para justificar preconceito e promover discriminações. É essencial refletir sobre valores e crenças, cultivando empatia e respeito. É preciso confrontar e questionar a família homofóbica que dissemina discursos de ódio. Nas redes sociais é importante identificar e denunciar discursos homofóbicos e intolerantes. A religião deve ser um guia para promover o amor e a compaixão, não a exclusão e o medo. É urgente a promoção de uma sociedade inclusiva e saudável.

O que antes pertencia a um quadro restrito à vida privada, hoje está presente quase como que enquetes públicas, nas quais qualquer pessoa se sente no direito de opinar, interferir, julgar e condenar. “[...] o poder é um feixe de relações mais ou menos

organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado” (Foucault, 1996, p. 141).

A prática cristã de controle sempre foi uma forma de biopolítica. Ou seja, uma maneira de influenciar e moldar a vida dentro das complexas teias de poder na sociedade. Essa biopolítica não se resume apenas a regular a vida, como nos ensina Foucault, mas também envolve a inserção do corpo nos jogos de poder. As tecnologias de poder emergentes, nesse contexto, não só determinam quais vidas são consideradas válidas, mas também as que produzem, através de conexões e influências dos mais variados poderes, instituições e dispositivos.

O poder hoje, socialmente, é exhibir-se na vitrine do mundo digital. E quão terrível é ter sua própria existência passível de validação. Condenar corpos, almas, desejos, amores, relações de afeto. Inserí-las em caixinhas de subjugações. Seleccioná-las como passível de recuperação “ou não”. Apenas, e por tudo isso que foi supracitado, é sim compreensível entender o sofrimento, que acarreta uma pulsão de morte.

Na autoetnografia de Raphael Rocha, ele fez o seguinte relato:

Ao estar imerso no fardo idealizador/construído historicamente sob o meu corpo gay, eu reivindicava o meu próprio anonimato, não queria ser notado, não participava das festas de família (porque sempre cobravam sobre as “namoradinhas”), dos vizinhos, não saía na rua e me afastei da minha própria presença, fiz com que eu despossuísse o meu próprio corpo. Minha vivência era levada à alienação, eu identificava a minha própria existência invisibilizada como merecimento por ser gay, nada mais que uma falsa equação, pois não tinha como escapar da minha sexualidade nem da homofobia que me rodeava/rodeia. O desejo de ser invisível, apagado, anônimo era uma saída para o meu corpo não ter mais marcas por feridas golpeadas, por olhares fulminantes, por palavras ofensivas e intoleráveis para a minha organização psíquica (Rocha, 2023, p. 74-75).

É pensar no próprio existir, é ter direito de existir. Existir sem medo, sem vergonha, sem ressalvas, sem aspas. Não sufocar a persona gritante, enclausurada, aflita. Tampouco matá-la, permitir que silencie, que se torne invisível, que morra sem nunca ter nascido. E se ainda vir a nascer, que a angústia pela danação, pela exclusão, pelo desamor não o façam sucumbir. Que haja sempre um colo, um abraço, dois ouvidos e um afeto genuíno para acolher.

A psicóloga Grada Kilomba chama a atenção para o assassinato homofóbico do eu:

A conexão entre a homofobia e a morte é uma associação poderosamente trágica, já que o preconceito contra os gays pode, efetivamente, causar o assassinato homofóbico do eu. O suicídio é a última performance da condição do sujeito gay em uma sociedade preconceituosa, que sitia por todos os lados os corpos minoritários. Essa pressão social (aqui me refiro a todos os âmbitos sociais e culturais) é performada por muitos corpos por meio do suicídio. É uma sequência demasiadamente dolorosa, mas realista e sem idade certa para acontecer. Logo, o homossexual “enrustido” apresenta a perda de si próprio, matando o lugar da outridade (Kilomba, 2019).

Urge que forjemos ações que evitem que pessoas jovens LGBTQIA+ tenham, no suicídio, sua última performance.

4. NÃO HÁ PADRÃO HUMANO: NOSSO EXISTIR É DIVERSO

Diferente do conceito cartesiano de René Descartes (1596-1650), defendido pelo também filósofo Immanuel Kant (1724-1804), onde a existência está intrinsecamente ligada ao pensar, ou melhor, o pensar é o princípio da existência; no existencialismo a existência humana vai muito além do pensar: está amparada na liberdade de nossa essência, na consequência de nossas escolhas, do nosso livre-arbítrio e do fardo das nossas renúncias. A angústia é percebida ao passo que vislumbramos que em cada escolha, algo é renunciado, e que não compreender essa liberdade nos aflige. Mas não podemos exercer nossa plena liberdade e/ou deixar de ser quem se é, por medo das renúncias sociais, tampouco devido aos preconceitos. Nos submetemos a dores muito profundas. O uso contínuo e diário de “máscaras sociais”, que ora ou outra nos leva a exaustão. É impossível fingir, interpretar papéis o tempo todo e todo o tempo.

O existencialismo é uma corrente filosófica que tem seu marco inicial com os pensamentos de Søren Kierkegaard. Esse movimento intelectual tem seu início na França, na metade do século XIX, e é considerado como Filosofia da Liberdade, falando de Liberdade prática, real. Ainda que alguns pensadores tenham o existencialismo como um momento de ruptura com o mundo religioso e o entrelaçamento com o mundo secular, essa assertiva é algo um tanto discrepante, visto que seu precursor, considerado o pai do existencialismo, era um homem religioso, um cristão radical.

Embora tenhamos muitos grandes pensadores no campo do existencialismo, priorizaremos o Kierkegaard, Heidegger, Nietzsche, Alberto Camus e Jean P. Sartre.

Kierkegaard, o conhecedor do ser, aquele que atribui significados, não pode se desligar de si mesmo e contemplar a existência como uma mera subespécie da eternidade. Ao enfrentar dificuldades, incertezas e conflitos, o ser humano pode encontrar a sua constituição moral e crescer espiritualmente. Na visão kierkegaardiana, a característica fundamental do ser humano reside no sentimento de obrigatoriedade em formular escolhas livres. É por meio da reflexão que o "eu" se torna sujeito, reivindicando e conquistando a sua liberdade. Essa liberdade pode se transformar em uma aventura ou um risco, quando o ser humano toma consciência de si mesmo e do mundo em que vive, confrontando-se com emoções como ansiedade, angústia e náusea.

4.1 Dicotomia angustiante da liberdade de existir e resistir

A vida é a soma de todas as suas escolhas. (Albert Camus).

A angústia fortalece a sensação de existência, pois é no sofrimento, mais do que na felicidade, que o ser humano se percebe como uma consciência de si mesmo. É através do sentimento de angústia que surge a "nostalgia" da libertação. Ao experimentar um sentimento de completo abandono em relação a si mesmo, o ser humano apreende e saboreia suas infinitas responsabilidades. Aquele que conhece está sempre comprometido com o bem de outra forma, jamais será capaz de compreender a verdadeira definição da moralidade.

Parafraçando Albert Camus, o ser humano conhece uma percepção de desconforto oculto diante dos outros, que lhe parecem alheios; uma angústia dolente diante do seu "eu", incompreensível e reservado. Porém, em meio ao caos, entre o acaso e o atropelo, o ser humano deve afrontar e criar, sem qualquer utilidade ou futuro aparente, levando-o a uma profunda reflexão sobre a sua infeliz condição. Consciente do seu envelhecimento, essa pessoa sabe que o fim da jornada será a morte, que torna a vida um fracasso e uma mentira, transformando a nossa condição humana em uma absurda e desafiadora peripécia. De acordo com Camus:

Cenários desabarem é coisa que acontece. Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre, sem problemas, a maior parte do tempo. Um belo dia, surge o "por quê" e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. "Começa", isto é o importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo. Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento (Camus, 2018, p. 27).

Heidegger sugere que a construção da existência humana é moldada por três diferentes realidades: o mundo do ser transcendente, que se revela a si mesmo; o mundo das pessoas ao nosso redor; e o mundo das entidades que nos cercam. Através do estudo fenomenológico, podemos descobrir as divisões ocultas nas condutas diárias de cada indivíduo, revelando a essência do ser de tal forma que se faça presente. Heidegger conclui que compreender o verdadeiro significado do ser é uma tarefa extremamente desafiadora, pois é um conceito profundo e misterioso. A essência principal da investida de Heidegger habita em aclarar, de maneira perspicaz, as premissas basilares que

sustentam o nosso mundo empírico, sem, no entanto, reduzi-lo através de meras elucidações reflexivas.

Para Heidegger, a sensação de angústia surge quando o ser humano enxerga além das trivialidades do dia a dia e se dá conta de sua própria condição: um ser lançado ao mundo sem um propósito claro, destinado à própria morte. Essa angústia age como uma mediação entre a possibilidade de se viver de forma autêntica. Segundo seu pensamento:

Um modo existencial básico em que a presença é o seu pré. Ontologicamente, ela não apenas caracteriza a presença como também é de grande importância metodológica para a analítica existencial, devido à sua capacidade de abertura. Esta possibilita, ademais, como toda interpretação ontológica, a se escutar, por assim dizer, o Ser dos entes que já se abriram. (Heidegger, 2005, p. 194).

A angústia desvenda a essência do Ser, revelando sua abertura, possibilidades, liberdade e o significado da existência. Podemos compreender a angústia existencial como um sentimento incômodo e inquietante diante da própria existência. É uma sensação de vazio e falta de propósito, que nos leva a questionar o sentido da vida e nossa mortalidade. Além disso, a angústia ontológica transcende o processo terapêutico, levando o Ser a descobrir possibilidades que, por meio do cuidado, podem ser interpretadas de maneira única e singular.

O "pathos"⁴⁵ pode ser considerado como uma força emocional essencial que conforma e direciona o fluxo da existência humana. Em termos simples, ele desempenha um papel crucial na tomada de decisões que definem o caminho de vida de uma pessoa, frequentemente servindo como a chama que a mantém viva e motivada. Nesta visão, a angústia emerge como uma oportunidade para redescobrirmos a nós mesmos. Abandonar nossa singularidade e evitar assumir a responsabilidade por nossas decisões, contentando-nos com a confortável impessoalidade e sem procurar novas inspirações capazes de transformar o significado de nossa própria existência, equivale a renunciar à nossa própria identidade.

⁴⁵ A palavra grega "Pathos" (πάθος) tem um significado profundo, representando o sofrimento, a paixão e o afeto. Na eloquência de Aristóteles, o *Pathos* se manifesta como a capacidade do orador ou escritor de despertar emoções e sentimentos em seu público. É a habilidade de apelar para o lado emocional do seu público-alvo, criando uma conexão profunda e duradoura. Segundo, Nietzsche, em sua obra "Genealogia da moralidade": é esse *pathos* de distância que os levou a tomar o direito de criar valores, forjar o nome dos valores: o que a utilidade lhes importava. O ponto de vista da utilidade é o mais estranho e desviado possível em relação a uma explosão tão borbulhante de julgamentos de valor supremo que fixam e traçam a hierarquia: é precisamente aqui que o sentimento alcançou o oposto dessa baixa, uma temperatura que pressupõe qualquer prudência contábil, qualquer cálculo de utilidade - e nem por uma vez isolado, nem por uma hora de exceção, mas de maneira duradoura.

De acordo com Nietzsche, o desafio primordial que o ser humano enfrenta reside em buscar a autenticidade e encontrar sua verdadeira essência, aquele "eu" genuíno que o levará a reconhecer-se tanto criatura, quanto criador. Afinal, nossa existência não é mera casualidade destituída de sentido. É imperativo que cada um se aproprie por si só da sua individualidade, bem como dos valores e da dignidade que a própria natureza nos presenteou. A singularidade humana é o objetivo primordial, muito mais que qualquer evolução.

Na perspectiva de Sartre, ser humano é um privilégio, pois apenas ele possui a capacidade de experimentar a interioridade (ser para-si), enquanto as coisas se limitam a apenas existir (ser em-si). Diferente do Idealismo, os fenômenos não são apenas estados de consciência, eles não se dissolvem no pensamento. O ser em-si é simplesmente um dado primitivo, sem nenhuma possibilidade de ser interior. Já o ser humano é aquilo que ele projeta ser. É a subjetividade que impede que nos tornemos objetos, pois é através dela que podemos perceber nossas próprias qualidades, o que nos caracteriza como seres humanos. É através da liberdade que o ser humano cria a si mesmo e os objetos ao seu redor. A escolha se torna um sinal distintivo da existência, pois a busca pela liberdade é inerente ao ser humano. Para Sartre “a angústia surge da compreensão de que não podemos dar desculpas” (Sartre, 2015, p.72), é quando percebemos o alcance das nossas opções, pois, enquanto existirmos, continuaremos a fazer escolhas em relação aos nossos objetivos.

Tanto Jean-Paul Sartre quanto Albert Camus argumentavam que a fé e a religiosidade não eram autênticas soluções para a angústia. Para esses filósofos do existencialismo, o mundo é visto de forma ateísta, e cada indivíduo é responsável por criar seu próprio sentido e propósito de vida. A angústia é uma condição inerente à condição humana, uma vez que somos livres e responsáveis por nossas próprias escolhas.

Porém, fé e religiosidade desempenham papéis importantes no pensamento existencialista. Alguns filósofos, como Søren Kierkegaard e Martin Heidegger, defendiam que a fé é uma forma de lidar com a angústia existencial, embora com visões diferentes um de maneira mais teológica, enquanto o segundo num viés fenomenológico. Para eles, a religiosidade oferece um refúgio e um consolo diante do absurdo e do vazio que parecem seguir a condição humana.

Mesmo com divergências na abordagem da fé e da religiosidade, os pensadores existencialistas concordavam que a questão da existência humana deve ser enfrentada de forma individual e pessoal. Não há uma resposta universal para os problemas existenciais, pois cada indivíduo é único, assim como suas vivências e experiências. Essa abordagem subjetiva e individualista do existencialismo foi fundamental para desafiar as estruturas tradicionais de pensamento e estimular a reflexão sobre a importância do indivíduo em seu contexto social.

O existencialismo trouxe profundas reflexões sobre a angústia, a fé e a religiosidade. Os filósofos existencialistas exploraram a natureza da existência humana, destacando a inevitabilidade da angústia, e discordaram sobre a relevância da fé como forma de lidar com esses questionamentos. Sigmund Freud, por exemplo, descreveu a angústia como um estado de tensão que surge quando nos deparamos com a inevitabilidade da morte e a incerteza da existência.

Nesse instante, podemos refletir sobre a angústia existencial, na qual nossa presença, nosso "estar-no-mundo", possui um propósito: considerando que somos uma obra divina e que toda divindade é "perfeita", como poderia criar seres, criaturas, filhos e filhas tão imperfeitos? Como esses indivíduos imperfeitos podem viver sua fé, quando a religiosidade que os alimentou espiritualmente passa a encarar sua sexualidade como uma subversão, uma anomalia, que desafia a suposta "normalidade" dos desejos sexuais? A fé e a religiosidade dos grupos LGBTQIA+ são demonizadas, sendo tratadas como exemplos claros de desobediência e desordem que devem ser combatidos, erradicados, convertidos. Será que na concepção da criação à "imagem e semelhança" foram então negligenciados? Talvez até amaldiçoados, sendo forçados a uma angústia que os leva a renegar sua própria vida e existência?

Nesse contexto de exclusão, a família deveria ser o ninho, o espaço de amparo, os braços que acolhem, mas nem sempre é assim, e muitas vezes não chega nem perto disso. A pertença religiosa familiar e suas concepções de pecado, bem e mal, santo e demônio, farão toda diferença e conduzirão seus membros sobre a essência de sua própria existência, ou de pulsão a não mais existir. Heidegger diz que:

O Ser-para-morte é antecipação do poder-ser de um ente cujo modo de ser é, em si mesmo, um antecipar. Ao desentranhar numa antecipação esse poder-ser, a presença se abre para si mesma, no tocante à sua extrema possibilidade. Projetar-se para seu poder-ser mais próprio significa, contudo: poder de

compreender no ser de um ente assim desentranhado: existir. A antecipação comprova-se como possibilidade de compreender seu poder-ser mais próprio e extremo, ou seja, enquanto possibilidade de existir em sentido próprio. (Heidegger, 2005, p. 46)

Pessoas pertencentes aos grupos LGBTQIA+ enfrentam uma série de desafios em relação à sua própria existência na sociedade, lidando com violência e preconceito de todos os tipos. Para viverem plenamente, incluindo sua religiosidade e fé, passam a ser submetidas ao julgamento de toda sociedade, principalmente de muitas lideranças religiosas, que na maioria das vezes não apenas as demonizam, mas as orientam a um tratamento de “cura” para tal desvio. Além de disseminarem discursos de ódio, de grande alcance nas redes sociais, promovendo o afastamento de boa parte da sociedade, que imbuídas de um conservadorismo fundamentalista, veem na figura da liderança religiosa uma personificação divina, possuidora direta de uma verdade, que jamais deve ser questionada.

Dessa maneira, negam os espaços necessários aos grupos homoafetivos para que possam construir suas identidades, preservarem sua dignidade, e/ou simplesmente viverem suas vidas. Segundo, André Musskopf:

O resgate da experiência cotidiana destas pessoas que vivem à margem do sistema heteronormativo representa material fecundo para uma reflexão sobre a Teologia. Assim como nas Comunidades Eclesiais de Base e nos Grupos de Mulheres, *gays* e lésbicas resgatam suas experiências, suas formas de sentir, ver e encarar o mundo, para poderem emergir como sujeitos da sua própria realidade, no fazer da sua própria história e na construção de uma teologia que responda às suas vivências. O compartilhar das histórias invisibilizadas é o meio para sair da escuridão e do silêncio. Embora muitas vezes não seja considerada uma forma autêntica de fazer Teologia, campo ainda dominado por padrões de objetivismo e universalismo, é na subjetividade e na particularidade do contar histórias de vida que *gays* e lésbicas recuperam o seu passado de opressão e dominação, curando profundas feridas, permitem a vida e fazem frente ao sistema que oprime e marginaliza, tornando-se sujeitos do seu presente e do seu futuro. (Musskopf, 2005, p. 14).

A natureza humana é essencialmente física. Não é possível falar sobre a humanidade sem mencionar um indivíduo tangível e palpável. Nossa interação com o mundo sempre envolve o uso do corpo. Onde esse corpo sente desconforto, necessidades e desejos, em busca de entendimento.

Através das primeiras experiências, criamos símbolos e representações que ficarão gravados em nossa memória sensorial e motora. Nosso corpo absorve e interpreta os ritmos do mundo e das pessoas ao nosso redor, tornando-se a base da nossa subjetividade.

A partir dessas experiências, desenvolvemos uma linguagem visual para novas interações, criando imagens que refletem nossa história e experiências pessoais.

O corpo não é apenas um meio do qual dispomos para produzir sentido. Em nossos corpos estão inscritas construções sociais, culturais, religiosas, ideológicas etc. É por meio dele que damos sentido ou validação a determinadas práticas, crenças e costumes. Por isso, o corpo é o lugar hermenêutico por excelência para ler e apropriar os diversos códigos a que estamos expostos e, quem sabe, libertar de construções opressoras e castradoras que nos impedem de viver nossos corpos autenticamente (Musskopf, 2003, p. 141).

Com o corpo, lemos e produzimos imagens que nos ajudam a entender e expressar nossas experiências. O Cristianismo, ao longo de sua história, soube controlar de maneira astuta os impulsos carnis, através do domínio da mente e dos pensamentos. Estabelecendo uma batalha entre o corpo e o espírito, foram elaboradas regras de conduta e comportamento que visavam combater os desejos e pecados da carne. Nossa jornada é resultado de um constante diálogo com nossa experiência corporal, que molda nossa percepção do mundo e de nós mesmos. E nessa busca por existência, voz e visibilidade, erguem-se paredões formados por lideranças religiosas conservadoras que incitam constantemente o ódio nas redes sociais.

4.2 Lideranças religiosas e a caça aos desviantes

Jesus percebeu a hipocrisia deles e respondeu:
Por que me tentais? Trazei-me uma moeda para que eu a veja. (Marcos 12,15).

As lideranças religiosas exercem um papel de grande influência na sociedade, oferecendo orientação espiritual, moral e ética às pessoas. Entretanto, em alguns casos, essa influência pode ser utilizada de forma negativa, resultando em comportamentos extremos como o discurso de ódio e o fundamentalismo. Quando as escrituras dizem na epístola de Tiago 3:17-18 que “a sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento. Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz”. Este e inúmeros outros textos bíblicos, neotestamentários, confirmam quão distantes dos ensinamentos de Jesus estão os que adotam discursos de ódio. Jesus adota a misericórdia como prática de acolhimento, rompendo com a visão de um Deus limitado pela projeção que o ser humano faz de si mesmo para descrever o Sagrado:

Há um princípio de ordem organizando-as, o que garante um alto grau de controle, e que acrescenta um senso “não romântico” quase impessoal aos relacionamentos amorosos, com exceção das variações. As variações na narrativa normalmente aparecem como pequenas contravenções ou leves mudanças ao que havia sido pactuado e é esperado. [...] A história humana, por exemplo, tradicionalmente limita os excessos de Deus. Não é Jesus (e a tradição profética) uma variação na cena de um Deus limitado? A condenação paulina à “letra que mata” pode ser um claro indício dos limites dos pactos e um chamado para procurar variações em nossa forma relacional de entender Deus. (Althaus-Reid, 2019 p. 50-51).

O discurso de ódio é uma forma de expressão que propaga repulsa e discriminação contra pessoas ou grupos, com base em características como religião, etnia, gênero, orientação sexual, dentre outros. Infelizmente, algumas lideranças religiosas têm utilizado essa prática, incitando a perseguição às pessoas "desviantes" em relação aos preceitos estabelecidos pela sua religião. Isso fica bastante evidente quando visitamos as páginas de alguns líderes religiosos, que conseguem um engajamento massivo ao publicar temas polêmicos e desrespeitosos, para não chamar de criminosos, contra à população LGBTQIA+.

Nas redes sociais essa violência simbólica desponta através do uso da linguagem e de práticas que reforçam a preponderância de determinados grupos sobre outros. Um exemplo disso é a disseminação dos discursos de ódio direcionados à comunidade LGBTQIA+, que evidencia a violência simbólica presente nas interações *online*. Pierre Bourdieu

[...]considera como violência simbólica toda coerção que só se institui por intermédio da adesão que o dominado acorda ao dominante (portanto à dominação) quando, para pensar e se pensar ou para pensar sua relação com ele, dispõe apenas de instrumentos de conhecimento que têm em comum com o dominante e que faz com que essa relação pareça natural. (Bourdieu, 2001, p. 205)

Vejamos alguns exemplos destas postagens e também de alguns comentários que são postos contra e a favor. Não nos causa estranhamento os milhares de comentários prós e contras de pôster com conteúdo homofóbico. Os engajamentos nesses tipos de postagens são esperados, principalmente pela diversidade de personalidades, que carregam culturas, formações e ignorâncias das mais variadas. O que nos causa abismamento é a irresponsabilidade do autor, que em prol de um pseudoCristianismo, que ignora o que há nas próprias escrituras bíblicas, como em Atos 10:34, “Deus não faz

acepção de pessoas”. A forma como esses *influencers* religiosos⁴⁶, baluartes da moral e bons costumes, introjetam suas verdades no consciente e inconsciente de seus seguidores e seguidoras, de maneira que cause uma rigidez comportamental, e essa mesma rigidez despreze sua própria parentela, endureça o coração lhes negando afeto, apoio e até mesmo a fala, unicamente por conta de sua sexualidade, de sua orientação sexual. Não há amor no vazio, tampouco essência cristã nesses discursos, apenas a mais pura ignorância e desumanidade.

A era digital revolucionou a forma como nos comunicamos e vivenciamos nossa espiritualidade. Antigamente, as organizações religiosas detinham o controle absoluto sobre as práticas e crenças sagradas, porém, com a ascensão da Internet, cada indivíduo passou a ter autonomia para se autoafirmar, como adepto de uma determinada fé. As plataformas digitais não apenas facilitam a interação entre os membros de uma comunidade religiosa, como também encorajam uma postura mais independente em relação às instituições tradicionais.

Com a popularização da rede mundial (Internet), qualquer pessoa pode expressar livremente suas convicções e reflexões sobre sua religiosidade e/ ou espiritualidade, mesmo sem pertencer formalmente a uma denominação eclesial ou igreja. As hierarquias religiosas já não detêm o monopólio do que é difundido, e a comunicação entre os fiéis foi completamente transformada. A era digital inaugurou um novo período de liberdade de expressão para praticantes da fé, possibilitando que cada um encontre sua própria forma de viver sua espiritualidade, sem se prender aos moldes das instituições convencionais; ainda que esse novo formato disponibilize uma peculiaridade bastante nociva e distorcida do que está disposto na Bíblia.

⁴⁶ Termo em inglês para “influenciador”. Atualmente, há religiosos que possuem milhões de seguidores e seguidoras no Twitter e no Facebook e que jamais caberiam no espaço físico de culto. Por exemplo, os pastores Cláudio Duarte, Edir Macedo, Valdomiro Santiago, Silas Malafaia, Marco Feliciano, o Papa Francisco, o Padre Fábio de Melo, além de blogueiros e youtubers diversos que não divulgam a filiação institucional, mas que formam grandes comunidades nos ciberespaços. Esses influenciadores digitais religiosos, inteiramente à vontade nas mídias digitais, para o bem ou para o mal, assumem lugares de importantes interlocutores, produzindo discursos que condicionam ou afetam o comportamento de seus seguidores e seguidoras, que se tornam multiplicadores na sociedade. Com a alimentação da ideia de gratuidade e da sensação de inserção social, os indivíduos voluntariamente alimentam as inúmeras plataformas digitais. Ao acreditar que fazem isso a serviço de Deus, os influenciadores digitais religiosos e seus seguidores atuam com maior empenho. XV – ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares sobre a Cultura - INFLUENCIADORES DIGITAIS RELIGIOSOS: MODUS VIVENDI NA SOCIEDADE EM MEDIATIZAÇÃO. Por: Catiane Rocha Passos de Souza e Laisa da Silva Pereira. Disponível em: <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112036.pdf> Acesso em: 16 ago. 2023.

Analisar seriamente o fenômeno social que se instala, decorrente da disseminação do ódio, com tais postagens nas redes sociais, instigados pela religiosidade conservadora fundamentalista e, principalmente, desumana, é uma análise profundamente entristecedora. É justo e necessário que haja reapropriação da Bíblia, para combater as tantas distorções. Como disse Musskopf (2015, p. 103) “é necessário que gays tomem a Bíblia em suas mãos, comecem a lê-la a partir de sua experiência e descubram-na como mensagem de libertação”. Vejamos alguns exemplos daquilo que chamam de culto religioso:

FIGURA 2 – pregação com o título: LGBT não é um movimento, é uma religião⁴⁷, feita pelo Pr. André Valadão no púlpito da Igreja Batista da Lagoinha, e veiculada nas páginas das redes sociais.



Fonte: Instagram.

FIGURA 3 – pregação com o título: LGBT não é um movimento, é uma religião



Fonte: Instagram.

⁴⁷Video completo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h8Qivu6rLaI>

Atualmente, André Valadão têm mais de 5 milhões e 900 mil seguidores, isso apenas no Instagram, esse número não está restrito apenas aos membros de sua igreja. Por ser uma página aberta de rede social, ela agrega simpatizantes tanto quanto *haters*⁴⁸, pessoas de muitas outras denominações evangélicas neopentecostais, tradicionais e também de outras religiões, ou mesmo cristãos não participantes de uma instituição religiosa. O pastor André Valadão é um grande influenciador nas redes sociais, usa uma linguagem de fácil acesso, cuja comunicação ecoa por diversos estratos da sociedade. É uma cara jovem que traz um discurso bastante conservador, que causa polêmica, mas também admiração de diversas faixas etárias.

Com discursos acalorados, e templos lotados de admiradores, ele é a voz assertiva para combater a lasciva impetrada pelos grupos imorais da sociedade. Sabendo o alcance dantesco das redes sociais ele lança voz, mesmo que conheça sanções e limites legais, sem qualquer temor, pois, entre a velocidade das redes sociais e a morosidade e parcialidade da justiça, “o pastor paga pra ver” sabendo que “os fins justificam os meios”⁴⁹, sem ou com pouca preocupação, expõe seu espetáculo midiático, executado no púlpito dos seus cultos, mas com projeção nas redes sociais, de modo a atingir o maior número de pessoas.

Estamos falando de discursos carregados de intolerância e ódio, com doses distorcidas de interpretações bíblicas direcionadas contra pessoas e grupos mais marginalizados da sociedade, tendo uma preferência peculiar em atacar a comunidade LGBTQIA+.

Durante o culto ao vivo transmitido pelo pastor André Valadão, no domingo, dia 02 de julho de 2023, houve um discurso controverso em relação à comunidade LGBTQIA+. Em um momento da transmissão intitulada "teoria da conspiração", o pastor

⁴⁸ Os *haters* ("odiadores", em tradução livre para português) são pessoas que fazem críticas mal-intencionadas na Internet, cujo objetivo é magoar, fazer piada ou até mesmo sentir-se superior. O termo se popularizou na web por causa das redes sociais - plataformas em que facilmente se encontram *haters* - e também pelo fácil compartilhamento de opiniões online, que permite ainda fazer publicações maldosas sem identificação. A prática do *hate*, no entanto, não é a mesma coisa que outros tipos de ódio gratuito online - como cyberbullying ou discurso de ódio -, já que se trata de um comportamento mais leve. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2023/09/o-que-e-hater-na-Internet-veja-significado-e-traducao-para-o-portugues-cdsoftwares.ghml> Acesso em: 08 fev. 2024.

⁴⁹ Frase que é atribuída a Nicolau Maquiavel por conta das ideias apresentadas em seu livro *O Príncipe*, mas, na realidade, foi citada na obra *Heroides*, do poeta romano Ovídio. O seu significado está ligado ao pensamento de que a ética pode ser ignorada quando existe um bom motivo para tal, ou seja, que vale tudo para alcançar o que se deseja, principalmente se for o poder. Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/portal/os-fins-justificam-os-meios-que-problemas-esse-pensamento-pode-lhe-causar/> Acesso em: 08 fev. 2024.

fez comentários sugerindo atitudes extremas por parte de evangélicos em relação à população LGBTQIA+. Com uma audácia perturbadora, ele insinuou que a solução para o "problema" da população LGBTQIA+ seria a eliminação física. Uma declaração chocante e desoladora que levanta sérias questões sobre o respeito e a tolerância na nossa sociedade. Vejamos, exatamente, o que foi proferido pelo pastor:

“Agora é a hora de tomar as cordas de volta e dizer: Pode parar, reseta! Mas Deus fala que não pode mais”, afirma o pastor. “Ele diz, ‘já meti esse arco-íris aí. Se eu pudesse, matava tudo e começava de novo. Mas prometi que não posso’, agora tá com vocês” (Carta Capital, 2023).

Em meio ao mesmo culto, incitou aos fiéis que agissem, que tomassem a palavra para si, pois Deus espera mais deles, “não entendeu o que eu disse? Agora, tá com vocês! Deus deixou o trabalho sujo para nós” (Carta Capital, 2023).

E continuou em seu discurso carregadíssimo, “hoje você vê nas paradas, homens e mulheres completamente nus, com suas genitais expostas dançando em frente de crianças. Aí você horroriza, mas essa porta foi aberta quando nós tratamos como normal” (Carta Capital, 2023).

Durante o culto nos Estados Unidos, o pastor levantou questões polêmicas sobre a presença de Drag Queens em escolas, onde elas supostamente estariam ensinando sobre sexualidade para crianças, promovendo a ideia de que podem ser o que quiserem. Ele também trouxe à tona o debate sobre transgeneridade na infância, alertando para o perigo da escolha precoce e mencionando o risco de mutilação corporal. No Brasil, a cirurgia de readequação de gênero é permitida apenas para maiores de 18 anos, após acompanhamento psicológico de, pelo menos, três anos.

FIGURA 4: postagem instigando o ódio (página pessoal do Pr. André Valadão)



Fonte: Instagram

FIGURA 5: pregação com o título: Deus odeia o orgulho.



Fonte: Instagram

Anterior a isso, em junho de 2023, em sua campanha *online*, ele travou uma batalha virtual fervorosa contra a celebração do mês do orgulho LGBTQIA+. Em um sermão na mesma igreja, em Orlando, ele ousou comparar indivíduos LGBTQIA+ a delinquentes, chegando ao ponto de afirmar que "junto aos corruptos, os homossexuais não herdarão o Reino de Deus".

Logo após suas falas cheias de intolerância, tentou amansá-las, segue dizendo que não iriam fazer isso, não iriam agir dessa forma, porém, não iriam “aceitar essa empatia enganosa, essa empatia que diz: eu sinto o que você sente, eu te entendo, eu te amo, eu tô com você. Levando a empatia para um lugar que não é certo” (Valadão, 2023). Nessa ocasião a deputada federal Erika Hilton, do PSOL de São Paulo, causou uma agitação ao protocolar uma denúncia contra o líder da Igreja Batista de Lagoinha, André Valadão, por

homotransfobia junto ao Ministério Público de Minas Gerais. A acusação foi formalizada com grande coragem e determinação nesta segunda-feira, 5 de junho de 2023. A denúncia se baseia em um culto conduzido pelo pastor, intitulado “Deus odeia o orgulho”, durante o mês do Orgulho LGBTQIA+. A parlamentar invoca uma decisão histórica do Supremo Tribunal Federal, de 2019, equiparando a homotransfobia ao crime de racismo, e destaca que o pastor infringiu a Lei 7.716/89 ao praticar e incitar o preconceito e a discriminação homotransfóbica.

Com sua atitude, Erika Hilton reafirma seu compromisso com a justiça e a igualdade para todas as pessoas. Ela não hesita em levantar sua voz contra qualquer forma de discriminação e violência, mostrando que a luta por direitos LGBTQIA+ é urgente e necessária.

FIGURA 6 e 7: Postagem provocativa instigando o engajamento polarizado na rede social.



Fonte: Instagram

As postagens feitas pelo pastor André Valadão continuam disponíveis, assim como, também estão disponíveis seus pacotes de “cura gay”, ou também chamada de tratamento de “reorientação da sexualidade”. Por valores simbólicos, de cerca de 3mil reais⁵⁰, que podem ser facilitados em pagamentos parcelados. Esses megacultos também

⁵⁰A Revista VEJA ouviu relatos de pessoas que passaram pelo processo, a cargo de pastores da Lagoinha. O palco das atividades é a Estância Paraíso, a quarenta minutos de BH. Os retiros ali duram de três a oito dias, custam até R\$ 3.000,00 e ficam sob responsabilidade de uma pastora. A promoção da “cura gay” não é explícita. “Nossos retiros não são só para homossexuais, lésbicas, essas coisas, mas sempre trabalhamos a cura e a libertação interior, e muita gente sai restaurada”, informou uma atendente do local. “Eles entendem que essa não é a vida que agrada ao Senhor”. Entre os fiéis que passaram pela experiência está a publicitária Cláudia Baccile, 33 anos. Ela conta que nas dinâmicas os e as participantes são bombardeados com ideias como as de que “a homossexualidade é o pecado extremo” e que quem se envolver em ato sexual dessa natureza “será condenado à morte eterna. Na época, já me via como lésbica e fui levada a uma sessão de exorcismo”, diz Cláudia. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/como-a-igreja-comandada-por-andre-valadao-promove-a-absurda-cura-gay> Acesso: 19 nov. 2023.

possuem seu comércio interno, que oferta: camisas, chaveiros, palestras e heterossexualidade.

O Pr. André Valadão responde por vários processos devido aos conteúdos homofóbicos e discurso de ódio, mas isso não inibiu, nem inibe novas falas e práticas de igual conteúdo, tampouco faz com que outras lideranças religiosas sigam o mesmo posicionamento, no intuito de aumentar, ainda mais, seu enorme fã-clube.

De acordo com a revista Veja:

Fenômeno popular no mundo evangélico, com 5,7 milhões de seguidores nas redes sociais, mais do que estrelas do púlpito como Silas Malafaia (Assembleia de Deus) e Edir Macedo (Universal), o pastor mineiro André Valadão, 45 anos, vem pavimentando sua fama à base de uma retórica virulenta. Nas últimas semanas, o líder global da Igreja Batista da Lagoinha, com sede em Belo Horizonte e 700 filiais em cinco continentes, enveredou por uma pregação movida a intolerância, cujo conteúdo foi parar no Ministério Público Federal de Minas Gerais. Valadão bradou aos fiéis que "Deus mataria" a população LGBTQIA+ e os instou a "ir para cima" deles. O ataque de Valadão a essa comunidade não se restringe às falas transmitidas de Orlando, nos Estados Unidos, onde vive. Sem fazer alarde, mas de modo incisivo, a igreja comandada por ele defende e promove uma suposta "reorientação" da sexualidade, aberração conhecida como cura gay. (Revista Veja, 2023).

Não é à toa que boa parte de lideranças religiosas seguem estéticas de pregação muito similares, visto que esse padrão causa engajamento nas redes sociais, e, por conseguinte, retorno financeiro; ainda que esse comportamento leve à intolerância religiosa e ao desprezo por aqueles e aquelas que não seguem as mesmas crenças ou práticas sociais, permanece sendo disseminado e monetizado sem muita censura quanto a violência causada. Karl Marx disse: "A violência é a parteira de toda velha sociedade que está prenhe de uma nova. Ela mesma é uma potência econômica" (Marx, 1985, p. 286), não importa se essa violência se apresenta de forma simbólica ou não.

As ideologias conservadoras que permeiam os discursos e práticas das lideranças evangélicas no Brasil não são novidades. Além de promoverem um controle rígido sobre os corpos, essas abordagens teológicas também sustentam visões racistas baseadas em interpretações fundamentalistas da Bíblia. Outro ponto comum é a defesa de um Deus combativo e beligerante, que incentiva a discriminação contra quem discorde ou se oponha às suas falas e condutas, rotulando tais pessoas como agentes do mal.

Atualmente o quantitativo de páginas nas redes sociais de líderes religiosos, como pastores, bispos, diáconos, padres que incitam posturas combativas e violentas,

promovendo o mal comum, o rechaçar de grupos diversos que se opõem da forma de enxergar o amor, o respeito e o carinho para com o outro semelhante, só vem crescendo. Referimo-nos, principalmente, aos casos de intolerância religiosa e a LGBTfobia⁵¹.

Kierkegaard temia profundamente o fundamentalismo como uma ameaça à comunicação saudável. Ele sabia que o apego obstinado a doutrinas religiosas ou ideologias, poderia causar um cenário de comunicação estagnada e alienante. O verdadeiro perigo surge quando as pessoas se seguram firmemente em suas crenças, ignorando completamente as perspectivas alheias e até se recusando a avaliar criticamente suas próprias convicções, como manutenção de poder, desprezando as dores que podem causar à outra pessoa. É um problema grave que precisa ser abordado com seriedade cirúrgica. Na perspectiva de Judith Butler:

Nem o poder, nem o discurso se renovam por completo a cada momento; eles não são tão desprovidos de peso como os utópicos da ressignificação radical poderiam sugerir. E, ainda assim, como poderíamos entender sua força convergente como um efeito acumulado do uso que tanto limita como permite sua reformulação? Como é possível que os efeitos aparentemente injuriosos do discurso se tornem os recursos dolorosos pelos quais se realiza uma prática de ressignificação? Não se trata aqui apenas de uma questão de compreender como o discurso fere os corpos, mas de como certas ofensas estabelecem certos corpos nos limites de ontologias disponíveis, de esquemas disponíveis de inteligibilidade (Butler, 2019, p. 369).

Com todo engajamento que algumas falas provocam nas redes sociais, elas são potencializadas quando proferidas por lideranças carismáticas⁵². Com base na teoria de Bourdieu sobre a Violência Simbólica, percebemos uma incitação explícita e que só veio a aumentar no decorrer do tempo, no que se refere à comunidade LGBTQIA+, depreciando-a, e exortando punição a comportamentos divergentes para lugares de dor, recolhimento, humilhação e angústia.

⁵¹ É “todo e qualquer tipo de conduta decorrente de uma aversão à identidade de gênero e/ou orientação sexual de alguém que possa gerar dano moral ou patrimonial, lesão ou qualquer tipo de sofrimento físico, psicológico e/ou sexual ou morte” (Gonçalves et al., 2020, p. 7).

⁵² A autoridade é o poder que uma pessoa exerce sobre outras graças à sua posição na hierarquia organizacional. Ela confere o direito de tomar decisões e exigir obediência. De acordo com Weber, existem três tipos de autoridade: tradicional, racional-legal e carismática. A autoridade tradicional se baseia em costumes e tradições, enquanto a autoridade racional-legal é fundamentada em leis e regras. Já a autoridade carismática é construída a partir da admiração e do carisma pessoal de um líder. O carisma é uma qualidade especial que permite ao líder inspirar e motivar os outros. É a combinação única de personalidade e habilidades que atrai as pessoas e faz com que elas acreditem em suas ideias. Weber acreditava que o carisma desempenha um papel primordial na liderança, pois permite que um líder seja seguido independentemente de sua posição hierárquica ou qualificações técnicas.

A perpetuação do discurso LGBTfóbico na Internet, em especial nas redes sociais, possui um dano ainda maior, visto que a Internet se constitui, nos dias de hoje, como a principal ferramenta de comunicação, influência e propagação de conhecimento e de ideais, entre os mais diversos grupos contemporâneos da sociedade. O discurso é justamente o conjunto de enunciados, sob uma dada formação discursiva, praticados ao longo do tempo, regidos pelas mesmas regras (Foucault, 2012, p. 47).

Sob um olhar estritamente biológico, a família é tradicionalmente definida como composta por pai, mãe e filhos. No entanto, ao longo da história e da sociologia, exemplos de diferentes estruturas familiares podem ser encontrados. Na Roma antiga, por exemplo, cidadãos podiam adotar crianças de outras famílias para garantir uma sucessão. Atualmente, a adoção é uma prática comum, muitas vezes ocorrendo devido à incapacidade da mãe biológica de cuidar do filho. Filhos de mães solteiras ou de pais separados frequentemente vivem sem o contato de um dos progenitores biológicos, mostrando que a definição de família baseada apenas em laços biológicos é limitada do ponto de vista social. Aristóteles via a família como a comunidade que supria as necessidades básicas do lar, enquanto Marco Túlio Cícero (106 a.C-43 a.C.) acreditava que ela era o princípio da sociedade e a origem do Estado.

Uma definição mais recente, proposta por Lévi-Strauss, destaca que a família é formada pela união, socialmente aceita, de um homem, uma mulher e seus filhos. A família não apenas transforma um organismo biológico em um ser social, mas também é responsável por transmitir padrões culturais, valores e metas sociais desde cedo, ela está entre as cinco maiores e mais antigas instituições sociais da humanidade.

Esses discursos de ódio afetam, de maneira extrema, como as sociedades enxergam essas pessoas. E a depender do teor de compreensão e dos sentimentos envolvidos, muitas famílias tomam esses discursos como verdades inquestionáveis, que precisam ser levadas a ferro e fogo, oprimindo todos aqueles que não se encaixam, inclusive indivíduos de suas próprias famílias, mesmo que isso provoque comportamentos desumanos e anticristãos para com o outro. Vamos compreender um pouco mais sobre a instituição “família” e seu papel, função, história e outras nuances na sociedade.

4.3 – A Família: poder e importância na construção dos sujeitos

Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande superego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. (Foucault, 2014).

A influência da extensão histórica na concepção de família demanda uma abordagem relativa, levando em consideração o período e o cenário em questão. Assim como diversas outras instituições, a família se molda ao longo do tempo e da cultura, alterando sua organização, propósito e importância social de acordo com a época e o lugar.

A família é uma instituição social primária, da mais primordial e essencial. É através dela que recebemos os primeiros ensinamentos para nos inserirmos na sociedade e construímos as bases para uma estrutura psíquica saudável. A família, portanto, desempenha um papel crucial no desenvolvimento psíquico, guiando-nos em processos fundamentais para nosso amadurecimento.

Lacan nos lembra da importância crucial da família na transmissão da cultura. Ele destaca que, embora outras instituições disputem tradições, ritos e costumes com a família, ainda prevalece na educação inicial, na repressão dos instintos e na aprendizagem da língua materna, “mais amplamente, ela transmite estruturas de comportamento e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência”. (Lacan, 1985, p. 13).

A família, como grupo, antecede o indivíduo, que é moldado por uma lei constitutiva e cujos membros se relacionam de forma complementar e diferente. É nesse ambiente que são apresentadas as proibições básicas e as relações de desejo que vão estruturar os laços familiares e o complexo de Édipo⁵³.

No entanto, nessa dinâmica de transmissão, o sujeito não é apenas receptor passivo, mas também se apropria de maneira singular do que lhe é transmitido. Existe um trabalho psíquico de elaboração que permite, a cada geração, se situar em relação às

⁵³ A teoria do Complexo de Édipo, criada por Sigmund Freud no final do século XIX, se baseia na história de "Édipo Rei" da mitologia grega. Essa teoria da psicanálise descreve a complexa relação de atração e rivalidade entre filhos e seus pais do sexo oposto. É um conceito fundamental na psicanálise, pois tem um papel essencial na formação da psique humana e na orientação de seus desejos, servindo como alicerce para a compreensão da psicopatologia. Uma boa indicação de leitura para aprofundar sobre o complexo de Édipo é acessando a página da escola Paulista de Psicanálise. Disponível em: <https://www.apsicanalise.com/index.php/blog/121-artigos/366-complexo-de-edipo-ontem-e-hoje> Acesso em: 28 jul. 2023.

anteriores, reconhecendo e respeitando as diferenças que as unem, e inserindo cada indivíduo em uma cadeia e em um grupo.

A religião, infelizmente, tem sido usada como uma desculpa para discriminar e excluir pessoas LGBTQIA+. É triste ver comunidades sendo alvo de discursos religiosos que condenam sua sexualidade e identidade de gênero, levando às violências física e psicológica. Isto gera um clima de medo e opressão, onde indivíduos são obrigados a esconder quem realmente são, apenas para se encaixarem nas expectativas religiosas de seu ambiente familiar e social. A falta de apoio e compreensão da família pode causar problemas de saúde mental como ansiedade, depressão e até suicídio⁵⁴.

Além disso, quem é rejeitado pela família pode enfrentar dificuldades em diversas áreas de suas vidas, como social, educacional e profissional. A intersecção entre religião, orientação sexual e identidade de gênero tem sido amplamente estudada, sendo um dilema complexo para pessoas com orientação homoafetiva. Como se não bastassem os preconceitos sociais vividos, elas ainda precisam lidar com o conflito instaurado entre seus princípios religiosos e o peso de viver sua sexualidade.

Essas pessoas enfrentam a difícil tarefa de conciliar sua orientação homoafetiva com sua fé, buscando formas de resolver esse conflito. É evidente uma tendência ao individualismo religioso, no qual adotam valores religiosos que não entram em conflito com suas identidades e questões específicas, integrando suas identidades sexuais e religiosas de forma harmoniosa.

4.3.1 – Família para controle e manutenção de poder

Para além das questões psíquicas, porém, não as excluindo, o interesse na manutenção e no controle da dinâmica funcional das famílias não ficou, nem fica restrito

⁵⁴ O suicídio é um fenômeno presente ao longo de toda a história da humanidade e em todas as culturas. É um comportamento com determinantes multifatoriais e resultado de uma complexa interação de fatores psicológicos e biológicos, inclusive genéticos, culturais e socioambientais. O suicídio pode ser definido como um ato deliberado executado pelo próprio indivíduo, cuja intenção seja a morte, de forma consciente e intencional, mesmo que ambivalente, usando um meio que ele acredita ser letal. Também fazem parte do que habitualmente chamamos de comportamento suicida: os pensamentos, os planos e a tentativa de suicídio. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/programas-projetos-e-acoas/pro-vida/dicas-de-saude/pilulas-de-saude/10-de-setembro-dia-mundial-de-prevencao-ao-suicidio> Acesso em: 13 mar. 2024.

apenas aos seus membros. No Brasil colonial, o poder político era partilhado entre o clero, o Estado e a família, motivo de muita tensão entre essas instituições visto que se impunha culpa aos desajustes sociais, a criação relapsa das famílias burguesas.

Foucault identificou dois agentes de poder na sociedade ocidental: os agentes legais e os normativos. Enquanto a lei utiliza a repressão e o poder punitivo, as normas dos Estados modernos usam práticas discursivas e não discursivas para exercer seu poder normalizador. Já a contribuição de Jurandir Freire Costa, corroborando com o dito por Foucault, em sua obra “Ordem Médica e Norma Familiar”, foi um divisor de águas para entendermos tais relações de normatizações e controle. De acordo com Costa:

Na Colônia, o poder político era dividido entre o Estado, as famílias e o Clero. As relações destes três poderes sempre foram tensas, sobretudo na segunda metade do século XVIII. Naquele período, os antagonismos entre os representantes da metrópole, clero e famílias brasileiras alcançou pontos altamente delicados. (Costa, 1989, p. 27)

Costa relata que o Estado Moderno, voltado para o desenvolvimento industrial, necessitava de um controle demográfico e político da população, mantendo as liberdades individuais intactas. Para alcançar esse equilíbrio delicado foram criadas intervenções normativas que visavam proteger a saúde física e moral das famílias, em nome dos direitos humanos. A medicina doméstica foi uma dessas intervenções, focada na reorganização familiar para garantir a conservação e a educação das crianças, enquanto a segunda intervenção voltava-se para as famílias pobres, promovendo campanhas de moralização e higiene coletiva. A assistência social, a filantropia e a medicina desempenharam um papel crucial na manutenção dos laços de solidariedade familiar sob esse novo paradigma normativo.

A urbanização promovida pelo Estado impactou a estrutura familiar, estabelecendo uma relação de submissão e priorizando o bem-estar da aristocracia portuguesa e do capitalismo europeu. Após a abdicação, o poder central reconheceu a importância da estatização dos indivíduos na saúde e bem-estar da população, promovendo instituições como a Sociedade de Medicina e a Junta Central de Higiene Pública. O nacionalismo foi promovido para unir as camadas sociais; porém, desafios como a diversidade econômica dificultaram a consolidação desse sentimento. Os médicos atuaram como novos agentes de controle familiar, contribuindo para as mudanças sociais.

A higiene médica promoveu mudanças na família clássica, fortalecendo o papel da mulher e reforçando a distinção de classe. A medicina controlou aspectos como vestuário e saúde, buscando promover a diferenciação social. Houve desafios em relação às pessoas escravizadas e problemas derivados das novas interações sociais, como o adultério. No entanto, a família passou a ser vista como o principal ambiente de proteção da infância e cuidados, sendo estatizada e reorganizada de acordo com as leis da saúde. A aproximação dos membros e a reestruturação familiar resultaram na formação da família nuclear, que se adaptou à vida urbana e social obedecendo às normas de higiene. Destacamos que as lições de amor, afeto e sexo foram transmitidas às famílias com uma conotação de classe.

4.3.2 – A família não é estática: mudam-se os costumes, a estrutura e os afetos

O conformismo às exigências sociais apresenta os dois lados da instituição familiar como uma forma fundamental de resistência contra a sociedade. Por um lado, mantém a subordinação feminina e dos filhos, protegendo mulheres, crianças e velhos contra a violência urbana. Por outro lado, conserva tradições e é o espaço para elaboração de projetos futuros. A família é um núcleo de tensões e conflitos, mas também proporciona prazer e cuidados.

No contexto ocidental, o Cristianismo tem uma influência predominante sobre as outras religiões. O que leva a uma abordagem baseada, principalmente, em narrativas cristãs sobre a intervenção religiosa na definição de família e no papel da mulher na família. Durante o século XX, a padronização de modelos de comportamento na família ocidental foi influenciada por diversos fatores, incluindo aspectos históricos, culturais, econômicos, sociais e, especialmente, religiosos.

O discurso religioso foi utilizado como um meio de criar e legitimar certos costumes humanos, como o casamento monogâmico heterossexual, onde a mulher era vista como inferior ao homem e ambos tinham papéis distintos tanto na família quanto na sociedade. A religião judaica representou uma quebra de paradigmas em relação às

religiões antigas, exigindo uma "purificação" para que as pessoas abandonassem costumes e crenças que não estavam alinhados com essa nova forma de cultura, incluindo a ideia de que o sexo deveria ser praticado exclusivamente com o propósito de procriação. Já o Cristianismo defende que as relações sexuais devem ocorrer apenas dentro do casamento heterossexual e, até recentemente, acreditava-se que o sexo tinha o único fim de reprodução.

Romper com tradições culturais há muito tempo enraizadas em nossa sociedade não é algo fácil, ainda que haja um respaldo legal; pois desde 1891, teoricamente, existe uma separação entre Estado e religião, no Brasil. No entanto, esses limites são frequentemente ultrapassados, trazendo questões morais e religiosas para o debate político. As diretrizes que regem a intimidade das pessoas refletem alguns dos princípios fundamentais da religião em relação à sexualidade, considerados como leis inalteráveis reveladas por líderes religiosos.

A ideia de uma única estrutura familiar, baseada no casamento entre homem e mulher, é apresentada como modelo dominante na sociedade, com respaldo em textos bíblicos. Mesmo com a evolução social e a diversidade de arranjos familiares, os discursos religiosos continuam inflexíveis e pouco se adaptam às realidades contemporâneas. Acredita-se que questionar o conceito tradicional de família poderia levar à deterioração da moral familiar e, conseqüentemente, à destruição da própria família.

A família desempenha como função um papel crucial não só nas relações entre seus membros, mas também na relação com o Estado, contribuindo para o desenvolvimento do processo de integração e inclusão social. Incentivar a autonomia e independência dos membros familiares é essencial para formar indivíduos capazes de organizar suas vidas e se responsabilizar por suas relações sociais.

A união homoafetiva no Brasil tem avançado significativamente ao longo dos anos, com a aprovação de leis que reconhecem os mesmos direitos e deveres para casais homossexuais e heterossexuais. Este novo tipo de família se baseia no afeto e na afetividade, permitindo a realização de projetos pessoais de felicidade.

O modelo igualitário da família constitucionalizada se contrapõe ao modelo autoritário do Código Civil anterior. O consenso, a solidariedade, o respeito à dignidade das pessoas que a integram são os fundamentos dessa imensa

mudança paradigmática que inspiraram o marco regulatório estampado nos arts. 226 a 230 da Constituição de 1988. (Lôbo, 2008, p.40).

A despatrimonialização da família, que coloca os laços afetivos acima dos laços sanguíneos, marca a transição da família patriarcal para a família pós-moderna. O reconhecimento do afeto como principal elo nas relações familiares promove a igualdade e liberdade dentro do núcleo familiar. “Não é mais o indivíduo que existe para a família e para o casamento, mas a família e o casamento existem para o seu desenvolvimento pessoal, em busca de sua aspiração à felicidade” (Fachin, 1999, p. 10).

A questão da homofobia pode ser explorada através da análise das experiências de violência enfrentadas por indivíduos pertencentes ao grupo LGBTQIA+. A capacidade de realizar essa análise é crucial para compreender as diversas vulnerabilidades enfrentadas por esse grupo e para fortalecer as políticas de combate à homofobia, ao sexismo e à violência de gênero como um todo.

A fundamentação da Igreja para atacar a homossexualidade parece ter sido o único verso do Livro Levítico no Antigo Testamento, que parecia ordenar a perseguição dos sodomitas. Na realidade a Igreja recentemente vitoriosa procurava dominar e controlar todos os aspectos da vida humana, inclusive no âmbito sexual (Ambrose, 2011, p. 6).

A intolerância, muitas vezes fundamentada em interpretações bíblicas sem a real expertise para entendê-las, pode resultar no fundamentalismo religioso e atitudes de intolerância. É importante lembrar que nem sempre as palavras e mensagens devem ser interpretadas de forma literal. Para uma compreensão mais precisa da mensagem bíblica é essencial considerar a contextualização nas perspectivas histórica, política, cultural e religiosa, de cada época.

Dentre os escritos judaicos clássicos, alguns destacam a crueldade e a falta de hospitalidade com os estrangeiros. Uma tradição rabínica, presente na Misná, aponta que os pecados de Sodoma estão relacionados à ganância e ao excesso de apego à propriedade, sendo interpretados como demonstrações de falta de compaixão. Thomas Römer, renomado especialista do Antigo Testamento e professor no prestigiado Collège de France, aborda a questão da homossexualidade na Bíblia e a história de Sodoma em suas obras. Ele esclarece que os versículos do Antigo Testamento relativos a Sodoma, que foram usados para justificar perseguições aos homossexuais ao longo da história cristã e judaica, foram deturpados.

Thomas analisa com atenção os problemas sérios de tradução e interpretação, destacando que a própria Bíblia sugere que os habitantes de Sodoma eram heterossexuais, baseando-se no fato de Lot ter oferecido suas próprias filhas aos habitantes como forma de se relacionarem sexualmente com elas. Portanto, a suposta homossexualidade dos sodomitas é questionada, já que não seria plausível que uma cidade inteira composta apenas por homossexuais tenha existido por séculos em autossuficiência. Além disso é levantada a questão de que outras quatro cidades teriam sido destruídas juntamente com Sodoma, se esta fosse a única considerada homossexual, talvez junto com Gomorra.

Através de uma análise minuciosa e comparativa de relatos bíblicos do Antigo Testamento e do contexto da sexualidade na antiguidade, Thomas Römer chega à conclusão de que a destruição de Sodoma foi resultado de violência sexual, falta de justiça e ausência de hospitalidade, em vez de simplesmente uma questão de orientação sexual. Römer (2019) diz que “a homossexualidade não tem nada a ver com o assunto. O narrador da Bíblia não faz uma reflexão sobre o valor moral, a homossexualidade, mas sobre o orgulho, a agressividade e a falta de hospitalidade de Sodoma” (Setemargens, 2019).

De acordo com Alfred Charles Kinsey:

O fanatismo e obscurantismo religiosos foram os principais responsáveis pelo antagonismo contra a homossexualidade, que foi um traço da atitude do ocidente. A discriminação existente contra a homossexualidade é residua da barbárie e da beatice eclesiásticas. Alega-se em geral que a igreja medieval constante e desapiadadamente, com um zelo furioso, os que condescendiam com atos homossexuais (Kinsey, 1953, p. 484)

A crença de que a salvação só é possível por meio do evangelho é fortemente enraizada em algumas comunidades. Infelizmente, aqueles que se desviam do que é considerado "normal" em relação ao sexo são frequentemente condenados e constrangidos. Esse constrangimento não se limita ao momento em que a pessoa se revela para a família, mas também se estende para o ambiente religioso em que cresceram e comungaram sua fé. Muitas vezes, essas pessoas são excluídas desses ambientes, mesmo desejando neles permanecer, pois veem esses espaços como espaços de amor e acolhimento. Abrir mão de pertencer, de estar onde aprenderam a amar é dilacerar à alma, condenando o indivíduo a uma tristeza, angústia e depressão⁵⁵. Andrew Solomon afirma,

⁵⁵ Depressão ou Transtorno depressivo maior. Distúrbio mental caracterizado por depressão persistente ou perda de interesse em atividades, prejudicando significativamente o dia a dia. As causas possíveis incluem uma combinação de origens biológicas, psicológicas e sociais de angústia. Cada vez mais, as pesquisas sugerem que esses fatores podem causar mudanças na função cerebral, incluindo alteração na atividade de

que: “A vida é repleta de tristezas: pouco importa o que fazemos [...]” (Solomon, 2014, p. 15). É importante repensar como os valores morais podem silenciar e afastar, causar dor, tristezas profundas, depressão às pessoas que mais precisam de apoio e amor, tanto em casa, quanto na comunidade religiosa. Ele ressalta que:

A depressão é a imperfeição no amor. Para poder amar, temos que ser capazes de nos desesperarmos ante as perdas, e a depressão é o mecanismo desse desespero. Quando ela chega, destrói o indivíduo e finalmente ofusca sua capacidade de dar ou receber afeição. Ela é a solidão dentro de nós que se torna manifesta e destrói não apenas a conexão com outros, mas também a capacidade de estar em paz consigo mesmo. Embora não previna contra a depressão, o amor é o que tranquiliza a mente e a protege de si mesma. Medicamentos e psicoterapia podem renovar essa proteção, tornando mais fácil amar e ser amado, e é por isso que funcionam. Quando estão bem, certas pessoas amam a si mesmas, algumas amam a outros, há quem ame o trabalho e quem ame Deus: qualquer uma dessas paixões pode oferecer o sentido vital de propósito, que é o oposto da depressão. O amor nos abandona de tempos em tempos, e nós abandonamos o amor. Na depressão, a falta de significado de cada empreendimento e de cada emoção, a falta de significado da própria vida se tornam evidentes. O único sentimento que resta nesse estado despido de amor é a insignificância (Solomon, 2014, p. 15).

Muitas vezes a esperança que resta à pessoa que está em conflito com sua sexualidade, ou que não suporta mais a angústia de viver nas sombras, no breu dos armários⁵⁶, é ser acolhida por pessoas que lhes são caras. O mundo já faz seus próprios julgamentos. O aumento nos casos de depressão, ansiedade, entre outros transtornos de sofrimento psíquico estão diretamente ligados ao reconhecimento de si próprio e de seu lugar no mundo. É preciso questionar “O que é o eu, senão algo que o sujeito experimenta primeiramente como estranho no interior de si próprio?” (Lacan, 1953, p. 73).

Solomon explica ainda sobre a inevitabilidade da dor e de nos percebermos, da consciência de nós mesmos:

A dor é a nossa primeira experiência de desamparo no mundo, e ela nunca nos deixa. Ficamos com raiva de sermos arrancados do ventre confortável e, assim que a raiva se dissipa, a depressão chega para assumir seu lugar. Mesmo as pessoas que se apoiam em uma fé que lhes promete uma existência diferente no além não podem evitar a angústia neste mundo; o próprio Cristo foi o homem dos sofrimentos. Contudo, vivemos numa época de paliativos crescentes. Nunca foi tão fácil decidir o que sentir e o que não sentir. Há cada vez menos desconfortos inevitáveis para os que têm como evitá-los. Entretanto, apesar das afirmações entusiasmadas da ciência farmacêutica, a

determinados circuitos neuronais no cérebro. A sensação persistente de tristeza ou perda de interesse que caracteriza a depressão pode levar a uma variedade de sintomas físicos e comportamentais. Estes podem incluir alterações no sono, apetite, nível de energia, concentração, comportamento diário ou autoestima. A depressão também pode ser associada a pensamentos suicidas. Disponível em: <https://www.einstein.br/doencas-sintomas/depressao> Acesso: 13 mar. 2014.

⁵⁶ Termo popular que implica um lugar para se guardar, se esconder dos julgamentos.

depressão não será extinta enquanto formos seres conscientes de nosso próprio eu (Solomon, 2014, p. 15).

Acontece que todas essas questões supracitadas influenciam no comportamento humano e vem agravando um problema de extrema relevância para saúde pública, que é o aumento de automutilação e suicídios em todo mundo. A sensação de insuficiência e julgamentos só prolonga a angústia, a dor e a depressão. Extremismos, *Bullying*, *haters*, maldades e desrespeitos sem limites, só pioram os fatores estimulantes. Os dados que serão expostos são de preocupação ampla, mas possuem particularidades que precisam, merecem e serão levadas em destaque.

4.4 Nós existimos! Aonde estão as estatísticas da comunidade LGBTQIA+?

Um dos maiores problemas das pesquisas que abarcam as interseccionalidades é a subnotificação ou invisibilização de dados sobre as identidades de gênero e sexual. Deixando explícito que interseccionalidade é uma ferramenta analítica fundamental que nos ajuda a compreender as desigualdades e sobreposições de opressões e discriminações existentes em nossa sociedade. Ao considerar as interações e os marcadores sociais no cotidiano das minorias, esse enfoque sociológico nos permite descobrir os diversos sistemas de opressão – como os relacionados à raça, sexo e classe social - que se entrelaçam e se manifestam de maneiras exclusivas. A interseccionalidade nos lembra que o racismo, o sexismo e as estruturas patriarcais estão interligados, e que é preciso abordar todas essas questões de forma conjunta para promover a inclusão e a igualdade de oportunidades para todas as pessoas.

Os debates sobre interseccionalidade tiveram origem nos movimentos feministas negros nos Estados Unidos e no Reino Unido nas décadas de 1970 e 1980. Foi somente em 1989 que o termo foi formalizado por Kimberlé Crenshaw, uma ativista americana dos direitos civis e estudiosa da teoria crítica racial. Crenshaw identificou a interseccionalidade como a sobreposição das opressões enfrentadas pelas mulheres

negras que lidam não apenas com questões de gênero, mas também de raça. De acordo com Crenshaw, interseccionalidade é

A associação de sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas ou como dupla ou tripla discriminação. A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (Crenshaw, 2002, p. 177).

A interseccionalidade evidencia a complexa interação entre diversos sistemas de opressão, que se entrelaçam e se tornam indissociáveis. Essa abordagem não apenas amplifica a luta política em prol da inclusão de minorias e da consolidação dos Direitos Humanos, mas também promove a busca pela justiça social. Os estudos sobre as taxas no número de suicídio no mundo e também no Brasil, trazem em seus cortes a binaridade homem X mulher; excluindo dos dados oficiais a diversidade das identidades de gênero e sexualidade. Como se já não bastasse a invisibilidade na vida, o que ocorre quando um LGBTQIA+ morre, pode ser tão ou mais cruel que em vida.

Judith Butler em sua obra “Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?”, logo em sua introdução nos convida a refletir sobre a importância de uma vida “nos modos culturais de regular as disposições afetivas e éticas por meio de um enquadramento seletivo e diferenciado da violência”:

[...] quando sugere que uma vida específica não pode ser considerada lesada ou perdida se não for primeiro considerada viva. Se certas vidas não são qualificadas como vidas ou se, desde o começo, não são concebíveis como vidas de acordo com certos enquadramentos epistemológicos, então essas vidas nunca serão vividas nem perdidas no sentido pleno dessas palavras (Butler, 2020, p. 13).

Os estudos revelam que a sociedade heteronormativa exerce uma forte influência sobre jovens homossexuais, dificultando não só a vivência plena de suas sexualidades, mas de viverem sua própria existência. Os padrões heterossexistas impostos pela família, escola e cultura acabam limitando a expressão das identidades não heterossexuais. Essa realidade contribui para o sentimento de desesperança e negação interna, que é ainda mais agravado pela pressão social heteronormativa.

Todos os estudos que adentram no universo LGBTQIA+, ou estão ligados aos coletivos e movimentos sociais ou subsidiados por órgãos acadêmicos. E ainda assim precisam lidar com a inexistência da penumbra dos armários, ou da ocultação dessa

identidade por parte da família, seja essa postura causada por medo, ignorância ou vergonha. Segundo Butler: “O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada” (Butler, 2010, p. 37).

O suicídio continua sendo uma preocupante causa de morte em todo o mundo. Isto é inquestionável e os números estão disponíveis para serem vistos e analisados, ainda que de forma muito genérica. Por exemplo, nos últimos dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgados no relatório "Suicídio em todo o mundo, em 2019". A cada ano, mais vidas são perdidas para o suicídio do que para doenças como HIV, malária e câncer de mama, bem como para conflitos armados e homicídios. Apenas no ano de 2019, o número de mortes decorrentes de suicídio, foram acima de 700 mil pessoas, o que concebe 1 a cada 100 mortes.

Não existe uma causa para o suicídio. Trata-se de um evento que ocorre como culminância de uma série de fatores que vão se acumulando na história biográfica do indivíduo, em que entram em jogo desde fatores constitucionais até fatores sociais, ambientais, culturais, biológicos e psicológicos. O que se chama de “causa” é geralmente, o elo final dessa cadeia (Cassorla, 1991 p.20).

Se é essencial entender o suicídio em sua totalidade, por que os estudos deixam de lado marcadores de raça e sexualidade, que são essenciais na formação do sofrimento mental? É crucial abordar o suicídio em todas as suas diversas formas. No entanto, é alarmante perceber que as pesquisas sobre comportamento suicida muitas vezes ignoram questões relacionadas à raça, gênero e sexualidade. Isso revela uma grande lacuna na compreensão desse fenômeno.

É preciso inserir informações mais precisas que visibilizem quem realmente são estas pessoas, para isso o recorte de orientação sexual e identidade de gênero tem elevada importância, na hora de formular diretrizes nas políticas de prevenção de tão complexa e delicada situação.

O suicídio não deve ser visto por uma só abordagem, embora os transtornos ligados à saúde mental sejam vistos como potencial agravante para o autoextermínio, não devemos tê-lo de forma isolada, tampouco generalizar. Não é porque alguém está com um transtorno depressivo, por exemplo, que necessariamente seja, ou venha a ser um potencial suicida.

Durkheim, pioneiro nos estudos sobre suicídio, relata que cada época possui suas próprias características que acarretam no aumento do número de suicídios, sejam por motivos endógenos ou exógenos, esses fatores fazem parte de um ciclo social que fatalmente tende a se apresentar. A partir dessas considerações iniciais, Durkheim expõe os tipos de suicídio e aponta as causas sociais específicas que caracterizam tais tipos que ele classifica como suicídio egoísta, suicídio altruísta e suicídio anômico. Considerando o contexto social e histórico ao qual a sua obra foi escrita, a religião, para ele, como já mencionado anteriormente, era um dos fatores de coesão social, em que os sujeitos poderiam apoiar-se, evitando à ideação suicida.

Durkheim propôs uma nova abordagem em relação ao suicídio, afastando a ideia de uma causa interna e destacando a influência do coletivo na tomada de decisão de tirar a própria vida. Ele enfatizou que as diferentes sociedades ao longo da história geram casos de suicídios, que variam de acordo com os contextos culturais. Considerando o impacto do social no indivíduo e vice-versa, surge a questão de como compreender o suicídio dentro dessa dinâmica.

O tema vai além do ato da morte, desafiando quem se depara com o fenômeno, seja pela devastação física ou emocional, seja pelas reflexões sobre a continuação da vida. Evidencia-se não apenas a perda de um indivíduo, mas também antecipa o destino de toda a espécie. Reconhecemos a limitação humana em compreender certos fenômenos, e o suicídio demonstra que a essência de sua destrutividade escapa das percepções e cognições humanas. No entanto, em algumas ocasiões, é possível aproximar-se e racionalizar casos isolados de suicídio.

Deve-se quebrar a visão de que o suicídio é uma rejeição à vida, e sim enxergá-lo como uma tentativa de acabar com o sofrimento e a tristeza. Sendo assim, precisamos identificar a causa, não o efeito, já que seres humanos são movidos por desejos e necessidades, em uma busca constante por satisfação e realização.

4.4.1 Melancolia, depressão e culpa

A noção de “dor” aborda a existência de uma culpa primordial, um fardo que o indivíduo carrega desde sempre e que precede qualquer transgressão que ele possa ter

cometido. É crucial observar que, nesse estado de aflição moral, a pessoa suporta com paciência a carga da culpa e aceita os tormentos que lhe são impostos, sem sequer mencionar as razões que embasam tal culpa. Nesse momento as chances de desenvolvimento de melancolia⁵⁷ são potencializadas entre jovens LGBTQIA+, o que dificulta a construção de uma identidade sexual autêntica. Esse processo é essencial para que o sujeito se reconheça e se sinta livre para expressar seus desejos e sua verdadeira essência.

Ao longo de mais de dois mil anos, o sofrimento melancólico tem sido um tema recorrente na história, deixando sua marca naqueles que buscam compreendê-lo. Filósofos, religiosos, poetas, médicos e psicanalistas, cada um com suas próprias visões e conhecimentos, tentaram desvendar esse fenômeno de maneiras variadas. Desde a Antiguidade Grega, com Hipócrates e Aristóteles associando a melancolia ao excesso de bile negra no corpo, até o conceito freudiano do século XX, que a enxerga como uma resposta subjetiva a perdas da história pessoal. De acordo com a teoria freudiana, o Ego se torna o alvo dos ataques do Superego, transformando a pessoa paciente em alguém perdido, sem valor, incurável e sem esperança de salvação. Essa crítica contínua e implacável direcionada ao Eu cogita uma afronta constante, "o sentimento de culpa é a percepção do Eu que responde a essa crítica" (Freud, 2006, p. 65).

A relação entre corpo e mente, refletida nos sintomas de exaustão física e mental da melancolia, tem sido um ponto de debate entre os estudiosos ao longo dos séculos, demonstrando como a evolução do pensamento médico e filosófico influenciou a forma como entendemos e tratamos essa condição. A melancolia continuou a ser uma fonte de inspiração para a produção intelectual e artística, revelando sua complexidade e sua capacidade de estimular reflexões profundas sobre a natureza humana.

À melancolia foi posta uma imagem de distanciamento da fé e das graças divinas, uma imagem pecaminosa, de acedia, que a transformou num infortúnio provindo de forças malignas. Com isso, não somente a melancolia, como qualquer perda da razão, passou a ser vista como um pecado, já que sua presença era sinal de punição ou ausência de Deus: a loucura era um pecado; a doença mental era um pecado ainda muito sério (Solomon, 2002, p. 273).

⁵⁷Etimologicamente, a melancolia é um termo advindo do grego Melan (Negro) e Cholis (Bílis), isto é, melancholia, significando, portanto, bile negra. A evolução do conceito de melancolia ao longo da história reflete não apenas avanços na compreensão da mente humana, mas também mudanças na forma como vemos o sofrimento e a doença. Dessa maneira, a melancolia, que em eras passadas era muitas vezes interpretada como um castigo divino ou uma manifestação demoníaca, passou a ser analisada sob uma perspectiva mais científica e psicológica.

A peculiaridade do ser humano reside no fato de ser o único animal capaz de experimentar a culpa. Esta sensação não surge necessariamente de um ato criminoso, mas sim de algo muito mais profundo e intrínseco: a própria existência. É uma culpa que vem à tona sem motivo aparente, gerando um desequilíbrio na personalidade e uma sensação de desamparo. É o reconhecimento da imperfeição humana e, ao mesmo tempo, a autocondenação por essa imperfeição. É um fardo que carregamos, muitas vezes sem motivo aparente, mas que define nossa essência como seres únicos e complexos.

Na culpa, sentimos que não podemos ser nós mesmos. Não encontramos lugar, experimentamos algo como rejeição ou iminência de morte, uma sensação de falta de naturalidade, uma atitude contraída para com as demais pessoas ou mesmo para o ambiente que nos cerca. Sentimo-nos como estranhos, como se algo se interpusesse entre a natureza e nós – como se dela tivéssemos sido alijados ou abortados. O mundo não nos aninha. É algo como uma vergonha não localizada, gratuita, que nos deixa desconfortáveis. Temos ânsia de fazer algo para remediar, mas não sabemos o quê (Carvalho, 1997, p. 46).

O sentimento de culpa é como uma sombra que paira sobre a sociedade, um ônus que carregamos por vivermos em comunidade e reprime nossos instintos sexuais e agressivos. É o preço que pagamos por existir dentro dos limites da civilização, onde as exigências do prazer entram em conflito com as restrições impostas pela convivência social. Esse conflito gera a culpa, que por sua vez compromete nosso projeto de felicidade. E a religiosidade tóxica que vem sendo proliferada por vários meios de comunicação sabe exatamente transmitir a culpabilidade, de maneira que os sujeitos busquem incessantemente meios de sanar esse sentimento, que é acompanhado, geralmente, do medo e da vergonha.

A evolução da civilização tem seu custo, e muitas vezes esse custo é a perda da felicidade. No entanto, essa perda nem sempre é percebida de forma clara, o que torna ainda mais complexa a vida em sociedade, já que o mal-estar se manifesta de maneira difusa, latente em cada frustração dos nossos instintos. Não é incomum que, diante desse conflito interno, o indivíduo vire contra si mesmo sua energia destrutiva, tornando-se masoquista, ou a direcione para aqueles que ama, transformando-se em sádico. Uma necessidade de punição se instaura e perdura ao longo da vida. É intrigante pensar que, em uma sociedade onde o sentimento de culpa é tão arraigado, a busca pela felicidade se torna um desafio quase insuportável. Quanto mais buscamos a felicidade, mais nos sentimos culpados por não a alcançar.

A falta de interesse pelo mundo ao redor é um sintoma comum tanto da depressão quanto da melancolia. Enquanto na depressão o indivíduo se desconecta do mundo externo devido a traumas reais como perdas, problemas no trabalho ou separações, na melancolia há um conflito interno entre o ego e o superego. Na depressão, o desinteresse pelo mundo é uma forma de canalizar energia para lidar com eventos traumáticos, buscando uma resolução. O depressivo sente-se incapaz de atender às demandas da sociedade.

A sociedade nos pede para conter nossa sexualidade e agressividade, e esse conflito interno gera um constante estado de mal-estar. Somos levadas a direcionar nossas pulsões para dentro de nós mesmas, criando um superego implacável que nos cobra constantemente por nossas supostas transgressões. A autocensura e a autocrítica se tornam parte de nosso dia a dia, alimentando a sensação de culpa e a necessidade de punição.

4.4.2 Pré e pós-covid: causas genéricas para o aumento dos fatores de risco ao suicídio

Como informado desde a introdução desta tese, a motivação da pesquisa em questão foi a verificação da alta dos números de suicídio de jovens e adolescentes no Brasil, que iria de encontro aos dados de outras faixas etárias, e de outros países no cenário global. Estranhamente, essa alta já era apresentada há pelo menos mais de 10 anos, ao mesmo passo em que o conservadorismo religioso toma mais espaços na política, e na sociedade como todo. Também nesse mesmo tempo, as minorias sociais se organizam e exigem seus direitos, mais espaços, respeito e representatividade. Como é o caso dos povos originários, dos movimentos negros, dos movimentos feministas e da comunidade LGBTQIA+.

Ainda que o nosso recorte temporal abarque o período pandêmico, é importante revelar o cenário de mortes por suicídio no contexto mundial, ou seja, pré e pós-pandemia de SARS-COV-2: o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus⁵⁸, destacou a

⁵⁸ "Não podemos - e não devemos - ignorar o suicídio", afirmou Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde. "Cada um deles é uma tragédia. Nossa atenção à prevenção do suicídio é ainda mais importante agora, depois de muitos meses convivendo com a pandemia de Covid-19, com muitos dos fatores de risco para suicídio - perda de emprego, estresse financeiro e isolamento social -

necessidade de não ignorar o suicídio, especialmente diante do contexto da pandemia de Covid-19, que aumentou fatores de risco como desemprego, estresse financeiro e isolamento social. As taxas de suicídio variam entre diferentes grupos populacionais, indicando a necessidade de abordagens diferenciadas de acordo com o sexo, idade e nível socioeconômico.

Através de levantamento de dados a Organização Mundial de Saúde - OMS informa que homens são mais vítimas de suicídio do que mulheres, com taxas mais altas em países de alta renda para homens e em países de baixa-média renda para mulheres. As regiões da OMS na África, Europa e Sudeste Asiático apresentam taxas de suicídio acima da média global, enquanto o Mediterrâneo Oriental registra a menor taxa. Esses dados reforçam a importância de estratégias eficazes e adaptadas para a prevenção do suicídio em nível mundial.

Por muito tempo, o tema do suicídio foi mantido em segredo, mas agora é essencial que seja discutido abertamente em todos os contextos, desde os meios de comunicação até as conversas informais entre amigos. É importante ressaltar a ligação entre a vontade de dar fim à vida e as doenças mentais. Mesmo que nem todos os indivíduos com problemas de saúde mental considerem o suicídio, é inegável que esses pensamentos estão diretamente relacionados a condições como a depressão, mesmo que não tenham sido diagnosticadas.

Com o passar do tempo, as doenças mentais têm recebido mais atenção da sociedade, porém o debate sobre o tema ainda é recente. Por isso, as estatísticas sobre o suicídio e as questões emocionais ainda são relativamente novas na literatura. Segundo a OMS, 90% dos suicídios poderiam ser evitados, principalmente com investimento em cuidados preventivos e atenção à saúde mental. As doenças psiquiátricas têm diferentes origens, podendo ser influenciadas por fatores genéticos, traumas vivenciados e pelo ambiente em que crescemos.

Nos documentos e discursos do diretor-geral da OMS é muito nítido que entre as variáveis dos dados, enquanto recorte de gênero e sexualidades, fica tudo restrito ao binário homem *versus* mulher, ou seja, restrito ao indicador do sexo biológico, como se

ainda muito presentes. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms> Acesso em: 19 nov. 2023.

a intersecção não interessasse. Não é identificado qualquer diversidade de identidade sexual, ou de gênero. Não há contemplação da comunidade LGBTQIA+; não há qualquer menção se esses homens são cis, trans, bissexuais. Da mesma forma são as mulheres, quem são essas mulheres? Cisgêneros, transexuais, intersexuais? São tantas as variáveis não consideradas.

A interseccionalidade⁵⁹ de identidades homoafetivas são ignoradas, como ato de desumanidade, de invisibilidade e de exclusão até na morte. Os dados da OMS, OPAS, secretarias de saúde, e outros órgãos oficiais que geram boa parte das pesquisas sociais, não trazem representatividade a essas minorias, não abarcando problemas comuns a toda população mundial, o que automaticamente exclui possibilidades na criação de políticas públicas que contemplem particularidades que fazem parte do universo desses grupos.

O que impulsiona esse aumento de mortes por suicídio? Quem são esses homens e essas mulheres? Além da idade, classe socioeconômica, quais outras particularidades deixam de ser contempladas que poderiam contribuir para construção de estratégias que freiem o avanço da violência contra grupos marginalizados, e também dos mecanismos de opressão que evitem, ou pelo menos diminuam, o número de suicídio?

⁵⁹ O conceito de interseccionalidade surgiu em 1989 graças à mente brilhante de Kimberlé Crenshaw, uma ativista americana que dedicou sua vida aos direitos civis e aos estudos da teoria crítica racial. A partir desse conceito, ela demonstrou como o racismo está enraizado nas estruturas da sociedade, indo além das ações individuais e permeando as instituições e leis. Crenshaw identificou que as mulheres negras enfrentam uma dupla opressão, uma combinação de barreiras de gênero e raça. Essa complexidade se estende a outras situações, como mulheres com deficiência, de diferentes classes sociais ou mesmo mulheres mais velhas. A interseccionalidade nos lembra da importância de considerar todas as facetas da identidade de uma pessoa ao analisar sua experiência de vida. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/voce-sabe-o-que-e-interseccionalidade-entenda-por-que-isso-e-importante/> Acesso em: 21 nov. 2023.

5. OS NÚMEROS DA VIOLÊNCIA HUMANA E DA ALTA RELIGIOSIDADE APONTAM: DEUS NÃO HABITA NA VIOLÊNCIA, TAMPOUCO HÁ DEUS SEM AMOR.

Pensadores fundamentalistas usam a religião para justificar o apoio ao imperialismo, ao militarismo, ao machismo, ao racismo e à homofobia. Eles negam a mensagem unificadora de amor que está no coração de todas as principais tradições religiosas (Bell Hooks, 2021, p.111).

As manifestações de ódio e ameaças que vemos nas redes sociais podem causar medo e ansiedade, principalmente para as pessoas que são alvos direto de suas cóleras, como as “minorias marginalizadas”, onde há bem pouco tempo, ouvimos de um candidato à chefe do poder executivo brasileiro, a acalorada mensagem: “não tem essa historinha de Estado laico não. É Estado cristão, e quem for contra que se mude. Vamos fazer o Brasil para as majorias, as minorias têm que se curvar às majorias”⁶⁰, ele conseguiu mais de 50 milhões de votos. Todo esse ódio o elegeu em 2018. Jair Bolsonaro que continuou utilizando de falas Lgbtfóbicas, racistas, machistas por todo seu mandato, e legitimou o mesmo abuso por seus pares. Alguns indivíduos usam discursos de ódio em nome do amor, defendendo valores como família, crianças, moralidade e bons costumes, alegando seguir a vontade de Deus. Muitas vezes nos questionamos: em que versículo bíblico encontraram tal justificativa? Onde está o amor de Cristo nisso tudo? Ao falar de Jesus Cristo, mesmo considerando que o fundamentalismo religioso está presente em diversas crenças, me concentro no Cristianismo. Para agradar a Deus, devemos rejeitar a violência e cultivar o amor por aquilo que Ele ama. O amor é uma prática que deve envolver toda a comunidade. Bell Hooks afirma categoricamente que amor e violência são opostos extremos. Um ambiente marcado pela violência jamais poderá ser um ambiente de amor.

5.1 Pesquisas paralelas: variáveis do mundo real

Existe um corpo em expansão de pesquisas de alta qualidade, que analisam as mudanças na saúde mental de crianças e adolescentes antes e durante a pandemia de Covid-19. Alguns estudos mostram um aumento nos sintomas de depressão e ansiedade nesse grupo etário, enquanto outros indicam estabilidade ou até mesmo uma redução desses sintomas.

⁶⁰ Revista Fórum. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/7/15/bolsonaro-refora-declarao-lgbtfofica-minorias-tm-que-se-adequar-120260.html> Acesso em: 03 fev. 2024.

De acordo com resultados preliminares de uma pesquisa internacional com crianças e adultos em 21 países, conduzida pelo UNICEF e o Gallup – que tem uma prévia apresentada neste relatório Situação Mundial da Infância 2021 – em média, um em cada cinco adolescentes e jovens de 15 a 24 anos entrevistados (19%) disse que, muitas vezes, se sente deprimido ou tem pouco interesse em fazer coisas (Unicef, 2021).

É inegável a negligência dos governos e da sociedade em investir na saúde mental das crianças, de jovens e da população em geral. Este descaso resulta em um alto custo econômico, além do desperdício de potencial humano que poderia impulsionar as economias nacionais. No entanto, o verdadeiro impacto disso na vida cotidiana é simplesmente inestimável.

Segundo as estimativas mais recentes, mais de um em cada sete jovens entre 10 e 19 anos em todo o mundo vive com algum tipo de transtorno mental diagnosticado. O alarmante número de quase 46 mil adolescentes que perdem suas vidas para o suicídio a cada ano coloca essa como uma das principais causas de mortalidade nessa faixa etária. É preocupante constatar que ainda existem grandes disparidades entre as necessidades de saúde mental e o financiamento destinado a políticas nesse campo. Apenas cerca de 2% dos orçamentos governamentais de saúde são direcionados para a saúde mental em nível global.

Pesquisas longitudinais, a fim de estimar a direção e a magnitude das mudanças nos sintomas de depressão e ansiedade em crianças e adolescentes, avaliados antes e durante a pandemia, só comprovam o alto impacto do medo, do isolamento, do luto no agravamento dos transtornos psíquicos, e da falta de cuidado com a saúde mental.

Segundo os últimos dados disponíveis do UNICEF, globalmente, pelo menos uma em cada sete crianças foi diretamente afetada por *lockdowns*, enquanto mais de 1,6 bilhão de crianças sofreram alguma perda relacionada à educação. A ruptura com as rotinas, a educação, a recreação e a preocupação com a renda familiar e com a saúde estão deixando muitos jovens com medo, irritados e preocupados com seu futuro. Por exemplo, uma pesquisa *online* na China no início de 2020, citada no relatório Situação Mundial da Infância 2021, indicou que cerca de um terço dos entrevistados relatou sentir medo ou ansiedade (Unicef, 2021).

O comportamento suicida é como um terremoto que sacode não só a vida de quem pensa em cometer o ato, mas também das pessoas ao redor. A saúde mental de familiares, amigos e entes queridos é abalada pelo medo constante e pela angústia de perder alguém amado para a morte. A pandemia da Covid-19 trouxe um *tsunami* de desafios psicológicos, aumentando ainda mais o risco de comportamentos suicidas. O distanciamento social e a impossibilidade de se despedir adequadamente das pessoas

queridas, somados ao medo da contaminação e às perdas de entes queridos, alimentam um caldeirão de emoções negativas. Conviver em meio ao caos, sem ou com pouco amparo psicológico, poderia trazer uma explosão aos transtornos psíquicos em todo mundo.

5.2 A falta da devida atenção à saúde mental, leva o Brasil na contramão do mundo

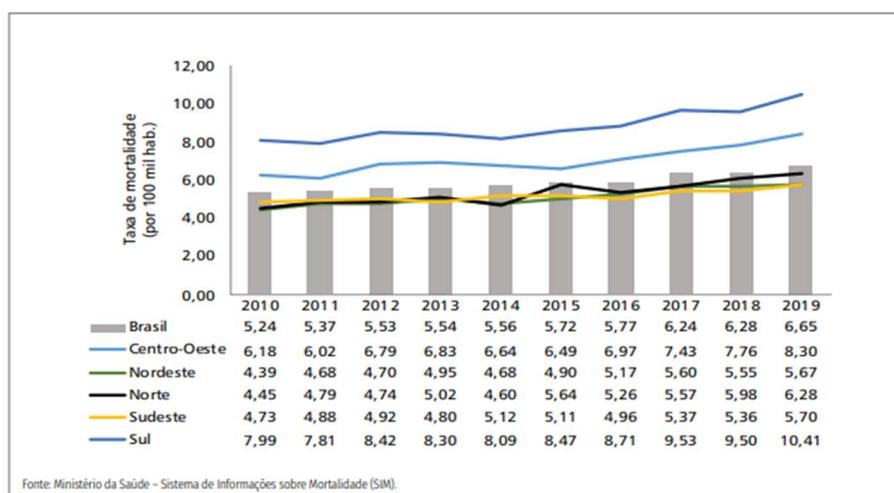
As estatísticas de suicídio no Brasil evidenciam um quadro preocupante, e que mesmo dolorosas, merecem ser reveladas. Pois para compreender a complexidade desse problema em nosso país é decisivo analisar os dados, que despontam a extrema crueldade por trás dessas mortes.

De acordo com o renomado Anuário Brasileiro de Segurança Pública⁶¹, divulgado em 2023 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, foram registrados 16.262 casos de suicídio em território nacional no ano de 2022. Isso significa que ocorreram 8 suicídios a cada 100 mil habitantes, representando um alarmante aumento de 11,8% em relação ao ano anterior, quando tivemos 7,2 ocorrências por 100 mil habitantes.

É inquietante notar que esses índices vêm crescendo de forma constante desde 2010, como indicam os dados da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) e do Ministério da Saúde. De acordo com essa pesquisa, o país apresentou um aumento de 43% nos casos de suicídio entre 2010 e 2019, passando de 9.454 para 13.523 ocorrências. Todos os estados brasileiros testemunharam um aumento nas taxas, contudo, foram nas regiões Sul e Centro-Oeste que se observou um crescimento ainda mais significativo.

⁶¹ Anuário Brasileiro De Segurança Pública 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf> Acesso em: 18 fev. 2024.

FIGURA 8: Evolução das taxas de mortalidade por suicídio, ajustadas por idade, segundo região. Brasil, 2010 a 2019.



Fonte: Ministério da Saúde – Sistema de informações sobre Mortalidade (SIM)

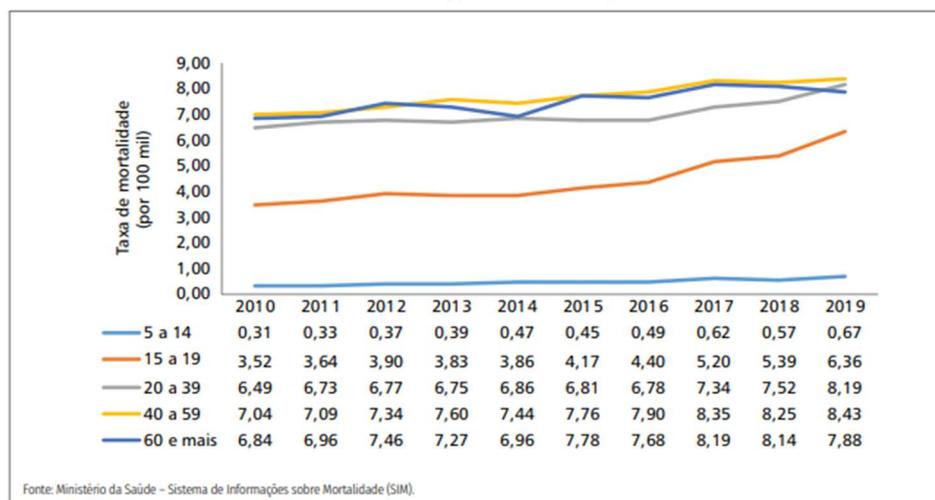
Destacamos que o Brasil toma uma posição assustadora no ranking mundial de suicídios, ocupando um amargo 8º lugar. É importante ressaltar que esse aumento de casos é mais evidente nas Américas. Enquanto a taxa global de mortes por suicídio diminuiu significativamente entre 2000 e 2019, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a região do Mediterrâneo Oriental teve uma queda de 17%, a Europa de 47% e o Pacífico Ocidental de incríveis 49%. Por outro lado, nas Américas, infelizmente, tivemos um acréscimo preocupante de 17% nesse período.

Chama a atenção o acelerado aumento das taxas de suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. A literatura tem apontado para a adolescência e o início da fase adulta como os principais estágios da vida para o início de comportamentos suicidas. Nesse sentido, o suicídio configura a quarta maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos de idade. Há uma conjunção de fatores relacionados ao comportamento suicida na juventude. Alguns fatores que se destacam são os sentimentos de tristeza, desesperança e a depressão, ansiedade, baixa autoestima, experiências adversas pregressas, como abusos físicos e sexuais pelos pais ou outras pessoas próximas, falta de amigos e suporte de parentes, exposição à violência e discriminação no ambiente escolar e o uso de substâncias psicoativas (Brasil, 2021).

Falar sobre suicídio desde muito tempo é evitado, primeiro pela crença de que falar sobre esse assunto só viria a estimular outras pessoas a cometerem o mesmo ato; segundo por um interdito religioso cristão, que vê no ato “o maior dos pecados”, já que não teria como ser perdoado, portanto, o indivíduo que comete suicídio estaria condenado ao “fogo eterno”. Mas, segundo a OMS, 90% dos casos de suicídio poderiam ter sido evitados. A abordagem preventiva do suicídio é bem complexa, envolvendo diversos aspectos sociais, culturais, emocionais e políticos. É crucial que as políticas públicas sejam bem estruturadas e acessíveis a todas as classes sociais, e assim assegurar os

direitos todas as pessoas. Estudos científicos comprovam que a implementação de medidas eficazes de saúde mental pode significativamente diminuir as taxas de suicídio.

FIGURA 9: Evolução das taxas de mortalidade por suicídio segundo faixa etária. Brasil, 2010 a 2019.



Fonte: Ministério da Saúde – Sistema de informações sobre Mortalidade (SIM)

Ao analisar a evolução das taxas de suicídio no Brasil, de acordo com faixa etária, observa-se um aumento significativo em todos os grupos etários. Destaca-se, em particular, um aumento alarmante nas taxas de mortalidade de adolescentes, que aumentaram em 81% no período avaliado. Isso representa um aumento de 606 óbitos para 1.022, com uma taxa de 3,5 para 6,4 mortes por 100 mil adolescentes. Embora as taxas sejam menores em comparação com outros grupos etários, também é preocupante o aumento constante das mortes por suicídio em crianças menores de 14 anos.

No Brasil, um estudo realizado por Daniela Ghorayeb (2007) revelou dados alarmantes sobre a vergonha que muitos brasileiros sentem em relação à sua orientação sexual. Surpreendentemente, 67% dos entrevistados de sua pesquisa admitiram sentir esse sentimento, o que é extremamente preocupante. Mais ainda, descobriu-se que 35% desse grupo sofria de depressão, enquanto 10% apresentavam risco de suicídio.

5.3 Índices subjogados: poucos ou nenhum marcador raça e sexualidade

Estudos apontam que a população LGBTQIA+ tem a pior saúde mental, em comparação com heterossexuais da mesma faixa etária, gênero e nível educacional. A vergonha em relação à orientação sexual é uma das causas disso, levando esses indivíduos

a adotarem estratégias de integração identitária, como o individualismo religioso. O preconceito e a discriminação social também exercem um impacto significativo na construção da identidade psicossocial dos homossexuais, o que pode afetar sua saúde mental.

De acordo com o site #generonumero:

A psicanalista e diretora do Núcleo Psicossocial da Casa Um, ONG que oferece assistência à população LGBTQIA+, em São Paulo, Livia Lourenço Dias já atendeu casos de automutilação, especialmente entre pessoas jovens. Na avaliação da profissional, as lesões autoprovocadas não ocorrem por falta de aceitação da própria identidade de gênero, mas pelas violências e exclusões vivenciadas em suas experiências sociais, a começar pela família. As pessoas não sofrem porque elas são trans, mas porque elas são vítimas de preconceito, violência e são excluídas desde cedo”, explica a psicanalista. Depois que as possíveis redes de apoio se esgotam, laços com familiares e amigos se cortam e instituições como escola e rede de saúde negligenciam a sua existência, as tentativas de suicídio emergem, avalia Dias. “É quando vem a ideia de querer acabar com tudo, parar de sofrer, dar um alívio a partir dessas autoagressões” (Gênero número, 2023).

Essas raízes dolorosas são levadas a cabo por meio do disciplinamento para controle dos corpos e os impactos bastante perversos sobre diferentes formas de existir, sendo bastante evidentes nas dinâmicas institucionais e nas formas operativas em relação aos sujeitos. As expressões e manifestações da sexualidade e dos afetos, mesmo sem serem expressões subjetivas, são influenciadas por relações e necessidades sociais, sendo assim não destituídas de aspectos como classe social, identidades de gênero e sexo.

O preconceito pode estar levando jovens homossexuais a casos de depressão e suicídio. Pesquisa realizada pelo Instituto de Ciências Médicas da Unicamp constatou que homossexuais têm tendência maior a desenvolver transtornos mentais em relação a jovens heterossexuais da mesma faixa etária. A discriminação, sobretudo por parte da família, é um fator de risco para o aumento desses casos.

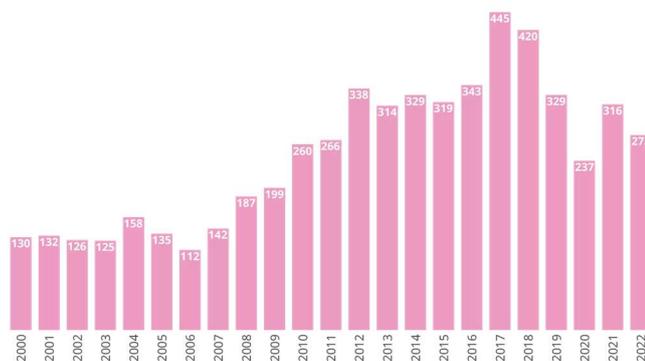
Isso porque o adolescente ainda necessita da proteção do ambiente familiar e mimetiza seus valores. Assim, quando rejeitado, acaba internalizando o preconceito sofrido e se auto-discrimina por sua orientação sexual (Carta Capital, 2012).

O suicídio deve ser abordado em sua pluralidade de feições, mas é notável que pouco ou quase nada dos estudos sobre o comportamento suicida tem em conta os marcadores de raça e sexualidade. É evidente, portanto, que existe uma lacuna na forma como as informações são compreendidas.

A subnotificação é alarmante, uma vez que esperaríamos que casos reportados pela mídia fossem devidamente registrados em órgãos competentes. No entanto, a realidade parece ser justamente o contrário, conforme apontado pelo Fórum Brasileiro de

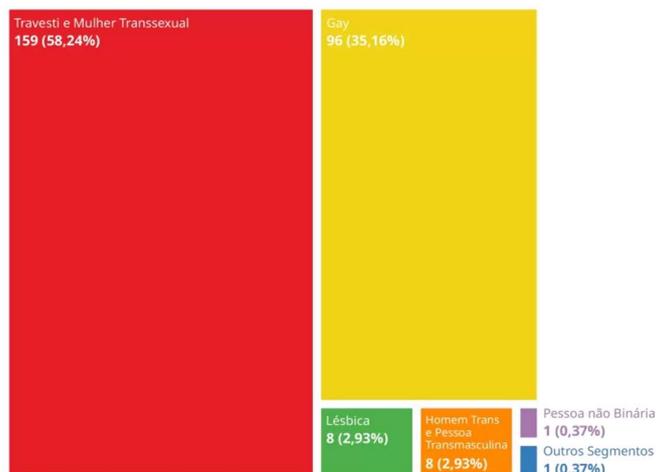
Segurança Pública, que questiona a falta de dados sobre a comunidade LGBTQIA+ ou a discrepância nas informações divulgadas. É essencial investigar e corrigir essa lacuna para garantir a eficácia das políticas de segurança pública.

FIGURA 10: Número de mortes violentas de LGBTQI+ no Brasil, entre 2000 e 2022.



Fonte: Acontece LGBTI+, Grupo gay da Bahia, Observatório de Mortes e violência contra LGBTQI+ no Brasil, 2022.

FIGURA 11: Número de mortes violentas de LGBTQI+ no Brasil, por segmento.



Fonte: observatório de mortes e violências contra LGBTQIA+ no Brasil, 2022.

Mas quem está mais impactado por essa questão tão séria? O suicídio pode afetar qualquer pessoa, independentemente do gênero, já que suas causas são diversas, envolvendo fatores psicológicos, biológicos, sociais, econômicos, políticos e culturais. Porém, é importante destacar que os índices são mais altos entre os homens, como apontou um estudo do Ministério da Saúde no período de 2010 a 2019. Em 2019, a taxa de mortes por suicídio entre homens foi de 10,7 a cada 100 mil habitantes, enquanto entre as mulheres foi de 2,9.

O estudo mostrou um aumento nas taxas de suicídio ao longo dos anos, tanto para homens quanto para mulheres. Comparando os anos de 2009 e 2018, houve um aumento de 45,7% para as mulheres e de 33% para os homens. Um estudo da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) também indicou uma série de fatores sociais que influenciam as mortes por suicídio, diferenciados por gênero, de 2000 a 2019. Entre os homens, os principais fatores associados a esses atos são o uso de álcool, outras substâncias e homicídios. Já para as mulheres, o risco está relacionado às desigualdades educacionais. Além disso, tanto para homens quanto para mulheres, o desemprego mostra também uma correlação com as taxas de suicídio.

Para compreender os desafios enfrentados pelas pessoas trans é essencial considerar os diversos aspectos sociais, históricos, culturais e políticos que influenciam suas vidas. Infelizmente, muitas vezes esses fatores acabam resultando em experiências traumáticas e condições de saúde precárias. Desde violências físicas e emocionais até a falta de apoio familiar e o preconceito no mercado de trabalho, as pessoas transexuais são frequentemente expostas a situações que podem levar a problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e até mesmo suicídio. É crucial reconhecer que essas questões são exclusivas das pessoas trans e exigem uma abordagem sensível e inteligente para promover o bem-estar e a inclusão.

Segundo a psicóloga clínica, travesti e coordenadora do Fundo LGBTQIA+ (Fundo Positivo), Emilly Mel Fernandes, não se pode pensar em saúde mental sem levar em conta os fatores sociais, econômicos e culturais aos quais as pessoas trans estão submetidas: “A gente não consegue trabalhar com a saúde mental de pessoas trans sem o contexto de raça e classe, sem levar em conta a ancestralidade e o histórico de violências. Não é porque sou trans que sou potencialmente suicida. A gente tem que falar de um adoecimento mental causado por uma estrutura social, que é a transfobia, a falta de acesso e recurso”, destaca. [...] Apenas em 2018, a transexualidade deixou de ser tratada oficialmente como uma patologia. Em junho daquele ano, a Organização Mundial da Saúde parou de incluir o chamado “transtorno de identidade sexual” ou “transtorno de identidade de gênero” na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID). “A nossa saúde mental também é perpassada quando profissionais de saúde não validam os saberes produzidos sobre os nossos corpos e nos patologizam ou nos invisibilizam. Quando eu chego lá com uma demanda de hormonização e olham pra mim e falam: não sei”, aponta Fernandes. As especialistas ouvidas pela reportagem, em sua maioria transexuais, alertam para a necessidade de interação entre os movimentos sociais e o poder público no sentido de qualificar o atendimento, trabalhar questões de prevenção e melhorar as notificações sobre as violências sofridas pelo público LGBTQIA+ (Gênero número, 2023).

Investigar e compreender a construção de uma linguagem como estratégia de sobrevivência em meio à extrema violência revela uma interseccionalidade impactante

nos marcadores sociais da diferença. Os sujeitos assujeitados, imersos em um limbo de opressões entrelaçadas - seja pela questão de raça, classe social, ou LGBTfobia - vivenciam uma realidade avassaladora. A convergência de raça, gênero e classe gera uma teia complexa de desigualdades estruturais, políticas e subjetivas. Aprofundar-se nos estímulos socioeconômicos e políticos associados ao suicídio e explorar seu impacto na construção do conhecimento são essenciais para o desenvolvimento científico.

Verifica -se que o marcador étnico - racial tende a se tornar invisível nas discussões ou não é o objetivo proposto pelos trabalhos. Nessa perspectiva, acredito que essa invisibilidade é produto de uma lógica intencional e consciente de um modo organizacional científico, isto é, a condição precária e social que a população negra ocupou historicamente (e ainda ocupa) constituiu, ideologicamente e ontologicamente, que essas vidas fosse enquadradas como vidas de menores importâncias, estabeleceram e estabelecem condições para que essas vidas não sejam reconhecidas e apreendidas como vidas dignas de direitos e cuidados (Navasconi, 2019, p.125).

A escassez de dados e o desinteresse dos pesquisadores em estudar o suicídio acabam reforçando “normas e enquadramentos de inteligibilidade no que tange a população negra por meio das grandes narrativas hegemônicas, ocasionando a hierarquização de um grupo social em detrimento de outros grupos” (Navasconi, 2019, p.129).

Esta falta de informação se estende também ao suicídio relacionado à diversidade sexual, onde a literatura especializada ainda carece de dados estruturados. Além disso, o autor aborda os ataques sofridos por jovens LGBTQIA+ por parte de profissionais de saúde, após tentativas de suicídio.

A população LGBTQIA+ sofre pela exclusão, violência, preconceito escancarado, e que são muitas vezes conivências do Estado, instituição que deveria garantir não só a segurança, mas também políticas mais amplas e eficazes que possam educar para uma mudança de postura da sociedade, e do respeito humano. O sofrimento não surge por ter uma orientação sexual divergente da cisheteronormativa, mas por serem rechaçados, desrespeitados como pessoa, que precisa cumprir todos os seus deveres, mas é condicionado em seus direitos, inclusive ao direito à própria vida.

Crianças, adolescentes e jovens respondem por mais da metade dos 2.761 registros de lesões autoprovocadas entre mulheres trans e travestis no Brasil entre 2018 e 2021. A faixa etária de 18 a 24 anos concentra um de cada três casos do tipo, segundo dados do Sistema de Informação de Agravos de

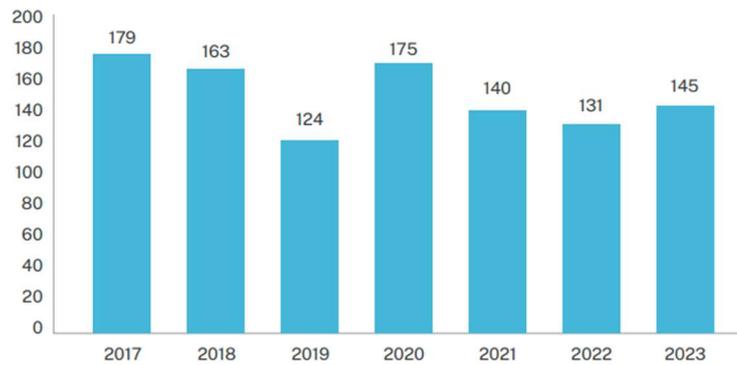
Notificação (Sinan⁶²), do Ministério da Saúde. No caso de crianças, o campo de “identidade de gênero” só é preenchido a partir dos 10 anos de idade.

A identidade de gênero foi incluída na ficha de notificação individual em 2014, que é preenchida por profissionais do serviço de saúde. Quase uma década depois, as únicas opções para esse campo são: “travesti”, “mulher transexual”, “homem transexual”, “não se aplica” e “ignorado”. Pessoas não-binárias também não são contempladas e não há categoria específica para a classificação de pessoas cisgênero, o que reforça a cisnormatividade como padrão. “É muito assustador quando pensamos que são violências autoprovocadas. A gente tem se debruçado sobre o impacto provocado pelos discursos de ódio, pela tentativa de institucionalização da transfobia. Políticos de extrema direita e grupos anti-trans defendem publicamente pautas que ferem os direitos humanos da população trans. O recado que fica a todo instante é que elas não cabem neste mundo”, lamenta a secretária de Articulação Política da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), Bruna Benevides. (Dossiê ANTRA, 2023).

Durante os últimos sete anos, a ANTRA mapeou um total de 1057 assassinatos de pessoas trans, travestis e não binárias no Brasil, com a faixa etária de 18 a 24 anos, representando mais da metade desses registros. Em média, são 151 assassinatos por ano, ou seja, 13 casos por mês. O ano de 2017 foi o mais letal, com 179 assassinatos, mas em 2023 houve um aumento de 10,7% no número de casos em comparação com 2022. Enquanto isso, houve uma queda de 5,7% nos assassinatos gerais da população. É importante refletir sobre esses dados alarmantes e buscar maneiras de combater a violência contra pessoas transexuais no Brasil.

⁶² O Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan é alimentado, principalmente, pela notificação e investigação de casos de doenças e agravos que constam da lista nacional de doenças de notificação compulsória (Portaria de Consolidação nº 4, de 28 de setembro de 2017), mas é facultado a estados e municípios incluir outros problemas de saúde importantes em sua região. Sua utilização efetiva permite a realização do diagnóstico dinâmico da ocorrência de um evento na população, podendo fornecer subsídios para explicações causais dos agravos de notificação compulsória, além de vir a indicar riscos aos quais as pessoas estão sujeitas, contribuindo assim, para a identificação da realidade epidemiológica de determinada área geográfica. O seu uso sistemático, de forma descentralizada, contribui para a democratização da informação, permitindo que todos os profissionais de saúde tenham acesso à informação e as tornem disponíveis para a comunidade. É, portanto, um instrumento relevante para auxiliar o planejamento da saúde, definir prioridades de intervenção, além de permitir que seja avaliado o impacto das intervenções. Disponível em: <https://portalsinan.saude.gov.br/> Acesso em: 23 jan. 2024.

FIGURA 12: Assassinatos de pessoas transexuais no Brasil entre 2017 e 2023 – ANTRA.



Fonte: Dossiê Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023.

Mesmo com muitas e ininterruptas denúncias, ainda há falta de transparência nos dados governamentais sobre violência. Isto é um problema de extrema gravidade que exige nossa urgente atenção. A discrepância entre o que é noticiado pela imprensa e o que é registrado oficialmente levanta questões sobre onde essas informações estão se perdendo.

Exatamente como indicava a OMS nos dados anteriormente expostos, no que se refere ao recorte de gênero, no que se menciona às identidades fora da heteronormatividade. E, novamente, perguntamos: onde estão os recortes de gênero e sexualidades, para além da binaridade homem *versus* mulher?

A questão do reconhecimento é importante porque se dizemos acreditar que todos os sujeitos humanos merecem igual reconhecimento, presumimos que todos os sujeitos humanos são igualmente reconhecíveis. Mas e se o campo altamente regulado da aparência não admite todo mundo, demarcando zonas onde se espera que muitos não apareçam ou sejam legalmente proibidos de fazê-lo? Por que esse campo é regulado de tal modo que apenas determinados tipos de seres podem aparecer como sujeitos reconhecíveis, e outros não podem? (Butler, 2018, p. 28).

A brutalidade infligida às vidas vulneráveis é expressa de distintas maneiras nas diversas instâncias do Estado. Seja através da política de segurança pública, que muitas vezes criminaliza as periferias e favelas, ou em outras ações setoriais que tratam de forma desigual os cidadãos e as cidadãs, principalmente aqueles e aquelas que pertençam aos grupos minoritários. É necessário repensar e combater essas práticas que perpetuam a marginalização e discriminação, garantindo a dignidade e igualdade para todas as pessoas.

5.4 Os discursos no Ciberespaço: intencionalidade na intolerância religiosa e nas falas LGBTfóbicas

Durante o período de 2020 a 2022 tivemos um aumento na hostilidade das redes sociais e foi notoriamente percebido que os temas de maiores atritos estavam diretamente ligados a posicionamentos políticos, religiosos e/ou orientação sexual e identidades de gênero. Nesse mesmo período a SaferNet⁶³ contabilizou uma crescente, bastante expressiva, de denúncias nos casos de crimes digitais.

Coincidentemente ou não, estamos falando do mesmo período que oficialmente se inicia, no Brasil, a pandemia de Covid-19, fazendo com que a população ficasse por meses enclausurada em suas casas, precisando criar meios de trabalho, estudos e entretenimento através dos canais tecnológicos de comunicação, e principalmente das redes sociais. De acordo com Kozinets (2014, p. 9), para compreender a sociedade, é preciso seguir as atividades sociais e interações das pessoas na Internet e por meio de outros meios de comunicação mediados pela tecnologia.

Na imensidão do campo da antropologia, a palavra "cultura" é como um polvo de múltiplos tentáculos, capaz de se encaixar em diversas interpretações. Para John Bodley, cultura não se resume apenas às tradições de um povo, mas abarca todo o espectro da existência humana. Ele nos presenteia com uma definição mais abrangente, enxergando a cultura como os padrões de pensamentos e comportamentos compartilhados entre os membros de uma sociedade. Assim, é evidente que a cultura é um conceito intrincado, que entrelaça diferentes aspectos da nossa experiência humana. Para Geertz, um trabalho de campo quase obsessivo de peneiramento, a longo prazo, principalmente (embora não

63 A SaferNet Brasil é uma associação civil de direito privado, com atuação nacional, sem fins lucrativos ou econômicos, sem vinculação político partidária, religiosa ou racial. Fundada em 20 de dezembro de 2005, com foco na promoção e defesa dos Direitos Humanos na Internet no Brasil. Naquela época, era urgente a necessidade de oferecer uma resposta eficiente, consistente e permanente no Brasil para os graves problemas relacionados ao uso indevido da Internet para a prática de crimes e violações contra os Direitos Humanos. Aliciamento, produção e difusão em larga escala de imagens de abuso sexual de crianças e adolescentes, racismo, neonazismo, intolerância religiosa, homofobia, apologia e incitação a crimes contra a vida já eram crimes cibernéticos atentatórios aos Direitos Humanos presentes na rede. O Brasil, no entanto, carecia de políticas e ações concretas de enfrentamento a estes fenômenos complexos, que envolvem variáveis econômicas, sociais e culturais, com desdobramentos e implicações nos campos da ética, da moral, da educação, da saúde, do direito, da segurança pública, da ciência e da tecnologia. Logo que foi criada, a SaferNet Brasil se consolidou como entidade referência nacional no enfrentamento aos crimes e violações aos Direitos Humanos na Internet, e tem se fortalecido institucionalmente no plano nacional e internacional pela capacidade de mobilização e articulação, produção de conteúdos e tecnologias de enfrentamento aos crimes cibernéticos e pelos acordos de cooperação firmados com instituições governamentais, a exemplo do Ministério Público Federal. Acesso em: 11 dez. 2023.

exclusivamente) qualitativo, altamente participante e realizado em contextos confinados. (Geertz,1989, p. 33).

Acreditando, com Max Weber, que o homem é um animal suspenso em redes de significância que ele mesmo teceu, eu tomo a cultura como essas redes, e que, portanto, a análise dela não é a de uma ciência experimental em busca de uma lei, mas uma ciência interpretativa em busca de significado. (Geertz,1973, p. 4-5)

A abordagem do discurso tem se tornado cada vez mais frequente na pesquisa das ciências humanas e sociais. Agora, investiga-se o discurso adicionando-se adjetivos que os relacionam a diversos campos de problemas ou práticas sociais específicas. No entanto, para Foucault, o conceito de discurso vai além da mera compilação de frases ou palavras proferidas por indivíduos relacionados a um grupo social ou problema específico. Para ele, o discurso é uma dimensão complexa e filosófica da produção da realidade social, uma prática sócio-histórica que só é revelada através da análise precavida.

Em vez de estar imediatamente presente nas palavras faladas ou escritas, o discurso possui uma existência anônima que dá sentido ao que dizemos e fazemos. A abordagem de Foucault em relação ao discurso é sempre baseada na prática discursiva e na realidade dos enunciados em si, ao invés de apenas considerar a possibilidade abstrata de um enunciado se concretizar. A análise do discurso desempenha um papel crucial na compreensão da formação das ciências, permitindo que as mesmas sejam retiradas de um campo de objetividade absoluta. Ela nos ajuda a reconhecer que diferentes sociedades possuem diferentes formas de interpretar a realidade, e que essas abordagens podem ser eficazes para seus propósitos.

No âmbito cotidiano, a análise do discurso nos ajuda a conectar as práticas sociais com os significados que as impulsionam a se concretizarem na realidade. Além disso, ela possibilita uma avaliação crítica e a elaboração de políticas públicas, ao percebermos que tipo de relações são estabelecidas através dos sentidos que são transmitidos por meio do discurso institucional.

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e

descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo. (Foucault, 2012, p. 143)

É o discurso que define o significado e as possibilidades de enunciados linguísticos sob certas condições espaço-temporais específicas. Portanto, a origem do sentido não reside na intencionalidade de um sujeito, mas sim na prática discursiva histórica e anonimamente determinada. Ou seja, o discurso é uma produção coletiva e histórica que molda tanto o lugar do sujeito quanto o sentido dos enunciados linguísticos.

Perceber o que existe por trás da crescente hostilidade humana, refletida nos discursos dos ciberespaços é condição *sine quo non* para desestruturar as redes de propagação dos discursos de ódio, intolerâncias, xenofobias e todas as formas de preconceito. Uma palavra, um comentário, uma postagem nas redes sociais pode acarretar proporções impensáveis de crueldades, e quase nunca ela é feita sem intencionalidade. Todo discurso tem um viés político e ideológico, e isso se reflete nos índices de adoecimento mental, principalmente transtornos de ansiedade e depressão (que trazem prejuízos sociais terríveis e também geram suicídio) e nos indicadores de regulação a crimes digitais.

5.4.1 Indicadores de intolerância religiosa

Ao receber denúncias de Intolerância Religiosa, a Central de Denúncias da SafeNet estava atenta não apenas à sua origem, mas também à sua diversidade geográfica. Isso permitiu capturar um quadro abrangente dos diferentes locais ao redor do mundo onde essa forma de crime virtual estava ocorrendo.

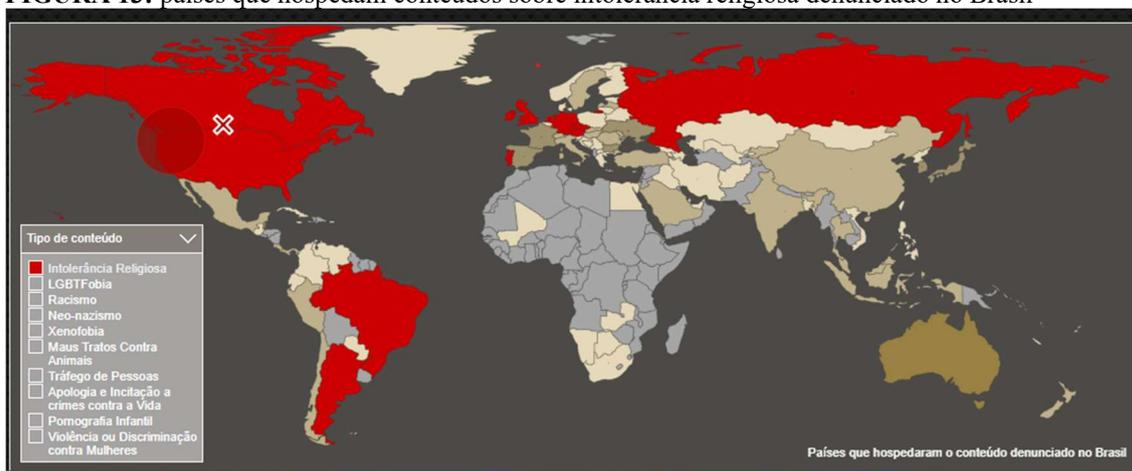
A ampla diversidade de IPs conectados a essas páginas representam um desafio, mas a equipe de especialistas da SaferNet está trabalhando incessantemente para rastrear e identificar os responsáveis por essas páginas problemáticas e garantir que sejam devidamente responsabilizados por suas ações.

Durante o período da pandemia de Covid-19, tivemos em todo mundo uma grande interação no mundo digital, o que era comum de se esperar, visto que o planeta inteiro passava por uma situação de confinamento, restando os meios virtuais para comunicação,

seja para atividades laborais, educativas ou de lazer. Ao mesmo tempo que a Internet se mostrou a melhor das ferramentas para um cenário tão crítico, ela também intensificou e ampliou o que há de pior na natureza humana. Acontece que a Internet não é uma terra sem lei, e tudo que se faz na rede deixa rastro, tudo pode ser “achado”, ninguém fica invisível todo o tempo. E justamente por meio tecnológico temos dados de tudo que ocorre no ciberespaço, basta enviar o comando. Com isso obtivemos os números gritantes dos casos de intolerância religiosa e lgbtfofia, que foram intensificados com os discursos de ódio proferidos em rede.

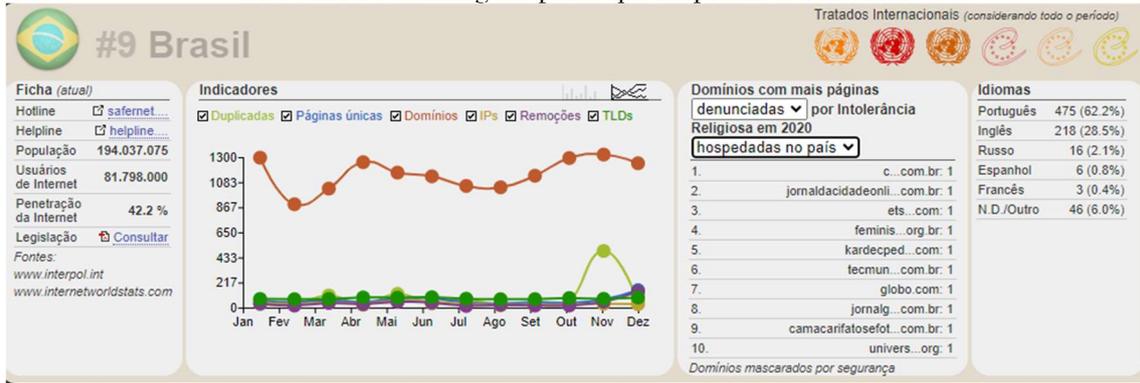
- **Figuras 13 e 14** - No ano de 2020, a Central de Denúncias detectou e tratou com sucesso um total de **1.321** denúncias anônimas de casos de Intolerância Religiosa. Essas denúncias foram vinculadas a **814** páginas distintas, das quais **420** foram prontamente removidas. Essas páginas estavam hospedadas em **103** domínios diferentes, pertencentes a **13** TLDs diversos e conectados à Internet através de **183** endereços IP específicos. Estes IPs estavam vinculados a 12 países em 2 continentes. Todas as denúncias foram recebidas através dos *hotlines* brasileiros da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, demonstrando o engajamento da população no combate a esse tipo de crime.

FIGURA 13: países que hospedam conteúdos sobre intolerância religiosa denunciado no Brasil



Fonte: SAFERNET - <https://indicadores.safernet.org.br/>

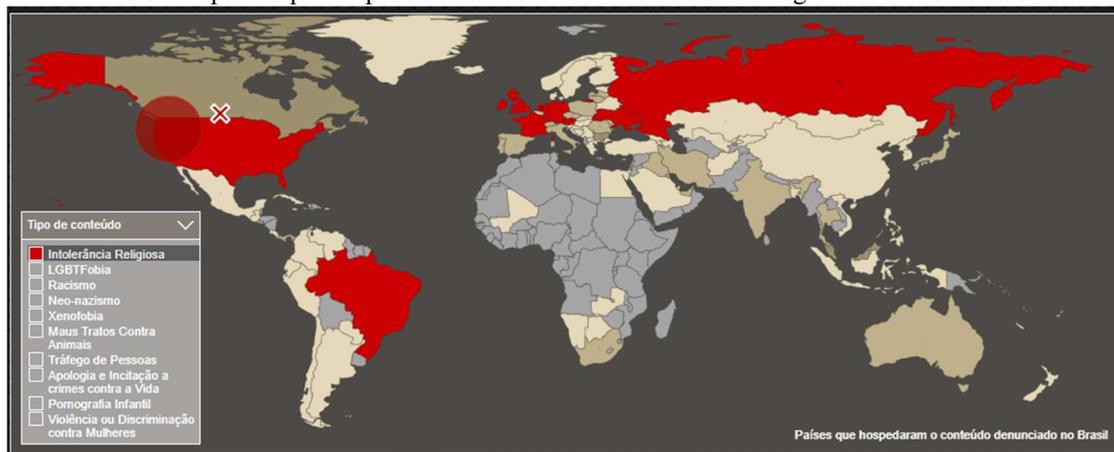
FIGURA 14: Ranking dos países que hospedam os conteúdos



Fonte: SAFERNET - <https://indicadores.safernet.org.br/>

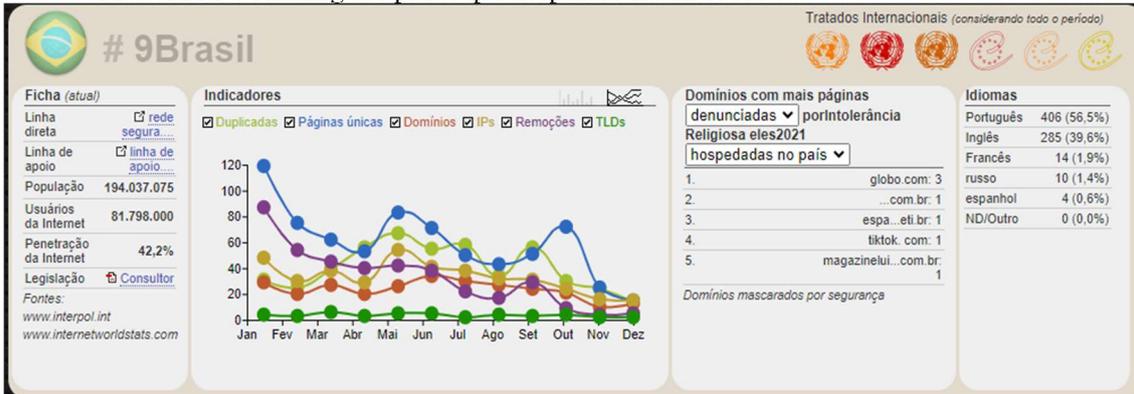
- **Figuras 15 e 16** - Em 2021, a Central de Denúncias recebeu uma quantidade significativa de denúncias anônimas relacionadas à intolerância religiosa. Ao todo, foram processadas **759** denúncias, o que compreende um total de **391** páginas (URLs) distintas. Desse total, **190** páginas foram prontamente removidas. É importante ressaltar que essas páginas estavam hospedadas em domínios diferentes, com extensões de TLDs variados e conectadas à Internet através de diferentes números IPs. Além disso, essas denúncias envolviam conteúdos prejudiciais provenientes de países situados em distintos continentes. É válido mencionar que todas essas denúncias foram registradas pela população brasileira por meio das linhas diretas da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos.

FIGURA 15: países que hospedam conteúdos sobre intolerância religiosa denunciado no Brasil



Fonte: SAFERNET - <https://indicadores.safernet.org.br/>

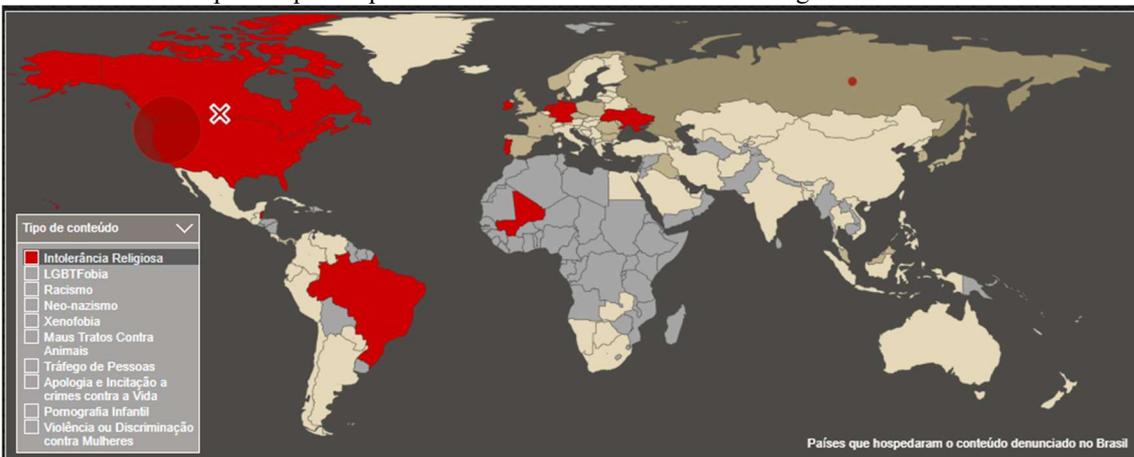
FIGURA 16: Ranking dos países que hospedam os conteúdos



Fonte: SAFERNET - <https://indicadores.safernet.org.br/>

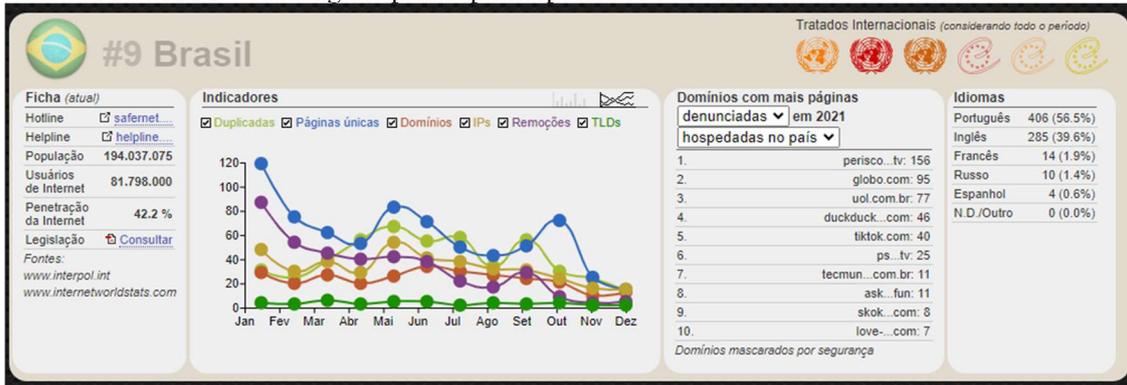
- **Figuras 17 e 18** - No ano de 2022, a Central de Denúncias recebeu um total de 4.220 denúncias anônimas de Intolerância Religiosa. Destas, 764 denúncias indicaram a presença de conteúdo prejudicial em páginas da web, cada uma com uma URL única. Felizmente, foi possível remover com sucesso 400 dessas páginas, as quais estavam hospedadas em domínios diferentes e conectadas à Internet por meio de IPs distintos. Estes IPs estavam localizados em países diversos do mundo.

FIGURA 17: países que hospedam conteúdos sobre intolerância religiosa denunciado no Brasil



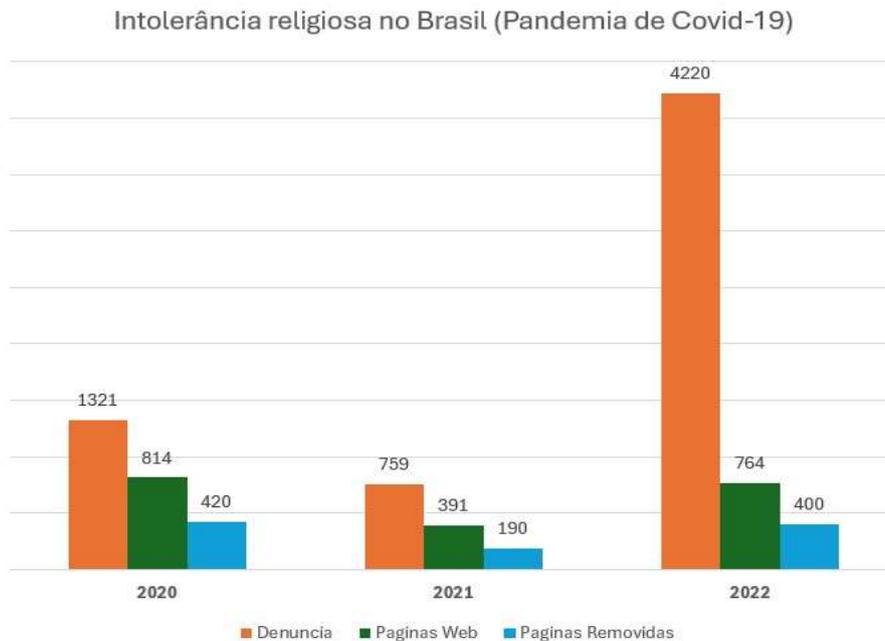
Fonte: SAFERNET - <https://indicadores.safernet.org.br/>

FIGURA 18: Ranking dos países que hospedam os conteúdos



Fonte: SAFERNET - <https://indicadores.safernet.org.br/>

FIGURA 19: Intolerância religiosa no Brasil (Pandemia de Covid-19)



Fonte: gráfico próprio, realizado pelos dados da SaferNet.

Como já abordado no segundo capítulo, o Brasil assegura o direito à liberdade de religião ou crença no artigo 5º da Constituição, garantindo o exercício dos cultos religiosos e proteção aos locais de culto. É considerado crime a discriminação ou preconceito contra religiões, com pena prevista de reclusão e multa. Vale novamente ressaltar que o Brasil é um Estado laico, sem religião oficial, promovendo tratamento igualitário a todos os cidadãos e a todas as cidadãs, independentemente de suas crenças. A expressão "racismo religioso" descreve a violência direcionada, geralmente, às

religiões de matriz africana, de forma mais acurada, evidenciando a ameaça à liberdade e existência desses grupos.

O aumento de casos de intolerância religiosa no Brasil é alarmante, com registros significativos nos últimos anos, conforme apontam diversos relatórios e levantamentos oficiais. A intolerância religiosa aparece com crescimento de 456% no período entre 2020 e 2021⁶⁴. A situação é assustadora e demanda atenção e ação para combater esse tipo de violência, e garantir o respeito à diversidade religiosa no país. Durante o período da pandemia de Covid-19 no Brasil em 2020 os índices de intolerância religiosa cresceram no mesmo passo dos discursos de ódio tecidos por pessoas religiosas.

Qual a relevância de odiar alguém por que ela ama uma outra pessoa de mesmo sexo, ou tem uma orientação sexual diferente da sua? Qual é a justificativa de defender sua divindade, inferiorizando ou demonizando a divindade de outrem? Desde quando “Deus, deuses ou deusas” precisam de defesa? Em que momento da humanidade o comportamento cruel, desumano, e cheio de ódio agradaria a Jesus Cristo, aquele que veio ao mundo falar e espalhar amor, e morreu na cruz por amor à humanidade, sem fazer qualquer acepção de pessoas? Quem nos institui juízes de nossos iguais? (Iguais na nossa finitude, pois nosso amor por outra pessoa nos deve diferenciar).

A religiosidade doentia, esse fundamentalismo radical, essas vozes histriônicas bradadas por ditos sacerdotes, pastores, pastoras, ministros e ministras de Javé, em nada se assemelha ao Cristianismo deixado pelo Verbo que se fez carne por amor. Na concepção de Kierkegaard o Cristianismo não tem como objetivo solucionar os problemas deste mundo, mas sim a impaciência angustiante da vida eterna no outro mundo. As igrejas cristãs, particularmente, a dinamarquesa, dado o contexto histórico (mas vamos transportar essa ideia para nosso tempo e templos, pois cabe perfeitamente) tornaram-se empresas lucrativas de viagens para a eternidade, que só são salvas do declínio devido à ausência de notícias sobre os "passageiros". Kierkegaard também se refere às formas de vida estética (centrada no prazer) e ética (centrada no dever), não apenas para demonstrar o que é e diferencia o homem religioso, mas também porque são formas de existência alternativas que o homem pode escolher como objetivos para a sua existência. Kierkegaard denomina essas formas de existência estética, ética e religiosa

⁶⁴ Agência Brasil. Disponível: <https://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-02/denuncias-de-crimes-na-Internet-com-discurso-de-odio-crescem-em-2022> Acesso em: 24 fev 2023.

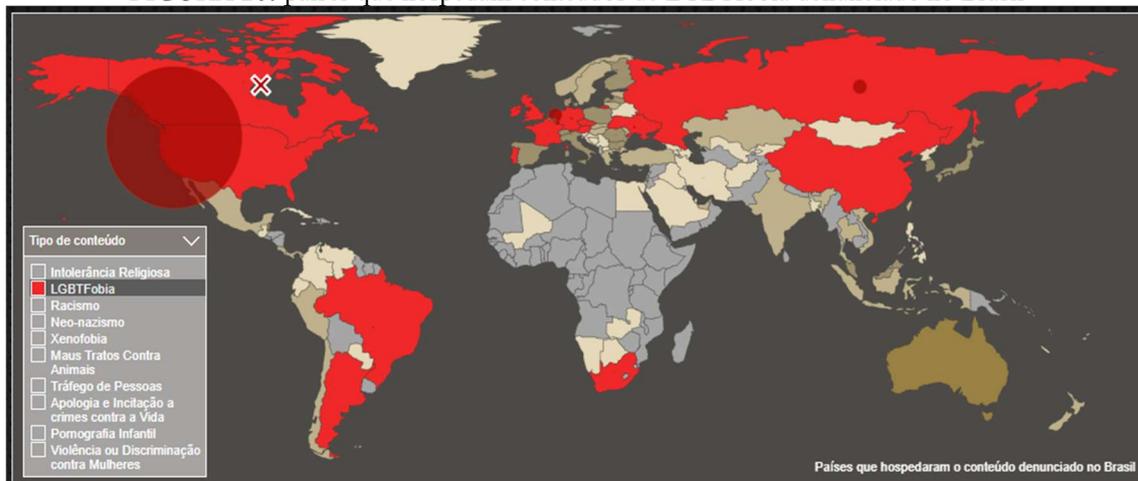
de "estádios no caminho da vida". Esses "estádios" expressam determinadas ideias a respeito do mundo e da vida, traduzindo escolhas fundamentais para a maneira como cada homem decide viver a sua existência.

A busca constante pela novidade e pela diferenciação implica uma mudança constante e a recusa de qualquer compromisso ou fidelidade, seja com uma mulher, valores morais e religiosos, ou com um ideal social e político. De acordo com Kierkegaard, a busca incessante pelo prazer e a dedicação incessante às normas morais socialmente aceitas e transmitidas são máscaras que ocultam o homem da verdade sobre si mesmo. Para Kierkegaard, a fé é um paradoxo: traduz uma confiança absoluta em um ser que nos é completamente desconhecido.

5.4.2 Indicadores de LGBTfobia

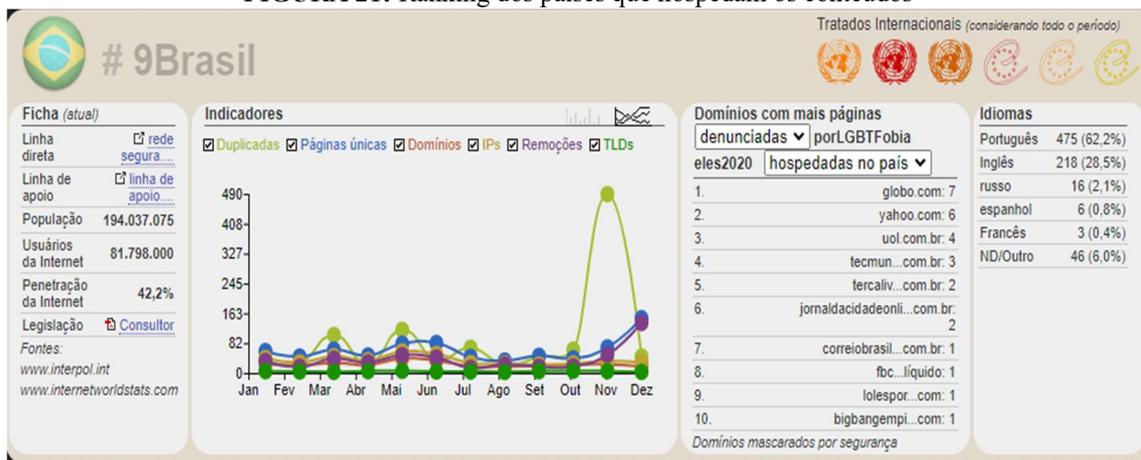
No ano de 2020, a Central de Denúncias foi inundada com um total de 5.293 denúncias anônimas de LGBTfobia, que resultaram em um intenso trabalho de processamento envolvendo 2.886 páginas distintas. Dentre elas, 1.214 foram removidas com sucesso. É impressionante pensar na diversidade dos domínios, TLDs e números IPs associados a essas páginas, que estão espalhadas por diferentes países e continentes. A luta contra a discriminação nunca foi tão globalizada e instigante como agora, e é fundamental continuarmos trabalhando juntas para combater essa injustiça.

FIGURA 20: países que hospedam conteúdos de LGBTfobia denunciado no Brasil



Fonte: SAFERNET - <https://indicadores.safernet.org.br/>

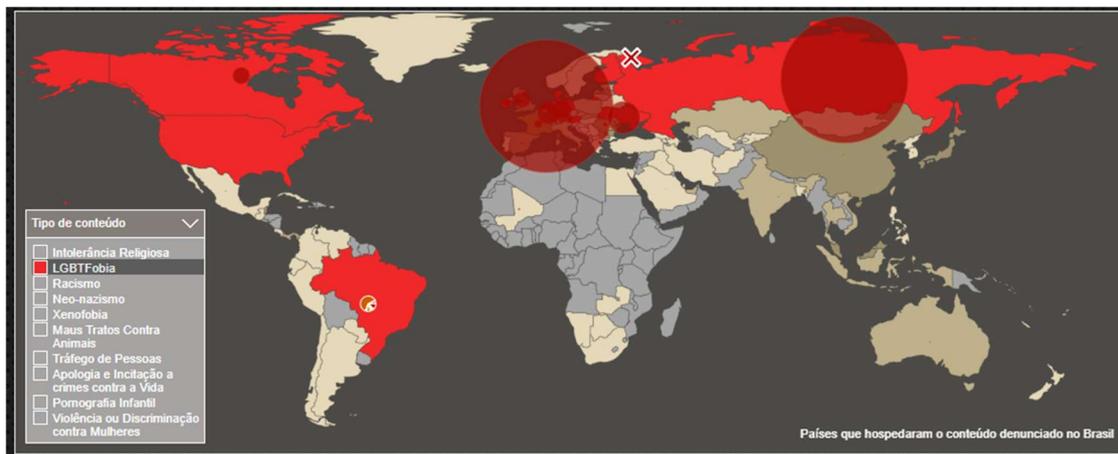
FIGURA 21: Ranking dos países que hospedam os conteúdos



Fonte: SAFERNET - <https://indicadores.safernet.org.br/>

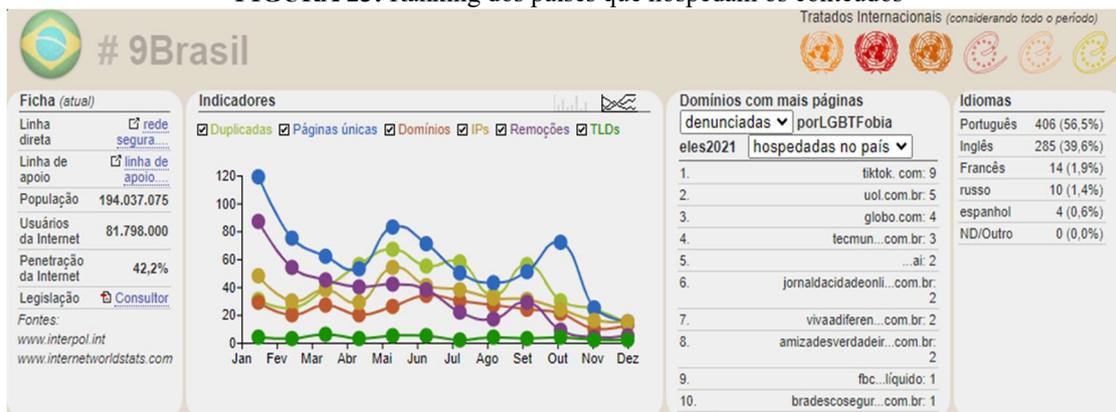
Em 2021, a equipe da Central de Denúncias teve um trabalho árduo, recebendo e analisando um total de 5.347 denúncias anônimas de LGBTfobia. Essas denúncias envolveram uma grande variedade de 3.479 páginas da web, algumas das quais 2.425 foram removidas com sucesso. Essas páginas estavam hospedadas em diferentes domínios e TLDs, conectadas à vasta e complexa rede da Internet, através de diferentes números IPs - atribuídos a países em diversos continentes.

FIGURA 22: países que hospedam conteúdos de LGBTfobia denunciado no Brasil



Fonte: SAFERNET - <https://indicadores.safernet.org.br/>

FIGURA 23: Ranking dos países que hospedam os conteúdos

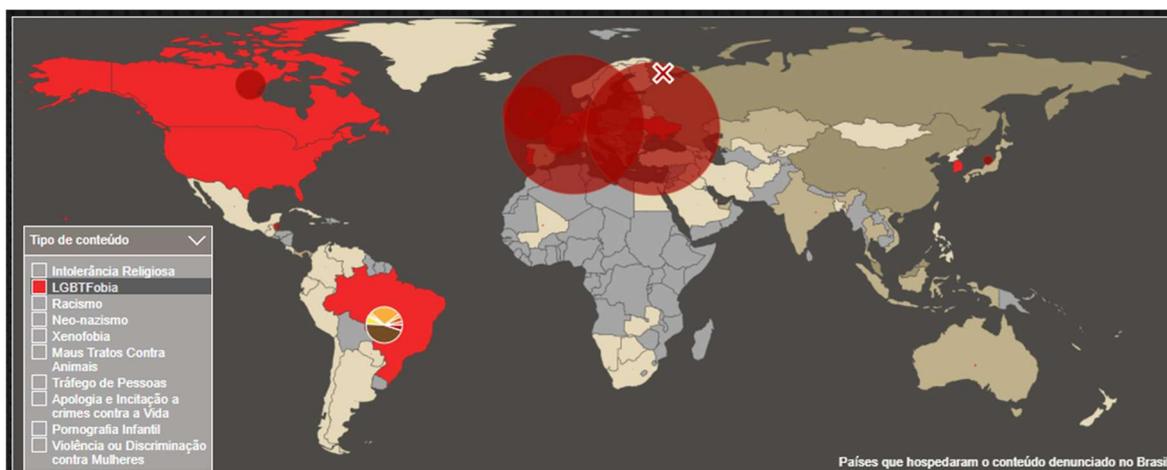


Fonte: SAFERNET - <https://indicadores.safernet.org.br/>

Em 2022, a Central de Denúncias foi inundada com um total de 8.136 denúncias anônimas de intolerância contra a comunidade LGBT. Essas denúncias abrangeram um vasto universo de 3.807 páginas da web, das quais 1.027 foram prontamente removidas. Essas páginas estavam alojadas em diversos domínios e TLDs, conectadas à rede através de diferentes endereços de IP em países de diferentes continentes.

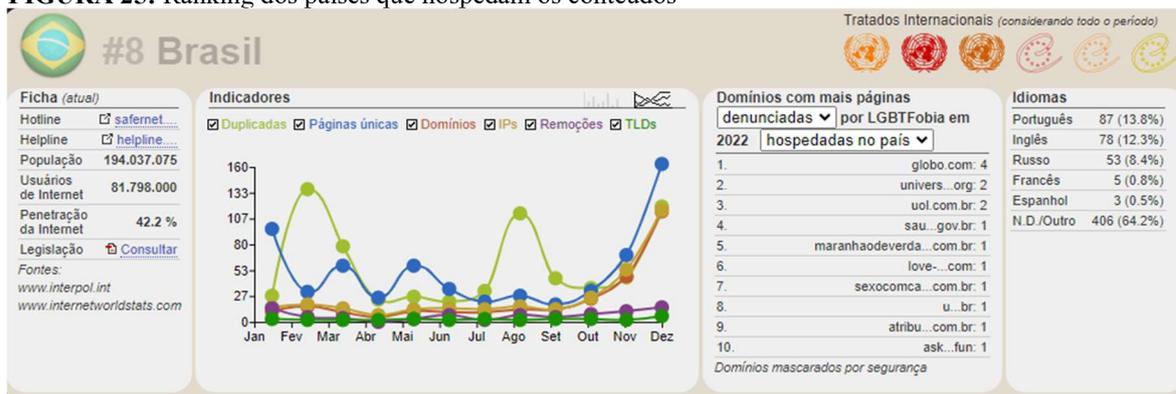
A atuação incansável da Central de Denúncias foi crucial para combater essa forma abominável de discriminação e garantir que a Internet seja um ambiente seguro e inclusivo para todos e todas, construindo um mundo mais tolerante e respeitoso para a comunidade LGBT.

FIGURA 24: países que hospedam conteúdos de LGBTfobia denunciado no Brasil



Fonte: SAFERNET - <https://indicadores.safernet.org.br/>

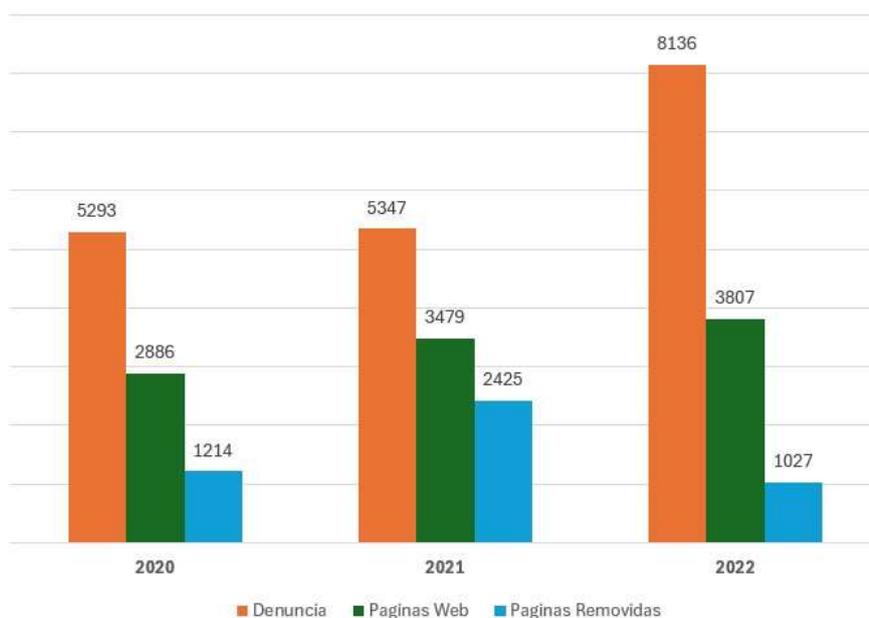
FIGURA 25: Ranking dos países que hospedam os conteúdos



Fonte: SAFERNET - <https://indicadores.safernet.org.br/>

FIGURA 26: Indicadores de LGBTfobia

Indicadores de LGBTfobia



Fonte: gráfico próprio, realizado pelos dados da SaferNet.

Durante as pesquisas, em diversas fontes, percebemos a ausência de marcadores sociais que refletissem a realidade nos números de suicídios dos grupos LGBTQIA+, como também suas motivações, infelizmente os números oficiais denotam o recorte de sexo, ou seja, masculino e feminino. Quando se trata da saúde da população LGBTQIA+ no Brasil, é crucial considerar a influência da orientação sexual e identidade de gênero como determinantes sociais. Em meio às complexidades históricas, sociais, culturais e

políticas do país, é fundamental reconhecer que esses grupos minoritários enfrentam diversas formas de opressão. O Ministério da Saúde destaca que a discriminação em todas as suas formas é um fator impulsionador na produção de doenças e sofrimento.

Em um cenário de exclusão e marginalização, diversas variáveis atuam de maneira interseccional, tornando impossível comparar as desigualdades vivenciadas por cada grupo. Portanto, a igualdade de direitos não pode ser abordada de forma simplista, visto que as realidades são diversas e necessitam de abordagens específicas.

As políticas de saúde são desenvolvidas com embasamento em estudos que analisam as dificuldades e vulnerabilidades de diferentes grupos populacionais. No entanto, generalizar os dados para toda a população LGBTQIA+ pode resultar na invisibilidade de certos subgrupos e distorcer a realidade. É categórico adotar uma abordagem interseccional para entender a saúde dessa comunidade, considerando os diversos fatores que influenciam tanto a saúde física quanto a mental, o acesso aos serviços de saúde e os determinantes de saúde. É essencial discutir como as relações de poder contribuem para a perpetuação das desigualdades, especialmente em meio à pandemia, quando as questões de gênero e saúde se tornam ainda mais evidentes.

[...] a cultura, em todas as formas de discurso, do jurídico ao científico, e dos meios de comunicação, ajuda na produção do “abjeto” como um tipo de diferenciação na qual se confina o excluído. O excluído é produzido no discurso: seu lugar é o silêncio que, em termos sociais muito concretos, realiza-se na injustiça de não poder existir. Essa diferenciação precisa ser analisada e desmontada. Somente aí é que algo como a liberdade de existir como se é entrará em cena. Não apenas porque existem muitas pessoas fora das classificações, mas porque é preciso desmontar as classificações para dar lugar à expressão singular contra todo um campo da experiência silenciada e, assim, proibida de existir ou condenada à morte. (Navasconi e Moscheta, 2017, p.13).

Os dados advertem a importância de desenvolver as discussões interseccionais sobre os determinantes de saúde, reconhecendo que, embora haja necessidades de saúde compartilhadas entre a população em geral e a população LGBTQIA+, também existem condições específicas que demandam um atendimento diferenciado, porém inclusivo e humanizado. As questões enfrentadas pelas pessoas LGBTQIA+ já eram uma realidade antes da pandemia, incluindo solidão, discriminação, fragilidade dos direitos humanos e a desarticulação das políticas públicas de saúde e assistência. Principalmente devido ainda sofrer com diversos estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade, o que se agravou durante a crise da COVID-19 e sob a gestão de um governo fascista.

Apesar dos avanços na despatologização da homossexualidade, a comunidade LGBTQIA+ continua enfrentando sofrimento devido à opressão, ao preconceito e à violência. Os altos índices de violência contra os grupos LGBTQIA+ têm sido uma preocupação constante, especialmente após 2019, com a posse do então presidente Jair Bolsonaro. Seu posicionamento ideológico, aliado a grupos políticos de extrema direita e líderes religiosos fundamentalistas, contribuíram para agravar a situação, propagando o ódio e a demonização da comunidade LGBTQIA+. Isso resultou em um aumento da rejeição por parte de famílias religiosas em relação a seus entes queridos com orientações sexuais ou identidades de gênero não normativas.

5.5 Quando o amor é secundário frente as normas das construções sociais, o Divino nunca estará presente.

Me senti sozinha
Tropeçando em meu caminho
À procura de abrigo
Uma ajuda, um lugar, um amigo.
[...]
Animal ferido
Por instinto decidido
Os meus passos desfiz
Tentativa infeliz de esquecer
Eu sei que flores existiram
Mas que não resistiram
A vendavais constantes
Eu sei, as cicatrizes falam
Mas as palavras calam
O que eu não me esqueci.
(Roberto Carlos / Erasmo Carlos)

Os números estão expostos, o cenário é real e cruel. Temos um mundo que expressa todo seu ódio e ojeriza sem receios ou ressalvas. A anulação da “outra”, de “outrem”, do “outro”, de outras cores, outros credos, outras localidades, de diversos gêneros, de diversas sexualidades, de toda pluralidade que negue a padronização por classes hegemônicas, desviantes da linha imposta como “perfeita”, estão ameaçadas. Referimo-nos a existências ameaçadas, vidas ceifadas, seja direta ou indiretamente. Quando estabelecemos que uma vida, que uma aparência, que uma essência é um erro, condenamos sua existência, pois deixamos clara sua insignificância, sua pequenez frente ao mundo de “seres cinza em série”⁶⁵.

⁶⁵ Feitos sem especificidades, sem características próprias, no padrão de um mundo globalizado.

Imaginemos adolescentes e jovens que ainda estão formando sua psique, pensemos nestes com suas personalidades fragilizadas, ainda buscando seu lugar no mundo. Agora, pensemos, se para além de todas as questões próprias da juventude, ainda tendo que lidar com a descoberta de uma sexualidade “não padrão”. E mais, sendo essas pessoas criadas em lares fundamentalistas religiosos, nos quais a palavra do líder religioso vale muito mais que o amor de Jesus Cristo, posto na cruz. E que, portanto, todo amor que essas pessoas – lidas como desviantes – sentirem por outras pessoas, que o prazer sentido em seus corpos é demonizado: é viver em permanente luto.

A autora bell hooks, no prefácio de seu livro “Tudo sobre o amor”, escreve como foi difícil viver o luto, pelo amor que partiu ainda em sua pouca idade; do quanto foi não sentir mais toda aquela afetividade que era demonstrada por seus pai e mãe, durante sua infância; do tanto que se perguntou “o que poderia ter feito, para sentir tal abandono? ”. Assim é quando se vive, ainda muito cedo, o apartamento da vida que conhece, de todas as pessoas que ama; porque elas lhe mataram, mas o luto é seu; e isso apenas porque você ama diferente do jeito de amar delas.

O luto vem. É inevitável. Ou se decide viver sua essência e chorar o luto de seus amigos e amigas e de sua parentela conservadora fundamentalista, ou se mata o próprio ser, sua própria existência; e se vive uma farsa, os fingimentos sociais, o escuro dos armários.

As religiões cristãs têm uma longa história de condenação da sexualidade e identidade de gênero não conformes, no entanto, muitas pessoas LGBTQ ainda encontram conexão com o cristianismo. A religião serve como um reflexo das complexidades socioculturais, incluindo questões de classe, raça, sexualidade e gênero, todos atravessados por dinâmicas de poder. O ambiente da igreja tradicional muitas vezes é considerado inacessível para aqueles que não se encaixam nos padrões de heterossexualidade e conformidade de gênero. Todas as vozes precisam ecoar, todos os corpos precisam de espaços, e se há, também criamos.

As igrejas inclusivas se destacam por sua interpretação bíblica e por acolherem pessoas que não se encaixam nos padrões heteronormativos. A Teologia Inclusiva é essencial para entender esse movimento, pois se trata de uma nova abordagem da Teologia Cristã que permite que os grupos LGBTQIA+ vivenciem sua espiritualidade

sem se sentirem marginalizados. Uma abordagem espiritual que reinterpreta a Bíblia, afastando-se do fundamentalismo cristão e defendendo que o texto sagrado não condena a homoafetividade, pregando o evangelho agregador, sem qualquer discriminação. Essa nova forma de interpretar o evangelho permitiu o surgimento das Igrejas Inclusivas, que acolhem a diversidade sexual e de gênero. No entanto, tanto a Teologia quanto as Igrejas Inclusivas enfrentaram discriminação por parte de cristãos tradicionais, e mais ainda dos radicais conservadores. A Teologia Inclusiva reconhece e respeita as experiências e identidades LGBTQIA+, lutando contra a intolerância religiosa e promovendo a garantia dos direitos humanos.

5.5.1 Depoimentos.

Figura 27: Depoimento 1 - Os LGBTQIA+ são surpreendentes⁶⁶



Fonte: <https://www.instagram.com/p/C00anXtt-Ot/>

A gente já nasce decepcionando nossos pais. A gente batalha contra o governo para existir. Somos rotulados pelas religiões. Passamos por *bullying* na infância. Nos exigimos ser os melhores do colégio. Sobrevivemos a uma praga. E ainda assim a gente consegue levantar a cabeça e não deixamos dizer, esse sou eu. Espíritos de uma espécie extraordinária de pessoas precisam se celebrar sempre. E não se reprimir.

⁶⁶ Vídeo original. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cz3iw8-ug2y/?igshid=MzRIODBiNWFIZAA>Acesso: 03 de fev. 2024.

Figura 28: Depoimento 2 - Deus é a representação do amor, os homens é que estão semeando ódio por onde passam!



Fonte: <https://www.instagram.com/brunobordon/>

Vou tentar falar sem cortes. Desde os meus, desde muito cedo, muito cedo. Eu lembro com 11 anos de idade, pode ter começado isso antes, mas eu lembro com 11 anos de idade. Quando eu comecei a entender um pouco sobre o que era sexualidade, eu me vi já como uma criança que gostava do mesmo sexo. 11 anos de idade é isso. E aí eu lembro que eu fiquei muito em choque, porque quando eu percebi isso, me soou muito como... Eu sabia da minha realidade, né? Só vou falando um pouco sobre o meu contexto. Eu sabia que eu era cristão, né? Eu sabia o que meus pais queriam de mim, o que a sociedade queria de mim, o que a igreja queria de mim. E a minha família como geral. E eu sabia que aquilo não era bom.

[...]

Eu tentei de todas as formas possíveis dentro da igreja, eu tentei de todas as formas possíveis no mundo. Eu fui tentando tudo que eu podia. Tentei na terapia, tentando, tentando e me esforçando muito. Eu me lembro de ter tido um encontro muito legal com Deus. Quando eu estava com 21 anos de idade, onde muita coisa na minha vida mudou, espiritualmente falando. Comecei a enxergar ele diferente, não só como alguém que queria aplicar a justiça dEle. A minha vida e por isso que eu tinha muito medo de me assumir para mim mesmo. Mas eu comecei a enxergar ele como um pai, como alguém que de fato me amava, como alguém que falava de fato comigo, um relacionamento muito mais íntimo. E aí eu passei 7 anos da minha vida até os meus 28 em um outro processo, onde eu anulei isso de novo. Só que a medida que o tempo ia passando, nesses 7 anos, começou a ficar muito difícil. Muito difícil, porque eu começava a perceber que isso também não era sustentável. E por mais que eu me sentia espiritualmente falando muito carregado, emocionalmente e quando olhava para mim, quando tinha os meus momentos sozinhos, eu me sentia muito mentiroso comigo mesmo

[...]

Eu nunca pensei em tirar a minha vida. Porque eu sempre com Jesus, com o Senhor, estava sempre tudo bem, sabe? Mesmo com isso. Mas eu senti que eu estava morrendo, que eu não ia dar pra mim. E eu ia até colocar isso pra fora, porque eu não ia conseguir, aí eu estava muito forte. E aí, eu comecei a lidar com isso. Comecei terapia mesmo. Comecei a lidar com meus sentimentos. Na época, eu estava completamente apaixonado por um amigo. E aí, eu comecei a lidar com meus sentimentos, com tudo isso. E foi um processo muito intenso, gente. Muito, muito, muito intenso e muito doloroso. Muito difícil. Mas, foi esse processo que me trouxe até aqui. Um processo de muita profundidade, assim, em autoconhecimento. E aí, veio a pandemia, que me ajudou muito a estar só comigo. E aí, eu entendi e formulei algumas coisas dentro de mim.

Figura 29: Depoimento 3 – Fui evangélica, mas a Bíblia mudou.



Fonte: Instagram- <https://www.instagram.com/p/CydSSAwOWnj/>

Eu já fui evangélica e com esse rolinho todo eu fiquei pensando como a Bíblia mudou, daquela época para cá ou escreveram outra Bíblia ou mudaram a interpretação, porque, por exemplo, um bagulho também chamava “livre arbítrio” eu achava sensacional; tipo Deus que sabe de tudo Ele deixou você fazer o que você quiser, mas agora mudou, porque agora a igreja quer colocar a lei dela ser lei do Estado. Então tipo assim: se tu queres casar com menina ela não pode, porque à igreja não deixa, a igreja não quer deixar você ter o livre-arbítrio, o que me dá a conclusão que a salvação não é mais individual, agora a salvação deve ser coletiva porque o que eu faço, parece que eu tô levando todos eles pro inferno junto comigo. Se eu for, o problema não é meu? Eu não tenho livre arbítrio? Ou isso também mudou na Bíblia? Porque tinha um pedaço que era “amar o próximo”; é o próximo que só é de direita? Não tá! É o próximo que faz tudo do jeito que eu quero, do jeito que eu concordo? Não tava assim, mas hoje é ou o seu próximo que você ama, é aquele que faz tudo igual a você, ou senão não cabe amor, isso mudou demais. Pela minha época não era assim, tinha um pesado, pesado na “medida que você julgar, você vai ser julgado”, eu ficava na rosca na mão de julgar alguém, jeito que eu julgava e apontava o dedo, vira contra mim de forma pior. Então tipo... eu ficava bem de boa. Depois eu trago mais mudanças que houveram aí na Bíblia, que não se pratica mais. Acho que agora o não era “não matarás” e agora vai ser “arminha”.

Figura 30: Depoimento 4 – Cura gay para parar de me odiar.



Fonte: Instagram- <https://www.instagram.com/p/CyOjvZZv4Bv/>

Fui da igreja até aos 18 anos, aos 17 anos eu tava recebendo eletrochoques no dedo com a cabeça molhada, com pastores orando e me exorcizando durante 13 dias num tipo de conversão sexual era nome, tinha e ainda tem instituto, tem livro, é babado, e tipo... aconteceu e acontece, acontece até hoje. Eu comecei o

processo de terapia com 14 anos, e 14 anos... vou falar para uma criança de 14 anos que ela tem um demônio dentro dela, e que ela precisa se libertar daquilo, pro pai dela amar ela, para ela ser legitimada por Deus, para ela herdar o reino dos céus. Para que Deus tipo... tu faz uma criança sei lá, tipo Deus te fez perfeito, mas logo mais você não é perfeito, porque tem um negócio que vem, que é uma carga que você tem 17 anos e ver sua mãe desabando de choro de um lado, meu pai desabando de choro, daí aí na escola já era um caos porque eu era uma pessoa que era muito problemática, e cantava um hino diferente, era expulsa de duas três escolas. Então tipo 14, 15, 16, 17 eu me odiei, me odiei, tipo... enfim, infelizmente a gente leva isso para sempre né? E acho que essa é a pior violência, sabe hoje eu tô curada de tudo, assim de tudo que me causaram, mas tipo... é essa marca de que eu não sou suficiente, eu sou imperfeito, a gente leva para sempre.

Seja qual for a escolha, a angústia grita; e esse sofrimento intenso e contínuo; e pode chegar ao pior desfecho possível. O suicídio representa o extremo da dor humana, onde a morte é escolhida como uma saída. Mesmo sendo considerado o pior cenário possível, muitas pessoas, em algum momento, pensam em tirar a própria vida; e um número alarmante de pessoas LGBTQIA+ realmente tenta, e muitas conseguem. O suicídio é um ato consciente e deliberado de acabar com a própria existência. O filme "Orações para Bobby" é um telefilme estadunidense de 2009, dirigido por Russell Mulcahy, baseado no livro "Prayers for Bobby: A Mother's Coming to Terms with the Suicide of Her Gay Son", de Leroy F. Aarons. A obra narra a história verídica de Bobby Griffith, um jovem gay que tirou a própria vida, em 1983, devido ao fanatismo religioso e à homofobia de sua mãe. O elenco conta com Ryan Kelley, no papel de Bobby; e Sigourney Weaver, como Mary Griffith. A mensagem que este e muitos outros filmes de mesmo seguimento passa é justamente o que muitos adolescentes e jovens LGBTQIA+ passam, e o desfecho é mais comum do que se imagina.

Ainda que todo cenário seja de grande dor, precisamos crer que ainda há esperança, que ainda há amor, que não há por que calar. Não estão sós e nunca estarão. A religiosidade, ou melhor, a espiritualidade nos envolve, nos sopra, nos refresca. Como um sopro, nos traz intuições, refrigério e uma pluralidade de pessoas. O relato que hooks compartilha, em muito traduz a sensação cotidiana dos e das que – mesmo rejeitados por uma sociedade racista, homofóbica e fundamentalista – continuam a sentir a proteção divina. A professora bell hooks afirma:

Acreditar no amor divino me confortou na minha infância, quando eu me sentia sobrepujada pela solidão e pela dor. O consolo de saber que eu poderia abrir meu coração para Deus e para os anjos fez com que eu me sentisse menos sozinha. Eles estavam lá comigo durante noites escuras e aterrorizantes para a alma, quando ninguém mais entendia. Eles estavam lá comigo, ouvindo meu choro e a dor no meu coração. Eu não podia vê-los, mas sabiam que estavam lá. Eu os ouvia sussurrar sobre a promessa do amor, me deixando saber que tudo ficaria bem com a minha alma, falando ao meu coração numa doce linguagem divina secreta. Os anjos testemunham. Eles são os espíritos guardiões que observam, protegem e nos guiam ao longo de nossa vida. Às

vezes assumem forma humana. Em outros momentos, são puro espírito – invisíveis, inimagináveis, apenas eternamente presentes. (hooks, 2021, p.251-252).

Anjos coloridos em formas humanas, de grupos que acolhem, que estão nas trincheiras cotidianas, que se enchem de amor, que espalham amor. Pois como afirma hooks, “o amor é ação”, e os anjos que vem e vão de nossas vidas estarão sempre a nos proteger e a nos lembrar da importância de cada vida. Por ora trabalharemos para mudar consciências, para mudar a cultura homofóbica e os fundamentalismos religiosos. Que os corações humanos, todos eles, possam exalar beleza, como belos são os arco-íris.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto da presente pesquisa é a vida, o próprio direito de existir. Disseram que quem que nos criou, tal qual à sua imagem e semelhança, dotado de uma imensa capacidade de amar, hoje visualiza sua obra como imperfeita. Disseram. No decorrer da escrita, via que era tão pouco, que ainda havia tanto a dizer, e que todos os dias novas opressões, preconceitos e desrespeitos eram apresentados. Denunciar os abusos, ser voz para os grupos marginalizados, subjugados unicamente por amar ao seu modo.

Acreditávamos que, com o passar do tempo, a religiosidade perderia sua força diante do avanço do mundo secular, da modernidade e dos novos contratos sociais. No entanto, a racionalidade pós-iluminista não foi capaz de impedir a influência dogmática na política estatal. Governos com tendências fundamentalistas desafiam a separação entre religião e Estado, legitimando modelos opressores e teocráticos.

Essa intensa religiosidade, essa crença em um Deus vingador, essa teologia hermética, essa imensidão de práticas religiosas... elas matam. Matam porque desumanizam. Matam porque rompem o amor que deveria existir entre os entes familiares. Tudo isso acontece graças às ideias dogmáticas de líderes religiosos irresponsáveis, que só visam lucrar em cima da fé, sem nenhum compromisso com o amor cristão. A verdadeira essência do cristianismo é deixada de lado, resultando em violência, seja ela explícita ou velada. A violência pode se manifestar de diversas formas, tanto físicas quanto psicológicas, gritando nos silêncios das famílias que dizem acolher, mas que abandonam ao descobrirem a sexualidade de seus membros. São crianças, adolescentes e jovens já desamparados pela sociedade, que também são desamparadas pela igreja e pela família que tanto falaram sobre o amor de Cristo, mas optaram por abandoná-lo quando ele mais precisava.

As temáticas abordadas ao longo da tese são denunciatórias, tem o intuito de colaborar com uma luta legítima, que é o direito à vida. O direito de existir e coexistir na sociedade a sua maneira, de forma respeitosa, digna, humana. Quem não faz parte de grupos historicamente marginalizados, que precisaram e ainda precisam lutar por espaços, por direitos básicos, jamais saberá o que é ter sua existência posta à prova diariamente, mesmo nas situações mais corriqueiras, cotidianas, jamais poderá entender o que é ser inferiorizado por sua cor, seu local de nascimento, seu gênero, sua religião, sua

sexualidade. É lutar dez vezes mais para ocupar espaços comuns numa sociedade que dita quem merece mais ou menos. Não sabe o que é ter sua razão invalidada, seu argumento, no momento de embate, nada é, se você for mulher, preto, indígena, LGBTQIA+, de religiões não cristãs, ou de qualquer outro estrato social que não faça parte das “minorias” que não ocupam espaços de poder, jamais entenderá o que é gritar nos sussurros e silêncios. Não compreenderá o peso dos olhares julgadores, da invisibilidade, da não importância.

Preconceitos estão por toda parte e precisam ser denunciados, incansavelmente expostos. Vivemos uma toxicidade nos ciberespaços que só refletem o campo religioso brasileiro, espaço digladiado diariamente desde o “achamento” da “Terra Brasilis”. Ah, a magnífica conquista lusitana, um brilhante capítulo da história que nos mostra como a Igreja Católica decidiu retomar sua hegemonia perdida com a Reforma Protestante. Através da Companhia de Jesus e outras organizações, os "Soldados de Cristo" empenharam-se na nobre missão de converter os povos recém-chegados aos domínios ibéricos, utilizando a violência simbólica como principal arma. Oh, que maravilha ver os indígenas sendo combatidos por sua ignorância e os africanos escravizados sendo subjugados sem maiores esforços. Afinal, quem precisa de violência simbólica quando se tem a legibilidade da violência física a seu favor? Como era sutil evangelizar.

Esses que agem como corretores e advogados de Jesus Cristo, em sua maioria, esqueceram das mensagens deixadas por Ele, pois nunca se viu sociedades tão polarizadas, que destilam seus discursos odiosos em defesa de um deus. Desde quando uma divindade precisa ser defendida? A parte do “amai a teu próximo como a ti mesmo”, essa parte foi esquecida. A caridade, o amor, o respeito, a não aceitação de pessoas, tudo ignorado. O que sobrou do Cristianismo? O campo virtual que nos aproxima, também nos segrega, nos expõe, nos humilha, e também pode matar, o que seria resultado do mal social. Enquanto uns pedem liberdade para destilar seu ódio, outra parte pede respeito e justiça. Liberdade de expressão não é procuração para idiotas, tampouco espaço para hipócritas religiosos irresponsáveis, que talvez sequer tenham noção do quão danosas suas palavras podem causar para pessoas já fragilizadas, e já citada, Hanna Arendt podia em nosso contexto chamar da própria banalização do mal, proliferado pelo homem comum, o religioso, a pessoa distinta e familiar. A liberdade é e sempre será fruto de amor e respeito, e isso é inegociável.

Entendíamos as nuances catastróficas de uma sociedade adoecida. Enxergávamos o quão profundo eram os abismos sociais; mas saber não bastava. Ter noção da violência exacerbada e o descaso com as minorias e não denunciar? Não contribuí. Denunciar sempre, o tempo todo, toda e qualquer agressão, toda e qualquer desumanidade. A cada dado coletado, a cada leitura aprofundada, era um corte profundo na alma. Pensávamos, como o Outro incomoda tanto? Qual a necessidade de domesticar os corpos alheios? Por que simplesmente não vivemos nossas vidas, e deixemos que o Outro viva a dele? Sempre foi assim? Essa eterna perseguição. Mas, como também era prazeroso abarcar as histórias de luta e resistência dos grupos LGBTQIA+, e também suas expressões de fé. Aos que são subjugados, e tidos, por muitos religiosos, que lhes é negado o lugar no “paraíso”, sendo reservado o próprio inferno, caso não se arrependam, reneguem suas essências, seus desejos, abandone o pecado, suas formas de amar. E trouxemos à baila diversas narrativas históricas que abordam o amor de forma variada, desde a visão de Platão sobre o amor como busca da alma gêmea até a relação entre amor e falta na obra de Lacan. Fusome destaca a importância da harmonia e interação para relacionamentos saudáveis.

Tratamos sobre como o existencialismo preza pela liberdade e individualidade do ser humano, superando o pensamento cartesiano. A liberdade de escolha e a renúncia são parte essencial da existência, refletindo angústias e conflitos. Grandes pensadores como Kierkegaard e Nietzsche exploraram esses temas, destacando a importância da reflexão e da liberdade como caminhos para o crescimento espiritual.

As redes sociais são poderosas para disseminar discursos de ódio, especialmente contra LGBTQIA+; e o fundamentalismo religioso justifica discriminação. Freud rompe tabu ao falar sobre energia sexual; grupos fundamentalistas temem diversidade sexual, ao contrário dos princípios cristãos de amor e caridade.

O silêncio social e a homofobia nas redes sociais são temas abordados por Musskopf e Natividade, que destacam o papel do fundamentalismo religioso na disseminação do discurso de ódio. Freud, por sua vez, discute a relação entre sexualidade e espiritualidade, questionando tabus sociais e abrindo caminho para uma compreensão mais profunda da energia sexual. É essencial aceitar e explorar essa força vital para o desenvolvimento humano e emocional.

Alianças de fundamentalistas religiosos sentem ameaça pelos homossexuais e sua diversidade. A sexualidade é mais conhecida por seu potencial de perigo do que de prazer.

O discurso de ódio vai contra os princípios do Cristianismo. A violência contra a comunidade LGBTQIA+ leva a um aumento alarmante de suicídios. A prática cristã de controle é uma forma de biopolítica que molda a vida no contexto de poder na sociedade. O poder social se manifesta no mundo digital, levando à invisibilidade e sofrimento de indivíduos LGBTQIA+. É importante garantir o direito de existir sem medo, vergonha ou exclusão. Os discursos religiosos carismáticos induzem à negação da própria essência e desejos por medo de pecar. O amor e a liberdade são essenciais para a expressão da existência divina. Discussões sobre identidade de gênero e orientação sexual geram polêmica e intolerância. Grupos radicais religiosos promovem ódio e discriminação, resultando em um aumento de casos de LGBTfobia. Discriminação, como o racismo e a homotransfobia, cria separações e injustiças baseadas em preconceitos.

Judith Butler nos leva a refletir sobre o poder de regular o que determina nossa identidade e possibilidades, questionando as normas e práticas que definem o que é considerado humano. A disseminação do discurso de ódio é resultado da desumanização e perpetuação de preconceitos, incluindo a homofobia. Há uma necessidade de superar o binarismo e promover a aceitação incondicional, como propõe Butler. O aumento do suicídio entre jovens e adolescentes LGBTQIA+ é alarmante e precisa ser enfrentado com seriedade. A discriminação e o preconceito afetam diretamente a saúde mental desses jovens, que piorou bastante com a pandemia de Covid-19, tornando essencial o apoio das instituições religiosas e a implementação de políticas públicas de proteção e respeito aos direitos LGBTQIA+.

A netnografia utilizada nessa pesquisa, possibilitou analisar a interação social virtual no Instagram, mostrando como a cultura online influencia nossa vida cotidiana. Destaca-se o impacto da midiatização da religião na política brasileira, mostrando a força dos evangélicos nas mídias e na sociedade. Além disso, discute a homofobia cristã nas redes sociais e a importância de promover uma sociedade inclusiva e saudável. Com a Internet, a liberdade de expressão religiosa aumentou, permitindo que cada pessoa encontre sua própria espiritualidade. No entanto, o ódio e a distorção da Bíblia também são disseminados, especialmente por influenciadores digitais conservadores.

A mentalidade conservadora cristã, que se apresenta na contemporaneidade brasileira, pode ser excludente e condenatória, levando a sofrimento e violência para muitas famílias que não se enquadram na heteronormatividade. A sexualidade que é frequentemente associada a perigo mais do que a prazer. O discurso de ódio vai contra os

princípios do Cristianismo. A violência contra a comunidade LGBTQIA+ resulta em um aumento alarmante de suicídios. A prática cristã de controle é uma forma de biopolítica que molda a vida no contexto de poder na sociedade. O poder social se manifesta no mundo digital, levando à invisibilidade e ao sofrimento dos indivíduos LGBTQ+.

É essencial garantir o direito de existir sem medo, vergonha ou exclusão. Discursos religiosos carismáticos induzem à negação da própria essência e dos desejos por medo de pecar. O amor e a liberdade são fundamentais para a expressão da existência divina. Discussões sobre identidade de gênero e orientação sexual geram polêmica e intolerância. Grupos radicais religiosos promovem ódio e discriminação, resultando em um aumento de casos de LGBTfobia.

Com a Internet, a liberdade de expressão religiosa aumentou, no entanto, o ódio e a distorção da Bíblia também são disseminados, especialmente por influenciadores digitais conservadores. É importante reavaliar a interpretação da Bíblia e combater esse tipo de disseminação nociva.

Destacamos no decorrer da pesquisa a importância da família como instituição social primordial no desenvolvimento psíquico e na transmissão de valores culturais. No entanto, também ressalta como a religião tem sido utilizada para discriminar e excluir pessoas LGBTQIA+, agravando os problemas de transtornos psíquicos em jovens e adolescentes. É fundamental reconhecer a influência histórica na concepção de família e garantir um ambiente de apoio e compreensão para todos os membros.

A relação entre família, poder político e controle social ao longo da história, avultando a influência do Estado, clero e normas sociais na organização familiar. A formação da família nuclear e a ênfase na higiene foram aspectos-chave desse processo de normatização e controle social.

Um outro ponto importante abordado foi trazer as falas do especialista Thomas Römer que questiona a interpretação sobre a homossexualidade na história de Sodoma na Bíblia, destacando que a destruição da cidade foi resultado de violência sexual, falta de justiça e ausência de hospitalidade, não simplesmente uma questão de orientação sexual. A discriminação contra a homossexualidade é vista como resquício de dogmas religiosos. A exclusão de pessoas LGBTQ+ de ambientes religiosos pode causar profunda tristeza e depressão, evidenciando a necessidade de repensar os valores morais que afastam e silenciam.

Andrew Solomon destacou que a depressão é a incapacidade de amar, sendo o amor essencial para proteger a mente e o coração. Abordamos a relação entre amor, depressão e identidade, destacando a importância do reconhecimento de si mesmo e do lugar no mundo. A dor e a depressão são inevitáveis, mesmo com avanços da ciência farmacêutica. Estes fatores contribuem para o aumento da automutilação e suicídios, que são agravados por julgamentos e extremismos. A conscientização sobre essas questões é crucial para a saúde pública.

Um dos nossos entraves foi com a interseccionalidade, que é uma ferramenta analítica crucial para compreender as desigualdades e sobreposições de opressões na sociedade. Surgiu nos movimentos feministas negros e destaca a interação entre diferentes sistemas de discriminação. Promove a inclusão e igualdade de oportunidades, ampliando a luta pelos Direitos Humanos e Justiça Social. No entanto, dados oficiais muitas vezes não refletem a diversidade das identidades de gênero e sexualidade, perpetuando a invisibilidade e crueldade contra a comunidade LGBTQIA+.

Ao falar complexidade do suicídio, é essencial a importância de considerar questões de raça, gênero e sexualidade na compreensão do fenômeno. Além disso, discutimos a influência do coletivo e fatores sociais no ato suicida, desmistificando a ideia de que é uma rejeição à vida. O sofrimento melancólico entre jovens LGBTQIA+ é destacado como um fator de risco, dificultando a construção da identidade sexual. A abordagem do suicídio deve ir além do ato da morte, levando em conta as motivações e necessidades humanas.

A relação intrincada entre corpo e mente na melancolia reflete a culpa inerente à natureza humana, gerando um constante estado de mal-estar e conflito interno. O sentimento de culpa, muitas vezes alimentado por uma religiosidade tóxica, reprime nossos instintos e compromete nosso projeto de felicidade. O desinteresse pelo mundo ao redor, comum na depressão e na melancolia, reflete a dificuldade em lidar com traumas reais e com as exigências da sociedade. O conflito entre o ego e o superego nos leva a direcionar nossas pulsões para dentro de nós mesmos, alimentando a autocensura e a autocrítica. Tudo isso gera uma necessidade de punição constante, tornando a busca pela felicidade um desafio insuportável em uma sociedade permeada pela culpa.

As estatísticas de suicídio no Brasil são preocupantes, com um aumento constante desde 2010. O país ocupa o 8º lugar no ranking mundial de suicídios, sendo mais evidente

nas Américas. Adolescentes e jovens são os mais afetados, com diversos fatores como tristeza, depressão e falta de suporte contribuindo para o comportamento suicida.

O aumento alarmante nas taxas de suicídio, especialmente entre adolescentes e a população LGBTQIA+, é inquietante, principalmente devido à discriminação e exclusão social sofrida por esses grupos. A falta de dados sobre essas questões dificulta a elaboração de políticas eficazes para prevenção no caso dos grupos “minoritários”. É necessário investigar e corrigir essa lacuna para garantir a segurança pública.

A falta de transparência nos dados governamentais sobre violência é um problema grave. A marginalização e discriminação de grupos minoritários persistem no Estado, especialmente em relação à segurança pública. Durante a pandemia, houve um aumento da intolerância nas redes sociais, com crimes digitais sendo denunciados.

A angústia fortalece a sensação de existência ao levar o ser humano a se perceber como uma consciência de si mesmo. Tanto Camus quanto Heidegger exploraram a importância desse sentimento, que revela a essência do ser e o desafia a viver de forma autêntica. A angústia existencial nos leva a questionar o sentido da vida e nossa mortalidade, sendo uma oportunidade para redescobrir a nossa singularidade e assumir a responsabilidade por nossas decisões.

O Brasil assegura em lei a liberdade de religião, sendo oficialmente um Estado laico. A intolerância religiosa tem crescido, especialmente contra religiões de matriz africana. É importante combater esse tipo de violência e respeitar a diversidade religiosa. A religiosidade distorcida e o fundamentalismo radical são opostos ao amor pregado por Jesus Cristo. Segundo Kierkegaard, a busca incessante pelo prazer e a dedicação às normas morais são máscaras que ocultam o verdadeiro eu. A fé é um paradoxo, envolvendo confiança em um ser desconhecido, e cada um tem a sua fé, e merece que ela seja respeitada.

A falta de marcadores sociais nos números de suicídio da comunidade LGBTQIA+ revelou a ausência de consideração de suas dificuldades específicas. A discriminação e exclusão enfrentadas por esses grupos minoritários impactam diretamente sua saúde física e mental. Discussões interseccionais são essenciais para compreender as desigualdades vivenciadas e promover um atendimento inclusivo e humanizado. A violência, o preconceito e a demonização promovidos por lideranças políticas e religiosas contribuem para agravar a situação da comunidade LGBTQIA+.

Foi preciso expor a importância do amor e da inclusão na sociedade, destacando a discriminação enfrentada por pessoas LGBTQIA+ em ambientes religiosos tradicionais. A Teologia Inclusiva surge como uma abordagem espiritual que permite a vivência da espiritualidade sem marginalização, acolhendo a diversidade sexual e de gênero. No entanto, enfrenta resistência e discriminação por parte de grupos conservadores. A luta pela inclusão e respeito às diferentes identidades e experiências é fundamental para garantir os direitos humanos. E nesse campo temos vários atores que merecem ser destacados, como Pe. Júlio Lancelot, Frei Beto, Caio Fábio, Pastora Odja Barros, Pr. Henrique Vieira, Hermes Fernandes, e muitas outras lideranças religiosas que fazem do evangelho um ninho, local de acolhimento e vida.

Pensamos que tudo, tudo mesmo, tem um propósito divino. Em meio a tanta dor, números de violência, sofrimento e morte, percebemos que o campo de batalha, dos LGBTQIA+ é brilho, otimismo e arte. E aí da humanidade se não existisse a arte como ferramenta de expressão e denúncia. O movimento feminista veio de vanguarda em defesa da liberdade sexual. Na vanguarda também, veio uma artista que se apresentou essa semana no Brasil, como tantas e tantos, fez de sua arte instrumento de luta e resistência, sendo várias vezes censurada, e multada em alguns milhões de dólares nesses 40 anos de carreira. Madonna ergueu sua voz em meados dos anos de 1985, quando a epidemia de HIV/AIDS matava milhares de pessoas em todo mundo, e inicialmente mais de 80% das mortes eram de pessoas homossexuais. Período que ela perdeu muitos amigos. O preconceito com os gays já era enorme, a partir da HIV/AIDS ficou muito, pior. E era visto como maldição. Mesmo com todo avanço da medicina, tratamentos e mentalidades. Vemos ainda notícias do tipo:

A Justiça do Distrito Federal condenou a pastora Ana Paula Valadão e a emissora de televisão Canal 23 por declarações ofensivas contra a população LGBTQIA+.

Na sentença, o juiz Hilmar Castelo Branco Raposo Filho, da 21ª Vara Cível de Brasília, destacou que a pastora teria incorrido em conduta discriminatória ao atrelar a causa de uma doença à orientação sexual.

A sentença atendeu a um pedido feito pela Aliança Nacional LGBTI, que alegou que a pastora teria proferido discurso discriminatório durante um evento transmitido pelo canal de TV. Em um dos trechos, ela afirmou que a “união sexual entre dois homens causa uma enfermidade que leva à morte”. Ela tratava, naquele momento, da Aids (Carta Capital, 2024).

Nessa mesma semana tivemos notícias de pastor declarando que beijou a filha adolescente, pois assim seria o primeiro (declaração do próprio pastor), mas uma quantidade enorme de ativista da moralidade, e em defesa da família tradicional brasileira

movimentou as redes sociais para criticar Madonna. Como um click de fã, lembramos de uma (entre tantas) obras polêmicas de sua discografia. A música 'Like a Prayer', interpretada por ela mesma, é uma obra que vai além do simples entretenimento, explorando temas profundos de espiritualidade e sensualidade. Lançada em 1989, a canção se tornou um fenômeno e causou polêmica devido ao seu videoclipe provocador, que mesclava símbolos religiosos com narrativas de desejo e paixão. A letra da música sugere uma fusão entre a experiência religiosa e o amor romântico, onde a voz do amado é comparada a uma chamada divina, levando a narradora a um estado de êxtase espiritual e emocional.

A repetição do verso 'When you call my name, it's like a little prayer' evoca a ideia de que o amor pode ser tão poderoso quanto uma oração, capaz de nos transportar para um lugar de conforto e conexão profunda, 'like home'. Madonna, conhecida por desafiar convenções sociais, utiliza 'Like a Prayer' para explorar a complexidade das emoções humanas e a intersecção entre diferentes formas de experiência transcendental. A música, com sua melodia bem dançante e coro gospel, cria uma atmosfera que é ao mesmo tempo elevada e íntima, comprovando a habilidade da artista em combinar pop com profundidade temática. 'Like a Prayer' continua sendo um testemunho do talento de Madonna para criar músicas que não apenas cativam o público, mas também denunciam e instigam reflexões sobre o amor, fé e desejo.

Levantamos novamente o pensamento de bell hooks, que diz que o “amor é ação”, e seja por amor a si próprio, a Deus, aos anjos, aos nossos, à humanidade, continuemos na luta, resistindo e sendo luz. Esse não é um trabalho finalizado, nenhum trabalho humano é, principalmente quando tão pouco, diante de uma imensidade de pessoas que ainda precisam ser ouvidas, ainda não tem voz. Vamos continuar, com muita fé, a gritar por tod@s!

7. REFERÊNCIAS

A Santíssima Trindade. **Arquidiocese de São Paulo** – Paróquias. São Paulo. Disponível em: <https://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/santissima-trindade> Acesso em: 12 ago 2023.

ALIANÇA NACIONAL LGBTI+. **SOBRE NÓS**. Curitiba. Disponível em: <https://aliancalgbti.org.br/sobre/> Acesso em: 22 jan. 2024.

ALMEIDA, Mário de,. Complexo de Édipo - ontem e hoje. **EPP / Ékatus** © 2024. Disponível em: <https://www.apsicanalise.com/index.php/blog/121-artigos/366-complexo-de-edipo-ontem-e-hoje> Acesso em: 28 jul. 2023.

ALTHAUS-REID, Marcella Maria. **La teologia indecente**: Perversões teológicas em sexo, género y política. Barcelona: Bellaterra, 2005.

ALTHAUS-REID, Marcella Maria. Sobre Teoria Queer e Teologia da Libertação: a irrupção do sujeito sexual na teologia. In **Concilium**: Revista internacional de teologia, n. 324, p. 104 a 120. Petrópolis: Biblioteca Redentorista, 2008.

ALTHAUS-REID, Marcella Maria. **Deus Queer**. Rio de Janeiro: Metanóia, 2019.

ALVES, Shirlei; SEMENTE, Marcella. Mulheres trans e travestis jovens concentram casos de autolesões. **Gênero e Número**. Março, 2023. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/autolesao-mulheres-trans-e-travestis/> Acesso em: 10 jan. 2024.

AMBROSE, Tom. **Heróis e exílios: ícones gays através dos tempos**. Belo Horizonte: Editora Gutemberg Autêntica, 2011.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê**: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023 / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2024.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARMSTRONG, Karen. **O Islã**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BARBIN, Herculine. **O Diário de um Hermafrodita**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BARROS, Duda Monteiro de, e CERQUEIRA, Sofia,. Como a igreja comandada por André Valadão promove a absurda “cura gay”. **Veja**. São Paulo: Abril, Ed. nº 2851, 26

de julho de 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/como-a-igreja-comandada-por-andre-valadao-promove-a-absurda-cura-gay> Acesso: 19 nov. 2023.

BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023. Bruna G. Benevides. **ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais)** – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2024. 125p

BERGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade**: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOBBIO, N. (1998). **Contratualismo**. In Dicionário de política (p. 272). Editora UNB.

BOFF, L. (2002). **A águia e a galinha**: Uma metáfora da condição humana. Editora Vozes.

BOURDIEU, Pierre. "**Gênese e estrutura do campo religioso**", in Sergio Miceli (org.), *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil**. Boletim Epidemiológico 2021; v. 52, nº 33. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf Acesso em: 17 ago. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Art. 5º, incisos VI e VIII. Brasília, DF: Senado Federal.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania. **Dossiê apresentado ao MDHC indica 273 mortes de LGBTIA+ no Brasil, em 2022**. Brasília, 2023.

BRASIL, 2023. **Relatório de Recomendações para o Enfrentamento do Discurso de Ódio e o Extremismo no Brasil**. Christian Ingo Lenz Dunker, Débora Diniz Rodrigues, Esther Solano. et al. / Camilo Onoda Luiz Caldas, Manuela Pinto Vieira d'Ávila, Brenda de Fraga Espindula. et al. (Coord.) - 1. ed. - Brasília: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/wp-content/uploads/2023/07/Relat%C3%B3rio-GT-%C3%93dio-e-Extremismos-Digital_30.06.23.pdf Acesso em 10 jan 2024.

BRUGGER, Winfried. Proibição ou proteção do discurso do ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. **Revista de Direito Público**, v. 15 n. 117, jan./mar. 2007.

BRUM, Henrique. **Sobre Habermas e a religião na esfera pública no caso brasileiro.** LEX HUMANA, Petrópolis, v. 7, n. 1, p. 79-100, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Critica della violenza ética.** Milão: Editore Milano, 2006.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **CORPOS QUE IMPORTAM.** São Paulo: Crocodilo, 2019.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BUTLER, Judith. **Discurso de Ódio: Uma política do performativo.** São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CALSING, Renata de Assis; SANTOS, Julio Estron; COSTA SANTOS, Carolina. O Estado Laico na atualidade: uma análise comparativa da laicidade nos ordenamentos jurídicos brasileiro e espanhol. **REVISTA BRASILEIRA DE DIREITO**, vol. 13, n. 2, p. 357-388, Passo Fundo, Universidade de Minas Gerais, 2017. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistadedireito/article/view/1232>. Acesso em: 06 ago. 2023. p. 363-364.

CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado.** 7. Ed. São Paulo: Record, 2008.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo.** São Paulo: Record, 2018.

CARRARA, Sérgio. O Centro Latino-Americano em sexualidade e Direitos Humanos e o “Lugar” da Homossexualidade. *Inn*: CARRARA, Sérgio. **MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E SEXUALIDADES.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

CASSORLA, R. M. S. **Do suicídio: Estudos Brasileiros.** Campinas: Editora Papirus, 1991.

CARTA CAPITAL, **Preconceito aumenta risco de depressão, diz estudo.** Caderno de Saúde, 2012. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/saude/preconceito-aumenta-risco-de-depressao-diz-estudo/> Acesso em: 31 jul. 2023.

CARVALHO, Carlos Frederico Vaz de,. **O animal culpado: a liberdade pelo não.** Petrópolis: Vozes, 1997.

Cátedra Unesco/Unicap Dom Helder Câmara de Direitos Humanos. **Universidade Católica de Pernambuco.** Política “Don’t ask, don’t tell” banida dos EUA. Recife, 2010. Disponível em: <https://www1.unicap.br/catedradomhelder/?p=494> Acesso em: 29 nov. 2023.

CATROGA, Fernando. **Entre deuses e céesares: secularização, laicidade e religião civil.** Coimbra: Almedina, 2006.

Centro de Memória LGBTI - João Antônio Mascarenhas: Memórias e Narrações do Ativismo LGBTI. Pelotas: 30 set. 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/memoriaslgbti/> Acesso em 07 nov. 2023.

CESAROTTO, Oscar Angel. Introdução: Intolerância. *Inn*: CESAROTTO, Oscar Angel. **Raízes da Intolerância**. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2024. P. 14-15.

COMPARATO, Fabio Konder. **A afirmação histórica dos direitos humanos**. São Paulo: Saraiva, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

COTA, W., FERREIRA, S. C., PASTOR-SATORRAS, R. e STARNINI, M. Quantifying echo chamber effects in information spreading over political communication networks. **EPJ Data Science**, v. 8, n. 1, 2019.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p.171-189, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023.

CRUZ, Elaine Patrícia. Denúncias de crimes com discurso de ódio na internet crescem em 2022. CRUZ, Elaine Patrícia. **AGÊNCIA BRASIL, EBC**. São Paulo, 07/02/2023. Disponível em: Denúncias de crimes com discurso de ódio na internet crescem em 2022 | Agência Brasil (ebc.com.br) Acesso em: 04 jan. 2024.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DIONÍSIO, M. **Poemas**. Lisboa: Novo Cancioneiro, 1941.

DUNKER, Cristian Ingor Lenz. Intolerância e Cordialidade nos Modos de Subjetivação no Brasil. *Inn*: DUNKER, Cristian Ingor Lenz. **Raízes da Intolerância**. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2024, p. 39-40.

ELIAS, Drance. **Religião e Política**. São Paulo: Saber Criativo, 2023.

ESPANCA, F. **Sonetos de Florbela Espanca**. Mem Martins: Edições Europa-América. 1985.

ESPERANDIO, M. R. G.; AUGUST, H. Teoria do apego e comportamento religioso. **INTERAÇÕES**, v. 9, n. 16, p. 243-265, 7 dez. 2014.

FACHIN, Luiz Edson. **Elementos Críticos do Direito de Família**: curso de direito civil. Rio de Janeiro: Renovar, 1999.

FANTINI, João Angelo. (Org). DUNKER, Christian Ingo Lenz. FROSH, Stephen. HOOK, Derek. BARAITSER, Lisa. CESAROTTO, Oscar Angel. **Raízes da Intolerância**. São Carlos: Edufscar, 2014.

FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero: um destino**. São Paulo: Três Estrela, 2012.

FERNANDES, Jaqueline. Setembro Amarelo: pessoas LGBTQIA+ têm 6 vezes mais chance de suicídio. **METRÓPOLES**. Distrito Federal: 10 set. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/setembro-amarelo-pessoas-lgbtqia-tem-6-vezes-mais-chance-de-suicidio>. Acesso em: 02 jan 2023.

FERNANDES, Luis Osvaldo Ribas Lobos. **Homofobia Cordial (palestra)**. Salvador: UNEB/ DIADORIM, 2007.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 04 jan 2023.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8. edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin: O Diário de um Hermafrodita**. Prefácio Michel Foucault; Novela Oscar Panizza. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche a genealogia e a História**. In. Microfísica do poder. (org) Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, 2014.

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. Madri: Biblioteca Nueva, 1981.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

FROMM, Erich. **O amor à vida**. Editora Zahar. 1965.

FUNARI, P. P. A. **Religião e sociedade na história**. São Paulo: UNESP.2009.

GEBARA, Ivone. Pluralismo religiosos: uma perspectiva feminista. In: VÍGIL, José Maria; TOMITA, Luíza E.; BARROS, Marcelo (orgs.). **Teologia latino-americana pluralista da Libertação**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 169-190.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures: selected essays**. New York: Basic Books, 1973.

GONÇALVES, A. C. et al. **A violência LGBTQIA+ no Brasil. 2020**. Clínica de Políticas de Diversidade da FGV Direito SP. Disponível em:

https://www.abglt.org/_files/ugd/dcb2da_9f90e7c72b6a436bab4027ee185f5941.pdf.
Acesso em: 13 dez. 2023.

HABERMAS, Jürgen. **A Crise de Legitimação no Capitalismo Tardio**. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1980.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Trad. Guido A. De Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do outro: estudos de teoria política**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Vol II. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **O Futuro da Natureza Humana: a caminho de uma eugenia liberal?** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **Entre Naturalismo e Religião: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

Instituto de Métricas e Avaliação da Saúde (IHME). Carga Global de Doenças (**Global Burden of Disease Study – GBD**). Disponível em: <https://gbdbr.com.br/>. Acesso em: 04 jan 2023.

KEDDIE, Nikki. Secularism and its discontents. **Daedalus**, n. 132, p. 14-30, summer, 2003.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 2010.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KINSEY, Alfred; POMEROY, Wardell; MARTIN, Clyde; GEBHARD, Paul. **A Conduta sexual da mulher**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1953.

KOZINETS, Robert V. **NETNOGRAFIA: Realizando Pesquisa Etnográfica Online**. 2014.

KUNTZMANN, Raymond e DUBOIS, Jean-Daniel *Nag Hammadi. Evangelio de Tomás. Textos gnósticos de los orígenes del cristianismo*. Estella: Verbo Divino, 1998.

LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

- LACAN, Jacques. **O seminário: a transferência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. **Agressividade em psicanálise**. In J. Lacan, **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. In J. Lacan. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LEBRUN, Jean-Pierre. **O futuro do ódio**. Porto Alegre: CMC, 2008.
- LEONE, G. Homossexualidade, vergonha e risco. **Sampa GT: Revista de psicologia do instituto Gestalt-terapia de São Paulo**, n. 6, p. 36-39, 2011.
- LÔBO, Paulo. **Famílias**. São Paulo: Saraiva, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. O “estranhamento” queer”. **FAZENDO GÊNERO/2006 Simpósio temático: “A violência material e simbólica”**. Julho 2007. Disponível em: https://www.labrys.net.br/labrys11/libre/guacira.htm#_ftn1 Acesso 02 jan 2023.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- MADIGAN, Sheri et al. Mudanças na depressão e ansiedade entre crianças e adolescentes de antes a durante a pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática e meta-análise. **JAMA Pediatr.**, v. 177, n. 6, 2023. Disponível em: doi:10.1001/jamapediatrics.2023.0846. Acesso em: 4 jan. 2023.
- MARCIO L. M. **Umberto Eco, a internet e o “idiota da aldeia”**. *Áskēsis*, 31 maio 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.58079/d1j1>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- MARCONDES, Danilo. **INICIAÇÃO à HISTÓRIA DA FILOSOFIA: Dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- MARGINALIZADO no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Infopédia, s.d. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/marginalizado>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: Católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Civitas**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 238-258, maio-ago. 2011. Disponível em: 4 maio 2023. <https://www2.ufjf.br/ppcir//files/2013/10/texto-1.pdf>
- MARSDEN, **George M. Religion and American Culture**. USA: Harcourt Brace College Publishers, 1990.
- MARTEL, Frédéric. O pecado de Sodoma foi a falta de hospitalidade (Reportagem, epílogo). **7MARGENS**. Lisboa, abril 2019. Disponível em: [O pecado de Sodoma foi a falta de hospitalidade \(Reportagem, epílogo\) | Sete Margens](#) Acesso: 09 jan 2024.
- MARX, Karl. **Cadernos de Paris & Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. 2ª.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MAURÍCIO, George. **O candomblé bem explicado**: Nações Bantu, Iorubá e Fon. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

MISKOLCI, Richard. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2015.

MORIN, Edgar. **Pensar a Europa**. Mira-Sintra: Europa-América, 1988.

MORIN, Edgar. **O Método IV**: A humanidade da humanidade, tradução de Juremir Machado. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORINI, V., POLLACCI, L. e ROSSETTI, G. **Toward a standard approach for echo chamber detection**: Reddit case study. Applied Sciences, 2012.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. "Introdução ao Holocausto." **Enciclopédia do Holocausto**. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/introduction-to-the-holocaust>. Acesso em 29 nov. 2023.

MUSSKOPF, André Sidnei. **À meia luz**: a emergência de uma teologia gay - Seus dilemas e possibilidades. **Cadernos IHU Ideias** Ano 3 – Nº 32 – ISSN 1679-0316. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas**: itinerários para uma teologia queer no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

MUSSKOPF, André Sidnei. TEOLOGIA QUEER E GRUPOS CRISTÃOS LGBTQIA+ NA AMÉRICA LATINA: entrevista com André S. Musskopf. **Interações**, vol. 16, núm. 1, 2021. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil. **Disponível em**: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313066091016> Acesso em 06 jan. 2023.

NATIVIDADE, Marcelo e LOPES, Paulo Victor Leite. Os direitos GLBT e as respostas religiosas: da parceria civil à criminalização da homofobia. In: Duarte et al. **Valores religiosos e Legislação no Brasil: a tramitação de projetos de lei sobre temas morais controversos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

NAVASCONI, Paulo Vitor Palma; MOSCHETA, Murilo dos Santos. O existente inexistente: a interseccionalidade de raça, sexualidades e suicídio. **V Simpósio Internacional em Educação Sexual (SIES)** - Saberes/trans/versais, currículos identitários e pluralidades de gênero, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2017. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3179.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2023.

NAVASCONI, Paulo. **Vida, Adoecimento e Suicídio**: racismo na produção do conhecimento sobre Jovens Negros/as LGBTTIIs. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
NOGUEIRA, P.A.S. Introdução. In: NOGUEIRA, P.A.S. (Org.). **Linguagens da religião**: desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, 2012. p.9-12.

OLIVEIRA, Joana. Brasil criminaliza homofobia e reforça queda de braço com conservadorismo. **EL País**. São Paulo / Brasília: Jun. 2019. Disponível em: [Brasil criminaliza homofobia e reforça queda de braço com conservadorismo | Notícias | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](#) Acesso em 04 out. 2023.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.

OPAS/OMS-Organização Pan-Americana da Saúde. Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. Mar. de 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>. Acesso em 20 jan. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Uma em cada 100 mortes ocorre por suicídio, revelam estatísticas da OMS. Genebra, 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms> Acesso em: 19 nov. 2023.

PERONDI, Ildo. Os Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**. 2011;3(1):205-219. ISSN: 1984-3755. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449749237011>. Acesso em 12 set. 2023.

PIRES, Breiller. Evangélicos progressistas reagem contra homofobia de pastores e ensaiam avanço na política. **El País**, 2020. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-09-20/evangelicos-progressistas-reagem-contra-homofobia-de-pastores-e-ensaiam-avanco-na-politica.html>. Acesso em 23 jan. 2024.

RAMALHO, Luis. **Foi Deus quem fez você**. In: Amelinha. Álbum Porta Secreta, 1980.

RIBEIRO, Fernanda Lemos. **Umbanda e teologia da felicidade**. São Paulo: Arché, 2013.

ROCHA, Lucas. Bolsonaro reforça declaração LGBTfóbica: "Minorias têm que se adequar". **Revista Fórum**. 2022. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/7/15/bolsonaro-refora-declarao-lgbtfobica-minorias-tm-que-se-adequar-120260.html> Acesso em: 03 fev. 2024.

ROCHA. Raphael Andrade. **DINAMITES DISSIDENTES: CONSTRUÇÃO (RE)PERFORMÁTICA DE UMA AUTOETNOGRAFIA**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará para obtenção do título de Mestre em Artes. Belém. 205p, 2023.

ROSENN, K. **BRASIL 1988**. The Constitute Project, 2017. Disponível em: https://constituteproject.org/constitution/Brazil_2017?lang=en. Acesso em 20 fev. 2023. SAFERNET. Indicadores de violência na WEB. Disponível em: <https://indicadores.safernet.org.br/indicadores.html> Acesso em: 02 mar 2024.

SARLET, Ingo Wolfgang. **Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2011.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SCHULTZ, Adilson. Isto é o meu corpo – e é corpo de homem. Discursos sobre masculinidade na Bíblia, na literatura e em grupos de homens. *Inn*: SCHULTZ, Adilson. **À flor da pele: Ensaio sobre gênero e corporeidade**. São Leopoldo: EST, 2004, p. 162-187

SILVESTRE, Paulo. Desculpe, Umberto Eco. **Estadão**, 2020. São Paulo. Disponível em [Desculpe, Umberto Eco - Estadão \(estadao.com.br\)](https://www.estadao.com.br) Acesso em 24 jan. 2024.

SIQUEIRA, Mateus. A perseguição nazista aos homossexuais na Europa. In: **Café História**. Publicado em 16 mai de 2022. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/a-perseguiacao-nazista-aos-homossexuais-na-europa/>. ISSN: 2674-5917. Acesso em 28 nov. 2023.

SOLOMON, Andrews. **O demônio do meio dia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SOUZA, Catiane Rocha Passos de; PEREIRA, Laisa da Silva. **INFLUENCIADORES DIGITAIS RELIGIOSOS: MODUS VIVENDI NA SOCIEDADE EM MUDIATIZAÇÃO**. XV – ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares sobre a Cultura. Salvador, 2023.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017.

TAYLOR, Charles. “**How to define secularism?**”. In: C. Taylor; A. Stepan (ed.). *Boundaries of Toleration*. New York: Columbia University Press, 2014.

TEIXEIRA, Faustino. O imprescindível desafio da diferença religiosa. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, n. 38, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/Qn7vLzkzCVDJ3j85vPMRKFw/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 23 jan. 2024.

Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios – TJDFT. **10 DE SETEMBRO - DIA MUNDIAL DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO**. ©2020. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/programas-projetos-e-acoas/pro-vida/dicas-de-saude/pilulas-de-saude/10-de-setembro-dia-mundial-de-prevencao-ao-suicidio> Acesso em: 13 mar. 2024.

TUTU, Desmond. **Deus não é cristão e outras provocações**. Trad. L. Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

UNICEF. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**: Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Paris, França. 1948.

UNICEF. **Impacto da covid-19 na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens é significativo, mas somente a 'ponta do iceberg'**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/impacto-da-covid-19-na-saude-mental-de-criancas-adolescentes-e-jovens> Acesso em: 12 set 2023.

VARGAS, Fábio de Oliveira. **União homoafetiva: Direito Sucessório e novos direitos: com as decisões do STF (ADPF 132/08 e ADIN 4.277/09)**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2011.

VATTIMO, Gianni. Não há mais uma única verdade para toda a humanidade: considerações sobre a pluralidade histórica do ser. **Revista da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing)**, São Paulo, v.15, n.3, p. 90-99, maio 2008.

VATTIMO, Gianni. **O sujeito e a máscara: Nietzsche e o problema da libertação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

VATTIMO, Gianni. O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

VATTIMO, Giovanni. **A Tentação do Realismo**. Trad. bras. Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro: Lacerda Editores: Instituto Italiano di Cultura, 2001.

VATTIMO, Gianni. **Não ser Deus: uma autobiografia a quatro mãos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

VELOSO, Caetano. **Luz do Sol**. In: Álbum Caetanear, 1985.

ZIZEC, Slavoj. **A Marioneta e o Anão: O Cristianismo entre Perversão e Subversão**. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.

ZIZEC, Slavoj. **Amor impiedoso** (ou sobre a crença). Trad. Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ZIZEC, Slavoj. **O absoluto frágil ou porque vale a pena lutar pelo legado cristão?** Trad. Rogerio Bertoni. São Paulo: Boitempo, 2015.

ANEXOS

Caso suspeito ou confirmado de violência doméstica/trafamiliar, sexual, autoprovocada, tráfico de pessoas, trabalho escravo, trabalho infantil, tortura, intervenção legal e violências homofóbicas contra mulheres e homens em todas as idades. No caso de violência extrafamiliar/comunitária, somente serão objetos de notificação as violências contra crianças, adolescentes, mulheres, pessoas idosas, pessoa com deficiência, indígenas e população LGBT.

Dados Gerais	1	Tipo de Notificação		2 - Individual					
	2	Agravado(a)		VIOLÊNCIA INTERPESSOAL/AUTOPROVOCADA		3	Data de notificação		
	4	UF	5		Município de notificação		Código (IBGE)		
	6	Unidade Notificadora		<input type="checkbox"/> 1 - Unidade de Saúde <input type="checkbox"/> 2 - Unidade de Assistência Social <input type="checkbox"/> 3 - Estabelecimento de Ensino <input type="checkbox"/> 4 - Conselho Tutelar <input type="checkbox"/> 5 - Unidade de Saúde Indígena <input type="checkbox"/> 6 - Centro Especializado de Atendimento à Mulher <input type="checkbox"/> 7 - Outras					
	7	Nome da Unidade Notificadora		Código Unidade		9		Data da ocorrência da violência	
Notificação Individual	8	Unidade de Saúde		Código (CRCS)					
	10	Nome do paciente				11		Data de nascimento	
	12	(ou) Idade	<input type="checkbox"/> 1 - Hom <input type="checkbox"/> 2 - Dia <input type="checkbox"/> 3 - mês <input type="checkbox"/> 4 - Anos		13	Sexo		<input type="checkbox"/> M - Masculino <input type="checkbox"/> F - Feminino <input type="checkbox"/> 1 - Ignorado	
	14	Gênero		<input type="checkbox"/> 1 - 1ª trimestre <input type="checkbox"/> 2 - 2ª trimestre <input type="checkbox"/> 3 - 3ª trimestre <input type="checkbox"/> 4 - Idade gestacional ignorada <input type="checkbox"/> 5 - Não se aplica <input type="checkbox"/> 6 - Não se aplica		15		Raça/Cor	
	16	Escolaridade		<input type="checkbox"/> 1 - Analfabeto <input type="checkbox"/> 2 - 1ª a 4ª série incompleta do EF (artigo primário ou 1º grau) <input type="checkbox"/> 3 - 4ª série completa do EF (artigo primário ou 1º grau) <input type="checkbox"/> 4 - Ensino fundamental completo (artigo primário ou 1º grau) <input type="checkbox"/> 5 - Ensino médio incompleto (artigo colegial ou 2º grau) <input type="checkbox"/> 6 - Ensino médio completo (artigo colegial ou 2º grau) <input type="checkbox"/> 7 - Educação superior incompleta <input type="checkbox"/> 8 - Educação superior completa <input type="checkbox"/> 9 - Ignorado <input type="checkbox"/> 10 - Não se aplica					
17	Número do Cartão SUS		18		Nome da mãe				
Dados de Residência	19	UF	20		Município de Residência		Código (IBGE)		
	21	Distrito							
	22	Bairro		23		Logradouro (rua, avenida, ...)		Código	
	24	Número		25		Complemento (apto., casa, ...)		26	
	27	Geo campo 2		28		Ponto de Referência		29	
	30	DDD/Telefone		31		Zona		<input type="checkbox"/> 1 - Urbana <input type="checkbox"/> 2 - Rural <input type="checkbox"/> 3 - Periurbana <input type="checkbox"/> 9 - Ignorado	
Dados Complementares									
Dados da Pessoa Atendida	33	Nome Social		34		Ocupação			
	35	Situação conjugal / Estado civil		<input type="checkbox"/> 1 - Solteiro <input type="checkbox"/> 2 - Casado/união consensual <input type="checkbox"/> 3 - Viúvo <input type="checkbox"/> 4 - Separado <input type="checkbox"/> 5 - Não se aplica <input type="checkbox"/> 9 - Ignorado					
	36	Orientação Sexual		<input type="checkbox"/> 3 - Bissexual <input type="checkbox"/> 5 - Não se aplica <input type="checkbox"/> 9 - Ignorado		37		Identidade de gênero	
Dados da Ocorrência	40	UF	41		Município de ocorrência		Código (IBGE)		
	42	Distrito							
	43	Bairro		44		Logradouro (rua, avenida, ...)		Código	
45	Número		46		Complemento (apto., casa, ...)		47		
48	Geo campo 4		49		Ponto de Referência		50		
51	Hora de ocorrência (00:00 - 23:59 horas)		52		Local de ocorrência		53		
54	A lesão foi autoprovocada?		<input type="checkbox"/> 1 - Sim <input type="checkbox"/> 2 - Não <input type="checkbox"/> 9 - Ignorado						

19/09/2023

Com alto índice de suicídio entre pessoas LGBT+, saúde mental dessa população ganha ainda mais atenção

Segundo dados da revista científica norte-americana *Pediatrics*, 62,5% das pessoas LGBTQIAPN+ já tiveram pensamentos suicidas.

No mês do Setembro Amarelo, campanha de valorização da vida e de prevenção ao suicídio, o psicólogo e professor da Universidade Potiguar (UNP), Ronald França, fez uma análise sobre a saúde mental da população LGBTQIAPN+ e como o preconceito colabora para o distanciamento do indivíduo de grupos e lugares que podem contribuir para a sua vivência plena e o seu bem-estar físico e mental.

A reflexão do especialista está de acordo com a revista científica norte-americana *Pediatrics*. Segundo os dados do periódico, 62,5% das pessoas LGBTQIAPN+ já tiveram pensamentos suicidas. Além disso, foi constatado que essa população tem seis vezes mais chance de cometer o ato, em comparação a pessoas heterossexuais.

"Além da própria violência de não se sentir bem-quisto em determinado espaço, o preconceito afeta psicologicamente o sujeito quando atrapalha a formação de sua identidade, e isso acontece quando há uma limitação imposta pela exclusão", explica Ronald.

Parte do sentimento de não pertencimento que muitas pessoas LGBTQIAPN+ sentem, é fruto da forma como a sociedade lida com a temática da sexualidade, lembra o psicólogo. Com o preconceito estrutural que é parte do cotidiano brasileiro, pessoas gays, lésbicas ou transexuais precisam enfrentar mais situações de medo, solidão ou até mesmo de luta, no sentido de precisar se impor diante situações de discriminação ou quando um direito é negado.

Viver nessa tensão pode gerar um processo de ansiedade ou depressão, por isso é tão importante buscar apoio profissional para cuidar da saúde mental. "Para algumas pessoas, a luta pelos seus direitos já é uma forma de construção de identidade e cuidado da saúde mental, mas é preciso ter atenção sobre quais espaços se busca ocupar, para não ocasionar mais sofrimento ao indivíduo", alerta França, que também é membro do Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Norte (CRP-17/RN).

Rede de apoio é essencial para comunidade LGBT

Buscar uma rede de apoio segura pode ser uma das formas de lidar com situações de preconceito e discriminação. Na falta de acolhimento por parte de pessoas e instituições que estão próximas do indivíduo, grupos de apoio ou de defesa da causa LGBTQIAPN+, assim como o auxílio de um profissional de saúde capacitado para lidar com o tema, podem ser fundamentais.

Para o psicólogo, essa busca por espaços de acolhimento permite aprender a enfrentar os desafios de uma sociedade que ainda precisa avançar na garantia de segurança e direitos para todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual.

"É muito importante pensar na saúde mental de pessoas LGBTQIAPN+ e da população em geral não só no Setembro Amarelo. O cuidado com a vida humana, levando em conta suas particularidades, precisa acontecer o ano inteiro. Quando entendemos que a promoção de saúde mental é uma questão política, econômica e social, compreendemos que não podemos dar destaque a uma campanha sobre a temática que não pense, fale e pratique inclusão, respeito às diferenças e combate aos discursos de ódio e práticas de violência", lembra Ronald França.

Fonte: Agora RN

[Compartilhar](#) [Compartilhar](#)

[VOLTAR PARA NOTÍCIAS](#)

PESQUISA REVELA O RISCO DE SUICÍDIO NA COMUNIDADE LGBT



por Willader Rosa*

Falar em suicídio ainda é um tabu em nossa sociedade. Há muito tempo ele tem sido considerado uma questão de saúde pública. A cada 40 segundos uma pessoa tira sua própria vida no mundo. O Brasil está entre os 10 países com maior índice, sendo a faixa etária entre 15 e 25 anos como a 2ª maior causa de morte e na faixa etária entre 15 e 64 anos é a 2ª maior causa de incapacitação. Quando nos referimos as tentativas de suicídio os índices podem chegar a 10 vezes mais os dados de óbitos. Pessoas próximas como familiares e amigos são os que mais sofrem consequências emocionais, sociais e econômicas.

Já é comprovado que geralmente as pessoas que chegam ao suicídio antes demonstraram algum sinal. Quando nos referimos ao comportamento suicida, ele envolve diversas etapas como a ideação, o pensamento, o gesto, a ameaça e a tentativa, sem falar também que temos o comportamento suicida indireto, na qual o indivíduo tem atitudes autodestrutivas indiretamente.

Alguns estudos mostram que o público considerado LGBT tem um risco maior de cometer o suicídio, como a pesquisa realizada na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, com 22.000 jovens anônimos, entre 13 e 17 anos, estudantes de uma escola pública. Concluíam que adolescentes gays são 5x mais propensos a tentar suicídio do que os heterossexuais e os adolescentes que vivem e estudam em locais que acolhem melhor gays e lésbicas têm 25% menos probabilidade. Um outro estudo realizado foi por Fabrício Verzuzzo, de entidade arco-íris Gay Center, com 4.000 adolescentes LGBT italianos e revelou que mais de mil deles (por volta de um terço) já pensou em suicídio.

No Brasil temos o estudo de Daniela Ghonayeb, que mostrou que 67% dos entrevistados afirmaram sentir vergonha de sua orientação sexual, sendo 20% com Depressão e 10% com risco de suicídio. Segundo os entrevistados a religião e as pressões da sociedade foram os fatores que mais induziram a esse tipo de sentimento e as mulheres e adolescentes entre 16 e 21 anos afirmaram que o medo de frustrar a família era o que mais pesava.

Na cidade de Macaé, desde janeiro até outubro de 2012 o Hospital Geral do Estado (HGE) registrou aproximadamente 400 casos de tentativas de suicídio e no Instituto Médico Legal (IML) desde janeiro deste ano já foram registrados 61 casos de suicídio.

Com base nesses dados, a psicóloga e presidente do Centro de Amor à Vida (CAVIDA) Willader Rosa coordenou uma pesquisa juntamente com alguns alunos do Curso de Serviço Social da UFAL, na cidade de Macaé-AL, com o objetivo de investigar o risco de suicídio entre pessoas consideradas da comunidade LGBT. Foram entrevistados 1000 participantes, entre agosto e novembro de 2012, sendo 59% do sexo masculino e 41% do sexo feminino, com faixa etária entre 12 e 60 anos, considerados 72% Homossexuais e 28% Bissexuais.

A pesquisa revelou que 58% dos entrevistados conhecem alguém que já tentou tirar a vida, 49% tem alguém na família que já verbalizou não querer mais viver, 52% já pensou em não viver mais, 49% já verbalizou não querer mais viver, 76% afirmaram ter a sensação de querer "sumir", 49% já desejou não viver mais, 15% afirmou ter coragem de tirar a própria vida e 10% acha que hoje em dia não teria coragem de tirar a vida mais já teve ou já tentou. Quanto a escolaridade dos entrevistados 2% tem o nível fundamental incompleto, 3% o nível fundamental completo, 12% o nível médio incompleto, 21% o nível médio completo, 27% o nível superior incompleto e 32% o nível superior completo.

Quanto aos entrevistados que afirmaram ter coragem de tirar a vida, 67% é do sexo masculino e 32% do sexo feminino, com média de 22 anos de idade, sendo 74% considerados homossexuais e 26% bissexuais. Quanto a escolaridade destes, 2% afirmaram ter o nível fundamental completo, 16% o nível médio incompleto, 40% o nível médio completo, 30% o nível superior incompleto e 12% o nível superior completo. Destes, 67% conhecem alguém que já tentou tirar a vida, 80% já pensou em não viver mais, 69% já verbalizou não querer mais viver, 82% já teve a sensação de querer "sumir" e 70% já desejou não viver mais.

Segundo os entrevistados o que poderia levar alguém ao suicídio em primeiro lugar seria a falta de apoio espiritual, seguido pelos sentimentos gerados por indiferença e o preconceito. As dificuldades no relacionamento pessoal ou familiar, a depressão, a falta de amor próprio, a perda do sentido de viver, a dificuldade financeira, o desequilíbrio mental e a dificuldade para resolução de problemas também foram apontadas como fatores motivacionais do suicídio.

Na preocupação com esta realidade, o Centro de Amor à Vida iniciou um trabalho de divulgação do seu trabalho, já que a maioria dos entrevistados (82%) não conhecem o CAVIDA. O Centro de Amor à Vida (CAVIDA) é uma associação sem fins lucrativos, que recebeu o título de Utilidade Pública no dia 15 de outubro de 2010, tendo se mantido através de doações e que tem o objetivo de prevenir o suicídio. Foi inaugurado no dia 02 de abril de 2010 e atualmente conta com uma equipe de 20 voluntários que ajudam no oferecimento de atendimentos psicossociais, oficinas terapêuticas, grupos de apoio, palestras e cursos, funcionando na Rua Centro Almas, nº 171A, no bairro do Poço, no horário de segunda a sexta de 8h às 12h e de 14h às 18h.

A instituição acredita que com intensificação na divulgação do seu trabalho, poderá ajudar as pessoas que passam por algum tipo de problema que possa ser um fator de risco para o suicídio. "Os dados apresentados são um ALERTA para o risco de suicídio em uma parte significativa da nossa população, por isso pedimos o apoio dos órgãos públicos e da sociedade com um todo para nos ajudar a salvar vidas", diz Willader.

*Willader Rosa é psicóloga, especialista em Saúde Mental e Neuropsicologia, inserindo em Psicologia, neuropsicólogo clínico, alunas da UFAL e do Curso de Engenharia Santa Juliana, idealizadora e Presidente do Centro de Amor à Vida (CAVIDA), projeto voluntário de Prevenção ao Suicídio.



